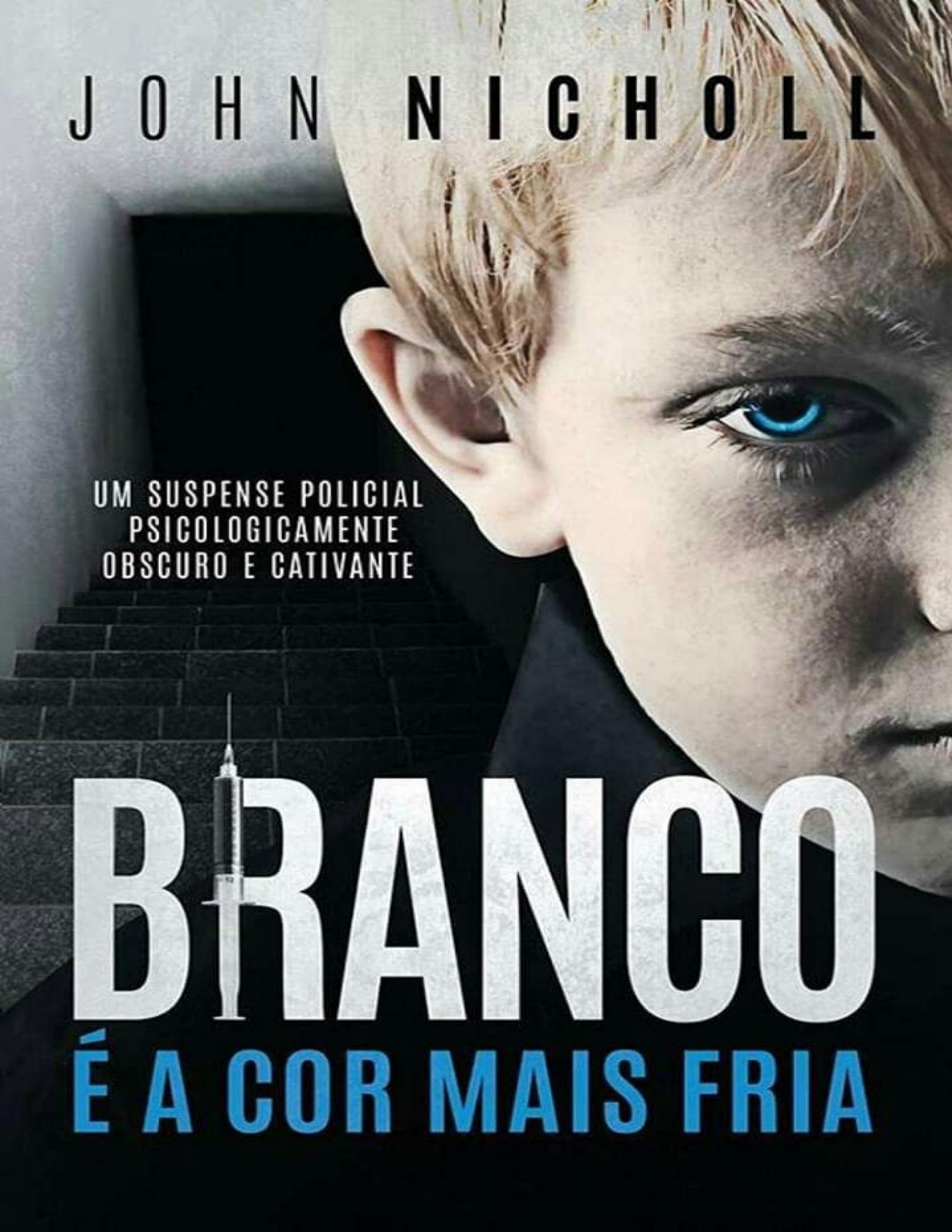

JOHN NICHOLL
UM SUSPENSE POLICIAL
PSICOLOGICAMENTE
OBSCURO E CATIVANTE
BRANCO
É A COR MAIS FRIA


JOHN NICHOLL
UM SUSPENSE POLICIAL
PSICOLOGICAMENTE
OBSCURO E CATIVANTE
BRANCO
É A COR MAIS FRIA

Branco é a cor mais fria

Um suspense policial psicologicamente obscuro e cativante

John Nicholl

Traduzido por Luciana Rollmann

Copyright © 2018 John Nicholl

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Luciana Rollmann

Ebook formatting by www.ebooklaunch.com

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Uma nota ao leitor

Branco é a cor mais fria é inteiramente ficcional, mas baseia-se na minha experiência como policial, assistente social de proteção à criança, gerente e treinador. Durante a minha carreira, eu me deparei com casos e mais casos que

me deixaram perplexo em quantos danos os criminosos sexuais infligem em suas

vítimas.

A história se passa em 1992, um tempo mais ameno, em que muitos achavam extremamente difícil acreditar que um número significativo de adultos pudesse colocar crianças em sério risco.

O conteúdo do livro pode perturbar um pouco alguns leitores no início.

O livro é dedicado aos sobreviventes, em toda parte.

Índice

Uma nota ao leitor

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 1

Quinta-feira, 9 de janeiro de 1992

O vídeo mostrava dois homens de meia-idade vestindo uma touca balaclava de couro preto, agredindo avidamente um garoto de oito anos com cabelo castanho-avermelhado partido ao meio, comprimento na altura do ombro. Seus golpes aumentavam severamente até que sua vítima caiu sangrando, inconsciente. Ele estava pendurado lá, suspenso pelos braços retorcidos, com sua cabeça pendente em direção ao piso de azulejo branco manchado com uma mistura de secreções humanas.

Quando o filme chegou à sua conclusão sangrenta, Dr. David Galbraith, cinquenta e oito anos, limpou-se com um lenço de papel de uma caixa mantida próxima ao computador, descartou o lenço sujo num cesto de lixo à direita de

sua mesa, desligou a televisão e ejetou a fita do vídeo cassete.

Ele voltou à sua cadeira, balançou seus óculos de leitura com armação dourada no dorso de seu nariz, abriu o arquivo de papelão verde oliva sobre a mesa à sua frente e começou a ler atentamente o conteúdo… O porão estava equipado com um estúdio de excelente produção, funcional e esteticamente agradável. Não era perfeito, claro; da cozinha não se tinha o ponto ideal de acesso. E infelizmente era necessário arrastar a penteadeira de carvalho galês para o lado de acordo com cada ocasião. Mas, apesar disso, era algo de se orgulhar. E foi uma ótima ideia somente utilizar assistência profissional com pagamento apenas em dinheiro vivo, com contatos de pessoas unidas pelas mesmas convicções. Segurança era tudo.

Revestir as paredes com oito polegadas de forro à prova de som foi

realmente uma ideia genial. Até o mais agudo e prolongado grito não poderia ser

ouvido no resto da casa, ou em qualquer outro lugar, na verdade. Era muito prático, assim como o carrinho médico de aço inoxidável. Onde mais ele guardaria as várias ferramentas de sua profissão?

Ele empenhou-se em controlar sua respiração e fechou seus olhos por um segundo ou dois, antes de abri-los devagar e concentrar-se novamente em suas anotações. E o seu brinquedo? Como o processo começou? Era importante

localizar os detalhes específicos, importante identificar o momento preciso no tempo. Ah, sim, ele viu o pirralho pela primeira vez na Casa para Crianças Gwyn e decidiu imediatamente que ele era um material de projeto adequado,

caso houvesse oportunidade. E claro, o destino sorriu para ele.

Dr. Galbraith virou a página … Ele estava levando o carro em direção à Caerystwyth, e apesar da pouca visibilidade ele avistou o pirralho andando, cabeça abaixada, vindo na direção oposta. Foi um bem merecido tapa nas costas,

como nenhum jamais o fora.

Raptar ou não o pirralho não era uma decisão fácil de ser tomada. Ele sabia

que era arriscado. Talvez ele tivesse se tornado convencido demais e jogasse

com sua liberdade? E se ele fosse pego? Não suportava nem pensar a respeito.

O médico mordeu seu lábio inferior com força e resistiu ao impulso de gritar

assim que a pressão em sua cabeça se intensificou repentinamente: palpitante, crescente, compressão e som que o faziam distorcer-se, e piscar e contorcer-se e ofegar-se… O jogo longo teria sido uma opção muito mais segura. Por que diabos ele resolveu se desviar de um procedimento já bem-estabelecido e sucedido?

Ele repetidamente cerrava e relaxava seus punhos… Mas levando tudo em

consideração, a oportunidade de fazer a fantasia virar realidade era muito boa para ser simplesmente ignorada. Fazia sentido, não fazia? Seus atos não eram inteiramente irresponsáveis. Ele tinha entretido inúmeros hóspedes com o passar

dos anos sem levantar qualquer suspeita ou chamar a atenção da polícia. Tudo bem que ele nunca havia raptado uma criança antes, essa seria a primeira, mas ele demorou um minuto ou dois para ponderar os prós e contras em sua mente

antes de fazê-lo. A estrada estava previsivelmente quieta; ele não havia visto nenhum carro nos últimos dez minutos ou mais, e caso alguém aparecesse em um momento inoportuno, o que o motorista conseguiria ver naqueles breves segundos?

O pirralho o reconheceu assim que ele brecou, manobrou e baixou a janela acompanhada de um zumbido elétrico. Ele pareceu bem impressionado pelo seu

carro. E por que não ficaria? E o péssimo tempo certamente ajudou. O pirralho

precisou de pouca persuasão para pular para o banco da frente do passageiro, apesar de uma certa desconfiança. Sim, ele reclamou de alguma coisa e começou

a fazer perguntas irritantes até que ele percebeu que não estavam indo em direção à Casa das Crianças. Mas ele ainda era um homem poderoso. Não era difícil bater até deixar o pirralho desacordado.

Dr. Galbraith riu, cabeça para trás, garganta esticada, pomo-de-adão… Que momento glorioso! Ele havia se sentido onipotente, como se pudesse escapar de

qualquer coisa. E quem sabe, talvez ele pudesse mesmo. Não havia espaço para dúvidas naquele dia. Sem nenhuma cacofonia incompreensível e invasiva dentro de seu crânio para fazer de sua vida uma miséria infeliz.

Transferir o pirralho para o porta-malas foi uma ideia excelente. Utilizar o tapete persa para facilitar o seu trajeto do porta-malas até o porão foi um golpe de mestre. E Cynthia não suspeitou de absolutamente nada. Não que ela ousasse fazer qualquer pergunta indesejável.

Carregar o pirralho por doze degraus de concreto frio e cinza foi fácil. Jogá-lo no piso do chão foi praticamente feito sem esforço. Foi só necessário um soco para trazê-lo de volta à semiconsciência, antes de aplicar o rápido psicoativo. E funcionou bem rapidamente. Sempre funcionava.

O bom e velho Sherwood demorou somente vinte minutos para chegar. Tudo o que ele teve que fazer foi ligar, dizer que eles tinham um hóspede esperando e ele veio imediatamente. O idiota deve ter dirigido numa velocidade alucinante.

Que diabos o homem estava pensando?

Sherwood parou momentaneamente quando viu o sangue vermelho escuro empoçado ao redor da cabeça do pirralho. Por que o homem se distraia com tais dúvidas lamentáveis? Se ele ao menos tivesse aprendido a aceitar sua verdadeira natureza, as coisas talvez tivessem saído diferente.

Dr. Galbraith franziu a sobrancelha. Ele próprio tinha muito a fazer. Ele tinha que puxar o pirralho pelo cabelo e bater no rosto dele, de novo, de novo e de novo, até que ele eventualmente recobrasse a consciência e suportasse seu próprio peso. Ele tinha que empurrar o pirralho contra a parede do porão e segurá-lo pela garganta. Ele tinha que mandar Sherwood prender os pulsos do

pirralho em algemas de aço negro sobre a sua cabeça. Ele tinha que forçar o tubo de alimentação para dentro de uma das narinas do pirralho, e enfiá-la ao longo

de sua garganta, na direção de seu estômago. Pensando bem, ele resolveria a maioria das tarefas necessárias sem nenhuma ajuda significativa. Ele poderia praticamente organizar o processo inteiro sem ajuda, se precisasse.

Mas que diabos ele estava pensando? Um homem de seu status elevado e intelecto superior não deveria ser sobrecarregado por tal trabalho braçal. Isso era papel dos seguidores, e não dos visionários.

Mas será que ele não estava sendo injusto com Sherwood? Esse homem não

era um total imbecil. Ele despiu o pirralho e o lavou com a mangueira de alta pressão, segurou sua cabeça como se fosse um enfermeiro bem atento, trouxe o

soro glicosado e o prendeu ao suporte e o prendeu ao suporte de soro, e fez um

café depois disso. Pensando bem, isso era algo que Sherwood fazia bem. Talvez

em um determinado ponto em um futuro não tão distante, ele deveria considerar

uma substituição suave e flexível. Isso era algo que valia a pena ser considerado.

Dr. Galbraith rompeu-se em um sorriso que iluminou seu rosto… Sherwood

ficou bastante chateado quando soube que a produção do primeiro vídeo teria que esperar por um outro dia. O homem nunca entendeu a necessidade de se manter gravações meticulosas apesar de seus conhecimentos de ciências sociais.

Essa foi outra das incomensuráveis e simplórias deficiências.

Seu sorriso evaporou-se tão rápido quanto apareceu… Foi algo como um

choque quando o coração do pequeno desgraçado parou depois de somente dez

dias. Mas ao menos todo o processo foi imortalizado no filme para futura referência.

Sherwood não havia aceitado isso muito bem, claro. Ser culpado por algo, poderia ser um terrível fardo para aqueles que sucumbem a tais emoções

insensatas. O que foi que ele disse naquela hora? Ele achou que tinham ido muito longe. Achou que haviam passado dos limites. E talvez estivesse certo.

Para que servia uma criança morta?

Desmembrar o corpo foi um processo ambicioso. Mas ao menos as

habilidades cirúrgicas aprendidas na escola de medicina tinham finalmente sido

colocadas em bom uso. E manter Sherwood ao lado foi uma tarefa árdua. Tudo o

que o idiota tinha que fazer era segurar firme a cabeça e os membros do pirralho.

Quão difícil isso poderia ser? Era realmente necessário vomitar constantemente e chorar como um bebê com fome?

O chão ficou manchado a tal ponto que era difícil dizer a cor original do piso. E o fedor! Ao menos Sherwood limpou tudo eficientemente depois de um

grande esforço para persuadi-lo: ‘‘Você vai parar de vomitar, cara? Use a maldita água sanitária, desentupa o ralo! Vamos, Richard!’’ Talvez tivesse sido mais fácil ele mesmo limpar e empacotar o maldito corpo.

E então veio a sombria consequência. Fantasia-ofensa-remorso -fantasia-

ofensa-remorso: um padrão depressivamente previsível. Mas dessa vez, era diferente. Sherwood tentou minimizar sua responsabilidade. Ele falou algumas merdas sobre amar crianças demais. O homem era um perito em assistência à infância, ele era um homem relativamente inteligente, havia lido livros significativos, ele entendia a teoria por uma perspectiva acadêmica. Ele devia saber que estava completamente na merda. Até mesmo o Sherwood poderia estar

tão iludido?

E mesmo depois de tudo isso ele ajudou o homem, apesar da óbvia

inconveniência. Ele mostrou os quatro vídeos, que ao final do dia falaram por si mesmos. Na realidade, eles não eram tão diferentes. Era evidentemente óbvio, mas por alguma razão inexplicável tinha que ser dito. O que mais ele poderia teoricamente ter feito? Ele tinha ainda dito que também tinha enfrentado dúvidas

desde os primeiros dias de sua infração, há anos atrás. Tudo bem, talvez deva ter sido algo mais a ver com o medo de ser preso do que com uma crise de consciência, mas por um tempo, nos primeiros dias de relacionamento deles, ele

esperava que a Cynthia talvez o tivesse mudado. Talvez se ele tivesse escolhido

uma mulher emocionalmente mais forte, ela o teria guiado por um caminho

diferente. Talvez se Cynthia tivesse gerado meninos em vez de duas pirralhas nauseantes, ele teria entendido o que os outros pais sentiam pelos seus filhos.

Mas, não, não, a vagabunda não poderia ter feito ao menos isso certo.

Isso abalava a confiança. Como podia uma mulher aparentemente tão

inteligente ser tão burra? E Sherwood não era muito melhor. Se um respeitado médico como ele mesmo pudesse abandonar qualquer consciência aparente e abraçasse sua verdadeira natureza, e visse vida e morte de uma perspectiva puramente darwiniana, por que infernos não poderia Sherwood ser da mesma maneira que ele? Essa era a coisa que talvez poderia tê-lo salvo. Havia realmente uma necessidade por aquela procura eterna e autoindulgente de uma alma? O

que foi mesmo que Sherwood tinha dito sobre o assunto? Que o fardo da culpa

era esmagador. Que não havia escapatória da criação daquele mundo obscuro que ele fazia parte. Que diabos era aquilo?

E apesar de tudo, ele tinha usado suas habilidades terapêuticas na tentativa de ajudar o homem. Ele tinha explicado porque eles fizeram o que fizeram.

Porque Sherwood fez o que fez. Que ele estava encarando seu verdadeiro eu pela

primeira vez, sem espaço para sua habitual racionalização, auto decepção ou rejeição. Mas, a culpa de Sherwood foi enraizando-se. Ele insistiu que a morte de Gareth foi um divisor de águas. Ele até usou o nome do pirralho e declarou

que por causa de sua morte nunca mais cometeria outra transgressão/infração.

Dr. Galbraith bateu a palma de sua mão direita sobre sua mesa… Afirmando

que ele falaria com as autoridades ao invés de machucar outra criança era uma abominação. Sherwood se tornou um risco intolerável naquele preciso momento. Algo tinha que ser feito. Era realmente simples assim.

Dois dias se passaram e Sherwood ainda estava mantendo seu ponto de vista ridículo. O homem até mesmo recusou a oportunidade de comparecer à reunião do círculo. Ele não perdera um só encontro há anos. Aquilo era de longe muito significante para ser ignorado. Já bastava! Providenciar o paracetamol foi um ato de gentileza humana.

Ele sentou Sherwood sobre aquele sofá medonho de couro vermelho dele, despejou uma dose de uísque de malte, depois outra para dentro de sua garganta ingrata e entregou-lhe os comprimidos um de cada vez. Ele ainda fez isso para o homem, antes de repetidamente reforçar seus sentimentos de culpa e remorso: "Você fez coisas terríveis, Richard. Você nunca superará sua culpa, Richard. Você machucará outra criança, Richard. A morte pode ser uma libertação bem-vinda, Richard. Não precisa ser doloroso, Richard." Foram coisas ditas nesses moldes. De qualquer forma, fossem quais fossem as palavras de sua escolha, elas tiveram o efeito desejado. Isso era o que importava, um estrago no fígado não seria algo tão ruim, não era? Por que se preocupar? Sherwood era melhor morto. Parecia de pouco propósito ponderar tais inconsequências.

Dr. Galbraith tirou seus óculos, fechou o arquivo do projeto de Gareth e voltou imediatamente ao presente. Ele correu sua mão pelo seu cabelo negro espesso, levantou-se tranquilamente de sua cadeira, ergueu seus calções e calças e enfiou sua camisa dentro da calça com ambas as mãos… Já fazia muito tempo e quantidade nenhuma de recordações o confortariam, mesmo com toda sua

dedicação.

Ele pegou uma carta de referência do médico de família do bolso de dentro

do terno azul-marinho feito sob medida pendurado atrás da porta do gabinete, retirou o envelope cor de marfim, retornou a sua cadeira, o desdobrou cuidadosamente e releu-o pela sexta vez desde seu recebimento na manhã anterior… O pirralho era passado e um novo projeto era essencial para que a pressão que sentia em sua cabeça se tornasse pelo menos suportável.

Ele piscava sem parar, enquanto uma gota de suor escorria sobre sua testa e

encontrava um lar no canto de seu olho esquerdo… Parecia promissor. Parecia esperançoso. Seu novo paciente era do sexo correto e dentro da idade média requisitada. Tinha que valer a pena examiná-lo, não tinha?

Ele fechou seus olhos novamente e balançou a cabeça uma vez, confirmando

a conclusão de sua ruminação… sim, sim, claro que valia a pena. Novos projetos

faziam a vida valer a pena ser vivida.

Capítulo 2

"Você vai ler para mim, mamãe?"

"Oh, Anthony, já passou da hora de ir para cama. O que o professor vai dizer se você dormir durante a aula de novo?’’

"Só umas páginas, mamãe, por favor. Estou me sentindo triste."

"Vem aqui, Cariad, meu amor, e dê um abraço na sua mãe"

Anthony enterrou sua cabeça na lã laranja e quente de seu casaco.

Molly se desenrolou de seu filho. "Então agora, Cariad, meu amor, você para a cama, e eu vou aconchegá-lo bem. Eu coloquei o seu ursinho e uma bolsa de

água quente debaixo do edredom."

"Só umas páginas, por favor. Não quero ficar sozinho."

"Ok, somente cinco minutos. Mas depois é hora de dormir."

Molly Mailer pegou o livro de bolso e começou a ler.

"O papai virá me ver no sábado, mamãe?"

Molly fechou o livro e o colocou sobre o criado-mudo com topo de vidro.

"Não, Cariad, o papai não vai conseguir fazer isso esse final de semana." Ela acariciou a cabeça dele suavemente com a palma de sua mão, "Posso ler a história agora?"

"Por que ele não pode vir, mamãe?"

"Eu já expliquei, Cariad. Ele estará longe no final de semana."

"Com sua nova amiga?"

‘‘Sim, Cariad, com sua nova amiga!"

Anthony sentou e franziu as sobrancelhas. "É tudo minha culpa."

Molly abraçou fortemente seu filho. "Quantas vezes tenho que dizer, Cariad? Não é sua culpa. Não é mesmo. Mamãe e papai amam você. O papai ainda ama você. Agora, para debaixo do seu edredom, e eu me deitarei no topo da sua cama e te farei companhia até você cair no sono."

Logo Anthony se encurvou como uma bola, abraçou fortemente seu ursinho e começou a roncar baixinho.

Molly se levantou da cama, amaldiçoou silenciosamente sua lombar dolorida e se dirigiu para fora do quarto nas pontas dos pés, muito cuidadosamente… Por favor, não acorde, Tony. Por favor, não acorde.

Ela rangeu seus dentes e fez uma careta enquanto se olhava no grande espelho

oval na parede do banheiro acima da grade aquecida de toalhas, focando

nos inevitáveis sinais da idade, cruelmente acentuados pela luz excessivamente fluorescente sob a sua cabeça… Não era nada bom. Ela parecia cansada, abatida

e mais velha. Não havia como negar isso, mesmo que tentasse.

Ela respirou fundo pelo nariz e exalou o ar devagar e gradualmente pela boca… Isso é o que ser uma mãe separada fez com você. A separação teve seu

preço.

Ela suspirou, esfregou seus olhos cansados com as costas da mão e se dirigiu

para o andar de baixo… qualquer tentativa de embelezamento, embora

necessário, teria que esperar.

Molly se embaralhou dentro da cozinha com suas pernas cansadas e acendeu

o fogo da chaleira… Anthony finalmente dormia e Siân tinha saído de novo. Por

que não aproveitar ao máximo o tempo livre enquanto ela tinha a oportunidade?

Ela caiu sobre uma cadeira desconfortável de cozinha, repousou seus

cotovelos sobre a mesa de pinho e segurou uma grande xícara de seu chá de hortelã favorito em ambas as mãos, adoçado com uma quantidade generosa de mel galês. Ela fechou seus olhos e tentou relaxar enquanto o vapor aquecia seu

rosto… Ela devia ir para cama para desfrutar da leitura de seu Lesley Thomas?

Era tentador. Não, ela teria que esperar para deixar Siân entrar. Isso é, *se* ela se preocupasse em vir para casa.

Molly resmungou e bebeu um gole do líquido que esfriava rapidamente…

Seria sensato dar sua chave à Siân? Isso definitivamente faria a vida mais fácil.

Mas ela seria madura o suficiente para esse tipo de independência? Sim, não, sim, não? Não era fácil tomar decisões sozinha quando você estava acostumada

a ter alguém com quem podia contar. Por que não deixar essa decisão para o dia seguinte?

Ela bocejou e lutou para ficar acordada, mas depois de quinze minutos, ela se rendeu, descansou sua cabeça sobre a mesa da cozinha e dormiu.

Molly acordou assustada e olhou o relógio da cozinha… Meia noite e vinte.

Oh, não de novo, o que essa menina irresponsável achava que estava fazendo?

Ela só tinha quinze, pelo amor de Deus.

Ela correu até o minúsculo hall do chalé, com seu piso vermelho antigo, pegou o telefone de seu encaixe ao lado da porta de entrada, e sentou-se sobre o último degrau da escada, que rangeu por causa de seu peso. Molly se aquietou e ouviu atentamente… Nenhuma movimentação no quarto de Anthony. Obrigada Deus pelas pequenas bênçãos.

Depois de um ou dois minutos de atenção em silêncio, Molly decidiu telefonar. Mas então se deu conta… Para quem iria ligar? Siân não dava detalhes de seus amigos há meses. Era mesmo uma boa ideia ligar aleatoriamente para qualquer pai ou mãe à meia-noite e meia da noite? Tudo o que ela poderia fazer era esperar, se preocupar e desejar o melhor.

Molly retornou à mesma cadeira desconfortável e chorou. Soluços repetidos, profundos e desgastantes, fizeram seu peito ofegar como se perdesse a respiração… Deveria ligar para sua mãe de novo? Era em torno de uma hora mais tarde em Majorca, mas ela precisava desesperadamente falar. Por que não?

A mamãe não se importaria se ligasse para ela. Ela nunca se importava.

Molly esperou por algo que lhe pareceu uma eternidade antes de finalmente

ouvir a voz familiar de sua mãe dizer, "Alô" numa tonalidade galesa melódica, tingida por um quase imperceptível, mas incontestável toque de espanhol.

"Molly? É uma e meia da manhã aqui. O que há de errado, amor?"

"Desculpe, mãe, o mesmo de sempre."

"Sinto muito em ouvir isso, amor. Mas a uma e meia? Não podemos esperar

para falar de manhã?"

Houve um momento de silêncio antes de Molly começar a chorar sem dizer

nada.

"Oh, Molly, as coisas não devem estar tão ruins, não é?"

"Para dizer a verdade, não está nada bem, mãe" Ela fez uma pausa e acrescentou, "Eu queria que Mike não tivesse conhecido aquela vagabunda."

"Eu sei, meu amor. Eu sei. Me dê um segundo; o papai está dormindo. Eu vou atender o telefone na sala de estar."

"Alô, Molly?"

"Sim, ainda estou aqui, mamãe."

"Sim, amor. Diga."

"Siân saiu de novo. Só Deus sabe para onde. Eu só queria que ela tivesse me dito para onde estava indo, ou ao menos que tivesse me ligado para dizer que estava bem. É muito pedir isso?

"A Siân é uma adolescente, querida, e você também não era muito diferente

nessa idade, para ser sincera."

"Sim, acho que você está certa, mãe. Mas não é fácil estar sozinha."

"Eu sei, meu amor. Agora, me diga. Como está o Anthony?"

Molly balançou sua cabeça devagar e franziu as sobrancelhas. "Tony? De onde começo?"

"Tão ruim assim?"

Molly engoliu em seco antes de responder. "Ah, mãe, ele mudou. Ele está muito grudento, está fazendo pipi na cama quase todas as noites e começou a levar o ursinho para a cama de novo. Senhor Fofinho! Você acredita nisso? Ele

tem sete, e não quatro. Eu achei que essa fase já havia passado há muito tempo."

"É compreensível, querida, nessas circunstâncias."

"Ele só fica em casa e brinca com o maldito Lego. Faz qualquer coisa para

evitar se misturar". Ela fez uma pausa para respirar e continuou. "Ele pergunta sobre o Mike constantemente: o Papai está vindo hoje?" "Posso ver o Papai no

sábado? "O Papai vai jogar futebol comigo? Eu tento ser paciente, Mãe, mas ele me pergunta sempre a mesma coisa idiota todo santo dia. Eu estou me

esforçando, Mãe. Outro dia, ele jogou a tigela de cereais do outro lado da sala quando eu disse que o Mike não viria naquele sábado. Foi uma bagunça infernal.

E então, ele ficou em frangalhos: se debatendo na cozinha com lágrimas rolando

pelo seu rosto, catarro para todo lado. Foi como a fase terrível dos dois anos, mas pior. Parecer nunca ter fim."

"Ele está naquela idade, querida. Ele está sentindo falta do pai. Eu sei que isso não é o que você quer ouvir, mas essas coisas não se resolvem assim da noite para o dia. Eu queria estar aí com vocês, querida, mas e os problemas com

os rins do seu pai?

" Eu sei, Mãe."

"Você conversou com o Mike sobre isso?"

"Eu tenho tentado falar com ele, mas nós sempre terminamos discutindo. Eu

sinto falta dele, Mãe. Ele diz que sente muito e quer que voltemos a ficar juntos, mas ele ainda está morando com aquela mulher. Isso me deixa muito nervosa."

"Eu sei, meu amor. Mas não desista dele ainda, hein. Vocês ficaram juntos por muito tempo."

Houve um momento de silêncio e Molly limpou suas lágrimas. "Há algo que

eu não te contei, Mãe. Eu os vi juntos."

"Sério? Quando foi isso, querida?"

"Antes dele ir embora. Ela deu algumas fotos nuas para ele. Eu as encontrei escondidas na gaveta de meias. Vamos dizer que elas não deixavam nada à imaginação. Não havia como fugir da realidade depois daquilo. Ele me

decepcionou, Mãe. Ele decepcionou as crianças. Eu realmente confiava nele. Eu

o odeio.

"Eu sei, meu amor."

"Eu não disse a ele o que eu tinha visto antes. Eu tentei viver com isso pelas crianças. Mas me corroía. Eu sentava do lado de fora no banco na hora do almoço e esperava até que eles aparecessem juntos. Oh, Mãe, ela é tão mais nova: roupas justas, maquiagem e cabelos impecáveis, pernas longas, salto alto e minissaia ridiculamente curta. E tão linda. Isso me fez sentir uma total inútil.

"Deve ser terrível, querida. Mas você está longe de ser uma inútil.

"Eles passaram pelo meu carro e viraram na Merlin Lane. Eu os segui depois

de uns dois minutos e os encontrei no Scala. Você conhece, Mãe, aquele restaurante grego que costumávamos visitar em ocasiões especiais."

"Eu me lembro, querida."

"Ele estava sentado oposto a ela numa mesa para dois com as costas para mim." Molly riu dela mesma. "E eu era uma sortuda se ele me trouxesse um saco

de batatas fritas. Eu só fiquei de pé assistindo os dois no começo, sem dizer

nada. Mas então Mike se debruçou sobre a mesa e a beijou. E o canalha reclamava ferozmente se eu tentasse segurar a mão dele em público."

"Como ele reagiu, querida?"

"Ele usou algum clichê idiota como "Isso não é o que parece". Eu atirei uma taça de vinho tinto no rosto dele e disse para ele ir embora. Ele me disse alguns dias depois que ele iria se mudar para morar com ela naquela noite. A pior coisa foi contar para o Anthony."

"Por que você não me disse tudo isso antes, querida?"

"As coisas se tornam mais reais de alguma forma, quando você fala sobre elas."

"Sim, eu sei o que você quer dizer."

Deveria dizer a ela? Sim, por que não? Não havia nada a perder. "Acho que

você ficará feliz em ouvir que talvez haja uma luz no fim do túnel, Mãe."

" Que bom, graças à Deus, querida. Me conte mais."

"A professora do Tony me ligou. Ela disse que ele havia regredido na escola."

"Não vejo como isso possa ser positivo até agora, querida."

Molly sorriu, mas a expressão rapidamente deixou seu rosto. "Eu conversei

com a Dra. Procter, Mãe." Você se lembra dela?

"Claro, ela foi a médica da família por anos."

"Achei que ela fosse indicar algum remédio para animar o Tony um pouco.

Mas não, ela o encaminhou para uma clínica de orientação de crianças. Ela disse

que a clínica tem uma boa reputação. Eu achei que você talvez desaprovasse…"

"Não mesmo, querida, você tem ideia de quanto tempo ele terá que ficar na

lista de espera?"

"Não, Mãe, mas você sabe como é o Serviço de Saúde Nacional.

Provavelmente levará meses."

"Bem, ao menos você está na lista, querida. Boas notícias. Mas você precisa avisar o Mike do que está acontecendo. Ligue para ele, tente ficar calma, fale sobre a consulta e diga que ainda tem carinho por ele. Porque você tem, não é,

querida?"

Molly sorriu levemente. "Acho que está certa, Mãe. Obrigada pela conversa.

Diga ao Papai que o amo. Te amo, Mãe."

"Eu também, Molly. Dê um beijo nas crianças por mim. Agora, está tarde.

Tente dormir um pouco."

Capítulo 3

Cynthia Galbraith levantou-se às 5:30 a.m na sexta-feira, dia 10 de janeiro, como fazia todo santo dia que o marido estava trabalhando. Ela tomou banho, colocou

um vestido branco de seda impecável, cuidou do cabelo loiro caramelo e fez habilidosamente sua maquiagem, tomando todo o cuidado com sua aparência.

Ela suspeitava que seu marido não daria a menor atenção aos seus esforços, mas

mesmo assim, ela lembrava a si mesma que deveria continuar tentando.

Depois de uma última espiada ansiosa no espelho da penteadeira, Cynthia correu pelas escadas abaixo, procurando não fazer nenhum barulho que pudesse

perturbar o sono de seu marido e acordá-lo antecipadamente… Ele não estaria pronto para levantar até às sete horas e ela precisaria de todo segundo disponível possível para se preparar para a chegada dele para o café da manhã.

Cynthia apressou-se para chegar à cozinha e começou a preparar o café da manhã exatamente como as instruções pormenorizadas do Dr. Galbraith… Cada

detalhe era extremamente importante.

Ela disponibilizou dois tipos de cereais com alto teor de fibras para sua escolha na mesa de carvalho larga e rústica, com as caixas alinhadas exatamente

paralelas uma com a outra. Ela adicionou chantilly francês a um prato de porcelana requintada, uma xícara, pires e tigela combinando, uma colher de prata maciça, um jarro de leite integral, uma tigela de açúcar mascavo e uma grelha de prata para as torradas douradas que ela iria fazer e deixar à sua disposição no momento certo. Depois, ela despejou o suco gelado de laranjas frescas dentro de

uma garrafa de vinho de cristal do século dezenove, repousando-a precisamente

uma polegada do lado direito do prato. Cynthia usava uma régua de doze polegadas de aço para assegurar que ela estava na distância exata à direita e checou as medidas de tempos em tempos de novo… Ele ficaria desapontado se

ela estivesse errada. Aquilo poderia significar punição e a régua tinha uma ponta afiada.

Cynthia entrou pelo hall e se enrijeceu inexoravelmente quando ouviu o tom

agudo do despertador do médico permeando no ar… Ele estava se levantando.

Não demoraria muito para que ele descesse as escadas.

Ela correu de volta para a cozinha e ligou a torradeira, checou de novo se estava montada de acordo com a exigência precisa do marido… torradas nem muito claras, nem muito escuras, senão, ele iria recusar-se a comê-las.

Ela checou de novo, verificando se tudo estava sobre a mesa e em sua posição correta… Tinha que estar perfeito. Nada menos do que isso era

aceitável. Um guardanapo de linho branco!

Ela correu, pegou um da gaveta e o pendurou acima da lâmpada da janela da

cozinha, confirmando se estava limpo e totalmente livre de dobras. Ela respirou

fundo, sugando o oxigênio para dentro de seus pulmões… Graças à Deus, imaculado. Estava tudo suficientemente correto?

Cynthia ligou a cafeteira e adicionou o fino pó de café colombiano favorito

de seu marido. Finalmente, ela pegou dois ovos caipiras, três fatias finas de bacon, tomates-cereja orgânicos e cogumelos pequenos da despensa do

refrigerador localizado próximo às placas do fogão e os deixou sobre a bancada

de granito negro brilhante. Ela se dirigiu até o centro da sala e se virou lentamente como em um círculo, inspecionando a cozinha por completo com olhos atentos… Devia haver algo que ela não havia feito corretamente. Sempre

tinha alguma coisa. Cynthia checou o relógio pela enésima vez naquela manhã…

O tempo estava acabando numa velocidade alarmante. Ela tinha que começar a

cozinhar.

Dr. Galbraith acordou com um bom humor incomum para um homem que

não gostava de manhãs. Ele jogou seu edredom de penas de pato para o outro lado da cama, pulou para fora dela como um atleta, ato que desmentia sua idade

e pausou por um momento antes de se dirigir ao banheiro para apreciar o glorioso aroma atraente do bacon de alta qualidade e café pairando no ar do andar de cima, junto à escada ampla… Valeria a pena descer para tomar o café

da manhã? Cynthia era, e ele sabia disso, uma excelente cozinheira, embora claro isso jamais seria dito a ela. Ele estava com fome, era verdade, mas ele estava mesmo com vontade de ver aquela vaca irritante? Ele precisava daquela

distração? Ele tinha opções, claro. Ele poderia ordenar a ela que saísse da cozinha e comeria sozinho e em silêncio. Era algo a se considerar. Mas ela tinha feito um esforço considerável para preparar tudo de acordo com suas instruções.

A vagabunda sempre fazia. Seria engraçado ignorar todo o seu trabalho e pegar

um sanduíche para comer no caminho para o trabalho.

O doutor sorriu em pensamento, mas rejeitou a ideia quase que

imediatamente… Que diabos ele estava pensando? Ele precisava alimentar-se

bem para poder aguentar aquele dia tão importante

Dr. Galbraith deitou-se sob o chão e começou a fazer flexões: um, dois, três,

quatro… A desintegração psicológica da vagabunda tinha sido um triunfo

glorioso.

Ele deu um grande sorriso e esfregou o suor sobre seus olhos com as costas

de sua mão: quinze, dezesseis, dezessete… Vejam só onde aquela estudante de direito jovem e feliz foi parar! Demorou um pouco mais do que o esperado para

destruir sua alma completamente, mas ele não deveria ser tão duro consigo

mesmo. Sua infância abusiva havia sido uma vantagem, mas havia inúmeros obstáculos que ele talvez tivesse subestimado. No tempo do primeiro encontro deles, ela havia se mudado para ter uma vida social ativa, um amplo círculo de

amigos, hobbies e interesses. E Cynthia antes tinha personalidade. Ela o deixou

mais de uma vez nos primeiros anos de relacionamento, antes de ser persuadida

a voltar com promessas que nunca seriam cumpridas. Essas coisas não eram fáceis, ainda mais quando se tratava de uma pessoa mais inteligente. Mas, com

dificuldade ou não, seu método havia funcionado. Isso era o que importava.

Algo a se orgulhar.

Ele olhou para o lado, admirando seu reflexo na parede de azulejos: oitenta e

quatro, oitenta e cinco, oitenta e seis… As críticas constantes, a atribuição de culpas sem-fim, a negação dos prazeres e as punições físicas ocasionais foram estratégias comprovadamente efetivas.

Noventa e oito, noventa e nove, cem! Ele se sentou no chão com as costas bem eretas… Como ele resumiria a quebra do amor-próprio dela e as

consequências em sua tese? Ele tinha que usar as palavras corretas, as expressões corretas, para que seus colegas apreciassem inteiramente suas

observações.

O médico descansou seu queixo áspero na palma de uma das mãos e

visualizou as palavras aparecendo na página. Mas então algo atingiu seu intestino como um soco… Era importante trabalhar nisso, claro, mas ele podia realmente disponibilizar tempo para isso, em tal momento crucial? Ele não deveria estar focando sua atenção inteiramente em Anthony Mailer? Claro que ele deveria. Claro que ele deveria! A tese poderia esperar. A vagabunda não ia para lugar nenhum mesmo.

Dr. Galbraith tomou seu banho, desfrutando do prazer sexual da água quente

aquecendo sua pele. Vamos lá homem, foco, foco. O tempo estava correndo.

Ele saiu da cabine e se secou rapidamente com uma toalha grande de banho

rosa e fofa, antes de jogá-la no chão próximo ao bidê… Certo, vamos lá, cara.

Hora de barbear-se.

Ele ficou de pé próximo à pia, encarou sua imagem refletida no espelho de

aumento iluminado e usou uma navalha de madrepérola vitoriana para aparar precisamente as costeletas com poucos fios grisalhos que emolduravam seu rosto

bem-proporcionado. Depois, ele usou um pente de réplica de casco de tartaruga

com prata incrustada para partir seu cabelo curto do jeito certo e criar uma divisão perfeita, usando uma generosa quantidade de cera branca brilhante para

segurar os fios. Ele ficou lá de pé, olhando para o espelho por quase três minutos e admirou seu reflexo… Vamos lá, cara, vamos lá com isso, vamos lá logo com

isso. Ele já havia perdido tempo suficiente.

O médico retornou ao seu quarto opulente para se vestir. Ele vestiu um calção azul escuro, meias pretas até os joelhos e escolheu uma das seis camisas

de algodão italianas passadas perfeitamente por Cynthia na noite anterior. A camisa foi seguida por uma jaqueta cinza feita sob medida abrangendo quarenta

e quatro polegadas de largura peitoral e calças personalizadas para caber em sua elegante cintura de trinta e três polegadas. Havia amplos cortes em ambos os bolsos, grande o suficiente para caber uma mão. O terno era um dentre vários outros ternos bem-acabados pendurados nos seus espaçosos guarda-roupas

embutidos… Roupas que não fossem feitas sob medida estavam fora de seu padrão.

Calçou então um par de sapatos impecavelmente polido, com solado de

couro e decorado com fivelas de prata brilhante. Em seguida, um par de abotoaduras de ouro dezoito quilates em forma de algemas, que sempre o faziam

sorrir. O toque final era uma gravata de seda com um personagem de desenho animado estampado na frente. Ele ajustou o nó Windsor repetidamente até ficar

perfeito… A gravata era um lance genial. Ele era um gênio. Que outra explicação haveria?

Ele fez um ajuste final desnecessário no nó… Qualquer coisa que ajudasse a

cativar os pirralhos e ganhar a confiança deles, mesmo que aparentemente insignificante, era um bônus, sem dúvidas.

Dr. Galbraith desceu as escadas e se aproximou da cozinha, onde Cynthia estava de pé de frente para o fogão colocando os últimos adornos sobre a sua refeição. Ela se virou, encontrou seu olhar fixo e acusador, e forçou um sorriso frágil enquanto ele entrava na sala.

"Bom dia, querido."

"É?" Você tem certeza, Cynthia? Você tem realmente certeza?"

"Me desculpe, querido!"

Ele pegou uma luva de algodão branca intacta da gaveta próxima à pia Belfast, e passeou casualmente pela cozinha, percorrendo várias superfícies com

seu dedo indicador… Impecável. Ela estava aprendendo. A vagabunda estava aprendendo.

"Está tudo em ordem, querido?"

"Por que diabos meu café da manhã não está pronto?"

"Sente-se, querido. Eu servirei seu café da manhã completo em um

segundo."

"Como você presume que eu quero café?"

Você sempre quer café, querido."

"Eu?"

"Sim, eu achei…?"

"Você achou? E é mesmo uma boa idéia?"

Cynthia abriu sua boca como se fosse falar, mas então ela a fechou

novamente, incapaz de achar as palavras.

Dr. Galbraith olhou para ela com uma expressão sarcástica que murchou sua

alma frágil. "Apenas sirva meu bacon e ovos, menina. Talvez você consiga fazer isso direito."

Ela deu um passo para trás com as pernas cambaleantes, e olhou para baixo

enquanto a urina amarela formava uma poça sobre o piso ao redor dos pés dela.

Capítulo 4

Dr. Galbraith destrancou as portas de seu sedan preto metálico e saltou para o banco do motorista com uma expressão de autossatisfação em seu rosto angular.

Ele demorou um momento ou dois para apreciar o interior luxuoso do carro e deu um largo sorriso antes de dar a partida… Ele tinha conquistado aquilo. Não

era nada menos do que ele merecia: um suntuoso refúgio feito de couro cinza e

nogueira polida. Um homem de suas habilidades e status elevado merecia tais privilégios.

O médico virou a chave da ignição e a máquina 4.5 l V12 rugiu para a vida… Era um bom som, um som reconfortante que o agradava.

Enquanto ele dirigia as dezoito milhas de sua casa até o Departamento de Psiquiatria da Criança, Adolescente e da Família de South Wales onde ele trabalhava como psiquiatra infantil, ele felizmente conseguiu antecipar a consulta inicial de Anthony… Ansiedade era uma parte do prazer. Não tão prazeroso quanto havia sido antes, mas ainda assim agradável o suficiente. A espera tinha se tornado mais difícil; ele tinha que confessar. Mas as coisas não deveriam ser rápidas desta vez, independentemente da tentação. Ele havia errado

uma vez antes.

Ele balançou a cabeça agressivamente e batia dois dedos repetidamente sobre

o volante… Talvez ele não fosse tão sortudo da próxima vez.

A cabeça do médico foi instantaneamente preenchida com a vibração de um

som violento que o fez estremecer. Ele fechou seus olhos por um momento breve, tentando ignorar a dor e então rapidamente ele os abriu de novo, tornando-se repentinamente consciente do tráfego matinal… vamos lá, cara.

Controle-se.

Ele socou o para-brisas com força com o punho cerrado e se sentiu

levemente melhor… Foco, cara, foco, siga o plano. Siga o maldito plano. Ele colocaria suas mãos no pirralho. Ele só tinha quer ser paciente.

Dr. Galbraith exalou devagar um silvo bem audível… Para que ele não

estragasse tudo, teria que agir de acordo com sua experiência, de acordo com tudo o que havia aprendido com o passar dos anos e colocar em prática todas aquelas habilidades. Ele havia percorrido um longo caminho desde sua primeira

transgressão, apressada e impulsiva, e a inevitável ansiedade que se seguia. Cada

batida na porta, cada carro passando, cada telefone que tocava, o levava ao pânico nos primeiros dias, há muitos anos atrás. O medo de ser preso foi desgastante naquela época. Ele tinha lutado contra seus impulsos básicos e até

chegou a considerar parar por um tempo. O que ele estava pensando? Que inferno era aquilo?

Ele hesitou e massageou vigorosamente sua cabeça palpitante com uma mão

enquanto manobrava com a outra… E por que ele se importaria em refletir sobre

a evolução de suas propensões? Toda aquela pesquisa e nada realmente

significante para se mostrar. Todos aqueles livros. Que desperdício de tempo e dinheiro! Como um psiquiatra infantil ele teoricamente entendia o dano

insuperável que os homens de seu grupo frequentemente infligiam em suas vítimas. Claro que ele sabia. Mas que importância isso tinha? Há muito tempo ele não sentia nenhuma preocupação pelo sofrimento deles. Esse era o ponto crucial. Se ele tivesse se tornado uma criatura imoral, desprovido de consciência, empatia e virtude, e daí? Ele desfrutava de seu passatempo e o assunto era merecedor de um estudo científico. Isso era o que contava. Não havia espaço para angústia sentimental. O que mais ele precisava saber? Tudo o que importava era silenciar as vítimas, ocultar efetivamente qualquer evidência e não ser pego.

O médico gritou como uma chefe de torcida entusiasmada quando a

cacofonia aguda em sua cabeça gradualmente se atenuou… E ele não tinha feito

o seu trabalho bem? Ele conseguiu evitar a prisão por quase trinta anos e nada

precisava mudar. Não se ele fosse fiel ao seu modus operandi comprovado e atestado.

Dr. Galbraith deixou seu carro no estacionamento sossegado da clínica, ao lado do Mini Clubman de sua secretária, e desligou o motor potente. Certo.

Aquela idiota havia chegado cedo.

Seu corpo inteiro ficou tenso e contraiu-se. Típico. A vagabunda tinha um hábito irritante de fazer aquilo. O que tinha de errado com ela?

Ele ficou estático, encarou seus olhos azuis escuros no espelho retrovisor e falou consigo mesmo no estilo de um treinador de esportes macho ou um instrutor militar. ‘‘Hora do jogo. Máscara sobre o rosto. Vamos, cara, máscara sobre o rosto".

Dr. Galbraith tentou desesperadamente ignorar a pressão e o ruído

ensurdecedor que voltavam dentro de sua cabeça enquanto trancava as portas, e

cruzou o estacionamento tão casualmente quanto possível, caso ela estivesse assistindo. Ele parou na entrada brevemente antes de entrar na clínica, e puxou

repetidamente para dentro de seus pulmões o ar galês fresco da manhã… Sua raiva estava crescendo. Não seria fácil, mas ele tinha que controlá-la. A vagabunda repugnante estaria lá: sentada em sua mesa, flácida e suada, fedendo

a odor corporal azedo, encharcado por um perfume barato da loja de uma libra e

jorrando alguma besteira sem sentido assim que ele abrisse a porta. Como

infernos ele ia lidar com isso dessa vez? Seria terapêutico socar seus dentes amarelos repugnantes goela abaixo.

Ele sorriu ironicamente… Quão bom isso seria? Um dia ele ainda faria

aquela vagabunda sofrer. Mas, gostando disso ou não, agora não era a hora.

Ele contorceu seu rosto quando uma dor apunhalou seu cérebro, assim que entrou na pequena recepção que também servia como o escritório de sua jovem

secretária… Ele havia enganando várias pessoas com o passar dos anos de forma

bem-sucedida, por que diabos isso mudaria agora?

"Bom dia, Doutor!"

"E um bom dia a você, Sharon!" Ele pausou, inclinou sua cabeça em um ângulo de aproximadamente quarenta e cinco graus e a estudou por um segundo

ou dois. "Você fez algo diferente em seu cabelo, minha cara menina?"

Ela olhou para baixo, evitando seu olhar. Oh, nada especial, Doutor, eu só o

lavei antes do trabalho e coloquei alguns bobs nele."

"Bem, seja lá o que fez, minha cara menina, está excelente."

Ela sorriu brandamente e ajustou sua franja com seus dedos gorduchos.

Dr. Galbraith olhou para ela de cima à baixo… A cretina era tão maleável quanto um pudim morno. "Agora então, Sharon, prioridades: não há nenhuma consulta clínica essa manhã que eu me recorde, nenhum paciente para nos preocuparmos. Por que não fazer um café para nós?"

Ela concordou com a cabeça." Uma colher bem cheia de Nescafé, um pouco

de semidesnatado e um cubo de açúcar?"

"Correto como sempre, querida. Estarei em meu escritório."

Ela o chamou enquanto ele se retirava. "E que tal um biscoitinho?’’

Ele bufou desdenhosamente… Aquela vagabunda esganada estava

procurando por qualquer desculpa para se entupir de comida novamente. Talvez

uma vala com lavagem de porco fosse um presente de aniversário apropriado.

"Não para mim, obrigado, minha querida. Eu tive um excelente café da manhã.

Mas por que você não pega uma?"

Sharon colocou o bule para esquentar e franziu as sobrancelhas: carrancuda,

rejeitada… Ele esqueceu o seu aniversário? Não era do feitio dele.

Ela colocou o café solúvel nas duas xícaras, adicionou leite e finalmente açúcar: uma colher rasa para o doutor como sempre, e três colheres cheias para

ela mesma, enquanto esperava pela água ferver.

Dr. Galbraith entrou em seu escritório aparentemente simples, ajustou sua cadeira giratória de couro preta recém-adquirida e se sentou em uma mesa moderna que ele havia relocado diretamente contra a parede dos fundos, evitando qualquer barreira entre ele e as potenciais vítimas. Ele mudou um vaso

de flor-de-maio para o lado e pegou um porta-retratos de prata com uma foto preta e branca de sua esposa e filhas. Ele o segurou com as duas mãos, observou-o por vários segundos e sorriu com satisfação… Ele tinha que se assegurar de se

referir ao retrato quando se encontrasse com o pequeno bastardo e sua família carente.

Dr. Galbraith colocou a fotografia de volta à sua mesa e lentamente observou

a sala com seus olhos ansiosos… Estava tudo em seu lugar correto? Tudo estava

como deveria ser? O pôster cobrindo o painel de vidro da porta de seu escritório poderia ter um pouco mais de fita adesiva. Esse era um trabalho para Sharon.

Certamente a vagabunda incompetente poderia organizar aquele tanto.

Ele sacudiu sua cabeça vigorosamente… era difícil de acreditar. Por que diabos todas as mulheres em sua vida eram um fardo tão grande?

Dr. Galbraith manobrou-se para o centro da sala com sua cadeira giratória e

examinou a única janela da sala… Aquele pobre Centro de Jardinagem mostrou

até que bastante conhecimento apesar de ser tão jovem e ter limitações óbvias. A cerca viva havia crescido muito mais rápido do que ele esperava e os espinhos formados eram uma barreira excelente. Ele realmente não poderia ter feito uma

escolha melhor.

O médico levantou de seu assento, empurrou a cadeira de volta à sua mesa

com um toque do seu pé direito, se aproximou da janela, ajustou a persiana e espiou… Ele ainda tinha uma visão do estacionamento sem o medo de potenciais

interferências externas de curiosos. Ele precisaria aparar estrategicamente o

arbusto em algum momento, mas poderia certamente esperar até a primavera.

Ele desviou-se da janela, inspecionou a sala por uma última vez e sorriu…

era um triunfo indubitável. Mais uma coisa para se orgulhar.

Dr. Galbraith abriu o arquivo de Anthony Mailer e o leu lentamente, levando

tempo e considerando cuidadosamente cada palavra… O pirralho culpava-se

pela ruptura do relacionamento de seus pais e desenvolvera vários problemas comportamentais como resultado. Sua mãe tinha aceitado a oferta de ajuda especializada do médico da família.

Ele se sentou de volta em sua cadeira e se espreguiçou longamente antes de

baixar seus braços lentamente e deliberadamente… Não era um cenário

complexo. Longe disso, de fato; se ele tivesse a vontade de ajudar, ele poderia.

Claro que ele podia. Mas claro que ele poderia. Se o pirralho fosse uma garota,

ele teria providenciado um excelente serviço terapêutico. Se ele fosse um pouco

mais velho, ele poderia ter feito do mesmo modo. Aquilo era inteiramente razoável, não era? Claro que era. Que diabos importava se ele usasse uns poucos

meninos para seus próprios propósitos?

A pressão começou a crescer de novo… Por que infernos ele era forçado a manter sua verdadeira natureza em segredo em um mundo inteiro? Ele ajudou a

grande maioria das crianças que viu. As pessoas deveriam ser gratas por isso.

Os pensamentos do médico foram repentinamente interrompidos por sua

jovem secretária batendo de leve na porta com a ponta de seu sapato escarlate e

entrando em seu escritório com sua caneca de café em uma mão e o diário de consultas do dia da clínica na outra.

"Entre, minha querida. Entre e fique à vontade. Eu esqueci de te desejar um feliz aniversário anteriormente então eu o farei agora. É dezoito ou dezenove esse ano?"

Ela riu envergonhada. "Oh, você sabe, sou mais velha do que isso."

Ele sorriu… a vagabunda repulsiva parecia mais próxima dos quarenta do que dos vinte. "Bem, não parece, minha querida. Agora então aos negócios; quando é o próximo horário livre para consultas?"

Sharon se sentou ao lado dele, abriu o diário, virou algumas páginas, parou,

continuou e então parou de novo. "Não até o dia vinte e sete, eu receio, Doutor."

Ele olhou para o chão fugazmente e então lentamente subiu seus olhos, fixando-a com um olhar intenso que ela se esforçou para decifrar. "Não há nada mais cedo?"

Havia um grau de ansiedade em sua voz?

Ela urgentemente reabriu seu livro e franziu as sobrancelhas. "Olharei novamente, Doutor, mas você não deve exagerar. Você vem parecendo cansado

recentemente e você tem tido aquelas terríveis dores de cabeça. Você não me disse que estava planejando férias?"

Mantenha o controle, cara, mantenha o controle, faça a vontade da

vagabunda intrometida. "Isso não é da sua conta, minha jovem. As crianças têm que vir primeiro. Você sabe disso. Se eu não os ajudar, quem o fará?" Ele bateu na mesa repetidamente com seu dedo indicador. "Agora, vamos, diário."

Sharon suspirou… Ele era um homem tão atencioso. Quem dera se houvesse

mais pessoas como ele.

"Há um cancelamento na sexta-feira dia dezessete, Doutor. É às dez e meia

exatamente da próxima semana a contar de hoje, mas estou certa que você mencionou uma consulta ao dentista."

Dr. Galbraith relaxou visivelmente… Uma semana era muito tempo. Mas

parecia que não havia alternativa visível. "Não, não, Sharon, isso terá que ser feito. Terá que ser feito. Por favor, certifique-se que a carta de consulta seja enviada ainda esta manhã. Essa criança em particular está em crise. Os Mailers

precisam de ajuda urgente. "Ele ficou de pé, apontou em direção da porta e sorriu sedutoramente. "Você está me ouvindo, menina? Consiga isso, por favor.”

Ela deixou o escritório imediatamente, seu corpo palpitante como um pudim rosa com cada passo… se o médico poderia ser tão dedicado, então ela também poderia.

Dr. Galbraith abriu o arquivo de Anthony pela segunda vez naquela manhã e

releu a carta do médico geral repetidamente antes de empurrá-la de lado poucos

minutos mais tarde… Como pode aquela vagabunda burra demorar tanto tempo

para digitar algumas linhas miseráveis da guia?

Ele limpou sua garganta e gritou, "A carta dos Mailer já está pronta, Sharon?"

"Está quase pronta, Doutor. Você quer que a família inteira compareça?"

Oh, mas que merda era aquela? Era a primeira consulta do pirralho! Por que

infernos ela tinha sempre que perguntar? "Sim, por favor, Sharon, uma carta padrão inicial: a mãe, o pai e as duas crianças."

"Estará pronta em cinco minutos, Doutor.”

Ele esfregou sua mão sobre o queixo… um chimpanzé conseguiria digitar

mais rápido. "Obrigado, minha querida."

Ela balançou sua cabeça enquanto começava a digitar… Qual era a pressa com isso? Às vezes, ele era dedicado demais para seu próprio bem.

Dr. Galbraith suspirou alto e franziu as sobrancelhas. "Onde diabos ela está, Sharon?"

"Estou digitando o mais rápido que consigo, Doutor."

Foco, cara, foco. Muito áspero, muito, muito agressivo, acalme a vagabunda.

Ele ativamente se acalmou antes de adentrar o escritório dela. "Me desculpe se pareço de alguma maneira irritado essa manhã, minha querida. Mas realmente

não poderia ser mais urgente."

Sharon terminou de digitar um ou dois segundos depois, seu busto

corpulento agitado com todo o esforço. "É isso, feito!"

"Obrigado, querida. Eu checarei o conteúdo no meu escritório."

Dr. Galbraith sentou-se em sua cadeira e segurou a carta na sua frente, ajustando de acordo com sua vista, ao invés de usar seus óculos de leitura. Ele

começou a ler, mas se esforçou para conseguir se concentrar, apesar da fascinação usual… Ele estava fazendo a coisa certa, não estava? Ele fazia questão de evitar crianças que possuíam laços familiares mais fortes. Por que infernos dessa vez era diferente?

Ele afundou as unhas em seu couro cabeludo e desesperadamente tentou

ignorar os sinais que invadiam sua mente… Aquilo era realmente algo sábio a ser feito? Os riscos eram altos. E se o pirralho dissesse alguma coisa para a

pessoa errada? E se aquela pessoa realmente o ouvisse e agisse de acordo com suas alegações? Não suportava pensar sobre isso.

Ele piscou e contorceu-se e suou e caminhou pelo assoalho, enquanto o barulho progressivo ameaçava sobrecarregá-lo completamente… Ele havia feito

exceções no passado. Claro que ele tinha. Quando isso foi conveniente. Ele havia se arriscado, mas foram riscos calculados. Um homem de sua inteligência

e perícia poderia lidar com tais complicações. Claro que ele poderia. Mas claro

que ele poderia. E o pirralho valia o esforço extra.

Dr. Galbraith se sentiu repentinamente mais calmo… Tudo o que tinha a fazer era pensar nas coisas e seguir o plano. Manipular o pirralho seria fácil. Ela era bom e tinha que se lembrar disso. A questão era somente como. O pai era uma vulnerabilidade óbvia. E se aquilo falhasse, o que parecia altamente improvável, havia ainda outras opções viáveis. Claro que havia. Ele havia assumido a tarefa em numerosas ocasiões sem levantar qualquer problema

significativo. Quantos meninos já tinham sido de acordo com a última conta?

Eram noventa e sete ou noventa e oito? De qualquer forma, era algo a se orgulhar. Mas com que diabos ele estava preocupado? Seus métodos haviam funcionado antes e iriam funcionar mais uma vez.

Ele retornou ao seu assento exatamente quando Sharon bateu à porta e entrou

sem esperar ser chamada. Você gostaria que eu postasse a carta aos Mailer na hora do almoço, Doutor?"

Dr. Galbraith sorriu. "Não será necessário, Sharon. Você já fez um excelente trabalho. Obrigada, minha querida"

Ela ficou vermelha. "Tem certeza, Doutor? Você disse mais cedo…"

"Estou agradecido, minha querida. Extremamente agradecido, mas estou prestes a sair para uma reunião. Eu mesmo levarei ao correio no caminho.

Ela sorriu alegremente enquanto ele pegou sua carteira de réplica de couro de

crocodilo de dentro do bolso de sua jaqueta, a abriu pomposamente e deu a ela

uma nota de dez libras. "Feliz aniversário, minha flor, por favor compre algo legal para seu almoço. E não se apresse em voltar. Você merece."

Ela se emocionou e decidiu ignorar o fato de que não havia nada marcado em

sua agenda… Ele era realmente um chefe maravilhoso e inacreditavelmente generoso. A esposa dele era realmente uma mulher de sorte. "Eu o verei após a reunião, doutor?"

Ela esperava uma resposta afirmativa, mas não recebeu nenhuma. Dr.

Galbraith acenou exuberantemente enquanto corria da clínica em direção a seu carro. Sua mente estava focada em outras coisas.

Capítulo 5

A policial Jane Pritchard olhou intencionalmente para Alan Garret, seu colega de proteção social infantil e focou novamente no menino nervoso de nove anos, um tanto acima do peso, que eles haviam entrevistado por quase uma hora. Estavam em um dos dois prédios de entrevista de vídeo do Serviços Social do município.

Depois de um momento de silêncio, ela inclinou-se em direção ao menino e assumiu a liderança, de acordo com seu treinamento de investigação em conjunto. "Só para esclarecer, Dewi. Você está dizendo que foi violentado por um médico, assim como por seu pai?"

O menino olhou para o chão e permaneceu em silêncio por um segundo ou dois antes de balançar a cabeça relutantemente e dizer, "Sim" com uma voz hesitante.

"Quantas vezes isso aconteceu?’’

"Somente a v-vez que estou contando."

Alan Garret balançou a cabeça. "Você está indo bem, Dewi. Nada disso foi sua culpa. É importante se lembrar disso."

A Policial Pritchard ergueu sua mão em direção ao seu rosto, tirou seu cabelo castanho-avermelhado de seus olhos e sorriu. "Tudo bem, Dewi. Eu sei que isso não é fácil, mas é importante. Precisa de um lenço de papel antes de continuarmos?"

Ela estendeu a mão segurando um lenço de papel de sua bolsa, mas retirou sua mão quando ele não quis aceitá-lo. "Não?"

O menino limpou suas lágrimas com a manga de sua jaqueta cinza e

balançou sua cabeça.

"Ok, então vamos continuar. Quando aconteceu?"

"No último v-verão, antes de eu começar o tratamento."

"Você sabe qual era o mês?"

Ele sacudiu a cabeça. Como ele poderia saber aquilo?

"Foi no início das férias escolares, no meio ou no final?"

"No começo, eu acho."

"Mas não consegue afirmar com certeza?"

"Não."

"Onde aconteceu?"

"Em uma sala branca."

"Uma sala branca? Pode nos contar mais sobre essa sala? Qualquer detalhe será útil."

"Era coberta por azulejos brancos, como num banheiro."

A policial franziu a sobrancelha, desatento à sua expressão. "Mais alguma coisa?"

"Não havia nenhuma janela."

"O quê? Nenhuma? "

"Não."

"Você quer dizer que era vedada com tábuas ou algo assim?"

"Não, não havia nenhuma."

"Você já tinha visto a sala antes?"

"Não."

"Você foi levado para lá de novo?" "

"Não."

"Essa é uma pergunta importante, Dewi. Por favor, pense bem antes de responder. Você sabe onde a sala fica?"

"Não."

"Você consegue descrever o prédio em que ela está?"

"Não, eu não vi."

Ela fez uma pausa momentânea, procurando uma pergunta apropriada… Isso

não estava indo bem. Ele parecia preparado para sair correndo pela porta. "Bem, se você não viu o prédio, como entrou na sala?"

"Meu pai me levou até lá."

"E você não viu o prédio?"

O menino esfregava seu rosto com a manga úmida… Ela não acreditava

nele. Por que ela não acreditava nele? "O papai vendou os meus olhos assim que entramos no carro."

A oficial relaxou visivelmente e a tensão se foi de seu rosto… Talvez ela devesse confiar mais. "Ah, agora eu entendo. Onde você começou o trajeto?"

O menino piscou repetidamente… Talvez ela acreditasse nele afinal de

contas. "O papai me acordou em casa e me levou para seu carro."

"Você sabe que horas eram?"

Ela tem que acreditar nele! Por que está perguntando as horas? "Não."

"Estava claro ou escuro?"

"Escuro."

"Consegue se lembrar quanto tempo o trajeto demorou?"

Ele ergueu a mão até seu rosto, cobrindo seus olhos. "Não, só me lembro que estava assustado."

"Foi um trajeto curto ou longo?"

"Foi longo."

"Mais do que uma hora, ou menos do que uma hora?"

Por que ela continuava perguntando? Por favor, faça-a parar. "Menos, eu acho."

O corpo inteiro de Dewi estava tenso e a oficial decidiu não prosseguir mais

com aquilo. "Isso foi muito útil, Dewi, mas eu preciso perguntar mais algumas questões sobre o homem."

"Eu já disse tudo o que ele fez!"

Ele estava perto de entrar em pânico. Por que ele não ficaria? Como ela se sentiria nas mesmas circunstâncias? "Não precisamos falar sobre isso de novo, Dewi. Mas eu preciso que você nos diga qualquer coisa que nos ajude a encontrar quem é esse homem, para que possamos prendê-lo."

Dewi relaxou um pouco e pareceu um pouco mais confiante quando disse,

"Ok."

"Por que você acha que ele é um médico?"

"Meu pai me disse que ele era."

A policial fez uma pausa… Seria muito perguntar? "O seu pai alguma vez disse o nome do homem?"

"Sim."

Ela tentou disfarçar sua ansiedade. "Qual era, Dewi? Você consegue se lembrar?"

"O médico me fez tomar remédio quando chegamos lá. Eu me senti com sono."

"Tente lembrar. Não tenha pressa."

Ela queria uma resposta. Tudo o que ele podia era tentar fazer o seu melhor.

"Eu acho que pode ter sido Dr. Griffiths."

"Você tem pouca ou muita certeza?"

Ele parecia decepcionado, quase deprimido. "Eu não consigo lembrar o que

aconteceu muito claramente. Mas eu tenho certeza que seu nome começava com

um G."

"Definitivamente um G?"

"Eu acho que sim."

Ela escondeu seu desapontamento o melhor que conseguiu. "Você sabe que

tipo de médico ele era?" Ela se arrependeu da questão logo após a ter perguntado, e não se surpreendeu quando o menino respondeu "Não," com uma expressão perplexa em seu rosto.

"Está certo, Dewi. Não tenho mais muitas questões. Como o homem era?

Vamos começar com seu cabelo. Qual a cor do cabelo dele?"

Os olhos do menino se apertaram em duas fendas. "Escuro"

"Preto ou castanho, é isso o que quer dizer?"

"Sim, mas não tenho certeza, me desculpe."

"Tudo bem, Dewi. Só queremos que diga o que você se lembra, nada mais.

Qual o tamanho do seu cabelo?"

Essa era uma que ele conseguiria responder. "Curto, como o meu."

Ela sorriu. "Isso é útil, Dewi; qual a altura dele?"

"Mais alto do que o meu pai."

O agente social de meia idade, magro como um palito, levantou-se. Eu tenho um metro e oitenta e oito centímetros. O homem era mais baixo ou mais alto do que eu, ou o mesmo tamanho?"

"Mais ou menos o mesmo tamanho, mas ele parecia bem mais forte."

Alan Garret sentou-se de volta e a policial sorriu momentaneamente apesar ou talvez devido à óbvia tensão. Por que você acha que ele parece mais forte do que o Alan?"

"Ele era maior, como um lutador de luta livre da TV."

"Grande e gordo, ou grande e musculoso?"

O menino ergueu os braços, momentaneamente flexionando seus bíceps.

"Grande musculoso."

"Isso nos ajuda muito, Dewi. Há mais alguma coisa que você possa nos dizer sobre o homem? Qualquer coisa?"

"Não realmente."

"E seus olhos? Você se lembra da cor dos seus olhos?"

"Azuis"

"Você tem certeza?"

Por que perguntar de novo? Ele já havia respondido à pergunta uma vez. "Eu

acho que eram azuis."

"Mas você está certo disso?"

O menino balançou a cabeça.

"Não?"

Sua respiração se tornou mais ofegante. "Não realmente."

Ela silenciosamente se auto repreendeu… muita pressão, ela o estava

pressionando demais. "Se você não está certo de sua resposta, Dewi, está tudo bem dizer isso. Diga somente que não sabe. Não tente adivinhar."

"Ok."

"Você já havia contado a respeito desse homem a mais alguém antes de contar a sua mãe adotiva ontem à noite?"

"Não, nunca."

"Nem mesmo à sua mãe?"

Seus olhos se encheram de lágrimas e seu rosto rechonchudo ruborizou-se.

"Ela sabia de tudo o que meu pai fazia comigo, e ela não fez nada para ajudar.

Ela não fez nada para que ele parasse com aquilo. Por que eu contaria a ela?"

Ela olhou para o seu relógio e olhou em direção do assistente social que balançava a cabeça concordando silenciosamente… O menino já havia tido o suficiente. Era hora de finalizar. "Tudo bem, Dewi, eu entendo. " Estamos quase terminando, mas há mais uma coisa que eu preciso te perguntar. Tudo bem?"

Oh, Deus, mais perguntas. "Acho que sim."

A policial sorriu levemente e balançou a cabeça. "Dewi, tenho que perguntar por que você não nos contou sobre esse homem da última vez, quando nos disse

sobre o que o seu pai fez a você."

"Eu estava com muito medo."

"Você estava dizendo que estava com mais medo do homem do que do seu

pai?"

Ele olhou para o chão e disse, "Sim."

Jane Pritchard franziu as sobrancelhas. "Por que? Depois de tudo o que o seu pai fez a você."

"Meu p-pai disse ao médico que me mataria se eu dissesse alguma coisa."

Era muito tarde para parar agora. Ela tinha que perguntar. "E você acreditou nele?"

Dewi pegou sua bombinha de ar azul do bolso de sua calça e inalou duas vezes para dentro de seus pulmões antes de dizer: "Sim."

O que ela poderia dizer agora? Que diabos havia de errado com essas

pessoas? "Às vezes adultos dizem coisas para assustar crianças, para que elas parem de continuar a terem a ajuda de que precisam. Você está seguro agora, Dewi. Você entende isso, não entende?"

As pessoas continuavam dizendo que ele estava seguro. Talvez isso fosse verdade.

"Sim."

Ele não parecia convencido. Por que ele estaria? Ele havia se desiludido durante toda a sua vida. "É bom ouvir isso, Dewi. Há mais alguma coisa que você queira dizer ou alguma coisa que queira nos perguntar antes que

terminemos a nossa entrevista?"

Dewi se levantou das almofadas e ajustou o elástico apertado de suas calças.

"Podemos comer alguma coisa no caminho de volta para a casa de meus pais

adotivos? Eles não se importarão."

A policial Pritchard se virou para o assistente social… Por que ele não poderia comer como um consolo por tudo aquilo que havia passado? Talvez ela

tivesse que fazer o mesmo. "Você se importa em providenciar o transporte, Alan? Preciso etiquetar as fitas e começar a escrever a transcrição o mais rápido possível."

Alan Garret se levantou, deu um grande sorriso e guiou Dewi através da

porta. "Vamos, mocinho. Eu telefonarei aos seus pais adotivos para ver se eles podem nos encontrar no McDonald’s."

Enquanto eles andavam em direção às escadas, a policial Pritchard chamou

por eles. "Alan, tudo bem se eu usar o seu escritório para ligar para o inspetor?

Eu teria mais privacidade."

"Sem problemas, Jane, falo com você em breve."

Jane Pritchard completou as tarefas requisitadas de acordo com as regras de

procedimento no caso de provas e evidências criminais e se dirigiu escada abaixo à cozinha para uma xícara de chá antes de fazer a ligação… Tinha sido

um dia longo e estressante e alguns minutos para si mesma era um pequeno luxo

que ela planejava aproveitar ao máximo.

Ela pegou um biscoito doce de uma lata decorada com uma cena típica das

Highlands e o mordiscou, degustando a textura amanteigada enquanto a chaleira

lentamente começava a ferver. Ela se sentou à pequena mesa de fórmica e tentou

pensar em outra coisa além de proteção infantil; qualquer outra coisa mas sua consciência natural atropelou seu desejo de um pouco de tempo para si. Ela praguejou silenciosamente, engoliu o resto de seu biscoito e empurrou sua caneca para o lado antes de se dirigir ao escritório bagunçado de Alan Garret,

com altas pilhas de revistas Social Work Today não lidas sobre cada superfície possível.

Ela teve que esperar apenas alguns segundos antes de um agente da sala de

controle, cuja voz não reconhecia, atender o telefone.

"Alô, sou a policial 458, eu poderia falar com o escritório Detetive Simpson, por favor?"

"Farei isso, Jane. Acho que ele está lá."

"Detetive Simpson."

"Olá, senhor. É a Jane Pritchard. Desculpe incomodar."

"Não está incomodando, policial. Em que posso ser útil?"

"Eu gostaria de um conselho, senhor."

"Por que não falar com o Grav, ele não é o inspetor de seu distrito?"

"O inspetor Gravel está de licença, senhor. E sei que o senhor tem responsabilidade por toda a área de força de proteção infantil."

Trevor Simpson riu. "Ah, sim, Grav disse alguma coisa sobre ir até Bournemouth com a sua patroa. Bodas de prata." Ele riu novamente. "Acho que a sogra dele foi com eles." Ele olhou para seu relógio Rado. "Certo, Jane. Como posso ajudá-la?"

"Acabei de realizar um depoimento com um menino de nove anos chamado

Dewi Williams, senhor."

"Sim, eu conheço o caso, o Grav o mencionou. Alguma novidade?"

"Senhor, o menino nos contou que durante os meses de verão ele foi vendado

pelo seu pai e levado de carro para um local desconhecido, onde foi violentado

por um homem que ele acredita ser um médico. Ele nos deu uma leve descrição

do abusador e do local, mas os detalhes da sala soam duvidosos.

"Você fez a coisa certa entrando em contato comigo, Jane. Mas, o menino é

uma testemunha confiável?"

"Tenho certeza absoluta que ele não está inventando isso, senhor. Ele foi confiável no passado. Ele foi levado para algum lugar, tenho certeza disso, mas

pelo o que ele disse acho que é bem provável que ele tenha sido drogado."

"Certo, Jane. Transcreva o depoimento completo, me envie esta tarde e eu darei uma olhada nisso. Fale com o supervisor de seu distrito e seus colegas nas duas unidades de proteção infantil. Pergunte a eles se há alguma outra menção ao médico ou de crianças sendo levadas a um local que se encaixe na descrição

do garoto. Ligue para os gerentes das equipes do Serviço de Proteção Infantil e

pergunte o mesmo. Me avise se conseguir qualquer novidade. Talvez eu visitarei

o pai na cadeia de Swansea. O Grav mencionou que ele apelou contra a extensão

de sua sentença. Isso me dará alguma vantagem. Eu falarei com o Grav assim que ele voltar e o apressarei caso eu ache alguma coisa nisso."

"Obrigada, senhor. Eu farei isso.”

Capítulo 6

Molly recebeu três cartas na segunda-feira, dia treze de janeiro. Ela se sentou nas escadas, se desfez dos dois envelopes marrons e apressadamente abriu o branco… Poderia ser uma carta de recomendação da clínica? Mas, claro que não! Afinal, haviam se passado somente alguns dias desde que ela falou com a

Dra. Procter. Molly desdobrou a carta e a segurou em sua frente, aproveitando-se da luz do atípico sol do inverno brilhando através do painel de vidro da porta da frente… Departamento de Psiquiatria da Criança e do Adolescente. Era uma carta de recomendação para uma consulta. Quem diria!

Ela cruzou os dedos de sua mão direita e leu atentamente os conteúdos… De

quanto tempo seria a espera? Várias semanas intermináveis na melhor das hipóteses, provavelmente meses. Mas não, inacreditavelmente, eram somente quatro dias.

Molly sorriu, levantou-se do degrau com uma nova energia, coisa que ela já

não sentia há algum tempo e dançou em círculos segurando a carta sobre a sua

cabeça… Que maravilha! A médica da família disse que Dr. Galbraith era bom.

Parece que ela estava certa.

Ela deixou a carta apoiada contra o porta-retrato prateado sobre o aparador na sala de jantar para mantê-la segura e subiu as escadas para acordar as crianças. Anthony tinha dormido a noite toda pela primeira vez em várias semanas, e já estava bem acordado. Molly verificou sua cama, tentando não ser

tão óbvia… Estava seca. Que alívio! Deveria elogiá-lo? Deveria chamar a atenção dele para aquilo? Sim, parecia ser o certo a se fazer.

Molly olhou para Anthony, em seus olhos, e sorriu carinhosamente. "Muito

bom, amor. Estou orgulhosa de você. Passarei no mercado para comprar alguns

doces para você quando voltar da escola."

Anthony vestiu as roupas deixadas pela sua mãe no canto da cama de manhã

cedo. Ele vestiu seu jeans Wrangler favorito, uma camiseta de algodão amarela

brilhante e um suéter confortável de lã verde e branco com um dragão vermelho

na frente, antes de correr em direção ao banheiro para esvaziar sua bexiga. Ele

quase o fez, mas não exatamente. Quando ele gritou, "Mãe!" com urgência, Molly correu para o banheiro e viu a mancha escura molhada na frente da sua calça. Ela mordeu seu lábio determinada a não dizer qualquer coisa de que pudesse se arrepender depois e forçou um sorriso relutante. Não se preocupe, Cariad. Não é sua culpa. Eu deveria ter mandado você ir ao banheiro antes de se

vestir.

Anthony balançou a cabeça envergonhadamente, mas não disse nada… O

breve triunfo da cama seca foi bom enquanto durou.

Os olhos da Molly ficaram úmidos enquanto ela deixava as roupas limpas em cima da cama de Anthony pela segunda vez naquela manhã. Ela o ajudou a

tirar a calça suja, cueca e meias, enxugou as lágrimas de seu rosto com a manga

e esforçou-se em recompor-se. "Tome um banho, Cariad, fará você se sentir melhor. Mas seja rápido, a Siân irá usar o banheiro assim que você tiver terminado."

Molly ouviu o som reconfortante do chuveiro elétrico antes de se aproximar

da porta do quarto de Siân. Ela ergueu a mão para bater, mas antes que tivesse a oportunidade de agir, ouviu o grito de Siân: "Já acordei, mãe. Não é fácil dormir com essa barulheira toda que você e o Tony fazem."

Molly pensou, a mesma Siân de sempre, mas disse simplesmente "Me

desculpe, amor. Eu já vou descer…" Não havia razão para começar uma discussão.

Depois de se vestir, Anthony seguiu sua mãe até o andar de baixo para o café

da manhã. Ele se sentou à mesa e ignorou sua irmã mais velha quando ela adentrou a sala uns dois minutos depois. Siân nunca fora comunicativa pelas manhãs e hoje não foi diferente, já que ela se sentou em silêncio e comeu seus

cereais sem açúcar.

Anthony levantou os olhos de seus adorados cereais Sugar Puffs e se virou para Molly, que estava passando manteiga em alguma torrada integral sobre a bancada ao lado do fogão elétrico. “O papai vem hoje, mamãe?”

Molly suspirou… E lá vamos nós de novo. "Não esta noite, Cariad, mas você

o verá com certeza na sexta-feira. Ele irá ao médico conosco. Eu ligarei para ele para combinar isso assim que vocês forem para a escola.” Anthony se irradiou e

começou a comer seu cereal com ânimo renovado.

Siân não disse nada, mas logo saiu com pressa da cozinha, retornando ao isolamento de seu quarto adolescente para esperar o ônibus escolar… Havia muitas coisas mais importantes na vida do que uma união familiar forçada.

Siân saiu primeiro de casa e gritou um "Até mais tarde" sem entusiasmo antes de fechar a porta da frente e correr em direção ao ônibus, que estava prestes a partir sem ela.

Molly pensou, "uma já era, só falta o outro" e encorajou Anthony a terminar sua segunda tigela de Sugar Puffs, enquanto checava se ele tinha tudo o que precisava para levar para a escola… Ela não estava ansiosa para falar com o Mike, mas precisava.

Molly segurou a mão de seu filho firmemente entre as suas e o encorajou a

passar pela porta da frente em direção ao ponto de ônibus, localizado quase que

diretamente fora da casa no mesmo lado da rua. Era uma manhã brilhante de inverno, mas apesar do raio de sol, um penetrante vento de janeiro causou aos dois uma tremedeira incontrolável enquanto eles esperavam juntos na calçada de

concreto. Quase que imediatamente, um ruído familiar de diesel permeou o ar e

o ônibus escolar apareceu detrás de uma curva na estrada, meio cheio de crianças bagunceiras do primário, rindo e conversando.

Molly esfregou o topo da cabeça de Anthony e sorriu: "Bem, então, Cariad,

embarque. Seus amigos já estão no ônibus. Vejo você mais tarde. Tente ter um bom dia." Ela andou atrás dele, bateu de leve em suas costas enquanto ele embarcava, e acenou energeticamente até que o veículo desapareceu com a distância.

Molly correu de volta à casa, agradecida pelo ar quente que a encontrou à porta da frente. Ela pausou momentaneamente no hall, já considerando pegar o

telefone, mas rapidamente decidiu pegar outra bebida quente e reconfortante antes de fazer a ligação. Ela acendeu o fogo, colocou o saquinho de chá de ervas

e uma colher cheia de mel produzido na região em sua caneca favorita, despejou

a água fervente e mexeu freneticamente, derramando uma pequena quantidade de líquido escaldante sobre a bancada. Molly xingou em voz alta… O trabalho doméstico podia esperar.

Ela sintonizou na Rádio Dois e sentou-se à mesa da cozinha, pensando que a

música e a conversa talvez a ajudasse a relaxar. Mas ela rapidamente concluiu que estava simplesmente adiando o inevitável. Ela se aproximou da pia, adicionou algumas poucas gotas de água gelada da torneira ao seu chá e bebeu,

saboreando o doce intenso do fundo da caneca… Nas palavras sábias de sua mãe: era hora de entrar na chuva.

Molly pegou o telefone, discou o número do escritório de seu marido e esperou enquanto puxava repetidamente seu cabelo loiro acinzentado com a mão

que estava livre… Como ela deveria começar a conversa? Talvez uma

abordagem positiva fosse o melhor. Ou talvez não? Talvez persuasão ao invés de

pressão fosse mais recomendável. No final das contas, fosse qual fosse a abordagem que ela adotasse, Mike se surpreenderia com a sua ligação de qualquer forma.

Ela estava seriamente considerando colocar o telefone de volta em seu lugar

e ligar de novo mais tarde, tendo assim tempo suficiente para outra conversa com sua mãe, quando ela ouviu a voz irritantemente alegre de seu marido do outro lado da linha. “Alô, aqui é Mike Mailer.”

"Alô, Mike. É a Molly, precisamos conversar."

"O que é, Molly? Tem alguma coisa errada? Aconteceu alguma coisa com as

crianças?"

"Relaxe, Mike. Não é nada disso, não fique em pânico. Mas temos sim que

conversar sobre as crianças."

"Você me deixou preocupado por um momento, Mo. Estou um pouco

ocupado no momento, para falar a verdade. Posso te ligar depois do trabalho?

"Pelo amor de Deus, Mike, quando foi a última vez que eu te liguei no banco? Eu realmente quero que você dê um jeito de falar agora. São tão filhos

seus, quanto meus. Ou você se esqueceu desse pequeno detalhe?"

Mike segurou o telefone com mais força. "Me dê um segundo, Molly. Vou fechar a porta."

"Faça isso."

"Alô, Mo. O que é, amor?"

"Amor? Acho que esse navio afundou definitivamente quando você foi morar com aquela vagabunda."

"Agora, olhe, Molly. Eu realmente não tenho tempo para essa merda agora.

Se você tem alguma coisa importante para dizer, desembucha."

Molly fez uma pausa, engolindo suas palavras… Tente se acalmar, não leve

para o lado pessoal, diga a ele que ainda se importa com ele. Não foi isso que a sua mãe sugeriu?

"Molly? Molly? Você ainda está aí?"

"Espere, Mike. Podemos começar novamente? Eu realmente não quero

discutir. Já fizemos muito isso, por uma vida toda. Não vou fingir que não estou muito brava com você, mas as crianças precisam vir em primeiro lugar.

“Já é o suficiente, você tem razão. O que é então, amor?"

Ela escolheu ignorar a trivialidade dessa vez… Por onde, Deus, poderíamos

começar?

"Molly? Molly? Tenho que continuar com meu trabalho. Você vai me dizer o

que é ou não?"

“Sim, claro que vou. Foi por isso que liguei. As coisas não têm sido fáceis desde que você se foi. Atinge muito as crianças. Eles sentem muito a sua falta,

Mike. Tony particularmente. E Siân do jeito dela. Eu raramente a vejo, para ser

honesta… Mas Anthony! É como se ele lamentasse a sua morte."

"O que você quer de mim?"

Houve um momento de silêncio… ela deveria dizer a ele? Como ele

reagiria? Sim, por que não? O que havia lá para esconder? "Eu sinto sua falta, Mike. Mesmo depois de tudo o que você fez. Eu ainda o amo. Deus me ajude."

"Mo, me desculpe. Quantas vezes eu tenho que dizer? Se eu pudesse voltar o

relógio uma vez, eu o faria. Honestamente, eu o faria, mas não posso voltar, posso?"

"O que você quer eu faça, Mike? Você ainda está morando com aquela mulher. Termine isso, mude-se e talvez possamos falar sobre o nosso futuro."

"Obrigado, Mo. É bom ouvir isso."

"Não pense que vai ser fácil, Mike. Se você estiver falando sério mesmo, vou precisar de uma ação sua, mais do que somente palavras vazias. Não acho que você entenda o quão difíceis as coisas estão aqui. Você não está aqui para ver, um dia após o outro como eu estou. Eu preciso de ajuda, Mike. Nós precisamos

nos ajudar como uma família que somos.

"Estou ouvindo o que você está dizendo, Mo."

Molly respirou fundo…. era agora ou nunca. "Eu falei com a Dra. Procter sobre o Anthony. Não sabia mais o que fazer."

"Sério? Ela pode dar alguma coisa a ele?"

"Dar alguma coisa para ele? Não é assim tão simples, Mike. A médica conseguiu uma consulta para nós em uma clínica de orientação de crianças. Isso

significa você, eu e as crianças. A carta com a guia para essa consulta chegou essa manhã.

Mike amaldiçoou silenciosamente enquanto respirou. "Você tem certeza que

o médico quer ver a todos nós?

"Sim, Mike, tenho certeza. Muita certeza! Eu não poderia estar mais certa disso. É assim que funciona. Você precisa nos pegar às dez horas na sexta-feira

pela manhã. Já é nesta sexta-feira! Se você estiver seriamente pensando em voltarmos a ficar juntos no futuro, você fará isso por mim." Mike suspirou…

Lavar sua roupa suja na frente de um estranho pseudocientista não era o tipo de

coisa que o agradava. Mas se no final, houvesse uma chance de reconciliação, ele não poderia arriscar a perder a oportunidade. "Justo, amor, eu estarei lá na hora, garantido."

"Não quero me atrasar, Mike. Isso é importante."

Eu disse que chegarei no horário, Mo, e assim farei. Agora preciso ir, por favor."

Molly desligou o telefone e andou em direção à sala, pensativa… Ela

conseguiu o que queria, como esperado, isso era verdade. Mas por alguma razão,

sentia como uma vitória insignificante.

Ela se sentou no sofá de couro sintético de frente para a janela da sala e para

o jardim desgrenhado e limpou uma lágrima de seu rosto… Mike era uma perda

de tempo, mas ele deveria ser a perda de tempo *dela.* Ela queria ele de volta, não havia como negar isso. Mas não seria fácil confiar nele de novo. Se ele realmente deixasse a vagabunda ao invés de somente dizer isso, já seria um grande começo.

Ela sorriu rapidamente… A vida poderia ser melhor. Poderia ser muito

melhor, mas pelo menos agora Anthony ia conseguir a ajuda de que precisava.

Capítulo 7

Dr. Galbraith sentou-se em sua mesa, virando freneticamente as páginas de sua

agenda: Terça-feira, quatorze de janeiro. Quatorze de janeiro… Pelo amor de Deus, outra reunião de outro caso de proteção infantil. Por que inferno o sistema dedica tanto tempo e esforço à uma tarefa tão entediante? O que aqueles idiotas

estavam achando? Era uma pergunta que ele não poderia responder, mas o que ele sabia era que era uma trágica perda de seu precioso tempo. Onde estava aquela maldita carta convite?

Ele abriu a gaveta e procurou entre os documentos… Onde diabos ele a havia colocado? Ah, sim, sim, em seu organizador de cartas, ainda estava lá.

O médico desdobrou a carta de notificação e os papéis que a acompanhavam,

e os espalhou sobre a escrivaninha. Pegou seus óculos de leitura do bolso de seu paletó risca-de-giz cinza escuro e examinou seus conteúdos… Duas irmãs

gêmeas de quatro anos; supostamente abusadas sexualmente, sem evidência

médica aparente apoiando a declaração em vídeo delas, uma mãe fraca, amiga e

alvo de um pedófilo que trabalhava como professor de música do ensino fundamental até a sua prisão, e a mãe apoiando o suspeito. Sem surpresas ali, ele havia escolhido bem. Tudo parecia bem claro, nada de anormal. Qual era o nome

do predador? Gary Davies? O nome soou familiar, por alguma razão.

Ele fechou seus olhos, procurando em sua mente ocupada… Ah, sim,

Davies. Ele era um membro do círculo. Um membro inconsequente, claro, mas

ainda assim um membro. Aquilo valia alguma coisa. Eles tinham se visto em vários encontros ao longo dos anos.

Dr. Galbraith pegou um caderno já bem usado de dentro de sua maleta de couro marrom e se voltou novamente para a carta… Quem ia presidir? Mel Nicholson: Gerente social Sênior de Proteção Infantil?

Ele abriu seu caderno e consultou algumas anotações escritas… Nicholson?

Nicholson? Ah sim, ele conheceu o enxerido em um curso há alguns anos atrás.

Ele era um daqueles igualitários patéticos, salve o mundo, preto e branco, bom e mal.

O médico virou a página e continuou lendo… Nicholson havia se mudado

para Devon para trabalhar para a Sociedade Nacional de Prevenção de Crueldade

sobre as Crianças há uns dois anos atrás. Ele obviamente voltou para o País de

Gales. Provavelmente foi promovido. Isso era digno de nota.

E quem mais era responsável? A plebe miserável de sempre, sem dúvidas.

Mais um bando de simplórios mal orientados dedicando tempo e esforço a algo

totalmente sem sentido.

Ele checou a lista de assistentes… ah, sim, inspetor detetive Roy Thomas.

Não era a vagabunda da esposa dele que estava grávida da última vez que haviam se falado? R-S-T… Sim, era: Roy Thomas. Ele estava certo, claro; sem

surpresas até aqui. O pequeno fedelho devia ter uns três meses agora.

Dr. Galbraith olhou para o relógio… Ele deveria ter reservado mais tempo para isso. Sua organização não era mais o que era antigamente. Hora de ir.

O médico colocou o caderno de volta em sua maleta e a trancou, antes de colocar a chave dentro do bolso de seu paletó para guardá-la bem segura.

Enquanto ele atravessava seu escritório em direção à recepção, sua cabeça estava dolorida, a pressão estava crescendo, mas ele se lembrava repetidamente que tinha que manter as aparências para que seu plano se tornasse realidade… Estava

ficando mais difícil, cada dia mais difícil.

Dr. Galbraith sorriu sem vontade para a secretária. "Estou indo à uma reunião de um caso de proteção infantil no centro de recursos de serviços sociais em Caerystwyth esta manhã, meu anjo. Deixarei a clínica aos seus hábeis cuidados. Dra. Rosie Higgins atenderá aqui essa tarde para me ajudar com o acúmulo de trabalho. Ela é uma ótima médica e tenho certeza que gostará dela.

Vejo você amanhã de manhã, minha querida. Tenha um ótimo dia."

O doutor estacionou seu carro em cima do meio-fio e correu em direção da

entrada do centro de recursos para interceptar Mel Nicholson, que estava prestes a entrar no prédio. "Mel, é você mesmo, meu querido? Que maravilha o ver novamente. SNPCC, se me recordo corretamente?"

Nicholson sacudiu firmemente a mão do médico. "Bom te ver, Doc.

Plymouth, eu trabalhava em Plymouth."

"Bom tê-lo de volta a bordo, meu velho. Perda deles, ganho nosso… então me conte, promoção?"

"Sim, fui promovido ao serviço de proteção infantil pelas autoridades locais.

É bom voltar ao País de Gales."

"Com certeza. Com certeza." Ele puxou a manga de seu paletó e olhou seu relógio de ouro Cartier. “Melhor irmos andando, meu velho. Eu não tive a chance de ler os papéis, muito trabalho e tudo mais. Você tem ideia de quem vai

presidir hoje?"

"Serei eu."

"Estamos em um mundo terrível, meu garoto, um mundo terrível. Mas estou

certo de que fará um trabalho maravilhoso."

Dr. Galbraith entrou na sala de conferência como se fosse um astro de Hollywood, desfilando pelo carpete vermelho: um aceno aqui, um sorriso ali. Ele

se aproximou do detetive Thomas e deu um tapinha em seu ombro robusto.

"Parabéns, garoto! Menino ou menina?"

O inspetor irradiou-se. "Um menino: Gareth, por causa do jogador de rúgbi,

mas por favor não diga isso à minha mulher."

O doutor riu exuberantemente. "Nosso segredo, garoto!" Ele levantou uma mão aberta no ar. "Estou vendo que nosso superior quer começar. Melhor eu me

sentar antes que eu seja repreendido."

Nicholson, como ele era conhecido, começou a reunião se apresentando e pedindo aos assistentes que fizessem o mesmo. Ele explicou que o propósito da

reunião era decidir se as crianças estavam em risco, e se estivessem, discutir sobre um plano de proteção feito por várias agências ao mesmo tempo. Antes de

requisitar contribuições individuais, ele lembrou que Davies ainda era

considerado suspeito. Qualquer coisa que dissesse poderia ser usado como prova.

Após a menção da polícia, Davies mexia-se nervosamente em seu assento e

olhava furtivamente na direção do Dr. Galbraith, tentando repetidamente

encontrar seus olhos. O doutor desviou o olhar em cada tentativa… Que diabos

aquele idiota achava que estava fazendo? Óbvio, óbvio demais! Ele o ajudaria, claro que sim. Isso era esperado da parte dele como um membro do círculo. Mas

não era hora para isso. Haveria uma ampla oportunidade quando ele encontrasse

aquela vagabunda cretina da mãe e providenciasse terapia para as filhas hediondas.

Nicholson facilitou a conferência com a eficiência vinda da experiência.

Dentro de uma hora, os nomes das garotas haviam sido incluídos no registro de

"em risco". Foi concordado que elas retornariam aos cuidados da mãe, na condição de que não tivessem contato com Davies. Uma análise de risco bem cuidadosa seria executada pelos funcionários sociais do cuidado infantil e Dr.

Galbraith providenciaria a terapia apropriada. O médico segurou uma risada…

Se os cretinos achavam que as garotas estavam devidamente protegidas, eles estavam se enganando.

Dr. Galbraith se aproximou de Davies no estacionamento enquanto ele

andava com passos largos, cabeça baixa, em direção ao seu carro. Ele se apresentou com um sorriso, como se estivesse encontrando com Davies pela primeira vez. Apertaram as mãos e entregou um cartão de visita com palavras de

conforto escritas no verso com tinta azul. Ele acenou com a cabeça e rapidamente virou e aproximou-se da mãe, que estava de pé a alguns metros atrás deles, tentando ser o mais discreto possível. Dr. Galbraith se dirigiu a ela

quietamente e forçou um tom de voz leve e reconfortante. "Olá, minha querida, tente não se preocupar, essas reuniões nem sempre acertam. As razões que fazem

as crianças dizerem tais coisas podem ser muito mais complexas do que as pessoas normais entendem. Elas podem ter visto alguma coisa inapropriada na televisão ou terem contado algum pesadelo, por exemplo. E para ser honesto, não é estranho para os bem-intencionados, mas mal orientados funcionários sociais colocarem essas ideias nas cabeças das crianças. Às vezes eles fazem perguntas tendenciosas, bem como os policiais. E pode ser muito fácil pular direto para as conclusões erradas. Talvez seja o caso de suas filhas. Traga as meninas para me verem na minha casa às quatro e meia nesta tarde. Se erros foram feitos, como eu suspeito, eu terei as respostas de volta antes que vocês imaginem. Eu dei meu cartão ao senhor Davies com o endereço e o meu contato."

A mãe olhava para o chão enquanto falava, somente erguendo seus olhos um

instante rapidamente focando novamente para o chão. "Obrigada, Doutor. Eu simplesmente não consigo acreditar que Gary tenha feito as coisas horríveis que

eles dizem. Ele é a melhor coisa que me aconteceu em muito, muito tempo. Só

quero as meninas em casa conosco. Ambos queremos, não é Gary?"

Davies concordou ansiosamente balançando a cabeça.

Dr. Galbraith colocou a mão dela sobre a dele, a apertou delicadamente e disse. "Elas estarão, minha querida senhora. Elas estarão. Agora, tenho que ir.

Vamos consertar esse mal-entendido antes que vocês imaginem." Ele sorriu.

"Estou ansioso para encontrar vocês essa tarde."

Capítulo 8

A policial Jane Pritchard chegou cedo para o seu turno na quarta-feira, dia quinze de janeiro e finalmente localizou o detetive Trevor Simpson no refeitório da polícia, onde ele estava envolvido em uma conversa com um colega. Ela comprou uma xícara de chá com gosto de nada e vagarosamente se aproximou da mesa. "Olá, senhor. O senhor tem cinco minutos? Concluí as averiguações que me pediu."

"Sente-se, Jane. Você conhece o Inspetor Halfpenny?"

"Sim, senhor, nós estivemos no treinamento juntos."

"Tudo bem, Jane?"

"Sim, tudo bem, obrigada, Joe."

O detetive Simpson bebeu um gole de seu café quente e franziu as

sobrancelhas. "Você pode ir e continuar com o caso do roubo do Wilson, Joe, a gente se fala de novo no fim do dia."

"Eu o farei, senhor."

"Quais são as novidades, Jane?"

"Eu averiguei tudo e parece que uma sala branca foi mencionada em pelo menos três investigações ao longo de alguns anos."

"Você tem os detalhes, eu presumo…"

"Sim, havia um menino de seis anos em agosto de mil novecentos e oitenta e

quatro. Uma história bem similar: ele alegou que foi levado à uma sala branca por um tio."

"Alguma menção de um médico?"

"Não, senhor, e o caso não foi levado a lugar nenhum. Sem evidência pericial e o relato da criança continha contradições significantes. Um psiquiatra infantil colocou as alegações como pesadelos naquela época e foi o fim. Mas dado o que

sabemos agora…"

"Talvez você esteja certa, Jane. Alguma ideia de quem era o psiquiatra?"

"Não, me desculpe, senhor. Mas eu tenho certeza que se eu cavar mais nos arquivos, eu encontrarei."

"Não se preocupe com isso, não tem problema. E o que vem depois?"

"Houve um menino de cinco anos em junho de mil novecentos e oitenta e sete e um menino de quatro anos em maio de oitenta e nove."

“Famílias diferentes?"

“Sim."

“Todos meninos?”

"Sim."

"Qualquer coisa que possa nos ajudar?"

"Não realmente, senhor, nada que identifique a localização. O homem era suspeito de crimes sexuais e os nomes das crianças foram colocados no registro

de proteção infantil. Mas a mesma velha história: evidência insuficiente para ações penais que o Serviço de Proteção à Criança pudesse ter encontrado.”

"Acho que vamos ter que rever esse lote, Jane. Não acredito em

coincidências. Todas as três crianças eram da mesma região?"

"Sim, todos eles viviam dentro de um raio de cinco milhas de Caerystwyth."

"Estou achando que a sala branca fica provavelmente na mesma área. Me desculpe, Jane. Estou somente pensando em voz alta. Alguma coisa que você não me contou?"

"O menino de seis anos disse que foi filmado."

"Ah, faz sentido."

"Eu achei que sim."

"Alguma menção de um médico?"

"Receio que não."

"Eu quero que você escreva um relatório completo e me mande assim que possível, Jane. Tem que haver alguma coisa nisso."

"Eu o farei ainda hoje, senhor."

O detetive Simpson balançou sua cabeça. “O que há de errado com essas pessoas?"

"Eu espero que você não se importe que eu pergunte, senhor, mas o senhor

disse que talvez falasse com o pai de Dewi algum dia…”

"Pode deixar comigo, policial. Traga-me a papelada pronta o mais rápido possível."

Capítulo 9

Anthony não gostava das manhãs de quinta-feira. Manhãs de quinta-feira

significavam inglês, galês e matemática: três matérias das quais ele não gostava muito. Miss Larkin até que conseguia fazer o inglês e galês menos chatos, mas

geometria era uma tortura. Anthony ouviu a princípio, tentando entender

conceitos complexos, mas ele rapidamente concluiu que seu professor talvez estivesse falando alguma outra língua que ele não conseguia entender. Ele olhou

várias vezes para o relógio acima da porta conforme a aula passava e se perguntou porque os ponteiros se moviam tão devagar. Quando a hora do almoço

chegou, sentiu como se um peso tivesse sido removido de seu peito e sorriu espontaneamente pela primeira vez desde que tinha chegado na escola naquela manhã.

Anthony escolheu comer linguiça, feijão e batatas para o almoço: uma de suas refeições preferidas. E pela primeira vez desde que seu pai se foi, ele engoliu tudo, ansioso para correr em direção ao pátio e jogar futebol com seus amigos. O jogo foi bom: ele fez um gol, o que não era comum para ele e seu time ganhou. Anthony voltou para a sala de aula quando o sinal tocou, pensando

que as quintas-feiras não eram assim tão ruins.

Anthony achou as aulas de artes e música na parte da tarde muito mais agradáveis do que o tédio acadêmico da manhã. Para sua surpresa, ele

recentemente começou a gostar de desenhar e pintar muito mais do que antes.

Ele não tinha certeza do porquê, mas respingar tinta sobre o papel, de alguma forma, o fez se sentir melhor. Ele pintou sua família: sua mãe, seu pai, sua irmã e ele mesmo, de pé do lado de fora da casa em um dia quente de verão. Por alguma razão que ele não compreendia, ele pintou seu pai muito maior e em cores mais brilhantes do que o resto da família. Miss Larkin apontou para o desenho e perguntou porque o homem do desenho estava tão grande. Anthony respondeu, "É o meu papai," mas não disse nada mais do que isso.

Miss Larkin deu um suspiro de alívio quando o sinal finalmente tocou por todo o moderno edifício, sinalizando o fim do dia escolar. Ela se levantou na frente da classe, sondando seu domínio com óbvio orgulho e disse "Levantem-se, guardem suas tintas, despejem a água suja dentro do ralo e lavem os pincéis

antes de irem para casa." Depois que as crianças completaram todas as tarefas, sorriu e acrescentou as mesmas instruções que ela proferia toda santa tarde:

"Andem, não corram e lembrem-se de fazer a lição de casa."

Anthony estava ansioso para mostrar à sua mãe sua pintura em aquarela

quando chegasse em casa. Checou duas vezes se ela estava mesmo dentro de sua mochila, antes de se apressar para sair da sala de aula, tão rápido quanto possível fosse para andar sem correr. A maioria das crianças fizeram o mesmo e estavam

do lado de fora conversando animadamente com os amigos, enquanto Anthony

esperou sozinho e em silêncio a chegada do ônibus. Quando ele finalmente apareceu cinco minutos mais tarde, ele entrou por último e sentou-se na frente,

ao invés de se juntar ao resto dos meninos lá atrás.

Molly estava observando através da janela de sua cozinha quando o ônibus

apareceu na rua, dentre nuvens de fumaça preta suja de diesel. Ela abriu a porta da frente quando ele foi parando gradualmente e acenou para Anthony quando ele desembarcou agarrando sua mala com força em uma mão e a pintura na outra.

Molly abotoou seu cardigã marrom de lã para se proteger do calafrio de inverno e encontrou Anthony no meio do caminho. "Venha, Cariad. Eu fiz uma

caneca de chocolate quente bem grande e gostosa para você."

Anthony seguiu sua mãe até a cozinha, tirou seu casaco, pendurando-o no encosto da cadeira, colocou sua mochila em um canto e segurou sua pintura em

plena vista.

"Parece uma pintura muito legal, Cariad. Posso dar uma olhada?"

Anthony sorriu ansiosamente e entregou a sua pintura. Molly segurou-a em

sua frente e a estudou… Retratava os quatro, isso era óbvio, mas por que Mike

estava tão grande? O fato de ele estar sentindo falta de seu pai explicaria isso?

Possivelmente. Talvez fosse algo a mais para perguntar ao psiquiatra.

"Você gosta, Mãe?"

"Pegue uma fita adesiva de dentro da gaveta, Cariad."

Molly sorriu carinhosamente enquanto Anthony entregava a fita adesiva.

Enquanto ela fixava a pintura na porta da despensa, elogiava os talentos artísticos de Anthony, mas pensando no impacto que a traição de seu marido tinha sobre todos eles… Anthony precisava de mais ajuda do que a que ela poderia lhe dar. A Clínica de Orientação de Crianças era um raio de esperança bem-vindo.

Siân chegou em casa em torno de dez minutos depois e foi direto para o seu

quarto sem falar com a mãe e nem com o irmão. Molly deu-lhe uma trégua momentânea e então a chamou do hall. "O chá está quase pronto, amor. Hoje vamos todos comer na mesa, para variar. Preciso ter uma conversa com vocês dois."

Siân não respondeu, mas apareceu na cozinha enquanto Molly estava

colocando os três pratos de espaguete à bolonhesa coberto com uma generosa porção de queijo cheddar ralado na mesa da cozinha. Molly sorriu para sua filha

e puxou a cadeira antes de dizer, " Sente-se, amor. Água está ok para você?"

Siân balançou a cabeça sem entusiasmo.

"E você, Tony, leite ou suco?"

"Suco de laranja, por favor, Mãe."

Molly entregou as bebidas às crianças e se juntou a eles à mesa. " Eu queria lembrar a ambos que nós vamos à clínica pela manhã."

Siân franziu as sobrancelhas de uma maneira adolescente exagerada. "Eu tenho mesmo que ir, Mãe? O Anthony é que tem problemas, não eu!"

"Nós já conversamos sobre isso, Siân. O médico quer ver a nós todos. Por favor, amor!"

Siân escolheu não responder, mas Molly notou que ela não havia dito ‘não’.

Anthony sorriu envergonhadamente enquanto o macarrão caiu de sua boca

sobre seu suéter. "Posso assistir televisão, Mamãe?"

"Termine sua comida primeiro, Anthony. Claro que você pode esperar um pouco…"

Ele não disse nada mais, mas ele engoliu o restante de sua refeição na velocidade de um cometa.

Molly sacudiu sua cabeça e sorriu levemente. "Fora vocês dois, vamos. Eu lavarei a louça essa noite. Mas amanhã, vou querer ajuda."

Molly colocou Anthony na cama um pouco mais cedo do que o normal e leu

para ele aproximadamente vinte minutos antes de dizer, "Eu preciso ligar para o seu Pai, Cariad. Você, durma! Amanhã será um grande dia."

"Papai irá com certeza, não é Mamãe?"

"Sim, Cariad, definitivamente!"

Anthony irradiou-se. "Eu marquei um gol hoje, Mamãe. Vou contar isso para

o Papai."

"Você vai, Cariad? Isso é maravilhoso! O Papai ficará muito contente. Você

poderá começar a ir no treino de rúgbi em breve."

O sorriso de Anthony evaporou-se de seu rosto.

"Agora então, Cariad, feche seus olhos e vá dormir. Deixarei a luz acesa somente essa noite. Boa noite, Tony."

"Boa noite, Mãe!"

Molly se sentou no fim do degrau da escada e ligou para Mike. Ela estava muito esperançosa que Tina não atenderia quando ouviu Mike dizer, "Alô?"

"Mike, é a Molly. Só queria confirmar se você está lembrando do

compromisso de amanhã de manhã."

"Claro que não me esqueci, Mo."

"Por favor, não se atrase, Mike. Precisamos estar lá antes das dez e meia. É a primeira consulta. Quero causar uma boa impressão."

"Eu sei, amor. Eu irei…"

"Você prometeu conversar com a Siân. O médico quer ver a nós todos. Eu já

expliquei isso a você."

"Devagar, amor. Eu disse que ia falar com ela, e irei. Ela está aí?"

"Ela saiu não sei para onde. Espero que ela volte em algum momento…

Pedirei a ela que te ligue se e quando ela finalmente aparecer. Vejo você amanhã, Mike. Por favor, não se atrase."

Molly colocou o telefone de volta antes que ele tivesse a oportunidade de responder e balançou sua cabeça pesarosamente… seja mais paciente, sua burra.

O que sua mãe havia lhe dito? Conversa é oposto do monólogo. Mike estava tentando. Não o bastante, mas estava tentando.

Siân chegou em casa quando Molly estava prestes a desistir de esperar por ela e ir para cama. Molly a encontrou na porta de trás e estava aliviada porque

ela estava sóbria e a maravilha das maravilhas: comunicativa. Ela decidiu que naquelas circunstâncias era melhor ignorar a situação daquela vez… Havia um assunto mais importante.

"Oi, Mãe"

Molly forçou um sorriso efêmero. "Oi, amor, Papai quer que você ligue para

ele antes de ir para cama."

"É sobre amanhã, Mãe?"

Molly balançou a cabeça. "Sim, amor."

"Eu irei se você quiser que eu vá. Eu realmente me importo com o Tony.

Você sabe disso, não é?"

"Claro, meu amor."

"Me desculpe por hoje cedo, Mãe."

Molly sorriu, dessa vez espontaneamente. "Obrigada, amor. Venha aqui e dê

um abraço em sua velha mãe."

Ao menos essa vez, Siân não se distanciou.

Capítulo 10

Trevor Simpson espiou o escritório desorganizado do Detetive Gravel e sorriu.

"E aí, como foi em Bournemouth?"

A expressão desconsolada do rosto de Grav tornou qualquer discussão

adicional completamente desnecessária, mas o Detetive Simpson escolheu

persistir com o assunto mesmo assim. "Espero que a sogra tenha gostado."

"Olhe, Trevor, se você não tem nada útil a dizer, sugiro que você dê o fora daqui e me deixe trabalhar."

O Detetive Simpson gargalhou alto e decidiu não atormentar mais seu amigo,

mesmo com a tentação de fazê-lo. "Não, sério, tem algo que quero dizer, Grav."

"Diga, Trevor. Pegue uma cadeira. Tem tempo para um café rápido?"

"Chá, por favor, uma pedra de açúcar."

Grav girou em sua cadeira, desceu com ela até o canto escuro atrás dele e ligou a chaleira. "Certo, Trevor. O que você quer de mim?"

"Você sabe que estou à frente da força de proteção Infantil? "

"Sim, Trevor. Eu fiquei feliz por não ter sido escolhido pelo chefão, para ser bem honesto."

"Sim, eu sei o que quer dizer, Grav. Olhe, enquanto você estava fora, Jane Pritchard me ajudou em alguns inquéritos."

"Achei que você estava inoperante…"

"Eu sou a autoridade, Grav, e a necessidade exigia. Jane precisava de alguns conselhos, você não estava disponível e eu assumi dali."

"Justo, Trevor, o que você a pediu para fazer?"

"Ela entrevistou um jovenzinho que disse ter sido pego e levado à uma sala

branca, onde ele alega que foi sexualmente abusado por um homem que ele acredita ser um médico."

"Poderia ser um hospital inutilizado ou algo assim?"

O Detetive Simpson balançou a cabeça concordando. "Poderia ser, eu acho.

Foi o Dewi Williams, você pegou esse caso."

"Claro."

"Parece que não era somente seu pai."

"Que inferno!"

"Pedi a Jane para investigar se havia qualquer outra menção de uma sala branca ou um médico em outros casos similares a esse."

"Alguma descoberta?"

"Sim, nada definitivo, mas pode haver alguma coisa nisso. Eu gostaria de

prosseguir com o assunto com a ajuda de Jane, você concorda com isso?"

"Vai nessa, Trevor."

O Detetive Simpson se levantou e escorreu o saquinho de seu chá. "Eu estava planejando visitar o pai de Dewi em Swansea nessa tarde."

"Simon Williams? Boa sorte. Ele é o maior filho da puta de todos os tempos.

Você sabia que ele está apelando da sua sentença?"

"Sim, você mencionou isso antes de eu sair. Eu talvez possa usar isso a meu favor".

"Merece uma tentativa, Trevor. Me deixe a par do que acontecer."

O Detetive Simpson levou pouco mais de uma hora em sua jornada de

quarenta milhas até a Prisão HM Swansea na área de Sandfields da extensa cidade litorânea galesa. Ele estacionou seu Mondeo vermelho na estrada

Oystermouth, diretamente abaixo do alto muro vitoriano de granito, abriu a porta do motorista e rapidamente se dirigiu à entrada principal, bem no momento em

que o já previsto chuvisco gelado começou a encher o ar do céu acinzentado, ameaçando a virar neve a qualquer minuto.

O guarda corpulento de meia-idade na porta checou rapidamente o nome do

inspetor na lista de visitantes esperados, o cumprimentou entusiasmadamente e o

deixou passar sem maiores problemas, ao invés de se dedicar a prolongados procedimentos de segurança que podem acompanhar esse tipo de visita.

O Detetive Simpson andou pelo caminho da prisão como instruído até os corredores já familiares da sala de entrevista número três e esperou com uma crescente impaciência, enquanto um policial grandalhão trazia da unidade de abusos sexuais um Simon Williams extremamente relutante.

O Detetive continuou sentado atrás da pequena mesa retangular quando os dois homens finalmente entraram na sala iluminada alguns minutos mais tarde e

gesticulou ao prisioneiro para sentar-se do lado oposto a ele. Enquanto William

se sentava em um silêncio melancólico, o inspetor virou-se para o guarda, que estava de pé do lado de dentro. "Não preciso que você fique aqui, obrigado, colega. Eu dou um grito quando houver terminado, está bem assim para você?"

"Sim, sem problemas, toque a campainha na parede atrás de você quando estiver pronto."

O Detetive Simpson descansou as palmas da mão sobre o topo da mesa

imunda e olhou diretamente para Williams, que sustentou seu olhar

momentaneamente antes de repentinamente olhar para o outro lado. "Ouvi dizer que você não está gostando nem um pouco de estar aqui, Simon. As

acomodações não estão de acordo com seu padrão?"

Williams se deslocou de sua cadeira. "Que diabos você quer?"

"Estava esperando serviço de quarto, comida gourmet ou um spa?"

"Vá direto ao assunto!"

"Preciso de algumas respostas suas e você as dará a mim."

“Até parece!"

"Ouvi dizer que você está apelando e quer reduzir sua sentença. Seria uma pena se o Tribunal de Recursos soubesse que você não está cooperando de alguma forma."

"Você não irá me fazer nenhum favor seja lá o que eu te disser."

"Bem, nisso você está certo. Eu não mijaria sobre você se estivesse pegando fogo, para ser bem honesto. Mas eu te prometo uma coisa: farei tudo o que estiver em meu poder para fazer de sua vida uma miséria, se você não me der a

informação pela qual eu vim até aqui."

Silêncio.

"Não está me entendendo, Simon?"

Silêncio.

O detetive sorriu. "Vai ser assim então? Como se sentiria se tivesse que sair da ala dos pedófilos? Que tal ver como é a vida entre o resto dos prisioneiros?

Você sabe do que estou falando: os homens que não podem ficar em casa para proteger seus filhos da escória a que você pertence.

Silêncio.

"Nós conversamos com seu filho. Ele nos contou coisas bem interessantes, coisas pelas quais você ainda não foi acusado."

A cor restante do rosto de Williams se foi. "Vocês não podem fazer isso."

"Oh, eu acho que você perceberá que sim, nós podemos. Você está vendo qualquer chance de uma libertação antecipada desaparecendo diante de seus olhos? Num passe de mágica! Talvez uns quatro ou cinco anos a mais estão por

vir."

"O que você quer, seu filho da puta?"

"Ora vamos, não há necessidade disso."

"Estou esperando."

"Você levou seu filho à uma sala branca. Você se lembra disso?"

Silêncio.

"Ele foi violentado naquela sala por um homem que você se referiu como

‘Doutor’. Mais alguma coisa a me dizer?”

"Vá se foder."

"Vídeos foram feitos.”

"Foram porra nenhuma."

O detetive olhou para ele sem acreditar. "Por que negar? Nós sabemos o que aconteceu. Você o pegou de casa, vedou seus olhos durante o caminho de carro, e ele foi drogado. Pare de me encher com isso, cara. Você realmente quer ficar aqui por mais dez anos?"

Williams olhou como se fosse vomitar a qualquer momento. "O que você está me perguntando?"

"Preciso soletrar para você? Onde é a sala? Quem é o doutor?"

"De jeito nenhum!"

"Então você confirma que eles existem."

"Vá se foder. Eu não disse isso."

"Sim, você disse, Simon. Você disse."

"Não tenho mais nada a dizer."

"Quem é o médico? Onde fica a sala? Duas questões simples. Somente duas respostas e vou embora da sua vida para sempre. Sem mais nenhuma acusação, sem conversas inúteis com o juiz, sem prisioneiros repugnantes te surrando a cada oportunidade. Me parece um acordo bom, a meu ver."

Uma única lágrima correu sobre o rosto de William enquanto ele focava no teto.

"Então você prefere ficar aqui uma temporada maior, do que dar a informação que eu quero?"

Williams fechou seus olhos com força, e lentamente balançou a cabeça três vezes. "Eu preferiria ficar por mais dez anos, do que entregar aquele bastardo."

"Você soa como se realmente quisesse dizer isso. Pense e pense bem. O que

decidir agora irá moldar sua vida por um longo tempo no futuro."

"Quero voltar para minha cela."

"Te darei uma última chance. Aproveite, pois eu não voltarei aqui de novo a menos que seja para te acusar de novos abusos."

Simon Williams levantou seus pés e gritou, "Quero voltar para porra da minha cela" sua voz reverberava pura emoção.

O Detetive Simpson girou em sua cadeira, alcançou a campainha na parede

atrás dele e se levantou para sair. "Tome cuidado com o que deseja. Será uma longa estadia. Se você mudar de ideia, pegue o telefone. Sabe onde me encontrar."

Capítulo 11

O rádio relógio de Molly Mailer despertou precisamente às sete horas da manhã

da sexta-feira, dezessete de janeiro. Ela ouviu o locutor anunciar a próxima música com uma animação que não condizia com aquela hora da manhã. Rolou

na cama, puxando o edredom em volta de si, bloqueando o penetrante ar gélido

daquela manhã. Ela fechou os olhos novamente e disse a si mesma, pouco convincente, que mais cinco minutos na cama não fariam mal algum. Mas logo

aceitou o inevitável e relutantemente se arrastou para fora dela. Molly se espreguiçou, bocejou e correu para o banheiro, ansiosa para se arrumar antes que sua filha adolescente acordasse… Se Siân entrasse lá primeiro, a espera demoraria uma eternidade. Molly lavou suas mãos e seu rosto com um sabonete

simples sem-cheiro e água, escovou seus dentes e passou uma escova em seu cabelo castanho avermelhado emaranhado. Depois de um ou dois segundos

olhando no espelho, ela resolveu passar um batom rosa sutil, em uma tentativa ousada, porém não bem-sucedida, de melhorar sua autoestima esfacelada. Ela teria rapidamente voltado para a cama para se esconder do mundo, mas sua voz

interna disse para parar de sentir pena de si mesma e encarar o seu dia… Era um

dia importante. Anthony precisava de ajuda. Todos eles precisavam de ajuda.

Com alguma sorte, Dr. Galbraith seria o homem certo a providenciar isso.

Molly decidiu saborear sua caneca de chá antes de acordar as crianças… Ela

tinha tempo suficiente para fazer isso e além disso um sono extra não os prejudicaria. Por que não ligar o rádio na cozinha e preparar uma bebida quente?

Ela colocou o saquinho de chá de hortelã em sua xícara, adicionou água quente e uma generosa colher de mel, agitou o saquinho com uma colher de chá

e adicionou algumas gotas de água fria antes de olhar o relógio. Tomou um grande gole e relutando, colocou a caneca de lado decidindo acordar as crianças

porque já estava ficando tarde.

"Hora de acordar, vocês dois. O Papai vai passar para nos pegar em uma hora. O café-da-manhã será servido em cinco minutos."

Anthony gritou, "Obrigada, Mãe" e de repente apareceu de seu quarto completamente vestido. Molly escolheu ignorar as reclamações e resmungos saindo do quarto de sua filha adolescente… A reação de Siân poderia ser bem pior do que aquilo.

Molly deu mais dez minutos à Siân antes de finalmente voltar em direção das

escadas e bater repetidamente na porta de seu quarto.

"Você está acordada, amor? O banheiro está livre."

"Eu tenho mesmo que ir, Mãe?"

Molly respirou fundo e começou a contar até dez… Tenha paciência, Molly.

Tenha paciência. "O médico quer nos ver juntos, amor. Nós já conversamos sobre isso ontem à noite, não foi? Eu realmente não tenho tempo para isso agora."

"Está bem, está bem. Eu entendi."

Molly colocou quatro fatias de pão branco na torradeira, ligou a chaleira pela segunda vez e colocou duas caixas de cereais e uma caixa de leite fresco sobre a mesa da cozinha. Anthony amava cereais açucarados, mas Siân havia começado a comer granola com leite desnatado toda manhã, parte de uma resolução de Ano Novo para perder peso que ela definitivamente não precisava perder.

Molly encheu um copo com água da torneira e tomou um grande gole refrescante… Deveria ligar para o Mike? E se aquela vagabunda atendesse? Ela bem que podia passar sem essa, ainda mais naquela manhã em específico… Será que o Mike seria realmente capaz de esquecer aquele compromisso tão importante?

Ela bebeu toda a água de uma só vez… Ele era um idiota. Era realmente possível que ele esquecesse, se estivesse focado em outras coisas.

O telefone tocou e tocou antes que Molly finalmente ouvisse a voz familiar de Mike dizer "Alô". Molly fechou seus olhos e rezou em silêncio agradecendo que não foi a Tina que atendeu. "Você se lembra que irá nos levar até a clínica às dez, Mike?"

"Eu não esqueci, Molly. Estava me arrumando."

"Então agora é "só" Molly? O que aconteceu com o "Mo" ou "amor"?

Aposto que aquela maldita vagabunda está ouvindo. Não quero criar problemas para vocês."

"Por favor, Molly, agora não. Eu vou falar com ela sobre nós, eu juro."

"Oh, desculpe, não entendi direito, Mike. Parece que você está sussurrando."

"Molly, chega, já entendi! Nós podemos conversar mais tarde, depois da consulta, se ainda quiser. Preciso levar alguma coisa?"

"Não, Mike, só não se atrase, pelo menos uma vez na sua vida."

"Tudo bem com vocês dois? Já terminaram o café da manhã?"

Anthony tinha acabado de terminar sua segunda tigela de Sugar Puffs e estava tomando seu suco gelado de maçã mesmo no inverno. "Posso assistir televisão, Mãe?"

"Sim, pode sim, Cariad, mas por favor seja rápido. O Papai chegará em

breve. E você, Siân, quer um chá?”

Siân se levantou da mesa e atirou o saquinho de chá dentro da sua caneca sem responder. Molly notou o tamanho da minissaia… Mais uma batalha a ser adiada. Siân estava cooperando e por enquanto aquilo já era suficiente. "Leve o que precisa para a escola, amor… O Papai vai te levar até lá depois do médico.”

"O que o médico irá realmente fazer, Mãe?"

Molly fez uma pausa antes de responder. "Eu realmente não sei, para ser bem honesta, amor… Dra. Procter não falou muito sobre isso. Mas tenho certeza que

Dr. Galbraith nos ajudará a lidar com todas as coisas… Vamos, amor, termine de

se arrumar. O Papai estará aqui em torno de dez minutos."

Siân olhou fixamente para o chão. "Ele não vai trazer aquela vagabunda com

ele, vai Mãe?" Molly não conseguiu conter o sorriso. "Não, amor, a vagabunda não virá."

Mike Mailer estacionou seu novo e brilhante Ford Escort XR 3 branco

conversível do lado de fora do chalé de pedras galesas que ele um dia havia dividido com sua esposa e crianças. Ele fez um empréstimo para pagar o carro

com algumas vantagens por ser empregado do banco, depois que a Tina o convenceu de que era a hora de ele priorizar suas necessidades sobre as de Molly

e das crianças. Mike acabou cedendo, ainda que apreensivo com o resultado…

Que diabos a Molly iria dizer quando ela visse o carro pela primeira vez? Ele não tinha dado muito dinheiro às crianças como deveria, devido aos pagamentos

do empréstimo. O que quer que ele falasse, não seria bacana. E o que ele responderia? O que ele poderia dizer? Ele estava errado. Era óbvio para qualquer um.

Mike desligou o motor… Ele deveria bater na porta da frente ou somente buzinar e esperar?

Ele ia abrir a porta do carro, mas mudou de ideia quase que imediatamente e

pressionou a buzina três vezes… Ele não tinha coragem de entrar na casa que tinha tão recentemente sido seu lar.

Alguns segundos depois, Molly saiu do chalé, seguida por Anthony e

finalmente Siân, que vinha por último arrastando seus passos. Mike sentiu como

se as espadas de Dâmocles estivessem acima dele enquanto sua família descia o

caminho de concreto quebrado em direção à sua recente extravagância. Ele saiu

prontamente e abriu ambas as portas antes de conduzir as crianças para dentro dos assentos traseiros, ligeiramente apertados. Ele respirou fundo… Talvez ele conseguisse evitar uma discussão, mas provavelmente não. Quem ele estava tentando enganar? Havia uma tempestade vindo em sua direção.

"Vocês estão todos bem arrumados e elegantes."

Anthony sorriu, Siân não respondeu nada e Molly fixou seu olhar acusador sobre ele, deixando-o absolutamente sem dúvidas de como ela estava se

sentindo… Em algum ponto em um futuro não tão distante, ela iria soltar tudo isso. Não poderia ser evitado a longo prazo, mas poderia ser evitado agora.

Mike virou a chave, o motor veio à vida e eles começaram sua jornada com

todos sentados em um silêncio apreensivo. Ele tentou começar uma conversa

com seus filhos várias vezes, mas parecia que ninguém estava afim de conversar.

Demorou vinte intermináveis minutos até alcançarem seu destino. Havia

somente outros dois carros no estacionamento quando eles chegaram, bastante espaço para o conversível. Mike estacionou ao lado da luxuosa limusine do Dr.

Galbraith e brincou "Carro bacana, aposto que é do doutor" em sua última tentativa malsucedida de aliviar o humor insidioso. Ninguém se moveu um centímetro sequer, até que Molly dissesse: "Vamos lá. Não queremos nos atrasar.

Para fora, vocês dois."

Dr. Galbraith assistia da janela de seu consultório enquanto os Mailers atravessavam o estacionamento. Ele olhava para a família, mas só via mesmo o

Anthony. Ele focou em sua futura vítima como se ele estivesse presenciando o maior espetáculo de sua vida… cabelo ruivo curto, um pouco repugnante? Não,

não, o estilo combinava com ele. E ele era alto para sua idade. E era magro.

Eram boas características, não eram? Sim, sim, claro que eram. Claro que eram.

Seria perfeito.

Ele pressionou seu rosto contra a persiana e seu nariz tocou o vidro… venha,

seu fedelho… Venha para dentro. Venha para dentro.

Molly abriu a porta pesada e dirigiu-se timidamente à brilhante clínica, seguida pelo resto da família Mailer. Sharon Breen, secretária e recepcionista, levantou-se de sua mesa e sorriu: "Vocês devem ser a família Mailer. Por favor, sentem-se. Dr. Galbraith não irá demorar. Ele não gosta de deixar seus pacientes esperando."

Molly disse: " Obrigada". O breve diálogo havia se acabado e o silêncio reverberou por toda a sala.

Cinco minutos depois, a família Mailer ainda estava esperando pelo

atendimento concentrada em seus diversos estágios de ansiedade. Sharon

levantou seus olhos com um sorriso de remorso genuíno. "Desculpe-me por isso.

O doutor não deve demorar muito mais. Deve estar fazendo algo muito

importante."

Molly reconheceu sua compaixão com um sorriso forçado que rapidamente

desapareceu, mas não respondeu.

Na realidade, Dr. Galbraith não estava fazendo nada, exceto esperando e assistindo os segundos tiquetaqueando no relógio de parede. Ele fazia questão de nunca ver uma família até exatamente dez minutos depois que a hora marcada tivesse transcorrido… Ele odiava cada minuto torturante, mas reforçava sua importância e ainda mais, seu poder. O sacrifício valia a pena.

Ele checou as horas em seu relógio Cartier, endireitou sua gravata com estampa de desenho animado, fechou o zíper de sua calça, esperou sua ereção diminuir e amaldiçoou a palpitação em sua cabeça… somente oito minutos haviam se passado, será que conseguiria esperar mais dois? Por que ele estava se esforçando tanto? Ele sempre tinha manejado bem a antecipação no passado. O

que mudou? Por que infernos, ele não conseguia fazer mais isso agora?

O doutor piscou repetidamente e limpou o suor de sua testa com a manga da

camisa, deixando manchas úmidas no punho… ele estava perdendo seu talento?

Não, não, claro que não. Ele passou a mão pelo seu cabelo curto escuro e ergueu

seus pés… Ele não conseguia esperar mais dois minutos sequer. O pirralho era especial. Tinha que ser. Que outra explicação teria?

Dr. Galbraith fechou os olhos momentaneamente em silenciosa meditação…

Vamos lá, homem. Foco. Hora do jogo.

Ele abriu a porta de seu escritório, permaneceu de frente para a família, sorriu, se apresentou e deu a mão a cada um deles. "Sejam bem-vindos. É

maravilhoso ver a todos. Por favor, aceitem minhas desculpas por deixá-los

esperando. Foi algo de emergência, inevitável. Tenho certeza que a Sharon cuidou bem de vocês. Por favor, acompanhem-me até o meu consultório. Com certeza teremos todos uma manhã extremamente produtiva."

Dr. Galbraith assistia com uma atenção ansiosa a maneira com que os

Mailers entraram em seu consultório… A vagabunda da mãe tomou a liderança

enquanto entravam. Aquilo era digno de nota. Sem dúvidas ele conseguiria usar

isso em sua vantagem.

Ele se sentou na cadeira que havia posicionado no centro da sala e apontou à

família as cadeiras posicionadas em semicírculo para que se sentassem, de maneira que cada um deles pudesse encará-lo. A cadeira do doutor era maior e

mais alta do que as outras.

Molly se sentou imediatamente à esquerda do médico, com Anthony ao lado

dela. Ele rapidamente puxou a cadeira mais próxima à da mãe e agarrou-se fortemente ao seu braço. Mike sentou-se à direita do médico com Siân ao seu lado. Quando eles estavam finalmente acomodados em seus assentos, Dr.

Galbraith falou pausadamente pronunciando cada palavra. "Vocês devem ter notado as câmeras de vídeo e os microfones." Ele apontou pomposamente para a câmera instalada no canto da sala e aos dois microfones em cada parede. “Acho

muito útil gravar todas as consultas e a maioria das sessões terapêuticas. Tenho um equipamento parecido instalado na sala de terapia, que lhes mostrarei depois.

É uma parte essencial do processo. Então, vocês não têm objeções, eu

presumo…"Seu tom sugeriu fortemente que aquilo era mais uma verdade absoluta do que propriamente uma pergunta.

Os membros da família olharam uns para os outros envergonhadamente, mas

ninguém disse nada.

"Senhora Mailer, presumo que esteja de acordo."

Molly balançou sua cabeça docilmente.

Dr. Galbraith sorriu… claro que ele não tinha perdido o jeito. Mas com que diabos ele estava preocupado? As coisas ainda estavam andando do seu jeito.

O médico ficou em silêncio por um segundo ou dois antes de elucidar seus pensamentos "Vamos começar, primeiramente, do modo como devemos proceder para poder continuar. Senhor Mailer, sente-se ao lado da senhora Mailer. Siân, fique onde você está, minha querida. Anthony, você pode sentar próximo de mim." Ambos os pais acharam muito bizarro começar uma consulta assim, mas nenhum dos dois expressou seus pensamentos: Mike por não querer fazer esforço algum e Molly por não querer parecer hostil em relação aos interesses do bem-estar de seu filho.

Anthony olhou para Molly com lágrimas nos olhos. "Mamãe, quero me sentar perto de você." Molly franziu a testa pouco convincente. "Tudo vai ficar bem, Cariad. Ouça ao doutor. Estou bem aqui do lado do Papai."

Assim que Molly se levantou de sua cadeira com a intenção de confortar Anthony, que estava sentado bem na ponta de sua cadeira com lágrimas rolando sob seu rosto sardento, Dr. Galbraith levantou sua mão direita como se fosse um policial impedindo o trânsito. Abriu a gaveta da mesa atrás dele e pegou um saco de balas de limão. Ele ficou de pé encarando Anthony e ofereceu a ele um doce.

Anthony olhou para longe, encontrou os olhos de sua mãe e sacudiu sua cabeça relutantemente. O doutor sentou, moveu sua cadeira para frente, pegou uma bala do saco, a desembalou lentamente, colocou-a em sua boca e a sugou de um jeito exagerado, que divertiu Anthony apesar de suas lágrimas.

"Mmm… delicioso, absolutamente delicioso!" Ele ofereceu o pacote pela segunda vez. "Vamos, pegue uma. Pegue uma. Você não vai se arrepender.”

Anthony pegou uma, mas não a desembalou.

Dr. Galbraith pegou três balas do pacote e deu um para Molly, Mike e Siân.

"Vamos lá. vamos todos comer uma bala. Não consigo resistir." Ele se sentou sem falar até que cada membro da família abrisse suas balas, as colocassem na

boca e começassem a saboreá-las. Ele colocou sua mão aberta sobre o ombro de

Anthony e a manteve ali por um ou dois segundos. "E então, o que você diz,

Anthony? Legal, não?" Anthony balançou a cabeça e sorriu abertamente pela primeira vez desde que chegou à clínica.

O doutor fez o mesmo. "O que você me diz, Mãe? Legal?"

Molly olhou para Anthony… ele estava sorrindo. Ele parecia mais aliviado.

Ele obviamente gostava do doutor. O psiquiatra estranho com seu método não-

convencional realmente parecia saber o que ele estava fazendo.

"Senhora Mailer?"

Molly sorriu e disse, "Muito legal."

Dr. Galbraith riu. "Tudo certo, mamãe. Tudo certo."

Nem Mike ou Siân sabiam exatamente o que pensar e ficaram em silêncio.

Dr. Galbraith sorriu em direção de cada um dos membros da família por vez.

"Certo, vamos continuar. Sua médica geral, Dr. Procter, me pediu para ver a família de vocês porque o Anthony precisa de ajuda. Ele precisa de minha ajuda

urgentemente. Vocês devem estar se perguntando o porquê de eu ter marcado essa consulta exigindo o comparecimento de todos nesta manhã." Ele fez uma pausa por um segundo ou dois, considerando cuidadosamente a escolha de suas

palavras e continuou: "A experiência me ensinou que na maioria dos casos, é melhor que eu conheça a família do paciente, para poder compreender melhor os

problemas da criança. Se eu compreendo completamente a família e toda a complexidade envolvida, eu consigo entender melhor a criança." Ele pausou de novo e de um modo forçado, proferiu suas palavras como se elas não tivessem

grande significância: " Eu precisarei claro, ver o Anthony privadamente em algum ponto em um futuro próximo, se a terapia for bem-sucedida."

A ansiedade da Molly à essa colocação ficou claramente estampada em seu

rosto. "Não vamos nos preocupar com isso agora, Senhora Mailer. Não há nada com que se preocupar, absolutamente nada. Nós iremos nos conhecer uns aos outros devidamente bem antes disso."

Molly ainda não havia respondido, mas estava obviamente claro, pela sua expressão ansiosa, que seus receios ainda não haviam sido adequadamente aliviados. Dr. Galbraith olhou em seus olhos e deu um sorriso comprometido.

"Oh, vamos lá, Molly. Está tudo certo! Se eu puder te chamar de Molly, claro…"

Molly concordou balançando a cabeça… Ela estava começando a se

acostumar ao doutor bem arrumado e seus métodos não convencionais. "Vamos

aos procedimentos. Eu li a carta de referência da Dra. Procter com bastante interesse e tenho um conhecimento básico dos fatos. Seria extremamente útil, no

entanto, se cada um de vocês fizesse um esboço dos eventos que os trouxeram até a minha sala no dia de hoje. Com suas próprias palavras. Então falem!"

Por uma hora ou mais, Dr. Galbraith fez perguntas a cada um dos membros

da família de cada vez, construindo uma história detalhada de todos os eventos

que levaram às questões comportamentais de Anthony. Quando a conversa ameaçava parar ou se tornar calorosa demais, Dr. Galbraith fazia a conversa fluir com um sorriso, palavras reconfortantes ou com a oferta entusiasmada de outra

bala.

Ao final, Dr. Galbraith se levantou e sorriu, focando primeiramente em Molly. "Obrigado por todas as contribuições. Vocês foram maravilhosos. E

podem ficar orgulhosos de si mesmos. Senhor Mailer, ou poderia chamá-lo de Mike? Acredito que você não esteja achando esse processo fácil. Você está na linha de fogo, por assim dizer. Não é fácil de se livrar do sentimento de culpa."

Ele riu." Por suas frases, gestos e expressões faciais, eu acredito que você duvide do poder da psicanálise e está aqui mais para agradar sua esposa do que para se

engajar no processo terapêutico. Nada com que se preocupar. Afinal, é por seu crédito que você decidiu vir."

Mike sorriu timidamente e balançou a cabeça… O doutor tinha acertado em

cheio.

"Molly, minha querida, eu acredito que você tenha achado essa manhã um pouco aliviadora. Uma parte significante sua gostou de contar a sua história.

Tirando isso tudo de dentro do peito. Nada de errado com isso, minha querida.

Nada, de forma alguma! Você está ferida, disso não tenho dúvidas. Você teve que

lidar com o sentimento de abandono, raiva e desapontamento, enquanto

continuava a cuidar de suas crianças traumatizadas. Tais coisas nunca são fáceis.

É mérito seu que esteja disposta a perdoar o seu marido, com certas condições,

lógico. Condições que ainda estão para serem preenchidas." Ele sorriu. "Perdão tem uma grande capacidade de cura, mesmo nas mais difíceis das situações. Seu

óbvio comprometimento com o bem-estar de Anthony e sua necessidade de

tratamento pagarão sem dúvida os dividendos no decorrer do curso. Obrigada, minha querida."

Siân, minha flor, estou certo de que concordará que na sua idade os pais têm

uma certa tendência em ser altamente constrangedores nos piores momentos.

Todas essas coisas devem ter sido verdadeiramente insuportáveis para você.

Você quer ver seu irmão melhor, isso está claro para mim, mas ficará sem dúvida

aliviada ao me ouvir dizer que eu não precisarei vê-la novamente. Ter você aqui

hoje foi realmente muito útil. Obrigado, querida."

O doutor sorriu para Anthony, deu-lhe outro doce e direcionou-se para a família inteira. "O caso de Anthony é extremamente complexo. Quando os pais decidem se separar, uma criança pode sentir-se como se seu pequeno mundo tivesse virado de cabeça para baixo. É claro que ele foi. É um estado que gosto

de me referir como Ansiedade da Separação. Anthony está na idade onde um corte na família como esse tende a ser particularmente traumático. Ele está se

esforçando para aceitar a partida de seu pai. Isso é óbvio para todos. Expressar sua tristeza junto a uma pessoa de confiança em um ambiente seguro vai ajudá-

lo muito a entender seus sentimentos. Eu o ajudarei a fazer isso. O Anthony, vocês precisam entender, está cheio de emoções conflitantes e confusas que explorarei com ele em um contexto terapêutico seguro.

Molly, minha querida, você sem dúvidas ficará feliz em ouvir que já está fazendo a maioria das coisas corretamente. Anthony se sente seguro em seus cuidados e como resultado, você é quem tem que lidar com seu comportamento.

Tente não se preocupar muito com isso. Mais fácil falar do que fazer, eu sei. Mas conforme o processo terapêutico progride, as coisas vão melhorando. Talvez haja

uma piora em seu comportamento a curto prazo, claro. Mas, se for o caso, não há

motivo para se preocupar. "

Molly sorriu nervosamente e se ajeitou em sua cadeira.

Dr. Galbraith foi recíproco e fez uma expressão pensativa: "Como posso explicar isso melhor? Ah sim, é como sacudir uma garrafa de refrigerante e tirar a

tampa." Ele riu. "Uma tremenda bagunça a princípio, mas depois as coisas se acalmam. Tenho certeza de que será o caso de Anthony. Vai levar um tempo, claro… Não tenho dúvidas disso. Mas, é absolutamente essencial que Anthony complete o tratamento todo. Eu realmente preciso deixar isso bem claro."

O doutor se virou para Anthony. "Posso apenas me desculpar por toda essa coisa de adulto, jovenzinho. Nada com que se preocupar. Nada, de jeito nenhum! Você tem vivido tempos difíceis, meu menino. Mas as coisas irão melhorar daqui para a frente. Veja em mim um amigo. Alguém com quem possa falar sobre tudo o que te preocupa. Nos encontraremos aqui e às vezes em casa."

Molly se enrijeceu e fixou seu olhar. "Em sua casa?"

Dr. Galbraith se virou para encará-la: "Eu atendo meus pacientes em casa em raras ocasiões, se eu considerar que eles precisem de mais do meu tempo do que os horários cheios da clínica permitem. "Esse pode ou não ser o caso de Anthony."

Molly balançou a cabeça, concordando nervosamente… Seria o Tony uma dessas crianças?

O doutor focou novamente em Anthony, que estava ficando entediado conforme a sessão progredia. "Então, está vendo Anthony? Nós nos conheceremos extremamente bem."

Dr. Galbraith fez uma breve pausa e sorriu. "Eu mostrarei a todos a sala de terapia em alguns instantes. Mas há uma questão importante que eu gostaria de colocar antes." Ele pegou uma pasta cinza de sua mesa e entregou uma folha avulsa a cada membro da família. "O que vocês têm em mãos é um contrato terapêutico que confirma o seu comprometimento em se engajar por completo ao processo em nome do benefício de Anthony. Vamos falar mais sobre isso: 1. O

Senhor e a Senhora Mailer irão assegurar que Anthony chegue pontualmente em cada uma das consultas.

2. As consultas do Anthony serão priorizadas acima de tudo;

3. O Senhor e a Senhora Mailer concordam em seguir o plano de tratamento;

4. O Senhor e Senhora Mailer concordam com o fato das sessões terapêuticas serem gravadas quando considerar-se apropriado pelo Dr. Galbraith.

5. O Senhor e Senhora Mailer concordam com o Anthony ser visto em qualquer espaço considerado apropriado pelo Dr. Galbraith

6. O Senhor e Senhora Mailer irão assegurar que Anthony complete seu tratamento;

7. Dr. Galbraith tratará as necessidades terapêuticas de Anthony da melhor forma possível.

Me desculpe se isso parece extremamente formal, mas a experiência me ensinou que é essencial que nós todos entendamos apropriadamente a natureza dessa intervenção. Já tive vários casos onde os pais não se comprometeram por completo ao processo, às vezes com trágicas consequências." Ele sorriu de orelha a orelha. Depois de conversar com vocês durante toda a manhã, tenho certeza de que não serão uma dessas famílias desafortunadas. Vocês entendem? Agora é o momento para dizer se há algo que requer algum esclarecimento."

Molly e Mike balançaram suas cabeças em um acordo silencioso.

"Ok, parece que estamos todos de acordo aqui. Vou recolher as folhas e todos poderemos assinar a cópia original." Ele entregou à Molly uma pasta e a caneta:

"Você assina primeiro, minha querida, e todos podem fazer do mesmo modo."

Molly estava quase assinando, mas hesitou.

Dr. Galbraith piscou repetidas vezes com a pressão em sua cabeça que

repentinamente cresceu até sentir um calafrio… Que inferno aquela vagabunda estava pensando? "Há algo errado, minha querida?"

"Estava somente pensando o que significa ‘outros locais’."

"Oh, nada com que se preocupar, minha querida. Eu talvez tenha que ver o

Anthony na escola por exemplo, ou no consultório em minha casa como

mencionei anteriormente. E, uma vez ao ano, nos meses de verão quando estiver

mais quente, eu levo um grupo de meninos para acampar com outros colegas. É

uma terapia chamada tratamento intermediário. Se mostra surpreendentemente efetiva; nós todos nos divertimos bastante. Mas nós não devemos nos preocupar

sobre isso nesse estágio, devemos Molly?" Ele riu. "Nós não acamparemos

durante o inverno galês. Está muito frio para isso."

Molly assinou, seguida por Mike, Siân e finalmente Anthony, que escreveu

seu nome em letras de forma.

Dr. Galbraith pegou a pasta e a caneta dele e assinou o acordo com

exuberância. "Obrigado, Anthony. Você fez um trabalho excelente, meu jovem.

Eu pedirei à Sharon que faça algumas cópias para cada um de vocês para levarem-nas consigo. Agora então, deixe me mostrar a sala de terapia antes que

marquemos a próxima consulta."

O doutor se levantou rapidamente, com a intenção de evitar qualquer discussão e se aproximou da sala de terapia, localizada somente a alguns metros de onde eles estavam sentados. Quando eles todos se juntaram na entrada, Dr. Galbraith apontou para a pequena lâmpada vermelha sobre a porta. Quando as sessões terapêuticas estão em andamento, elas não devem ser interrompidas sob qualquer circunstância. Isso é de suma importância."

Depois de uma pausa para dar ênfase à importância do que tinha dito, ele finalmente abriu a porta. A sala fora pintada de amarelo vivo e brilhante e tinha murais coloridos de personagens de desenhos animados nas quatro paredes. Havia grandes pufes azul-escuros e vários brinquedos espalhados pelo chão. Uma câmera de alta tecnologia estava posicionada ao alto em um canto da sala e a televisão contra a parede oposta à porta. O tour durou somente uns dois minutos, mas serviu para seu propósito de levar a sessão ao seu final sem levantar mais questões inúteis.

Os Mailers seguiram Dr. Galbraith até a recepção onde Sharon ainda estava trabalhando em sua mesa. Ela olhou para cima e sorriu comprometidamente: "O que posso fazer por você, Doutor?"

Dr. Galbraith se levantou "Agora, Sharon minha querida, o Anthony precisa de outra consulta assim que possível."

Sharon virou as páginas de sua agenda. "Receio que não há nada livre até às dez e meia do dia trinta e um do próximo mês…"

O médico balançou sua cabeça vigorosamente, desesperadamente tentando clarear sua mente e pensar… foco, homem, foco.

Ele forçou um sorriso escasso. "Não pode ser. Não pode ser." Ele encarou

Sharon com seus olhos suplicantes. "Tem que haver uma consulta mais cedo."

Sharon recuou em sua cadeira com uma expressão assustada.

Muito urgente, cara. Muito, muito urgente; a atmosfera na sala havia

mudado. Havia uma tensão inegável no ar. Sharon estava visivelmente tensa.

Isso não era bom. Isso não era bom de maneira alguma. Estaria ele correndo o

perigo de ter tudo destruído? Ele tinha que dizer alguma coisa. Ele tinha que recuperar a situação. Diga alguma coisa, cara. Vamos, diga algo. "Eu peço

desculpas se pareço um pouco irritado…" Não era um mau começo.

Ele sorriu ansiosamente, parecendo levemente maníaco. “O Anthony precisa

da minha ajuda. Ele precisa de ajuda urgente…" Ele já não havia dito isso antes?

Foco, cara! Pelo amor de Deus, foco. "Não quero atrasar a terapia de jeito nenhum. Não seria do interesse do Anthony. Olhe novamente, por favor Sharon.

Não podemos decepcionar esse jovenzinho." Ele relaxou conforme a pressão em sua cabeça também diminuía… Ele já tinha voltado ao normal.

Sharon virou as páginas desesperadamente. "Mil desculpas, Doutor. Não há

realmente nada livre até essa data. Os horários estão lotados."

Ele contorceu seu rosto, com os músculos de sua face implacavelmente

rígidos e uma dor violenta como uma facada explodiu em sua cabeça… duas malditas semanas eram muito longas. Muito, muito longas.

Ele esfregou sua testa com um lenço de linho branco tirado de seu bolso da

calça e sentiu seu coração palpitando em seu peito e o sangue aumentando em suas veias… Eles poderiam ouvir com toda certeza. Não, não fazia sentido nenhum. A máscara estava caindo. Tire-os daqui. Tire-os daqui o mais rápido possível. "Nesse caso, Sharon, teremos que marcar no dia trinta e um. Terá que ser. Terá que ser assim. Tenho certeza que vocês cuidarão bem de nosso paciente

até lá, não é Mamãe?"

Molly sorriu e balançou a cabeça com entusiasmo renovado… se o doutor acha que é muito urgente talvez Tony precise de muito mais ajuda do que o que

ela imaginava.

Dr. Galbraith falou uma última vez quando a família estava de saída, "Eu não precisarei vê-los todos na próxima vez. Se você trouxer o Anthony, Molly, os verei juntos rapidamente e então seria extremamente benéfico passar algum tempo sozinho com Anthony. Estarei ansioso para vê-lo em duas semanas."

Molly colocou seu braço ao redor do ombro de Anthony e o guiou em

direção à saída. "Obrigada, Doutor. Nos veremos em breve, então."

Dr. Galbraith sorriu enquanto o barulho ensurdecedor dentro de sua mente se

reduzia a um mero ruído… Ele ainda não tinha perdido o jeito. Ele estava bem.

Ele estava de volta ao controle. A vagabunda da mãe não suspeitou de nada. "De nada, minha querida. Estarei esperando ansiosamente."

O tráfego foi surpreendentemente tranquilo na viagem de volta. Mike deixou

Siân na escola como planejado e antes do esperado ele estava estacionando seu

conversível do lado de fora da casa da família Mailer. Cada um deles estava de

alguma maneira perdidos em seus próprios pensamentos durante a jornada de volta e ninguém falou muito, com exceção de Anthony, que estava feliz de ter ambos os pais no mesmo espaço ao mesmo tempo.

Mike saiu do carro primeiro, e imediatamente correu ao redor da máquina para abrir a porta do lado dos passageiros… Se ele conseguisse fazer isso rapidamente, ele evitaria irritar a Mo mais do que ele já havia feito. Ele provavelmente não conseguiria, mas valeria a pena tentar: "Vamos nos levantar, pessoal. Para Fora! Eu preciso trabalhar."

Molly sabia exatamente o que ele estava fazendo, mas decidiu deixar isso de

lado… marcar outros pontos poderiam esperar por uma outra vez. O dia já havia sido estressante o suficiente.

Capítulo 12

"Eu sei que você já fez entrevista gravadas em vídeo antes, Donna, mas eu vou resumir rapidamente o que nós iremos fazer. Nós vamos realizar uma nova entrevista devido às novas coisas que você disse ao Alan em seu lar adotivo. Há alguma coisa que queira nos perguntar antes de começarmos?"

A menina de oito anos, Donna Bevan, balançou sua cabeça e disse: "Não."

"Tudo bem, Donna. Vá até a sala de entrevista com Alan e acomode-se. Eu ligarei o equipamento de gravação na sala de controle que eu te mostrei da última vez e estarei com vocês em um ou dois minutos, ok?”

Donna concordou com a cabeça, entrou na minúscula sala retangular azul com a câmera montada em uma de suas paredes e microfones de alta-captação, e sentou num pufe roxo grande.

Alan Garret se sentou do lado oposto à garotinha, notou que ela estava tremendo e sorriu… Crianças não deveriam ter que passar por merdas desse tipo.

"Ela não vai demorar muito, Donna. Você já sabe como as coisas funcionam. Assim que a Pam se juntar a nós, ela dirá quem nós somos por causa da gravação e te perguntará o que aconteceu. É importante não se sentir pressionada e tentar responder as perguntas que você realmente não souber a resposta. Diga somente que não sabe. E estará tudo bem. Talvez te perguntem no tribunal sobre alguma coisa que você diga hoje, caso os homens sejam processados. Entendeu?"

Os músculos do rosto da menina ficaram visivelmente tensos enquanto ela franzia as sobrancelhas. "Sim, entendi."

A policial Pam Forsyth entrou na sala, fechou a porta e se sentou ao lado do

experiente assistente social em um sofá de tecido preto de dois lugares. Ela olhou nos olhos de Donna, sorriu e balançou a cabeça. "Tudo certo, Donna. Se estiver pronta, nós já podemos começar."

A garotinha se ajeitou desconfortavelmente no pufe, forçou um sorriso

tímido e disse: "Ok" com uma voz baixa transbordando emoção. "São quinze horas e vinte e três minutos da sexta-feira, dia dezessete de janeiro de mil novecentos e noventa e dois. Estão presentes: a policial detetive Pam Forsyth, o assistente social Sênior de proteção infantil credenciado Alan Garret e a entrevistada Donna Bevan, data de nascimento: Onze de janeiro de mil

novecentos e oitenta e cinco. Você quer nos perguntar alguma coisa antes de começarmos, Donna?"

A garota fechou seus olhos e rapidamente os reabriu. "Não, obrigada."

"Se eu dissesse que estou usando um vestido vermelho, seria uma verdade ou

uma mentira?"

"Uma mentira."

"E se eu dissesse que estava usando um moletom azul, jeans e tênis, seria uma verdade ou uma mentira?"

A garota sorriu de novo, mais convencida dessa vez. "A verdade!"

"É muito importante que tudo o que você nos diga hoje seja verdade, Donna.

Você entendeu?"

Ela balançou a cabeça concordando e disse: "Sim."

"Então vamos continuar. Estou certa em dizer que aproximadamente às sete e

meia da noite de ontem você disse ao Alan que você foi violentada por vários homens, incluindo o seu pai?"

A resposta da garota foi quase inaudível.

"É importante falar um pouco mais alto. Você disse sim?"

A resposta dela foi mais alta dessa vez. "Sim."

"Muito melhor, assim conseguimos ouvir sua resposta bem clara dessa vez."

"OK."

"Vamos precisar falar dos detalhes do que eles fizeram com você mais tarde, Donna. Mas primeiro quero fazer algumas perguntas sobre o que aconteceu. Se

você precisar de uma pausa a qualquer momento, é só dizer."

"OK."

"Você se lembra quantos homens te violentaram?"

"Muitos!"

Alan Garret respirou profundamente, surpreendido pela expressão

aterrorizada da menina… Será que ela seria capaz de continuar?

"Não tenha pressa, Donna. Sei que isso não é fácil."

Pam Forsyth olhou em seus olhos.

"O Alan tem razão, Donna. Não tenha pressa. Não há absolutamente

nenhuma razão para isso. Nós podemos esperar o quanto for necessário."

A respiração da garota tornou-se mais inconstante.

"Ok."

"Quantos você acha?"

"Eu não sei."

"Menos do que cinco ou mais do que cinco?"

Ela ergueu seus joelhos e abaixou sua cabeça, parecendo menor. "Mais do que cinco!"

"Menos do que dez ou mais do que dez?" Ela abraçou seus joelhos fortemente contra seu peito e fechou seus olhos. “Mais, eu acho."

"Mas não consegue afirmar com certeza?"

"Não."

"Me desculpe, Donna, eu quase não consegui ouvir."

"Não."

"Quando essas coisas aconteceram?"

"Elas têm acontecido desde quando eu consigo me lembrar. Só parou quando

eu vim morar com meus pais adotivos."

"Quantos anos você tinha quando aconteceu pela primeira vez?"

"Não me lembro. Muito pequena, eu acho."

A policial franziu a testa. "Com que frequência aconteceu?"

"Muita!"

"Toda semana, ou todo mês ou todo ano?"

"Depende."

"O que você quer dizer com isso?"

"Às vezes acontecia toda semana quando uns homens vinham em casa. Mas

nós éramos todos levados para a fazenda duas ou três vezes ao ano."

"Quando você diz nós, a quem exatamente você se refere?"

"A mim, meu irmão e irmã, e muitas outras crianças!"

A policial respirou fundo. "Vamos falar mais sobre isso depois, Donna. Mas primeiro preciso entender um pouco mais sobre como as coisas aconteceram. Tudo bem?"

Ela sacudiu a cabeça sem ânimo. "Acho que sim."

"Pode nos contar mais sobre a fazenda?"

"O papai costumava nos levar até o clube de animais de estimação."

"Como? Clube de animais de estimação?"

"Era assim que o médico disse para nós chamarmos. Todos chamavam assim."

"Quem é o médico?"

Silêncio.

"Você sabe o nome do médico, Donna?"

Donna olhou para o chão e suspirou, "Sim."

"Qual é?"

"Eu tenho que dizer?"

Vamos, garota. Isso é importante. "Seria muito útil se pudesse."

"Mas e se ele descobrir que eu contei para você?"

A pobre menina estava absolutamente aterrorizada.

"Nós podemos garantir que você está segura, Donna."

"Eu não tenho certeza…"

"Você não tem certeza do nome dele ou não tem certeza se deveria dizer?"

Ela sacudiu sua cabeça lentamente e deliberadamente, e piscou quando o sol da tarde brilhou por entre as nuvens e encheu a sala com o sol de inverno. “Não tenho certeza se eu deveria dizer."

A policial ajustou as cortinas azul-escuro. "Isso é muito importante, Donna."

Ela não respondeu por um ou dois segundos e então sussurrou, "Dr. Galbraith" bem baixinho.

"Você disse Dr. Galbraith?"

Silêncio.

"Temos que ter certeza do que você disse, Donna."

Silêncio.

"Você ouviu o que a Donna disse, Alan?"

"Não, você poderia dizer o nome de novo?"

Silêncio.

A policial se moveu para frente e tocou o ombro da garota. “Diga o nome novamente, Donna."

A menina ergueu seus punhos em seu rosto e fechou seus olhos bem forte.

Ela deveria instigá-la a dizer? Deveria perguntar de novo? Não, talvez ela se recuse a falar completamente. "O médico estava na fazenda?"

Donna baixou suas mãos, mas manteve seus olhos fechados. "Sim, sempre, ele dizia o que todos deveriam fazer."

"Como um chefe?"

"Sim, como um chefe."

"Ele foi um dos homens que abusou de você, Donna?"

Ela abriu seus olhos e sacudiu sua cabeça vigorosamente. "Não, ele só machucava os meninos."

Valia a pena tentar. "Você sabe o primeiro nome do médico, Donna?"

Silêncio.

"Você nunca ouviu ninguém dizer o primeiro nome dele?"

"Não, todos o chamavam de Doutor."

"Poderia me dizer como ele é?"

Ela franziu a testa. "Sim, a-acho que sim."

Hora de mudar. Ela estava com medo de colocar tudo por água abaixo. "Isso

foi bom, Donna, nós iremos falar disso depois."

"OK."

"Quem mais estava na fazenda?"

"Muita gente grande e outras crianças!"

"Havia homens e mulheres, ou somente homens?"

"A maioria homens!"

"Você poderia nos contar quem eram os adultos? Você sabe o nome deles?"

"Eu sei alguns nomes."

"Isso é ótimo, Donna, eu perguntarei sobre cada um deles daqui a pouco.

Mas eu quero perguntar algumas outras questões primeiro. Tudo bem?"

"Sim, acho que sim."

"Você conhece qualquer uma dessas outras crianças?"

"Meu irmão e irmã estavam sempre lá."

"Coisas ruins aconteciam a eles também?"

Uma lágrima escorreu no rosto da menina enquanto confirmava.

Alan Garret se moveu para perto da ponta do sofá. "Você precisa de uma pausa, Donna?"

"Não, eu quero terminar."

Pam Forsyth concordou com a cabeça. "Tudo bem, Donna. Nós vamos

continuar por enquanto e então vamos parar para uma bebida e um biscoito quando você estiver pronta. Tudo bem para você?"

"Você vai conversar com meu irmão e irmã também?"

"Precisamos falar com nosso sargento e o diretor do time do Alan primeiro.

Mas tenho certeza que os entrevistaremos entre amanhã e domingo."

"OK."

"Você disse que outras crianças estavam na fazenda?"

"Sim."

"Você poderia nos dizer os nomes deles?"

"Sim, de alguns."

"Isso ajuda muito, falaremos mais sobre isso daqui a pouco e então faremos

uma lista."

"OK."

"Você sabe onde fica a fazenda?"

"Não."

"Como você chegou lá?"

"Fomos todos levados em uma van ou em um grande caminhão."

"Você sabe que tipo de van era essa?"

"Era branca."

"Mais alguma coisa?"

"Não."

"E sobre o caminhão?"

"Eu só vi dentro do caminhão e estava sempre escuro quando eles fechavam

a porta."

"Onde vocês começaram a viagem?"

"O Papai costumava colocar uma fita sobre os nossos olhos antes de nos levar de carro para algum lugar para encontrar os outros."

"E você não sabe onde era?"

"Não."

"Então, o seu pai costumava levar você a um determinado lugar e então você entrava na van ou caminhão com as outras crianças?"

"Sim, nós ficávamos amontoados lá dentro. Era horrível"

"Você alguma vez tirou a fita de seus olhos quando estava no caminho?"

"Sim, uma vez."

"Você viu para onde eles estavam indo?"

"Não."

"Por que não?"

"As janelas eram todas cobertas na traseira da van e não havia nenhuma janela no caminhão."

"Ah, eu entendo. Quanto tempo demorou para chegar até a fazenda?"

"Eu não sei. Mas era um caminho bem longo."

"Quão longo você acha?"

"Eu acho que mais ou menos meia hora."

"O que acontecia quando vocês chegavam na fazenda?"

"Um dos homens abria as portas e dizia para nós sairmos."

"Eles diziam para você e as outras crianças saírem da van ou caminhão?"

"Sim e eles nos batiam e gritavam conosco se não andássemos rápido."

"Você está indo bem, Donna. Conte o que acontecia depois."

"A gente ia para um grande prédio."

"Que tipo de prédio?"

"Eles chamavam de celeiro."

"Isso ajuda bastante, Donna; você reconheceria o celeiro se o visse novamente?"

"Sim, mas por que você está perguntando isso?"

A policial estremeceu… a pergunta era insensível. Ela tinha que escolher suas palavras com mais cuidado. "Você jamais será levada lá de novo, Donna. Eu só queria saber se você reconheceria o lugar em fotos e evidências depois que nós encontrarmos esse local."

Donna limpou uma lágrima de seu rosto. "Sim, eu acho que reconheceria."

A policial Forsyth repreendendo-se silenciosamente pela péssima ideia de usar um jargão investigativo. "Você se lembra do que eu disse quando expliquei o que é uma evidência, na última vez que você foi entrevistada, Donna?"

"Sim, me lembro."

"Isso é bom, Donna, só quero perguntar mais uma última questão antes de fazermos uma pausa."

"OK."

Essa pode parecer ser uma questão estranha. Mas você foi levada à uma sala

branca?"

A jovem garota olhou confusa para ela e disse: "Não."

"Nunca?"

"Nunca."

"Obrigada, Donna. Vamos fazer uma pausa agora e descer para tomar alguma

coisa.”

Capítulo 13

Helen Frost, a eficiente e brilhante agente administrativa de Mel Nicholson, reconheceu imediatamente a voz estridente com sotaque interiorano do outro lado da linha.

"Oi, Karen. É a Helen. Aguarde por favor. Ele está aqui em algum lugar."

"Obrigada, Helen."

Ela passou pela porta do escritório e gritou alto pelo corredor.

"Mel, é a Karen no telefone!"

Nicholson, que estava na cozinha fazendo café, gritou de volta: “Diga a ela

para esperar."

Helen suspirou. "Ele não vai demorar, Karen."

Karen Smith, a diretora do departamento de cuidados infantis, parecia

excepcionalmente irritada. "Eu o ouvi, Helen. Diga a ele para andar logo. É

urgente!"

Helen passou a mensagem e seu chefe correu pelo corredor. Ele conhecia a

Karen e tinha aprendido a respeitar seu julgamento… se ela dizia que era urgente, era de fato urgente. "Karen, é o Mel. O que foi?"

Houve um breve silêncio antes da Karen começar a falar. "Você não vai acreditar nisso, Mel. Acho que há um círculo de pedofilia operando em nossa área."

Nicholson engoliu seco: "Você acha que temos um círculo de pedófilos agindo em nossa área?"

"Ok, se você quer ser pedante a respeito… Nós temos uma rede de pedófilos

operando em nossa área. Está claro para você, agora?"

"Espere aí, Karen." Ele se virou para sua assistente, que estava organizando alguns arquivos em uma estante cinza próxima de sua mesa. "Helen, preciso de privacidade. Feche a porta ao sair, por favor."

Ela sentiu que algo muito sério estava acontecendo e saiu sem falar nada.

"Karen, é o Mel.’’

"Você está sozinha?"

"Sim.’’

‘‘O que você quer exatamente de mim?"

"Está sentado confortavelmente?"

"O quê?"

"Você não era fã de Jackanory?"

"Karen!"

"Me desculpe, Mel, só estou tentando manter a sanidade nesse mundo louco. Estamos trabalhando com uma família de três crianças: duas meninas de oito e seis anos, e um menino de quatro. Nós solicitamos um local de segurança para eles depois do suposto estupro da menina de oito anos pelo pai. Ela disse que a mãe também estava envolvida. Todas as três crianças estão sob processo de cuidados pendentes."

"Onde está o pai agora?"

"Ele está em prisão provisória em Swansea, esperando por julgamento."

Nicholson coçou a cabeça. "Quando você diz que a mãe estava envolvida, do que exatamente estamos falando?"

“Para ser honesta, não é nada legal. Mel. A garota disse que sua mãe a segurou para facilitar o ataque… Ela até comprou as camisinhas que ele usou."

"Como a investigação está progredindo?"

"Nós já realizamos depoimentos conjuntos com cada uma das três crianças. Eles disseram que foram estuprados por vários adultos: às vezes sozinhos e às vezes com outras crianças."

"Todos os três?"

"Sim, receio que sim."

"Não somente pelo pai?"

"Pelos pais, vários membros da família e outros."

"Outros?"

"Amigos da família, conhecidos, estranhos!"

"Eles conseguiram dizer os nomes de qualquer uma das outras crianças ou agressores?"

"Sim, Mel. Diversos. A investigação já está em andamento por várias semanas, mas somente agora nós estamos nos conscientizando da dimensão e da

natureza da organização a que isto pertence. Demorou algum tempo para as crianças se sentirem seguras o suficiente para começarem a dar detalhes. Não é

de se surpreender, se você parar para pensar. Está crescendo o tempo todo! E é

grande, Mel. Eu provavelmente deveria ter contatado você antes."

Nicholson falou em um sussurro quase inaudível.

‘‘Não diga mais nada por enquanto, Karen. Estarei com você em vinte

minutos."

Nicholson dirigiu dezesseis milhas até o escritório da diretora mais rápido do

que o normal apesar do rigoroso inverno. Karen já tinha uma xícara de café forte esperando por ele quando ele abriu a porta do escritório.

"Sente-se, Mel. Por onde quer que eu comece?"

"Não estou com pressa, Karen. Não tenha pressa. Me coloque a par de tudo."

"É horrendo, Mel. Nunca ouvi algo assim. Uma vez que as três crianças Bevan começaram a falar, elas realmente falaram. Alan Garret, meu assistente Sênior e Pam Forsyth da polícia estavam focados no pai inicialmente, mas então

alguém mencionou um tio. A menina mais velha falou sobre outros adultos, e subsequentemente seus irmãos mais novos confirmaram suas revelações no final

de semana. Se o que eles estiverem dizendo estiver correto, e não temos absolutamente razão nenhuma para duvidar, um grande número de agressores está envolvido. Isso não se compara a nada com o que eu já tenha lidado antes,

Mel. Nós já temos os nomes de dezessete crianças. E elas são somente as que os

Bevan sabiam os nomes."

"E eles disseram os nomes dos agressores?"

"Uns poucos, e eles descreveram outros."

"Alguém que conhecemos?"

"Sim, comecei a voltar nos arquivos. Algumas das famílias envolvidas têm uma longa história com o departamento. Muitas coisas fazem sentido agora. Para

ser honesta, não sei como nós não percebemos essas conexões durante tanto tempo."

"Não fique mal com isso, Karen. Olhar para as coisas em retrospecto parece

deixar tudo muito mais claro do que na época em que aconteceram."

"Mel, há mais uma coisa que preciso falar com você."

Nicholson riu, mas sua expressão demonstrava sua preocupação.

"Só porque achei que já tinha ouvido tudo."

"Você conhece o David Galbraith, o psiquiatra?"

"Dr. Galbraith, sim, claro. Você quer que ele trabalhe com as crianças Bevan? Eu posso falar com ele para você, isso ajuda?"

"As duas crianças mais velhas disseram o nome dele, Mel."

"O nome dele?"

"Ele faz parte do círculo, Mel."

"O quê? Não, não pode ser.’’

"Ele é um molestador, Mel. As crianças disseram o nome dele. Eles deram descrições bem precisas. Detalhes de estupros feitos contra vários meninos pequenos. Ele é um sádico, pelo que parece."

"Galbraith?"

"Sim, Mel, Galbraith!"

"Pelo amor de Deus, ouvir isso agora! Ele é a última pessoa do mundo que

eu suspeitaria.’’ Karen se levantou da cadeira.

"Hora de outro café?"

"Por favor."

Nicholson sentou de volta em sua cadeira, desesperadamente tentando se

recompor… Ele achou que não ficaria chocado por muito tempo. Mas ele estava errado. Gostando ou não, ele era o diretor operacional estadual de serviço de proteção à criança. Era hora de avançar e assumir a liderança mesmo com a insegurança que sentia dentro de si.

Karen logo reapareceu trazendo duas xícaras de café e um prato de biscoitos

de chocolate em uma velha bandeja de metal. Nicholson agradeceu sua

gentileza, devorou os dois biscoitos e tentou inspirar um ar de confiança que ele mesmo não sentia.

"Certo, Karen, nós devemos fazer o seguinte: primeiramente, e isso é importante, precisamos manter tudo em segredo. Não fale com ninguém, ao menos que concordemos sobre isso antes. Eu conversarei diretamente com o diretor e falarei com Trevor Simpson ainda hoje mais tarde. Você o conhece?"

Karen concordou com a cabeça e pegou outro biscoito do prato.

"Ele é bom. Sabe o que ele está fazendo. Precisamos envolvê-lo nisso. "

"OK."

"Precisamos organizar uma reunião de planejamento inicial assim que possível. Pegue uma caneta, te darei uma lista de quem precisa estar lá."

Karen pegou uma caneta e olhou pensativa para seu chefe.

"São geralmente convocados: a polícia, departamentos legais de educação, saúde, nós mesmos e qualquer outra agência diretamente envolvida. Não quero

os pais adotivos lá. Não seria apropriado em nenhuma circunstância."

"Faz sentido, Mel."

Ele se levantou e falou tão tranquilamente quanto o possível. "Deixarei isso com você, Karen. Nós podemos usar o centro de recursos infantil. É um bom caminho. Vamos nos encontrar ainda essa tarde. Depois das três se possível, ou

no mais tardar amanhã de manhã. Diga a todos que é urgente e me ligue se alguém tiver algum problema para comparecer. Eu falarei com a pessoa, se necessário. Me avise assim que você tiver um tempo. Eu sairei agora e deixarei

você cuidando das coisas."

"Eu farei, Mel. Obrigada."

"De nada. Falarei com você em breve."

Nicholson achou uma sala vazia e ligou para o diretor de serviços sociais antes de deixar o escritório de cuidados infantis. Seu dia estava a ponto de ficar um pouco mais interessante. Sheila Hoyle atendeu o telefone, a secretária prepotente do diretor, que agia como uma guardiã autonomeada entre o seu chefe

e o resto do mundo. Era um papel em que ela era excelente e demorou uns dois

minutos para Nicholson convencê-la de que sua ligação não poderia esperar…

Quantas vezes ele teve que dizer que era urgente?

O diretor foi um pouco ríspido a princípio, mas rapidamente mudou sua atitude quando Nicholson explicou a razão de sua ligação inesperada.

Após aproximadamente vinte minutos, Nicholson estava de volta à sede dos serviços sociais e bateu na porta do escritório do diretor com certo receio. Roy Evans estava expansivamente sentado em uma cadeira de couro marrom, atrás de uma larga mesa vitoriana quando Nicholson entrou em seu escritório excessivamente espaçoso. Ele foi direto ao ponto.

"Isso é muito sério, Mel. Me coloque a par de tudo."

Enquanto Nicholson resumia os fatos mais relevantes, o diretor se tornava visivelmente menos relaxado a cada revelação.

"Certo, Mel. Você tem toda a minha atenção, como faremos as coisas prosseguirem?"

"Nós todos teremos uma reunião de planejamento assim que possível. Karen Smith já está organizando tudo. Será uma investigação complexa. O quanto antes colocarmos nossas mãos nisso, melhor. Há muitas crianças precisando de proteção."

Roy Evans ergueu sua cabeça e segurou seu queixo entre o polegar e os dois primeiros dedos da mão direita. "Parece tudo muito bem até aqui, Mel. Mas eu quero ter um time completamente dedicado para essa investigação e nada mais.

Quero Phillip Beringer nos orientando. Ele tem a experiência necessária e cabeça fria o suficiente para o trabalho. Converse com ele por mim e leve-o para a reunião. Vocês dois precisam definir quantos assistentes sociais vocês precisarão para o procedimento. Nós podemos os transferir de suas equipes atuais se for necessário. Pense nas melhores pessoas e me dê uma lista para aprovação final.

Você pode se envolver onde quiser, mas mantenha-me informado. Quero atualizações diárias às quatro horas da tarde. Eu não tenho sua experiência em proteção infantil, Mel, mas trabalho há bastante tempo nesse cargo para saber que esse caso é um divisor de águas em nossas carreiras, para melhor ou para

pior.’’ Não quero que isso seja outra Cleveland. Assegure-se de me manter informado. Não quero nenhuma surpresa." Ele coçou seu nariz. "Já falou com a polícia?"

Nicholson fez uma pausa por um segundo para clarear sua cabeça antes de responder. "Ainda não, mas quando terminarmos aqui, eu me dirigirei ao meu escritório e farei algumas ligações."

"Claro, Mel, mas tem que ser feito agora. Faça-o."

Nicholson apressou-se e tomou a direção do seu escritório, do outro lado do prédio de concreto dos anos sessenta, e rapidamente pegou o recado que estava colado na parede acima de sua mesa. Ele coçou seus olhos, piscou, se esforçando para decifrar a caligrafia terrível da Helen. Ele sorriu… eram boas notícias. As coisas estavam progredindo rapidamente. A reunião fora marcada para às três da tarde naquela tarde e todos os requisitados estariam presentes.

Vamos, Trevor! Atenda logo!

"Detetive, Simpson."

"Trevor, é o Mel. Tenho algo para você."

"Oi Mel, bom ouvir você. Estava planejando te ligar ainda hoje. As coisas parecem estar esquentando um pouco."

Nicholson riu.

"É uma maneira de se colocar as coisas."

"Você deu início, Mel e nós todos procederemos daqui."

O investigador ouviu pacientemente enquanto Nicholson esboçou os fatos básicos. Quando ele finalmente terminou de falar, o detetive Simpson permaneceu em silêncio por um momento, perdido em seus pensamentos, antes

de finalmente dizer, "Sim, ouvi as mesmas coisas do lado de cá, Mel. Mas David Galbraith? A Pam está bem certa de que a menina Bevan disse o nome dele, mas

eu vi a fita; eu não consegui ouvir o nome. Ele sempre pareceu bom para mim,

para ser honesto. Você realmente acha que há algo nisso?"

"Parece que sim, Trevor. Os dois irmãos mais novos confirmaram as alegações de Donna no domingo."

"Eles são muito novos, Mel, eu não gostaria de depender do testemunho deles."

"Vamos aguardar e ver o que as pessoas têm a dizer nesta tarde."

Nicholson teve que fazer três ligações antes de finalmente encontrar Phillip

Beringer no treinamento de Investigação de Proteção Infantil em um hotel local,

onde ele estava apresentando uma palestra. Beringer ouviu atentamente seu velho amigo resumir os eventos da manhã.

"O diretor quer que eu gerencie isso?"

Nicholson riu para aliviar a óbvia tensão.

"Ele quer, Phillip. Sabe-se lá porquê. Tentei convencê-lo do contrário, mas não deu." Ele fez uma pausa para uma resposta que não veio.

"Você ainda está aí, Phil? Você topa?"

Beringer correu sua mão através de seu cabelo grisalho esparso… Ele não poderia dar mais nenhum curso por enquanto. Dizer ‘‘não’’ não era realmente uma opção. Não se ele quisesse mesmo uma futura promoção e uma

aposentadoria melhor. "Por que não, Mel, não tenho nada melhor para fazer mesmo.’’

"Boa, Phil, por um momento achei que você fosse pular fora."

Agora era a vez de Beringer rir. "Você acha que não pensei nisso? Você vai comparecer hoje à tarde?"

"Sim, vou dar uma carona à Helen; ela sai em alguns minutos. Suponho que

seria bom eu te buscar também. Para ter certeza que você vai mesmo aparecer."

"Obrigado, Mel, tentarei pegar um capacete em algum lugar. Até mais tarde."

Capítulo 14

Nicholson abriu a reunião de planejamento com instruções, mais para o

benefício de Helen do que qualquer outra coisa e advertiu os ouvintes do que eles estavam para fazer ali. Após uma longa discussão que deixou vários dos profissionais desejando estar em algum outro lugar, o caminho a seguir foi finalmente acordado. Phillip Beringer lideraria a nova equipe dedicada a trabalho social investigativo e teria a responsabilidade de gestão do dia-a-dia.

Detetive Simpson teria liderança similar, mas dedicando-se ao time policial, e teria contato direto com Beringer para facilitar as ações conjuntas quando e como fossem consideradas necessárias. Beringer estabeleceria contato com os advogados do município e dois pediatras locais. O detetive Simpson faria o mesmo com a Procuradoria. Nicholson agiria como um consultor: um

conselheiro administrativo para todos os envolvidos.

Quando veio à tona a discussão alegando o envolvimento de Dr. Galbraith, a

tensão na sala era palpável. Vários ouvintes expressaram seus receios, discutindo que a Autoridade de Saúde do Sul do País de Gales deveria ser formalmente advertida da situação, com a suspensão do mesmo. O Detetive Simpson tolerou

silenciosamente os argumentos calorosos por um tempo, antes de finalmente levantar-se. Ele manteve ambas as mãos em sua frente com os seus dedos abertos e gritou, "Não quero que Galbraith seja avisado. Não quero que ele tenha a oportunidade de avisar outros suspeitos. Não quero dar a essas pessoas a oportunidade de destruir provas. Não quero que eles tenham a oportunidade de

silenciar testemunhas. Entendo a ansiedade de todos, eu realmente entendo. Mas

essa é uma investigação criminal complexa de alto risco. Uma investigação criminal! Se agirmos prematuramente há um sério risco de a destruirmos. Se isso

acontecer, muitas outras crianças irão sofrer." Ele pausou por um momento, olhando nos olhos de casa dissidente em potencial. "Não cometam um erro desses. E se qualquer um de vocês quebrar a confiança, se qualquer um de vocês disser uma única palavra que comprometa esse inquérito, eu prenderei vocês por. Este é um trabalho de alto risco e vivemos sob pressão. Aprendam a lidar com isso!"

Após um período de um atônito silêncio um pediatra perguntou o que vários ouvintes estavam pensando. "Que tal vigiá-lo?’’

O Detetive Simpson sorriu com ar de pouco caso. "É uma ótima ideia, mas é só isso. Há mais de trezentos indivíduos como ele só nesse estado. E esses são somente aqueles que conhecemos agora; o número cresce com o passar do tempo. Por mais que gostaria, não podemos vigiar a todos eles. E, mesmo que colocássemos alguém mesmo que colocássemos alguém para vigiar Galbraith, o que realmente observaríamos? Não podemos vigiá-lo quando ele está em casa com suas filhas ou quando ele está com seus pacientes. Não podemos vigiá-lo quando ele visita os amigos e não temos a mínima ideia de onde e quando o círculo se encontra, e com que frequência. Poderiam ser meses antes do próximo encontro. De que adiantaria essa vigilância, ainda que eu tivesse recursos para isso? Que não tenho, a propósito! Nos faria sentir um pouco melhores. Mas seria somente isso. Olhe, gente. Vinte e seis crianças já foram identificadas, outras inevitavelmente se seguirão. Há inúmeros adultos envolvidos. Precisarei de cada oficial disponível. Isso levará tempo até sair direito. Se nós tentarmos correr com as coisas ou sobrecarregar nossos recursos, nós inevitavelmente teremos erros. E ninguém quer isso. Eu certamente não. Quando nós prendermos essas pessoas, eu quero fazer isso certo. Não há absolutamente sentido nenhum em atraí-los e deixá-los ir de novo sem punição. Não serviria de absolutamente nada. Na hora

que tivermos provas suficientes para uma ação penal, nós bateremos nas portas

deles. Isso posso garantir."

Capítulo 15

Phillip Beringer bebeu ruidosamente o colarinho do seu quarto copo de cerveja

irlandesa Guinness e passou para Mike Mailer outro copo de Buckleys Bitter Ale, uma cerveja local. Os dois homens se encontravam toda quarta-feira para um jogo de squash, inevitavelmente seguido por uma ou duas horas em um bar

ou outro. O clube de rúgbi Caerystwyth era o bar favorito. Beringer foi o padrinho de casamento de Mike e Molly, que também pediram a ele que fosse o

padrinho de Siân alguns meses depois. Ele ficou lisonjeado com o pedido e o aceitou felizmente e sem hesitar, apesar de sua fé oscilante.

Beringer sorriu. "Aí está você, seu palerma."

"Um brinde, Phil."

"Você sabe de uma coisa, Mike? Eu assisti um documentário outro dia sobre

prisioneiros no corredor da morte no Texas e nenhum deles parecia tão infeliz quanto você. O que está acontecendo?"

Mike pegou o último cigarro Embassy de um pacote de vinte, riscou um fósforo, acendeu o cigarro e tragou o filtro com vontade, saboreando a nicotina

enquanto o vapor do fumo enchia seus pulmões. "Que porra você é? Minha mãe?"

Beringer riu. "Uma das desvantagens de ser um agente social, e acredite, há muitas outras, é que estranhos parecem pensar que eles têm o direito de descarregar toda a pressão para cima de nós sempre que quiserem. Mesmo sendo

camaradas por tantos anos, você me diz para dar o fora. Por que você não deixa

de bancar o machão e me diz qual é o problema?"

Mike Mailer sacudiu sua cabeça pesarosamente e rapidamente afundou-se

em sua cerveja. "Quanto tempo temos ainda?"

"Quanto tempo for necessário, Mike. Quanto for necessário."

Mike se aproximou do bar, pediu outras duas cervejas para acompanhar a conversa e retornou ao seu lugar. "É essa coisa com Molly e as crianças. Está me enlouquecendo. Às vezes desejo que eu nunca tivesse conhecido a Tina, para ser

bem honesto."

"Mas você a conheceu, Mike. Isso é o que dá quando se pensa com a cabeça

de baixo."

"Ah, muito útil! Algum de seus clientes já voltou para uma segunda consulta?"

Beringer sorriu. "Você vai ter que decidir o que realmente quer, Mike. Você ainda pode pensar de acordo com a lógica, pesar os prós e contras ou ouvir seu

instinto. Conhecendo você bem como conheço, suspeito que você achará o último método mais confiável."

"É difícil, Phil. Nunca quis deixar a Molly em primeiro lugar. Nunca planejei morar com a Tina. Mas aconteceu."

"Que monte de merda! As coisas não simplesmente acontecem, Mike. Você

não é nenhum destroço de naufrágio que boia com a maré. Você fez suas escolhas em cada estágio. Você ainda está fazendo escolhas."

"Sim, mas se a Molly não tivesse descoberto…"

" Pelo amor de Deus, Mike! Mas ela descobriu. Você precisa crescer um pouco e assumir a responsabilidade por aquilo que você fez. Se você está mesmo

sério com a Tina, diga isso a Molly. Deixe tudo bem claro e deixe-a seguir com a vida dela. Se você não está, e está seriamente pensando em tentar de novo com a

Molly, então faça alguma coisa.”

"Eu já disse para a Molly várias vezes que sinto muito."

"Às vezes, fico pensando em que planeta você vive… O que você diria se estivesse do outro lado? Como seria se a Molly estivesse vivendo com um sujeito e dissesse a você que ela sente muito?"

"Você já viu a Tina? Ela é linda. Será difícil de desistir do sexo."

"Você a ama?"

Mike tragou o seu cigarro, colocou as pontas dos dedos juntos como numa oração e descansou seus cotovelos sobre a mesa, cuidadosamente considerando a sua resposta.

"É um desejo. Eu não amo aquela garota."

"Você ama a Molly?"

Mike terminou a sua cerveja. "Sim, sim, suponho que sim."

“Não se pode ter tudo na vida, Mike”

O rosto do Mike corou e ele soltou uma gargalhada.

"Sim, eu sei. Eu estou sendo um otário."

"Não vou discordar dessa conclusão. Molly é uma mulher maravilhosa, você tem duas crianças adoráveis. Já não é o suficiente?"

"Eu acho que sim, mas…"

"Não tem mas, Mike. Você não é uma criança. Você é um pai com responsabilidades. Eles não merecem essa merda que você está dando a eles.

Como você quer que a Molly pense que você está falando sério sobre vocês voltarem a ficar juntos se você ainda está morando com a mulher causadora da separação? Pense nisso, pelo amor de Deus!"

"Eu sei, Phillip. Eu sei…"

"Bom, então mexa-se! Pare de ser tão passivo."

Mike balançou sua cabeça devagar. "Eu vou."

"E as crianças?"

"Que tal outra cerveja?"

"E as crianças?"

"Eles ainda estão dando trabalho, se quer mesmo saber. A Molly marcou uma consulta para nós no psiquiatra, para todos nós."

"O quê? Você e as crianças?"

"Sim, claro, nós e as crianças. Ele é um psiquiatra infantil."

Beringer sentiu os músculos da face se enrijecerem enquanto franzia a testa.

"Quem é o médico?"

"Você está bem, Phil? Você ficou com uma cara estranha de repente."

"O nome dele, Mike?"

"Galbraith, David Galbraith, qual é o problema?"

"O Tony já foi na consulta?"

"Sim, ele terá a segunda consulta nesta sexta-feira, como combinamos. A Mo irá com ele dessa vez. Estou apenas cuidando do transporte. Não estou vendo o propósito disso tudo, para ser honesto. A Mo já disse que Tony já está voltando ao que era antes. Só estou acompanhando isso para ganhar uns bônus."

Beringer se sentiu fisicamente doente, sua mente estava a mil… Pense! Se o

humor do Anthony havia melhorado, ainda não era muito tarde. Nada havia acontecido ainda, mas iria. Definitivamente iria. Que merda ele poderia dizer sem quebrar a confiança e colocar em risco a investigação? Ele se levantou sem

falar, correu para fora do bar e vomitou contra uma parede no canto escuro do estacionamento… O que ele poderia dizer? O que ele poderia dizer? Hora de pensar. Ele precisava de tempo para pensar.

Beringer reapareceu alguns minutos depois, parecendo pálido e esgotado,

com lágrimas descendo de seus olhos. "Estou me sentindo muito mal, Mike.

Deve ser algo que comi. Tenho que ir, amigo." Ele bebeu o resto de cerveja para

tirar o gosto do vômito. "Olhe, Mike, antes de eu ir, só queria dizer que é muito provável que o Tony tenha melhorado porque você e a Molly estão se falando de

novo. E não tem nada a ver com esse médico de merda. O Tony precisa de tempo, Mike, não de um médico."

"Nós somos amigos já há muito tempo, Philip. Há alguma coisa que você está escondendo de mim?"

Ele deveria contar alguma coisa? Siân e Anthony eram seus afilhados, afinal

de contas. Não, poderia causar o fim da sua carreira. "As crianças são rotuladas, Mike. Essas coisas podem persegui-los durante todos os anos escolares. É

realmente simples assim. Eu pensaria seriamente a respeito disso, se fosse você.

Só quero o melhor para o Tony, só isso."

"Não discordo de você, Phil. Mas, e a Mo?"

"Você quer que eu fale com ela?"

Mike concordou entusiasticamente com a cabeça. "Sim, obrigado, Phil.

Parece que temos um plano. E muito bem-vindo! Ela não vai ouvir uma palavra

do que eu disser." Ele olhou em seu relógio.

"São somente vinte para as dez. Mais uma cerveja antes de ir?"

“Para mim não, cara. É hora de ir para dormir um pouco. Falarei com você

daqui uns dois dias para saber como as coisas estão indo."

Beringer voltou dirigindo para casa com uma pressa desnecessária, apesar de

ter bebido bem mais do que o limite permitido. Quando ele chegou ao terceiro andar do seu prédio, fez uma caneca de café instantâneo com duas colheres cheias de açúcar em uma tentativa de ficar sóbrio em curto tempo. Ele se sentou

na mesa da cozinha, tentou pensar a respeito… Ele conseguiria convencer a Molly que um tratamento para o Tony não era uma boa ideia? Ela poderia ser uma mulher extremamente teimosa quando queria. Seria difícil tentar convencê-

la, mas ele tinha que tentar. Não havia nada a perder e tudo a ganhar. Ele tinha que tentar da melhor forma que pudesse.

Beringer cambaleou até pegar o telefone e ligar para a Molly… Ele jamais se

perdoaria se Galbraith abusasse de seu afilhado. Seus velhos amigos estavam correndo um grande risco. O telefone tocou por uma década até Molly atender e

dizer: "Alô."

"Alô, Molly. É o Phil. Você tem tempo para uma conversa?"

"Você está bêbado?"

"Mas que pergunta! É legal conversar com você também. Não, Molly, para ser honesto, tomei umas duas cervejas com o Mike, mas é só isso."

"Se essa é alguma tentativa patética de reconciliar um casamento em nome daquele débil do seu amigo, você pode dizer a ele para largar daquela vagabunda

antes de falar comigo sobre o futuro. Ele deve achar que sou uma completa idiota."

"Ele quer você de volta, mesmo com tudo o que aconteceu, Molly. Mas estou

ligando para falar sobre a consulta do Anthony com o Galbraith."

"O que?"

"Você sabe que amo o Tony, não sabe?"

"Eu estou cansada, Phil. Se você tem alguma coisa para dizer, me diga e me

deixe voltar para a televisão."

"Não acho uma boa ideia, Molly. Eu acho que o Tony realmente não precisa

de qualquer tipo de tratamento."

"Você não tem ideia do que tem sido a nossa vida, Phil. Ele precisa de ajuda.

O médico está cuidando do caso dele com prioridade."

Beringer expirou o ar de sua boca com um assobio quase inaudível. "Eu trabalho com crianças como Tony o tempo todo, Molly. É o que faço, todo santo

dia. Ele só precisa de alguma consistência e tranquilizar-se sobre o futuro. Seria melhor isso vir de você e do Mike do que de um estranho, mesmo que bem-qualificado. Não posso ser mais claro do que isso."

"Não sei, Phil. A primeira consulta foi muito melhor do que eu esperava. Eu vi mudanças positivas no Tony. Não sei exatamente o que o médico fez, mas seja

lá o que for, parece que está funcionando."

Beringer fechou seus olhos e procurou uma resposta adequada. Aquilo não estava saindo como ele queria. "Eu não acho que tenha nada a ver com a clínica, Molly. Se o comportamento e humor do Tony melhorou tanto quanto Mike disse,

é impossível que seja apenas por causa de uma consulta. Você e o Mike parecem

ter tratado de suas diferenças, finalmente. Tenho certeza que Tony está respondendo a isso. Dê um tempo a ele. É tudo o que ele precisa."

"Não sei, Phil. No começo, eu mesma não estava totalmente convencida de

ir. Mas realmente parece estar ajudando. O médico é um cara bem legal. Um pouco estranho, eu concordo, mas parece que ele realmente se importa com os pacientes. Que problema uma nova consulta poderia trazer?"

"Prometa que irá pensar melhor, por favor."

"Eu não sei exatamente o que você quer com isso, Phil. Mas se significa tanto para você, sim, eu pensarei melhor a respeito. Agora vá para cama."

Capítulo 16

Estava gelado na casa dos Mailer às seis e meia da manhã do inverno galês, e o

aquecimento central não voltaria a funcionar por pelo menos uma meia hora.

Molly tremia de frio e rapidamente vestiu uma das camisetas velhas de rúgbi do

Mike e um cardigã rosa cafona e barato comprado na semana anterior. Ela se arrastou, segurando seus tênis brancos em uma das mãos, e depois de ir ao banheiro, desceu as escadas para preparar o café da manhã. Molly dormiu inquieta após a ligação de Beringer e concluiu que uma caneca de chá de hortelã

e uma tigela grande de Sucrilhos Kellogg's eram inteiramente justificáveis dentro daquelas circunstâncias.

Ela se sentou à mesa da cozinha tentando não pensar sobre a consulta da manhã seguinte e somente relaxar.

Mas ela não conseguia parar a sua mente… Será que o Mike é tinha pedido

para o Phil ligar? Ele nunca teve uma opinião muito boa sobre psiquiatria ou das pessoas que precisavam dela. "Psicobobagens para pessoas carentes" não foi assim que ele disse quando um de seus colegas marcou uma consulta com um psicólogo depois de um assalto? Mas, se aquele era o caso, por que o Phil estava tão disposto a apoiá-lo?

Ele mesmo era um terapeuta, não era? Não o mesmo que o doutor, mas

similar. Será que havia alguma coisa a mais além disso? Devia ter, com certeza.

Ele parecia muito verdadeiro no que dizia. Ou ela estava pensando demais a respeito a ponto de isso se tornar uma paranoia? Havia somente um único jeito

de descobrir isso e ela precisava de respostas.

Molly pegou o telefone e ligou para o Mike. Com o que ela estava se preocupando? Se ela acordasse o belo adormecido e seu amor, estava tudo bem.

Molly praguejou silenciosamente quando ouviu a voz de menininha animada

de Tina do outro lado da linha. Ela fez uma careta e falou por entre os dentes, tentando ao máximo soar segura, “Preciso falar com o Mike. É a esposa dele."

"Ele ainda está dormindo, Molly. Vou pedir a ele para te ligar mais tarde.

Precisava mesmo falar assim tão cedo?"

Molly mordeu a ponta da língua, resistindo a tentação de gritar todos os insultos mais sinceros… Como alguém poderia ser tão irritante? "É urgente, Tina. Passe para ele. Agora, por favor."

"Molly?"

"E uma ótima manhã para você também, Mike. Tina pareceu um pouco contrariada. Espero não ter perturbado o seu bem-estar doméstico."

"Por que você ligou, Molly?"

"O Phil me ligou ontem à noite e falou sobre o Tony. Você pediu para ele fazer isso?"

"O quê? Não! Nós jogamos squash depois do trabalho como sempre fazemos

e não falei nada sobre o Tony."

"Você nunca foi um bom mentiroso, Mike. Você poderia por favor tentar ser

honesto pelo menos uma vez nessa sua vida miserável? Ele estava obviamente bêbado quando me ligou. Quão burra você pensa que eu sou? Ah! Não responda

a essa, a propósito."

"Nós tomamos umas duas cervejas depois do jogo. Só isso."

"Sério? Umas duas? Ah! Claro que sim, Mike. Agora, e sobre o Anthony?"

Mike parou por um segundo ou dois, ouvindo atentamente para confirmar se

Tina estava mesmo tomando banho e disse em um sussurro baixo. "Olhe, Mo. Eu contei ao Phil sobre a clínica."

"Então por que negar?"

Mike suspirou. "Phil parecia realmente preocupado. Essa é a verdade! Só não quero que pense que a ligação dele tem a ver comigo."

"O que exatamente ele disse?"

"Hum… alguma coisa como crianças serem rotuladas. Ele disse que isso seguiria as crianças até a escola secundária."

"Mais alguma coisa?"

"Que qualquer melhora no comportamento do Tony não pode ser em

decorrência de uma única consulta na clínica. Eu concordo com ele, para ser bem honesto, Mo. O que o médico realmente fez afinal de contas? Ele falou, fez

perguntas e deu alguns doces. Qual era o propósito disso?"

"Mais alguma coisa, Mike? Seja lá o que for…"

Ele deveria dizer mais alguma coisa? Phil provavelmente já havia dito a ela

de qualquer forma… Claro que ele tinha. Ela estava fazendo perguntas para as quais já tinha a resposta. "Ele disse que Tony estava se sentindo melhor porque nós estamos nos falando de novo."

"Sim, Phil falou o mesmo para mim. Mas, eu não tenho certeza, Mike. Por que a mudança repentina do Tony? Quanto mais eu penso sobre isso, mais concluo que o médico deve ter ajudado de alguma forma. Que outra explicação

haveria? Ele parece um menino diferente. Não estou dizendo que ele se tornou a

criança perfeita desde a consulta. Eu não desejaria isso de qualquer maneira.

Mas ele parece mais feliz. Realmente feliz. E o Dr. Galbraith acha que ele precisa de mais ajuda e não menos. Ele disse que é urgente. Por que ele diria isso se não fosse verdade? E se eu cancelar e Tony piorar de novo? Ele obviamente

gosta do médico. Por que não deixar ele ir mais uma vez?"

"Olhe, Mo. Phil parecia saber bem a respeito dessa coisa toda. Mas se você acha que é uma boa ideia, eu concordarei com sua decisão."

"Qualquer coisa por uma vida mansa, não é Mike?"

Ele coçou sua cabeça… Ela acertou em cheio como sempre. Ele era mesmo

tão previsível?

"Não é isso, Mo… Eu confio no seu julgamento, amor."

"Você está me irritando seriamente, Mike. Só nos pegue de manhã, se é que

você pode gastar o seu precioso tempo conosco. E nem pense em se atrasar."

"Que saco, Mo. Eu não me atrasarei. Até amanhã."

Capítulo 17

Philip Beringer se arrastou para fora da cama às oito e quarenta da terça-feira, trinta de janeiro. Ele amaldiçoou o dia, atirou com força a caixa de comprimidos para dormir para o outro lado do quarto e desceu para ligar em seu trabalho e dizer que estava doente pela primeira vez em três anos, fingindo ser por conta de uma enxaqueca severa.

Após uma breve visita ao banheiro ele se dirigiu à cozinha para buscar algo

para comer no café da manhã e se sentou vestindo seu pijama flanelado listrado

na sala de jantar. Ele bebeu leite semidesnatado direto da caixa de leite e mordeu um pedaço de torrada amanhecida que ele havia enfiado inteiro no pote de Marmite, equilibrado precariamente sobre o braço sujo de sua poltrona. Beringer

engoliu o resto do leite, jogou o resto de casca de pão de onde estava até a lixeira do outro lado da sala, ao lado do aquecedor, e se levantou bruscamente de sua cadeira para ligar a televisão. Ele permaneceu em frente da tela, pressionou vários botões e mudou os canais rapidamente, decidindo que nada ali o distrairia por muito tempo. Ele desligou o aparelho e pegou o telefone… Havia passado muitos anos de sua vida ouvindo os problemas dos outros. Agora onde eles estavam, quando precisava de alguém para conversar? Ele colocou o telefone de

volta em seu lugar… deveria ligar para alguém? Beringer se balançou no banquinho de três pernas próximo ao telefone por quase cinco minutos, tentando

se decidir… E se a Molly decidisse levar o Anthony à consulta apesar do seu conselho? Essa era uma possibilidade. Ela parecia estar bem longe de ter sido convencida por seus argumentos. Talvez ele devesse conversar novamente com o

Mike? Não, não fazia sentido nenhum. Era a Molly que tomava as decisões com

relação às crianças. Ele havia feito o seu melhor. Mas será que foi o suficiente?

Não fazer mais nada e se conformar esperando que o melhor acontecesse, seria

mesmo uma opção viável? Ele se levantou e chutou o banquinho longe com a planta do pé… nem ferrando!

Beringer pegou o telefone de novo e bateu-o várias vezes em sua coxa… Ele

já havia decidido não falar com o Nicholson. Falar com alguém da área era sempre arriscado para a investigação e para a sua carreira. E com alguém de seus tempos de faculdade? Ele ainda falava às vezes com um ou dois deles. Ele considerou suas poucas opções… Que tal Bernie? Ele estava na Proteção Infantil

no norte da Inglaterra ou algum outro lugar. Ele era um sujeito do tipo "pé no chão" com muita experiência. Eles tinham enchido a cara juntos algumas vezes nos velhos tempos, quando jovens, alienados às realidades do futuro de suas

vidas profissionais naquela época. Talvez valesse a pena falar com ele. Por que não tentar? Não havia nenhum outro candidato mesmo…

Beringer pegou sua agenda de contatos do parapeito da janela e olhou por entre as folhas torcidas até localizar o número do trabalho de Bernard Gormley.

"Bom dia, posso falar com o senhor Gormley, por favor?"

"Posso transferir a ligação para o departamento de Serviço Social, se ajudar."

"É uma ligação pessoal. Sou um antigo colega de Bern."

"Quem devo anunciar?"

"Phillip Beringer"

"Obrigada, senhor Beringer. Vou verificar se ele se encontra disponível."

"Alô, Phil, é o Bern. Quanto tempo!"

"Sim, já faz muito tempo, Bern. Como estão a esposa e as crianças?"

"Bem, obrigado. Ainda está na vida de solteiro?"

"Sim, receio que sim, amigo. Quem iria me querer?"

"Você tem razão, Phil."

"Olhe, Bern, essa não é uma ligação social."

Bernard Gormley riu. "Sim, eu achei que não fosse, Phil. O que posso fazer por você?"

"Você poderia me aconselhar. Você tem cinco minutos para uma conversa?"

"O tanto quanto precisar."

"Bern, isso precisa ser estritamente confidencial, ok?"

"Nem precisava falar…"

"Estamos investigando um círculo de pedofilia. Grande. Todos estão sob muita pressão."

"E?"

"A polícia está procurando fazer prisões coordenadas em um futuro não tão

distante. Estamos fazendo de tudo para prevenir que qualquer um dos suspeitos

consiga descobrir qualquer pista sobre o que está por vir. Você sabe, por razões óbvias."

"E você está tendo que viver com essas várias crianças correndo risco enquanto a investigação continua. Não é uma coisa simples de fazer."

"Não, não é, Bern. Mas está se tornando mais pessoal do que isso."

"Do que você está falando?"

"Um dos suspeitos é um psiquiatra infantil."

"Oh, pelo amor de Deus."

"Vai ficar pior, Bern. O filho de um amigo bem próximo tem uma consulta

com o bastardo amanhã. Sou o padrinho do garoto."

"Oh, mas isso é terrível! O menino bate com o perfil de vítima?"

"Parece que sim."

"E você não disse nada aos pais dele? Não tenho certeza se eu conseguiria só ficar na espreita e deixar as coisas acontecerem."

"Não estou só de braços cruzados, Bern. É por isso que estou no telefone agora contigo. Já tentei usar minha influência com os pais para cancelarem a consulta, mas parece que a mãe ainda parece convencida a continuar com isso.

Ela é o tipo de mulher difícil de convencer, se é que você me entende. Eu não sei o que fazer agora, para ser honesto. Obviamente quero contar a eles, mas se o médico tiver mesmo que a mais leve pista que algo está acontecendo, as consequências para a investigação poderiam ser desastrosas.

"Você não está errado, Phil, mas…"

"Mas o quê?"

"Você precisa usar sua imaginação, amigo. Seja criativo."

"Passei a maioria das últimas noites tentando ser criativo, Bern."

"Como eles irão para a consulta?"

"De carro, mas o que isso tem a ver?"

"Quantos eles têm?"

"O quê, carros?"

"Sim, foi isso o que eu te perguntei."

"Só um!"

"Desative o motor, quebre o vidro da frente, faça a gasolina vazar. Faça alguma coisa. Melhor ainda, detone tudo de uma vez."

"Sério? Você está me dizendo para vandalizar o carro do meu amigo?"

"Exatamente!"

"No que isso vai adiantar? Se eles não conseguirem chegar lá, a mãe terá simplesmente que marcar outra consulta."

"Não estou dizendo que isso resolverá a situação em longo prazo, Phil. Mas

te dá um tempo a mais para pensar no que fazer."

Beringer concordou com a cabeça. "E isso é o melhor conselho que você pode me dar?"

"Sim."

Capítulo 18

Dr. Galbraith acordou assustado na sexta-feira, trinta e um de janeiro. Ele passou a noite dormindo intermitentemente na poltrona reclinável, que ficava em um canto de seu escritório do lado do aquecedor defeituoso. Estava com frio e cansado. Ele se levantou, esticou seus dois braços no ar alongando a coluna,

bocejou alto e sorriu… Seria hoje o dia? Poderia ser. Podia ser seu objetivo do

dia… Mas ele tinha que ter cuidado. Ele não deveria apressar as coisas.

O médico tomou banho e se barbeou antes de se deitar no chão do banheiro e

fazer setenta e cinco flexões, as quais o deixaram ligeiramente ofegante. Ele pulou atleticamente, ficando de pé e admirou seu reflexo no espelho de barbear

antes de se dirigir ao seu quarto palacial para se vestir. Ele escolheu um terno xadrez Príncipe de Gales, feito de um tipo requintado de lã de ovelha, uma intacta camisa branca de algodão egípcio e sapatos Oxford eximiamente polidos.

Ele finalizou sua vestimenta com suas abotoaduras de ouro favoritas e uma gravata colorida de personagem de desenho animado enfeitada com um logo esportivo, que ele achou que agradaria ao Anthony. Ele olhou para o espelho emoldurado pendurado ao lado da cama king-size e ajustou seu cabelo sob a luz

da janela, arrumando e repartindo cuidadosamente seu cabelo. Finalmente, ele limpou os pelos não-existentes sobre os ombros com uma escova de roupas de madeira. Dr. Galbraith olhou no espelho uma última vez, admirando sua imagem

e decidiu que ele estava verdadeiramente maravilhoso. Ele saiu de seu quarto, bateu a porta, caminhou pelo corredor e desceu a escada de dois ou três degraus

de cada vez.

Dr. Galbraith sentou na mesa da cozinha ignorando Cynthia, que estava de pé ao lado do fogão limpando e re-limpando a impecável bancada de granito. Ela

ainda estava limpando a mesma bancada quando ele finalmente terminou seu café da manhã cerca de vinte minutos depois. O médico se levantou e olhou em

sua direção. "A princípio, eu achei que você havia realmente conseguido fazer um trabalho razoável ao preparar o café da manhã, pelo menos uma vez nessa sua vida infeliz." Ela se virou e lentamente o encarou. “A princípio, querido?"

"A posição do meu copo estava dois milímetros fora do local certo."

"Eu chequei duas vezes, querido. Usei a régua. Tenho certeza… "

Ele deu um passo em direção a ela. "Você está me chamando de mentiroso?"

"Claro que não, querido. Eu jamais faria isso…"

"Dois milímetros não são aceitáveis. Eu não deveria ter que te dizer isso."

Cynthia lutou para controlar sua tremedeira; ela lutou para controlar sua bexiga e

ela procurou por uma resposta, qualquer resposta que talvez o tranquilizasse…

Diga alguma coisa, Cynthia. Diga alguma coisa. "Me de-desculpe, querido. Eu farei certo. Eu prometo que farei certo. Você pegou tudo o que precisa para o t-trabalho, querido?"

Ele se aproximou dela lentamente, colocando seu rosto somente alguns

centímetros do dela e cuspiu suas palavras, espirrando a saliva amarela engordurada de manteiga. "Não precisa fingir que se preocupa com meu trabalho, sua vagabunda."

"Mas eu me importo, q-querido." Ele girou sua cabeça e olhou em direção à porta. "Eu consigo ouvir suas malditas pirralhas malcriadas chorando. Estou avisando para dar um jeito nelas, antes que eu o faça."

As duas jovens filhas do casal estavam de pé, pálidas e choramingando no topo da escada quando Cynthia as alcançou. Ninguém disse nada, mas Cynthia

suavemente gesticulou para que elas viessem até ela. Ambas andaram e a abraçaram forte com braços ansiosos. Cynthia as segurou bem perto, as

protegendo do mundo cruel, até ouvirem a porta da frente bater um ou dois minutos mais tarde. Ela forçou um sorriso tímido e sussurrou. "Não é culpa do Papai, meninas. Tenho que melhorar. Nós todas devemos."

Dr. Galbraith sentou-se no banco de motorista, com o rosto vermelho e bufando. Ele respirou devagar e profundamente conforme a pressão em sua cabeça aumentava… Pense, cara, pense… Imagine a cena: o pirralho pendurado

lá, sem ajuda, à mercê da sorte. É isso, é isso, pense grande, faça brilhar, faça ficar alto. Ele se remexeu, se contorceu, suou e esforçou-se para relaxar

conforme a palpitação gradualmente abaixava e se tornava suportável… É isso, é isso. Agora tudo o que ele tinha que fazer era tornar a fantasia realidade. Dr. Galbraith esfregou sua sobrancelha com a manga da jaqueta… Pense positivo, cara, pense positivo. Ao menos agora ele poderia dar continuidade ao seu projeto. Não tão rápido quanto ele gostaria, claro. Mas antes tarde do que nunca.

O pirralhinho estaria em breve em suas garras. Mesmo que somente por uma hora e com a interferência da vagabunda da mãe pairando em algum lugar ao fundo como um mal cheiro. Hoje não seria o dia que ele iria viver suas fantasias, ele tinha que aceitar aquilo. Mas iria trazer o sonhado dia mais perto. Aquilo era algo para se agradecer. Algo para se comemorar. Algo para se orgulhar. Uma tristeza doce, pode-se dizer. Hoje, por mais que seja frustrante, ele teria que se satisfazer com qualquer coisa que conseguisse extrair daquilo.

O médico chegou no estacionamento vazio da clínica muito mais cedo do que de costume. Ele travou o carro com um botão e sorriu conforme cruzava o estacionamento… Ao menos aquela vagabunda idiota da secretária não havia chegado ainda. Ele entrou na recepção da clínica e inseriu o código de quatro dígitos no controle da caixa do alarme com uma urgência desnecessária… Foi bom ficar em pé na sala vazia, evitando o costumeiro ritual de bom dia e as outras gentilezas nauseantes com a secretária carente. Um dia ele diria aquela vagabunda irritante exatamente o que ele pensa dela. Ele apertou seus pulsos, antes de relaxar suas mãos conscientemente… um dia, sim, um dia. Dr. Galbraith se arremessou como uma flecha de sala em sala, repetidamente checando se tudo estava pronto: câmeras de vídeo, sim; gravador de voz, sim; vídeo cassete, sim; televisão, sim; e microfones, sim… tudo em seu lugar e funcionando perfeitamente. Somente mais uma coisa para organizar. Ele se abaixou no chão da sala de terapia e arrumou vários vídeos de várias crianças na prateleira abaixo da televisão. Ele checou que todos, exceto um, era indicado para crianças bem pequenas: O Carteiro Pat, Noddy, O Urso Paddington, Play School e o… sim, sim, eles eram ideais.

Ele pegou a compilação Best Goal, descartou a fita detrás dele para jogar fora depois e pegou uma fita sem etiqueta de sua maleta, recolocando-a na prateleira junto das outras. Ele relaxou momentaneamente e sorriu. Era uma técnica simples. Uma que ele havia usado muitas vezes com o passar dos anos.

Nenhum cuidado era demais. Havia sempre um elemento de risco. Focar-se era

tudo.

Dr. Galbraith sentou em sua mesa e repetidamente revisou o plano em sua mente - item por item, de novo e de novo e de novo… Estava somente seguindo

o processo já testado e aprovado que ele havia utilizado muitas vezes antes, e isso dava a ele a ilusão temporária de autocontrole que ele há muito tempo já não tinha. Ele tinha que ter certeza que tudo estava certo. Tinha que evitar qualquer possível armadilha.

“Bom dia, Doutor, Deus ajuda quem cedo madruga."

Ele checou o relógio… oh, pelo amor. A vagabunda estava adiantada. Por que exatamente hoje? Ele imaginou o cadáver dela ensanguentado e sorriu…

Coloque a máscara. Vamos lá, coloque a máscara.

"E um bom dia para você, minha querida. Está vestindo uma blusa nova?"

Sharon riu como se fosse uma garotinha. "O quê? Essa coisa velha? Não, tenho essa blusa há muito tempo."

"Bom, fica maravilhosa em você, minha querida." Sharon irradiou-se.

Vagabunda influenciável. "Eu preciso que você faça algo para mim daqui a pouquinho, meu anjo. Depois que você receber o Anthony e a sua simpática mãe

em nossa clínica. Nada muito difícil, claro. Simplesmente entregar um relatório urgente ao Serviço Social em Swansea para mim. Isso levará em torno de uma hora, acredito, nada mais."

"Quando exatamente você gostaria que eu levasse?"

Ele sorriu e adotou uma atitude relaxada, apoiando-se no canto de sua mesa.

"Não vamos nos preocupar com isso agora, minha querida. Eu te avisarei quando for. Por que você não prepara uma xícara de café para nós começarmos bem o dia?"

Sharon franziu a testa… Alguma coisa não estava certa. A sala não estava quente, por que ele estava suando? Sua camisa estava grudada em seu corpo. E

por que o lado esquerdo do seu olho estava tremendo? Ele era sempre tão certinho. Ela deveria dizer alguma coisa ou somente ignorar isso? Sim, claro que deveria. Eles eram amigos, afinal de contas! "Está tudo bem, Doutor? O senhor está com o rosto vermelho. Quer que eu lhe traga alguma coisa?"

Controle-se, cara. A vagabunda está desconfiando.

"Legal que tenha notado isso, meu anjo. Nada com que se preocupar. Você sabe que eu não gosto de reclamar. Eu suspeito que as meninas me trouxeram uma virose de inverno ou alguma outra coisa da escola. É inevitável nessa época

do ano."

"Você deve se cuidar melhor, Doutor."

Sim, sim… Continue, continue. "A família inteira está com isso. A pobre da

Cynthia estava terrível, quando saí de casa essa manhã. Eu odeio de verdade deixá-la naquele estado. Agora, e aquele café que você iria preparar para nós?"

"Sente-se e tente relaxar, Doutor. Não vai demorar muito para os Mailers chegarem." Ela pegou sua bolsa e foi abri-la. “Você gostaria de uma aspirina?

Tenho certeza que tenho uma aqui em algum lugar."

"Não obrigado, minha querida. Sé um café já será maravilhoso."

O médico afundou-se em sua cadeira, olhando o relógio, observando cada segundo do ponteiro e querendo que ele se movesse mais rápido. Ele fantasiou,

mas daquela vez ele falhou em atenuar sua angústia crescente. Ele cravou as

unhas em sua cabeça e cobriu suas orelhas… se ele não pusesse suas mãos no pirralhinho logo, as consequências em seu bem-estar poderiam ser

avassaladoras.

Capítulo 19

Mike Mailer tirou o máximo de vantagem da oportunidade para descansar, até que finalmente se arrastou para fora da cama às nove horas e doze minutos. Ele

vestiu as calças, meias, camisa e gravata do dia anterior, um de seus depois ternos baratos comprados no mercado, e passou seu barbeador elétrico no caminho do banheiro. Mike checou seu relógio Seiko que ganhou de presente de

Natal da Molly dois anos antes… Quase nove e meia. Tempo para um café rápido e um pedaço de torrada com pasta de amendoim e geleia de morango.

Mike deixou o apartamento cerca de vinte minutos depois, achando que

estava tudo certo… Como sempre fazia. Ele procurou no bolso de sua calça, então em outro, e finalmente achou as chaves do carro no bolso direito interno

de seu terno listrado de poliéster… Lei de Murphy. Por que está sempre no último lugar que você procura?

Ele apertou as chaves fortemente em uma mão e começou a correr os cem metros do asfalto molhado, onde ele finalmente achou um espaço adequado para

o XR3 na noite anterior. Enquanto ele se aproximava do carro ele viu um pneu

furado, então outro, outro e outro… Malditos vândalos! Eles tinham furado os pneus com uma faca. Isso ia sair bem caro. Pneus de alta performance não eram

nada baratos. Mike checou a hora… Merda! Ele se ajoelhou e começou a trocar

o pneu da parte de trás do carro.

Vamos lá, Mo, atenda o maldito telefone.

"Alô?"

"Alô, Mo. É o Mike."

"Onde você está?"

"Algum bastardo invejoso simplesmente cortou todos os pneus do meu carro."

"Então, você já não estava a caminho?"

"Eu só vi agora; há literalmente cinco minutos, amor."

"Se essa for só uma tentativa patética de não assumir suas responsabilidades, eu vou chutar seu traseiro assim que tiver oportunidade."

"Não, é verdade, Mo. Estou completamente devastado."

"Bem, que merda você quer que eu faça agora? Não tem jeito de chegarmos

até lá a tempo, tem?"

"Me desculpe. Mas, o que você quer que eu faça?"

"Pense em alguma coisa."

"Bem, por que você não chama um táxi?"

"Estou completamente falida, Mike!"

"Eu te dou o dinheiro."

"É mesmo? Ia ser bom, só para variar."

"Não fique assim, Mo. Estou tentando ajudar. Por que você não liga para a clínica e explica que está indo mais tarde? Você sempre pode marcar outra consulta se for necessário, mas não custa tentar."

"Está bem, vou ligar para a clínica. Você chama o táxi e venha para cá o mais rápido que conseguir."

"Você quer que eu consiga um táxi daqui?"

"Sim, Mike. Eu tenho cinquenta centavos na minha bolsa. Agora, faça isso por

favor."

Mike começou a procurar nas páginas amarelas por um número de um táxi nas proximidades, enquanto Molly ligou para a clínica e tentou ser o mais conciliadora possível quando Sharon atendeu ao telefone com um doce, "Alô?"

"Alô, é a senhora Mailer, Molly Mailer, a mãe do Anthony. Sinto informar,

mas estamos atrasados. Estamos esperando o táxi, mas não há maneira de chegarmos até aí a tempo para a consulta."

"Sinto muito em ouvir isso, Senhora Mailer. O doutor já está a preparar tudo para acomodar o seu filho. Você gostaria de marcar uma outra consulta?"

"Me desculpe. Nós já deveríamos estar aí agora, mas algum vândalo furou os

pneus do carro do meu marido. Como eu disse, há um táxi a caminho para nos

pegar. Seria possível perguntar ao Doutor se ele ainda pode nos atender?"

"Bem, eu realmente acho que não…"

"Por favor, Sharon, pergunte a ele. Eu ficaria muito agradecida."

"Acho que poderia, mas somente essa vez. Vou falar com ele e te ligo de volta."

"Muito obrigada. Mas, você se importa se eu esperar na linha? Estou esperando pelo táxi que chegará a qualquer segundo."

"Serei o mais rápida que eu conseguir, senhora Mailer."

Dr. Galbraith estava de pé olhando para a janela quando Sharon entrou em sua sala. Ela não entendeu porquê, mas havia uma tensão quase palpável no ar quando ele se virou e perguntou, "Quem era ao telefone?"

"A família Mailer está atrasada, Doutor. Devo marcar outra consulta?"

Ele sentiu repentinamente que sua cabeça rodou e a sala se tornou uma mancha impressionista de cores fracas "Você começou dizendo que eles estão atrasados, Sharon. "Isso sugere que eles têm a intenção de serem atendidos hoje?"

Sharon correu em direção a ele e segurou seu braço. "Eu acho melhor o

senhor se sentar, Doutor. Você está pálido."

Ele escorregou em direção à sua cadeira e comprimiu o nariz fortemente entre seu indicador e o polegar. "O menino Mailer está vindo hoje ou não?"

"Bom, sim, eles estão tentando chegar aqui, mas…"

O alívio de Dr. Galbraith era visível e ele se esforçou para conter sua excitação crescente antes de responder. "Eu os atenderei assim que chegarem, Sharon. Se eu tiver qualquer outra consulta agendada para hoje mais tarde, por

favor ligue e cancele.”

"O táxi vermelho encostou na vaga do estacionamento da clínica

aproximadamente vinte e cinco minutos mais tarde, e parou diretamente ao lado

do Daimler do médico. Mike apressadamente abriu a janela do passageiro da frente enquanto a Molly e o Anthony desembarcavam e disse: "Quer que eu vá

com você, Mo? Não há nenhum problema se eu for." Ele segurou a respiração enquanto esperava a resposta… Por favor, diga que não, Mo. Por favor, diga não.

Molly pensou por um ou dois segundos e rapidamente concluiu que não era

hora disso agora. Ela virou o rosto para ele e sacudiu a cabeça. "Não precisa entrar em pânico, Mike. O doutor só quer ver a mim e ao Tony dessa vez. Mas

quero você e o táxi aqui de volta em exatamente uma hora. Ok?"

"Tudo bem, Mo. Até mais então."

Molly deu um sorriso sem-graça… Mike era tão previsível.

Dr. Galbraith estava na janela de sua sala, como havia feito nas últimas duas

semanas… Não, não, não, que inferno o maldito pai estava fazendo lá?

Ele saiu da janela e lutou contra o impulso de vomitar… As coisas não poderiam

sair erradas agora. Não agora, não quando ele estava tão perto.

O doutor abriu a porta de sua sala e correu passando pela secretária em direção ao estacionamento. Quando ele chegou ao lado de fora à luz do sol de verão, ele viu o táxi saindo com Mike no banco da frente do passageiro. Ele parou em sua faixa, tomando consciência de seus atos ridículos e a impressão negativa que isso poderia dar… Que merda ele estava fazendo? O que ele poderia dizer? O que ele poderia dizer? Como ele poderia explicar isso dessa vez?

Dr. Galbraith fechou e reabriu seus olhos rapidamente e então gritou.

Concentre-se cara, dentro de sua cabeça… "Ah, que pena! Eu esperava conseguir falar rapidamente com o Senhor Mailer antes de ele ir."

Molly sorriu nervosamente. "Ele voltará em uma hora se ainda precisar falar com ele."

Dr. Galbraith deu um tapinha nas costas de Anthony com a palma de sua mão direita… Será que ele tinha escapado dessa?? Parece que sim. Não se

preocupe. “Como você está, rapaz? Estava esperando pela sua chegada. Tenho uma caixa de bombons Quality Street na gaveta em minha sala com seu nome nele, se sua mãe concordar… O que você diz, mamãe? O Anthony pode comer

alguns chocolates?"

Molly respondeu na afirmativa e seguiu o Dr. Galbraith até a recepção com

Anthony segurando sua mão. "Se vocês puderem se sentarem minha sala, eu falarei rapidamente com a Sharon aqui e estarei com vocês em um momento."

"Sharon, querida, o relatório que eu mencionei mais cedo está pronto. Agora seria uma hora excelente para entregá-lo."

"Eu poderia mandá-lo como correspondência registrada, Doutor."

"Eu achei que já tivesse deixado perfeitamente claro que era para ser entregue hoje!"

Ela desviou seu olhar e se levantou para sair.

Dr. Galbraith sorriu calmamente… A vagabunda carente. …"Eu agradeço seu esforço e consideração, Sharon. Por favor, tenha um ótimo almoço antes de

voltar. Você merece, minha querida. Agora, vá. O relatório não pode esperar nem

mais um pouco." Ela sorriu, pegou o documento e se dirigiu para a saída.

Dr. Galbraith abotoou seu paletó para esconder a ereção crescente antes de se

juntar a Molly e Anthony em sua sala de magnólia. Ele se sentou encarando a ambos, mas falou diretamente à Molly." É maravilhoso vê-la novamente, minha menina. Mas não há qualquer necessidade de você ficar. Anthony ficará bem aos

meus cuidados absolutamente bem. Você pode vir buscá-lo em exatamente uma

hora."

O médico se levantou, abriu a gaveta e pegou a caixa de bombons. Ele deu

primeiro ao Anthony para que escolhesse e então voltou a dar atenção à Molly,

que estava prestes a sair. "Pegue um antes de ir, querida. Vamos, pegue um. Por que não se dar um presente? O que você diz, Anthony? A mamãe deveria pegar

alguns doces antes de ela nos deixar juntos?"

Anthony sorriu e balançou a cabeça duas vezes… Se passar uma hora

falando com o médico significava comer doces e ajudar a trazer seu pai de volta

para casa, ele estava disponível a fazê-lo. Molly pegou somente um toffee embrulhado em papel prateado e celofane dourado da caixa e colocou sua mão

sobre o ombro do Anthony enquanto se preparava para sair. "Vai ficar tudo bem, Cariad. O Doutor vai bater um papo com você e eu voltarei antes que você perceba."

Anthony deu um sorriso desanimado e Molly persistiu, "Nos encontramos em uma hora, Cariad. Talvez o Papai nos leve para comer um hambúrguer depois.

"Ok, Mãe."

Ela acenou nervosamente a ele e correu para fora sem olhar para trás.

Dr. Galbraith seguiu Molly até a saída e assistiu-a atravessar o

estacionamento bem devagar… já era hora. A vagabunda se foi. Ele trancou a porta, desligou o alarme e correu para a recepção… Ele tinha uma hora, somente

uma hora, mas ele tinha que se controlar, apesar da pressão, apesar da tentação.

"Anthony, meu querido menino, me desculpe por te fazer esperar. Acho que

sua mãe foi fazer um passeio sob o sol de inverno. Ao parque eu suspeito. E por

que não, né? Agora então, tem umas coisas que preciso fazer antes de começarmos nossa conversa. Por que você não entra na sala de terapia e escolhe

um vídeo? Tenho certeza que um menino esperto como você sabe como ligar o

vídeo cassete e a televisão, não é?" Anthony se levantou e concordou com a cabeça.

Dr. Galbraith pousou seu braço ao redor de seu ombro e gentilmente o guiou

em direção à porta. "Claro que você vai conseguir. Claro."

O doutor foi abrir a porta, mas de repente fez uma pausa. "Há uma coisa que esquecemos. O que você acha que é, rapazinho?"

Anthony olhou para cima em direção ao rosto do doutor e sacudiu sua cabeça

ansiosamente. Dr. Galbraith riu. "Os chocolates, não podemos esquecer dos chocolates." Anthony relaxou imediatamente e sorriu.

Dr. Galbraith pegou a caixa azul e vermelha e a estendeu ao Anthony com um sorriso. "E aqui ela está. Agora escolha um filme, coloque para assistir e coma tantos quantos quiser enquanto você espera por mim." Um meio sorriso surgiu no rosto de Anthony. "Ok."

O doutor acariciou o cabelo avermelhado de Anthony gentilmente com a

palma de sua mão. "Te vejo em um ou dois minutos, meu querido menino. Ache

algo que queira assistir."

Anthony desembrulhou dois bombons, enfiou os dois de uma vez na boca e

sentou no chão olhando dentre os vários vídeos, enquanto Dr. Galbraith retirou o retrato de suas duas filhas da parede e assistiu através de um pequeno buraco feito exatamente com esse propósito. Dr. Galbraith olhou para o relógio, amaldiçoou e coçou sua cabeça com ambas as mãos… Vamos, seu fedelho.

Vamos. Coloque. Coloque a maldita fita para rodar.

Anthony rapidamente descartou todas exceto a compilação Best Goals. Ele não podia acreditar na sua sorte… Uma pedra preciosa dentre tanto lixo.

Anthony ligou a televisão, tirou o vídeo da embalagem, colocou-o no

videocassete e pressionou o play antes de mover o pufe azul-escuro para a frente da televisão e esperar pelo filme. Quando finalmente começou, ele ficou petrificado e deixou a embalagem cair no chão, mas não conseguia deixar de

olhar para aquilo… Não era futebol! Por que os homens não estavam vestidos?

Por que eles estavam usando máscaras? O que eles estavam fazendo com o menino? Anthony começou a chorar incontrolavelmente. "Mamãe! Mamãe!

Quero minha mãe!"

Dr. Galbraith suou, se contorceu, ficou ofegante e salivou enquanto seu corpo se enchia de adrenalina… É isso seu bastardo. É isso!

Ele checou o relógio de novo… Dê tempo a ele. Dê um pouco de tempo ao

bastardo; não se apresse.

Ele olhou o relógio de novo… os ponteiros estavam se movendo muito

rápido. Muito, muito rápido! Ele deveria ir agora? O bastardo já estava suficientemente perturbado? Sim, sim, claro que estava. O tempo estava

correndo. Já estava na hora de agilizar o que realmente interessava.

Dr. Galbraith entrou na sala e ficou de pé sem se mover por um momento e

sem dizer nada. Anthony se virou em direção a ele e continuou chamando sua mãe. "O que está errado com você, meu menino? Não era o filme que você queria?"

"Onde está a mamãe? Eu quero a minha mãe."

O doutor se aproximou da televisão e assistiu ao filme por um ou dois segundos antes de finalmente desligar. "Você realmente não deveria ter assistido aquele filme, Anthony. Isso não foi legal, não mesmo."

"Quero minha mãe!"

Dr. Galbraith se aproximou de Anthony com uma expressão pensativa em

seu rosto, como se cuidadosamente considerasse uma resposta. "Oh querido, eu acabei de pensar em uma coisa terrível. O que sua mãe e seu pai irão dizer se eles descobrirem o que você assistiu? Seu pai jamais voltaria para casa de novo."

Ele balançou sua cabeça. "Nunca!"

As lágrimas do Anthony se tornaram profundos e incontroláveis soluços que

faziam seu corpo inteiro tremer enquanto ele lutava para respirar. Ele se curvou no chão em posição fetal e começou a chupar seu polegar.

Dr. Galbraith sentou no chão próximo à sua vítima vulnerável e começou a

acariciar sua cabeça gentilmente: "Sua mãe já está chegando. Ela vai perguntar porque você está triste. E quando ela fizer isso, o que eu devo dizer a ela? O que você acha que ela dirá quando descobrir o que você fez?" Anthony balançou sua cabeça silenciosamente com um olhar de temor em sua face.

"Ela vai ficar muito, muito brava."

Silêncio.

Dr. Galbraith não disse nada mais por alguns segundos, mas continuou

acariciando a cabeça de Anthony. "Eu realmente deveria contar para a sua mãe,

mas eu sou seu amigo. O que você acha, Tony? Amigos não dizem essas coisas,

não é?"

Anthony concordou com a cabeça.

"Se você me prometer ser um bom menino, eu não vou contar nada para ela.

Esse será o nosso segredo. Isso é o que os melhores amigos fazem, Anthony.

Eles guardam segredos. Agora, o que nós vamos fazer até a sua mãe chegar?"

Molly sentou no banco do parque diretamente em frente ao lago artificial e

assistiu dois patos nadarem, enquanto pensava nos piqueniques do passado. Ela

sorria enquanto imaginava a cena: jogos de bolas, crianças sorrindo, risos, e um sol quente a acariciando sua pele, o verde vívido das árvores e flores de verão multicoloridas que traziam prazer a todos os sentidos, e água brilhante, as aves selvagens e os insetos dos lagos… Eram tempos felizes e o lugar ainda guardava

as lembranças.

Ela não sabia dizer porquê, mas ela se recordou de algo, Molly começou a sentir um crescente desconforto de deixar o Anthony sozinho com aquele médico… Com certeza não havia nada com que se preocupar. Ele era um

médico, afinal de contas. Ele tinha uma reputação excelente. A médica da família havia falado muito sobre ele. Por que ela estava sendo tão tonta? Ele não poderia ser mais legal. Então, por que ela estava se preocupando? Isso era algo ligado ao telefonema do Phil? Será que havia alguma coisa que ele não havia dito a ela?

Era melhor não ser, para o bem dele.

Molly começou a andar rapidamente em direção à clínica, chegando lá em aproximadamente metade do tempo. Ela ficou de pé na entrada do prédio, ofegante, e abriu a porta. Mas ela não abria. Ela tentou de novo, dessa vez com

mais urgência e tentou forçar a porta com seu ombro… por que estava trancada?

Não deveria estar trancada!

Molly bateu na porta e manteve-se batendo com mais e mais força… Por que

ninguém respondia? Ela correu ao redor do prédio… Havia outra porta? Com certeza havia uma porta nos fundos. Sim! Havia! Graças a Deus! Ela virou a maçaneta. Trancada! O que estava acontecendo? E se houvesse alguma coisa errada? Alguma coisa devia estar errada. Havia uma janela. Era pequena, mas ao

menos estava aberta.

Molly parou… Ela deveria entrar pela janela ou estava sendo uma idiota?

Será que ela estava exagerando? Ela provavelmente estava exagerando. Mas e se

o Tony estivesse precisando dela? Ela forçou a minúscula janela tanto quanto conseguiu e achou um jeito de se espremer através do vão, rasgando uma perna

da calça jeans e ralando sua coxa durante o processo. Ela se encontrou em uma

pequena cozinha antiquada em uma parte do prédio que ela não tinha visto antes.

Ela correu em direção de um corredor iluminado e ficou aliviada em ver a

recepção da clínica ao final dele. Molly correu rápido em poucos passos, escorregou e caiu dentro da sala, tropeçando no carpete fino do chão com um som surdo.

Dr. Galbraith estava se levantando de cima de Anthony: tentando ignorar seus impulsos, lutando para ficar em controle e amaldiçoando a dor crescente em

sua cabeça, quando ele de repente ouve uma pancada vinda da recepção…

Sharon não estaria de volta antes de uma hora. Devia ser a vagabunda da mãe.

Ele tinha trancado a porta. Claro que ele tinha. Como ela conseguiu entrar?

O doutor se abaixou até o chão, próximo a Anthony e colocou seu rosto a somente alguns centímetros do de Anthony. Ele olhou com seu olhar em pânico

e sussurrou, "Lembre-se do que eu disse, menino. Se a sua mãe e seu pai

descobrirem, eles irão brigar. E se eles brigarem, eles nunca ficarão juntos de novo. Você entendeu? Nunca! E seria sua culpa. Você entendeu?" Anthony concordou com a cabeça ansiosamente. Dr. Galbraith se levantou e ajudou-o a fazer o mesmo. "Vamos, jovenzinho, melhore essa cara. Pare de ser manhoso.

Você não quer deixar sua mãe chateada, quer?"

"Não!"

O médico guiou Anthony em direção à recepção e encontrou Molly entrando

apressadamente em sua sala sem bater… A vagabunda estava suspeitando de alguma coisa. Ela estava definitivamente com a pulga atrás da orelha. "Ah, Molly, minha querida, estou feliz que já esteja de volta. Estou feliz em dizer que nós tivemos um excelente progresso. Tony ficou um pouco chateado quando falamos sobre suas dificuldades matrimoniais, mas isso já era esperado."

Anthony se afastou dele, correu em direção de sua mãe e a abraçou fortemente

sem dizer nada.

Molly o abraçou mais forte e olhou para o médico. "Por que a porta estava

trancada?"

Foco, cara, foco. Isso tinha que ser convincente. "Como expliquei em nossa

consulta inicial, é essencial que as sessões não sejam perturbadas. Sharon geralmente cuida disso para mim, claro, mas ela estava fora, como você já sabe."

Molly franziu a testa… Era realmente necessário trancar a porta? Talvez fosse. Alguém poderia ter entrado e perturbado a sessão do Anthony. Talvez trancar a porta fosse a melhor opção naquelas circunstâncias.

Ela estava engolindo. A vagabunda estava engolindo. "Que aconteceu com sua perna, minha menina? Parece que está sangrando; deixe-me dar uma

olhada."

Molly transferiu seu peso para o outro pé… Por que ela esteve preocupada com

alguma coisa? O que ela ia dizer agora? "Oh, eu escorreguei no parque

gelado, Doutor. Não foi nada."

Dr. Galbraith apontou para sua cadeira e sorriu… A vagabunda estava na defensiva. Ele estava de volta ao controle… "Por favor, deixe-me dar uma olhada, minha jovem. Sente-se e deixe-me examinar sua perna." Molly se sentou com Anthony de pé próximo a ela sem nenhuma expressão em seu rosto pálido

manchado por lágrimas. O doutor se abaixou em direção a seu joelho e gentilmente retirou o jeans rasgado do raspão ensanguentado… Um dia essa vagabunda iria pagar. "Vai ficar tudo bem, querida. Fique aí por um ou dois minutos e eu farei um curativo."

Anthony sacudiu o braço de sua mãe repetidamente. "Podemos ir para casa,

Mamãe?"

"Não precisa, Doutor estou bem, de verdade."

Um dia, vagabunda. Um lindo dia. A hora dela iria chegar. “Obedeça ao médico, minha jovem. Você não quer pegar uma infecção, quer? Não vai

demorar nada."

Dr. Galbraith rapidamente reapareceu equilibrando um chumaço de algodão,

meio frasco de água boricada e uma enorme faixa sobre a agenda. Ele ajoelhou

novamente e colocou os itens no chão, próximo ao seu joelho… Vagabunda burra…

"Tente relaxar, minha querida. Vai arder um pouco."

"Obrigada, Doutor."

Ele enxugou a ferida repetidamente com o algodão umedecido.

"Certo, agora está bom e limpo de novo. Eu só irei secar rapidinho e colocar o curativo."

" Obrigada."

"Aqui está, minha jovem, tudo feito." Ele sorriu. "Eu só não consigo remendar o jeans para você."

Molly forçou uma risada nervosa. "Obrigada, novamente Doutor."

Dr. Galbraith se levantou e colocou sua mão direita no ombro do Anthony.

"Vamos marcar a próxima consulta desse jovenzinho. Eu tenho uns dois dias de folga na semana que vem, mas acho que seria uma boa ideia vê-lo em casa. O

que você me diz, jovenzinho?" Anthony tentou subir no colo da sua mãe. Molly sorriu e olhou para o chão… Estava ficando embaraçoso. "Vamos lá, Cariad.

Você já está bem grandinho para isso. Quando o senhor acha melhor, Doutor?"

Dr. Galbraith pegou uma cadeira, se virou para encará-la e começou a virar

as páginas de sua agenda. "Que tal às dez horas da próxima terça-feira de manhã? Será dia quatro de fevereiro. O tempo voa, não é mesmo?"

"Tão cedo?"

"Não quero te preocupar, minha querida. Eu realmente não quero. Mas

Anthony é um dos meus casos mais urgentes."

"Anthony? Mesmo?"

Ele pegou uma folha em branco de sua mesa e escreveu o endereço de sua casa e o número de seu telefone com uma caligrafia elegante e impecável.

"Estarei ansioso para vê-lo na próxima terça-feira, jovenzinho. Há uma vaga para a sua mãe estacionar na rua. Pode deixá-lo em casa, Molly e pegá-lo ao fim

do tratamento. Molly se levantou e balançou a cabeça docilmente.

Dr. Galbraith bateu a caneta várias vezes sobre a sua agenda e fez uma cara

contemplativa… Ele deveria arriscar? Sim, por que não? O pagamento valia a

pena pelo mínimo risco adicional. "Acho que seria melhor duas horas da próxima vez. Há ainda um árduo trabalho a ser feito se nós queremos que o Anthony volte logo a ficar cem por cento."

Molly fez uma pausa e disse, "Ok. Se você acha que é realmente necessário".

Oh, é com certeza necessário, vagabunda. "Receio que sim, minha querida."

Dr. Galbraith acompanhou os dois até o estacionamento, onde Mike esperava

impacientemente no mesmo táxi vermelho de antes. Molly entrou no carro com

Anthony preso aos seus braços como um imã. Enquanto o motorista manobrava

o veículo em direção à estrada principal, eles se sentaram abraçados um ao outro fortemente e silenciosamente com a cabeça de Anthony descansando sobre o ombro dela. Mike remexeu-se em seu banco, espiou sua mulher e filho e suspirou. "Está tudo bem, Mo? Tony parece chateado. Posso vê-lo tremer daqui.

Ele estava tão feliz quando chegou aqui há uma hora atrás. O que aconteceu?"

Molly apertou o joelho de Anthony e deu um sorriu forçado. Mike tinha razão. Ela precisava de tempo para pensar. Talvez ela estivesse errada e a terapia não era mesmo uma boa ideia no final das contas. "Para ser honesta, eu não sei o que dizer, Mike. Vamos deixar isso assim agora e conversamos depois quando estivermos em casa."

Anthony pressionou sua cabeça contra o ombro da Molly e começou a chorar

de novo. "E-eu quero ir para casa."

"O que está errado com você, Cariad?"

"Quero ir para ca-casa por favor, Mãe. Meu estômago está doendo!"

"Não quer ir comer um hambúrguer?"

"Só quero ir para casa, Mamãe."

"Tudo bem, Cariad. Vamos para casa."

Capítulo 20

"Preciso conversar a sós com o Papai, Cariad. Vá brincar um pouco no seu quarto. Eu levarei uma caneca gostosa de chocolate quente e alguns biscoitos em

alguns minutos. Você quer uma bolsa de água quente para o seu estômago?"

Anthony começou a subir as escadas lentamente. "Sim, por favor, Mamãe."

"Pode subir, Cariad. Estarei lá antes que você perceba."

Anthony olhou embaixo de sua cama e dentro do guarda-roupa procurando

por possíveis invasores antes de pegar seu álbum de figurinhas de futebol de dentro da gaveta e o abrir sobre seu edredom. Mas ele não conseguia se concentrar apesar da fascinação que isso sempre causava… Era bom ter o Papai

em casa, lógico. Mas sobre o que eles iriam conversar?

Ele abaixou sua cabeça e as lágrimas começaram a cair sobre as páginas abertas… E se eles descobrissem o que ele havia visto? O médico disse que o Papai jamais iria voltar para casa de novo. E se isso acontecesse? A culpa seria toda dele.

Anthony empurrou o álbum para o chão e se encurvou sobre a cama para esperar pela sua mãe.

Molly apareceu na porta de seu quarto alguns minutos depois, segurando uma caneca preta e branca da torcida do Swansea City cheia até o topo com chocolate quente e um generoso prato dos biscoitos açucarados preferidos de Anthony. Ela os colocou sobre o criado-mudo, encontrou o álbum jogado e várias figurinhas soltas pelo carpete e se sentou ao lado de seu filho sobre a cama. "O que foi, Cariad? Você estava tão bem essa manhã. Aconteceu alguma

coisa de errado na clínica? O médico disse alguma coisa que te chateou?"

"Não!"

"O que foi então? Alguma coisa te aborreceu?"

"Meu estômago está doendo."

Ela tocou seu ombro afetuosamente. "Vamos lá, Cariad, para cama. Beba seu

leite com chocolate e estarei de volta com a bolsa de água quente assim que eu

tiver falado com seu pai. Agora, pare com essas lágrimas. Pegarei alguns travesseiros extras para você, para que você possa se sentar confortavelmente e

comer seu lanche." Anthony forçou um sorriso e concordou com relutância.

Molly fez um café forte para o Mike e um chá de hortelã para si mesma, antes de juntar-se a ele na sala onde ele estava assistindo um programa diário em uma televisão que já tinha visto dias melhores. Ela segurou sua caneca, desligou a televisão e sentou-se ao lado dele no sofá de três lugares.

"Como ele está lá em cima?"

"Não muito bem, para ser bem honesta, Mike. Estou me perguntando se Phil

não estava realmente certo no final das contas. Talvez a terapia não seja uma boa ideia."

Mike tomou um gole de café e limpou o bigode de espuma do leite com a mão.

"O que aconteceu com seu joelho?"

"Não mude de assunto, Mike. Quero saber o que você pensa de verdade. Não

mude de assunto como sempre."

Mike se ajeitou no sofá… Ele não poderia fugir de uma resposta, embora tentasse.

"Eu tive minhas dúvidas desde o começo, para ser sincero, Mo. Tenho certeza que o Phil está certo. O que o Anthony precisa é que paremos de discutir e voltemos a ficar juntos assim que possível."

Ela olhou para ele e disse, "Mesmo?"

"Sei que tudo isso é por minha culpa, Mo. Por favor, me dê uma chance de

consertar as coisas."

"Agora não é a hora para isso, Mike. Quando você deixar aquela vagabunda,

ao invés de só falar que vai fazer isso, então poderemos talvez falar sobre voltarmos, mas não antes. Coloque isso dentro da sua cabeça. Vamos nos concentrar no tratamento do Tony por agora, por favor. Ele tem uma outra consulta em alguns dias e nós precisamos decidir de um jeito ou de outro. Você

acha que devo cancelar a consulta da terça-feira ou não?"

"Terça? Tão cedo?"

"O médico acha que é urgente."

"Não sei o que dizer para melhorar, Mo. Você ficou bem satisfeita após a primeira consulta."

"Vire homem, Mike! Diga o que você realmente pensa pelo menos uma vez

na sua vida."

Ele desviou seus olhos e esvaziou sua xícara, fez uma pausa…. Aí vai. "Não

acho que a terapia seja uma boa ideia, Mo. Como eu já disse desde o começo.

Não gosto de psiquiatria, você sabe disso. Olhe o estado do coitado do menino

hoje. Isso deve significar alguma coisa, não deve?"

"Nós temos que ter absoluta certeza, Mike. Tony pareceu muito melhor depois da primeira consulta, não é uma decisão que poderemos bancar se

estivermos errados. Eu estava certa que a terapia o estava ajudando. O doutor é legal e tem a melhor das intenções. Eu sei disso. E ele nos disse que as coisas iriam piorar antes de ficarem melhores. Você tem que considerar isso."

"Sim, ele disse, mas ainda assim não me convenceu, Mo."

"Talvez nós estamos nesse estágio, eu acho. Mas eu não sabia que ele ficaria tão mal quanto claramente está. Talvez seja melhor cancelar e então reagendar outra

consulta se ficar provada a necessidade."

"Você está certa, Mo. Quer que eu fale com o Phil novamente?"

"Não, obrigada, Mike. Para quê? Já sabemos exatamente o que ele pensa. Ele

deixou seu ponto de vista bem claro para nós dois. Eu pensarei ainda um pouco

mais a respeito no final de semana e ligo na segunda-feira se eu decidir realmente cancelar."

"Faz sentido, amor. Vou subir e ver o Tony antes de ir embora, tudo bem?"

"Sim, sem problemas, ele não ia querer que você fosse embora e não dissesse tchau."

"Obrigado, Mo. Te ligarei no final de semana para saber como as coisas estão indo."

"Ok, Mike. Obrigada por hoje. Nos falamos em breve."

Conforme Mike caminhava pela casa, ele finalmente decidiu que era

realmente a hora de parar de protelar as coisas… Molly estava coberta de razão.

Ele tinha que crescer! Virar homem. O relacionamento com a Tina tinha corrido

seu curso. Era hora de a deixar e colocar sua família como prioridade. Isso era o que eles queriam. Isso era o que ele queria. Por que não fazer alguma coisa a respeito? Tina era toda visual, mas nenhuma substância. Ele era realmente tão burro assim? Como uma transa no banco de trás de seu carro terminou em um caso sério?

Ele deu uma risadinha… O que era mesmo que o Phil havia dito sobre esse

assunto? Que ele estava pensando com a cabeça de baixo. Ele nunca havia dito

algo tão verdadeiro!

Mike fez de tudo para evitar ver a Tina quando ele chegou do trabalho, saindo mais cedo com a desculpa de uma consulta ao dentista inexistente e depois indo

até o mecânico para pegar o XR3 equipado com quatro novos pneus

de alta performance bem caros. Na hora que seu táxi chegou à mecânica Highprove, o Escort já estava na rampa e ele somente teve que esperar por uma

meia hora antes de pagar a conta indesejada e dirigir com seu coração pesado.

Mike checou seu relógio Seiko… Somente uns vinte minutos antes da Tina

voltar ao apartamento. Ele correu de sala em sala, freneticamente enfiando suas

poucas coisas dentro de uma mala vermelha esportiva da Puma e dois sacos plásticos pretos pegos da cozinha. Ele jogou todas as três sacolas para dentro do banco de trás do conversível e correu de volta para o apartamento para checar mais uma vez se ele havia pego tudo e para escrever rapidamente à Tina um bilhete de explicação… Ele estava sendo um covarde; ele estava escolhendo de

novo a opção mais fácil, ele sabia muito bem disso. Mas já havia tido drama mais do que suficiente por um dia. Ele escreveu um bilhete rabiscado sobre o quanto ele sentia falta de seus filhos, que ele não a amava, mas sim a sua esposa e o deixou na copa da cozinha apoiado contra a chaleira, antes de sair correndo.

Conforme ele dirigiu com o acelerador pressionado até o fundo, os novos pneus do conversível rugiram alto, deixando marcas escuras sob o asfalto. Ele acelerou muito em duas ruas com modestas casas geminadas e desligou o carro

em uma rua quieta onde ele sabia que a Tina não passaria no caminho de volta

do trabalho. Ele estacionou seu carro ao lado de um orelhão vermelho desbotado

e tentou ignorar o fedor de urina permeando o ar enquanto ele ligava para o número da Molly. Ela atendeu em alguns segundos, mas antes de pronunciar um

alô, Mike já estava gritando ao telefone, "Eu fiz, Mo. Eu a deixei. Posso ir para casa, amor?"

Molly segurou o ar em um triunfo silencioso, mas imediatamente se advertiu

e adotou um tom sério. "Você realmente acha que será assim tão fácil, Mike?

Você já pensou o que fez a mim e às crianças passarem? Preciso refrescar a sua

memória? Você nos deixou na merda. Houve vezes que desejei nunca ter visto sua cara feia na vida. Quero que você entenda isso."

"Me desculpe, Mo. Mesmo! Mas o que você quer que eu faça agora?"

"Isso não é um problema meu, Mike, mas se você chegar perto daquela vagabunda de novo, será o fim de nós dois. Sem mais nenhuma chance. Se você

conseguir enfiar isso dentro da sua cabeça, apareça amanhã à noite e poderemos

falar sobre o futuro."

"Isso é ótimo, Mo, que horas?"

"Por volta das sete, nós precisamos estabelecer algumas regras se houver alguma chance de isso realmente acontecer."

"Obrigado, Mo, agradeço muito. Até amanhã. Amo você, Mo. Mande

lembranças às crianças."

Ela limpou uma lágrima de seu rosto.

"Se você se atrever a olhar para qualquer outra mulher de novo, eu pegarei

uma faca e cortarei seu membro fora."

Capítulo 21

Mike chegou na casa de sua mãe exatamente no ponto em que a temperatura se

tornava congelante. A idosa sacudiu a cabeça repetidamente quando ela o recebeu à porta, segurando seus poucos pertences. Ela achou melhor guardar para si suas opiniões… Ele a conhecia bem o suficiente para saber que ela desaprovava tudo aquilo. Para que perturbar com palavras agora? Haveria muito

tempo ainda para conversar.

Mike carregou suas coisas para o quartinho que fora seu uma vez na infância

e se sentou sobre a cama… A vida realmente dá voltas, e fechava um ciclo agora.

Ele decidiu não se preocupar em organizar suas coisas naquele momento e desceu as escadas direto para tomar chá e deixar sua mãe inevitavelmente dizer

que era melhor superar tudo isso.

Eles se sentaram na sala de estar, mobiliada modestamente, mas

impecavelmente limpa, por cerca de dez minutos antes de June Mailer

finalmente tirar os olhos da televisão e olhar para ele, extremamente irritada.

' Resolva isso com a Molly, Mikey, por amor às crianças, se nada mais for tão importante.'’

' Estou fazendo isso, Mãe.'

' Fico feliz em ouvir isso, filho. Coloque água para ferver. Uma gostosa xícara de chá nos animará um pouco.'

Pelos próximos vinte minutos eles ficaram em silêncio, tomando chá na

xícara de porcelana e assistindo um programa famoso, mas totalmente inútil na

TV. Mike se levantou assim que o noticiário do início da noite começou e se virou para sua mãe.

' Tudo bem se eu usar o telefone, Mãe? Já são mais de seis horas e é uma ligação local.'

June checou seu relógio Rotary banhado a ouro e relaxou.

' Claro, Mikey. Nem precisa perguntar.'

Phillip Beringer atendeu o telefone depois de trinta segundos.

' Alô?'

' Alô, Phil, é o Mike. Vai umas brejas?'

' Sim, por que não? Clube de Rúgbi, às oito? Estará bem quieto lá essa noite,

haverá um jogo amanhã de manhã.'

' Boa ideia. Te devo uma rodada de dardos, se você topar, claro.'

' Sim sim. Te vejo lá, então.'

Beringer estava de pé no bar empolgado em uma animada conversa com a atendente quarentona, loira, um pouco acima do peso, mas bonita, quando Mike

entrou no bar de rúgbi dessa vez não tão barulhento. Ele pediu duas cervejas: uma Buckley Bitter e uma Guinness e pediu os dardos, antes de finalmente dizer

um "oi" atrasado. Beringer respondeu, aceitando a cerveja agradecido e sentou num canto distante da sala, atrás da antiga mesa de bilhar. Mike repousou os três dardos sob um descanso de copo encharcado e escolheu um assento com uma boa visão da atendente do bar e sua blusa decotada.

Beringer olhou para seu amigo e bufou. ' Pelo amor de Deus, Mike. Você não

muda, né? Você realmente acha que vai conseguir se concentrar em qualquer outra coisa por alguns minutos e me dizer como está o Anthony?' Sua expressão

se tornou séria. ' O que a Molly decidiu sobre a clínica?'

' Ele teve uma outra consulta, mas ela está falando de cancelar a próxima.”

' O quê? Eu achei que o seu carro estava no conserto!'

' A Molly insistiu e eu arrumei um táxi.'

Beringer franziu a testa apreensivamente. ' E como está o Anthony?'

' Como eu te disse, ele melhorou depois da primeira consulta, mas dessa vez

ele saiu em péssimo estado.'

' A Molly ficou com ele o tempo todo?'

' Não, foram somente o Tony e o médico dessa vez. Mas por que infernos você

está perguntando isso? Melhor não ser nada além do que uma preocupação

normal de padrinho, Phil.'

Beringer bebeu sua cerveja e se esforçou para manter seus olhos em contato

com os de Mike. “Não, como eu disse, não é nada demais. Só não acho que é uma boa ideia, Mike. É isso! Quer que eu converse com a Molly mais uma vez

por você?'

' Não, não tem necessidade disso, Phil. Eu mesmo posso dizer a ela. Acho que ela vai decidir isso sozinha de qualquer forma. Não te contei ainda… vamos

voltar a ficar juntos.” Beringer sentiu um peso sair de cima de seus ombros…

Talvez já fosse muito tarde, mas tinha esperança que não. ' A Molly sabe disso?'

' Claro, que sabe, seu trouxa. Estou morando na casa da minha mãe por enquanto.'

Beringer riu até seu peito doer e as lágrimas rolaram de seu rosto angular. ' E

como estão indo as coisas lá?'

' Eu estava pensando seu eu poderia ficar com você por enquanto, para ser bem honesto.' ' Você está de brincadeira!' Ele pegou os dois copos vazios de cerveja e sorriu. ' Mas tenho certeza que sua mãe está tendo o maior prazer em

ter seu menininho de volta em casa. Cala a boca, Mike. Você merece tudo isso.'

' Sim, você tem razão, Phil. Traga a cerveja.'

Capítulo 22

Molly gastou um ou dois minutos procurando pelo pijama e lençóis sujos do Anthony, antes de achá-los escondidos no canto dentro do guarda-roupas. Ela recolheu tudo, segurou em seus braços juntamente com vários outros itens de roupas e tênis molhados de urina e lutou contra suas lágrimas enquanto descia as escadas em direção à máquina de lavar já sobrecarregada.

Molly enfiou tudo menos os tênis na máquina, colocou o sabão em pó da caixa que já estava pela metade e lavou suas mãos, antes de fazer uma bebida quente e cair sobre a mesa da cozinha para uma pausa necessária. Ela bebeu e suspirou… A vida parecia estar fazendo piada com a sua cara. Era como se houvesse um grande mestre de marionetes no céu puxando as cordas e brincando

com suas frágeis emoções por pura diversão. Ultimamente parecia ser um passo

para frente e dois para trás. Tony parecia ótimo depois da consulta inicial, mas quanto tempo isso durou? Ele está muito carente e choramingando o tempo todo.

E agora fazendo pipi na cama de novo. As coisas estão tão ruins quanto antes.

Piores até! Se iria cancelar a consulta, devia fazer isso logo. O médico era muito ocupado. Ele provavelmente iria ter outros pacientes à espera de uma vaga.

Molly ligou o rádio para abafar o barulho incessante da máquina de lavar e

preparou uma outra xícara de chá de menta. Enquanto ela misturava uma larga colher de mel, reconheceu que estava simplesmente adiando o inevitável… A decisão já estava tomada. Talvez ela devesse ter ouvido o Phil da primeira vez.

Molly ligou para a clínica e teve que esperar somente alguns segundos antes

de ouvir a voz animada de Sharon, instantaneamente reconhecível dizendo,

' Bom dia, consultório do Dr. Galbraith. Pois não?'

' Alô, Sharon, aqui é Molly Mailer, mãe do Anthony.'

' Como posso ajudá-la, Senhora Mailer?'

' Eu gostaria de cancelar a consulta do Anthony.'

' Se a consulta não for conveniente, posso procurar na agenda outro horário

para você.'

' Por favor, agradeça ao doutor por mim, mas Anthony não irá vê-lo

novamente.'

' Mesmo? Você tem certeza disso? Dr. Galbraith está numa conferência em Liandrindod Wells o dia todo hoje, mas eu ligarei para ele em casa assim que o

dia amanhecer e o avisarei. Acredito que ele irá querer conversar com você pessoalmente.' ' Não há necessidade disso. Eu não gostaria de tomar mais nenhum minuto do tempo dele. ' Molly desligou o telefone tão rápido quanto

possível, antes que Sharon tivesse a oportunidade de discutir a razão do cancelamento… Anthony não iria novamente. Era simples assim.

Capítulo 23

Dr. Galbraith voltou ao seu escritório às sete e quinze da terça-feira, quatro de fevereiro, atualizando o arquivo de Anthony, checando repetidamente o seu relógio de pulso e tentando conter a sua excitação crescente. Sua cabeça já estava um pouco melhor. Hoje era o dia. Finalmente havia chegado e a espera agonizante terminaria em breve. O que ele deveria fazer primeiro? Deveria levar

o pirralho direto para o porão? Sim, por que não? Por que não fazer completo uso de seu tempo? Ele teria que ser cuidadoso e não deixar marcas, claro. E não

seria nada fácil. Isso significaria algumas lastimáveis restrições. Mas gostando ou não, eram necessárias. Estava tudo pronto? Tinha colocado uma nova fita na

câmera?

Seu rosto se contorceu como se uma dor apunhalasse o seu cérebro… Ele não deveria ter que lidar com os malditos pormenores. Essas coisas eram para os

Sherwoods desse mundo. Para homens inferiores! Ele devia somente focar em um objetivo maior. Talvez tivesse sido melhor ter deixado o Sherwood viver, apesar de suas malditas falhas.

Ele contorceu seu rosto novamente… Controle-se homem. Era

absolutamente sem sentido ponderar tais questões. Sherwood foi morto por uma

boa razão e o tempo estava correndo. Ele se levantou e esmurrou com força a parede forrada de painéis… ele tinha que fazer tudo sozinho! Que outra opção haveria?

O telefone tocou exatamente na hora em que Dr. Galbraith estava deixando

seu escritório e indo em direção à cozinha. Cynthia atendeu o telefone antes dele e reconheceu a voz da Sharon imediatamente. Ela segurou o telefone em seu braço e falou rapidamente antes de ele a alcançar. ' É a Sharon, ela quer falar com você.'

Ele pegou o telefone sem dizer nada a ela… O que a vagabunda irritante quer

agora? ' Sharon, que bom ouvi-la no dia de hoje, minha querida. Como posso ajudá-la?'

' Não queria perturbá-lo enquanto você estava na conferência ontem, Doutor.

A senhora Mailer ligou. Anthony não comparecerá à consulta nesta manhã.'

Dr. Galbraith agarrou a mesa do telefone com ambas as mãos e se abaixou lentamente até o chão antes de falar novamente.

' Ela disse por quê?' Ela marcou outra consulta? Eu o verei novamente?'

' Você está bem, Doutor? Parece um pouco zangado.'

Sua cabeça estava martelando… Será que ela conseguia ouvir aquilo? Claro

que a vagabunda podia ouvir.

Dr. Galbraith fechou seus olhos e começou a se contorcer

incontrolavelmente.

' Você ainda está aí, Doutor?'

' Outra consulta? Ela marcou outra consulta?'

' Não, ela não marcou, Doutor. Eu perguntei para ela.'

Dr. Galbraith estava quase chorando. ' O número?'

' Me desculpe, Doutor?'

' O número dos Mailer, me dê o maldito número.'

Foram necessárias três tentativas para que o Dr. Galbraith conseguisse digitar o número com os dedos trêmulos… Atenda, vagabunda, atenda a merda do telefone.

' Alô, Molly Mailer.'

' Bom dia, Molly, minha querida! É o Dr. Galbraith. Fiquei surpreso em saber que você cancelou a consulta do Anthony.'

' Nós agradecemos muito sua ajuda, Doutor, de verdade. Mas eu realmente não acho que o tratamento está ajudando o Tony.'

Malditas mães, por que elas têm sempre que interferir? Escolha suas palavras com cuidado, cara. Escolha com cuidado…

' Você precisa reconsiderar isso urgentemente, minha querida. Como expliquei antes, é essencial que Anthony complete o tratamento inteiro. Você deve se recordar que assinou um contrato.'

' Conversei com meu o marido, Doutor. Não foi uma decisão fácil de se tomar. Mas chegamos à conclusão que o melhor para o Tony é não continuar.

Nos desculpe se desperdiçamos seu tempo.'

' A senhora é uma especialista, Senhora Mailer?'

' Não, claro que não, mas…'

' O seu marido é um especialista em cuidados infantis, Senhora Mailer?'

Molly ficou em silêncio… Isso estava começando a irritá-la.

' Por favor, ouça bem o que vou dizer, Senhora Mailer. É extremamente importante que você perceba que, apesar das aparências contrárias, Anthony teve

um progresso significativo. Lembre-se que se ele continuar a terapia, seu trauma emocional irá eventualmente diminuir e seu comportamento irá melhorar

drasticamente. Ele será uma criança feliz de novo. Não é isso o que você realmente quer para o seu filho, Molly?'

' Sim, suponho que sim, mas…'

' Agora, Molly, não há espaço para dúvidas onde o bem-estar de uma criança

está em pauta. Eu pedirei a Sharon que entre em contato com a senhora para

agendar uma outra consulta assim que possível."

' Preciso pensar melhor a respeito, Doutor. Eu falarei com o Mike de novo, mas por favor, não nos mande outra carta de inscrição até eu dar um retorno.

Não quero gastar ainda mais o seu valioso tempo. Se decidirmos que Anthony precisa vê-lo novamente, eu falarei com a Dra. Procter.'

' A senhora está cometendo um grave erro, Senhora Mailer.'

' Me desculpe, Doutor. Pensarei a respeito, mas não tenho nada mais a dizer,

no momento.'

Capítulo 24

Dr. Galbraith acordou com um surpreendente bom humor na quarta-feira, cinco

de fevereiro, apesar da amarga decepção do dia anterior… Era hora de agir. Hora

de uma abordagem diferente, mais radical. Não havia tempo para chorar pelas falhas do passado. O seu objetivo maior era de longe, muito maior do que aquilo.

Ele deixou de fazer seus exercícios matinais de rotina para poder tomar café

da manhã mais cedo, o que o agradava, porque não teria que ver a cara da Cynthia… Havia coisas mais importantes a serem feitas com esse tempo. Coisas

significativas que exigiam sua total atenção.

O Doutor ligou para a Sharon precisamente às oito e quarenta e cinco e inventou uma desculpa convincente, citando várias razões para a anormalidade do dia anterior, conforme suas próprias palavras. Ele a informou que iria tirar uma licença de alguns dias por uma infeliz necessidade e a instruiu a cancelar todos os seus inúmeros compromissos. Sharon concluiu que a doença, ou mais especificamente a febre, explicava melhor o choque explosivo que tivera no dia

anterior… Foi fora do normal. Que outra explicação haveria?

Dr. Galbraith fez uma outra ligação, à uma florista local, encomendando um

buquê enorme de rosas brancas e vermelhas que deveria ser entregue à Sharon na clínica no dia seguinte. Ele teria uma mensagem simples de desculpas e afeição. Ele sorriu ao pensar em sua generosidade… Valia a pena pagar algumas

libras miseráveis para manter a vagabunda irritante fora daquilo.

Após uma hora ou mais assistindo vídeos e se recordando ternamente do passado, ele direcionou sua atenção para o planejamento do sequestro de Anthony, algo que ele considerava ser feito com precisão militar. Ele pegou um

bloco de notas e uma caneta tinteiro da gaveta e começou a explorar seus pensamentos sobre o papel: primeiramente, quando fosse a hora certa, ele pegaria emprestado um veículo apropriado com o círculo de pedofilia.

Depois, ele dedicaria tanto tempo quanto fosse necessário para observar a família Mailer para então poder determinar a hora e o lugar mais preciso para capturar a vítima.

Uma vez que Anthony fosse aprisionado no porão, ele demoraria o tempo necessário para registrar cada um dos momentos em um filme e no papel.

Finalmente, quando o pirralho já tivesse servido para seu propósito, ele aumentaria o sofrimento da vagabunda da mãe dele enviando-lhe as cópias dos

vídeos.

Dr. Galbraith uniu seus dedos atrás de sua nuca, imaginou a cena e relaxou.

Quando ele estava finalmente pronto para deixar de fantasiar, ele colocou todos

os planos completos na pasta de arquivo do Anthony por segurança e futura referência.

O Doutor de repente percebeu de uma coisa… Quem iria auxiliá-lo com

todas as questões práticas? Sherwood servia a um propósito bem útil: raptar e carregar, filmar e fazer a limpeza que invariavelmente seguiam-se às suas atividades. Em algum ponto de um futuro bem próximo, ele precisaria de um semelhante, alguém com quem pudesse ter uma certa cumplicidade para cumprir

suas ordens. Que tal Gary Davies? Davies devia isso a ele. Era verdade. Mas, seria muito arriscado? Será que ele deveria considerar outra pessoa, tendo em vista sua recente passagem pela polícia? Por que infernos ele estava achando que tomar decisões definitivas agora era tão mais difícil do que durante todos esses anos? Por que pensar fazia sua cabeça doer? Que inferno! Davies teria que fazer.

Davies era a escolha óbvia.

Capítulo 25

Às oito da manhã seguinte, Dr. Galbraith já estava sentado do lado de fora da casa da família Mailer em uma van branca velha da Ford emprestada de um pedófilo com quem tinha contato e era dono de um ferro velho localizado na pequena cidade industrial vizinha. O homem era um membro do círculo e ficou

feliz em poder ajudar, sem questões indesejáveis. O Doutor ergueu seu binóculo

militar Zeiss Jena DF 7x40 e o aproximou de seus olhos, observando um cômodo de cada vez. Seus olhos se lançavam de janela a janela: do térreo ao primeiro andar, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita e então de novo. Ele observava e esperava, constantemente repetindo o processo, até que ele finalmente viu Anthony deixar sua casa aproximadamente meia hora

depois… Venha, pirralho. Venha para cá. Venha para cá.

Anthony andou pelo caminho de mãos dadas com Molly, embarcou no

ônibus e preferiu se sentar na frente do que se juntar aos meninos de sua idade

que achavam superbacana sentar no fundo. Molly acenou exageradamente até o

ônibus deixar a sua visão. Dr. Galbraith amaldiçoou a existência de Molly, deu partida na van a diesel na terceira tentativa de virar a chave e seguiu cautelosamente a uma distância discreta, aderindo aos limites de velocidade e evitando qualquer manobra imponderada que pudesse chamar a atenção da polícia ou de qualquer outra pessoa.

Nuvens de fumaça preta vinham do carburador, enquanto ele ultrapassava o ônibus para alcançar seu destino final aproximadamente quinze minutos depois.

Ele brecou, desligou o motor, estacionando cerca de cinquenta metros estrada abaixo, para olhar as crianças desembarcarem pelo seu espelho retrovisor… Isso não estava bom. Definitivamente não estava bom.

O doutor agarrou-se ao volante com ambas as mãos, foi para frente e bateu a cabeça no para-brisa… Uma ajudante vagabunda estava ajudando os pirralhos a atravessar a rua. Um professor cretino estava assistindo da entrada da escola.

Sem chance.

Dr. Galbraith voltou para a porta da escola às três e vinte da tarde, concluindo que aquilo merecia uma segunda olhada antes de descartar a opção completamente. Ele estacionou do lado oposto da rua em um local que ele havia escolhido mais cedo e observou os eventos com olhos atentos… A mesma palerma daquela vagabunda, o mesmo paspalho do professor medíocre e o sistema simples que parecia funcionar frustrantemente bem. Ele seguiu o ônibus na sua viagem de volta, mais na esperança do que na expectativa de algo acontecer e encostou na guia atrás do ônibus assim que ele parou na casa dos Mailers. Por um ou dois segundos gloriosos, Dr. Galbraith achou que haveria uma oportunidade. Mas não… Lá estava a vagabunda da mãe. Na porta.

Assistindo a cada movimento que o bastardinho fazia como uma mãe coruja e obsessiva. O que havia de errado com essas pessoas? Ele xingou e praguejou, esmurrando o volante violentamente com o seu punho fechado. Ele ultrapassou o

ônibus e dirigiu tão rápido quanto o motor engasgado permitia… Já era hora de

considerar outras opções.

Dr. Galbraith estacionou quase que diretamente na frente do trabalho do Mike Mailer às quatro e quarenta e quatro e assistiu Mike deixar o prédio aproximadamente vinte minutos mais tarde. Ele estava considerando se iria segui-lo de van ou a pé, quando Mike parou ao lado de seu conversível, destrancou-o e entrou. O doutor deu a partida na van e na quarta tentativa, ela funcionou, exatamente quando Mike arrancava. Mesmo com a performance

superior do carro de Mike, ele conseguiu manter o carro sob sua visão graças à

hora do rush.

O Doutor não parou quando chegou na casa de June Mailer, mas diminuiu a

velocidade enquanto passava pelo local, observando o Mike saindo do carro e andando em direção à porta de entrada. Ele fez uma nota mental do nome da rua

e o número da casa… Parecia esperançoso. Um obstáculo a menos para se preocupar? Provavelmente, mas ele tinha que ter certeza.

Dr. Galbraith acelerou em direção ao bar Ceffyl Du, o qual tinha passado alguns minutos mais cedo na entrada da cidade. Ele tinha antecipado a necessidade de ter que sair sem ser percebido da van durante o dia, e já havia preparado tudo. Ele estava usando óculos de armação grossa, estilo tartaruga, com lentes castanhas e sem grau; um gorro verde escuro sujo que ele desceu até

suas sobrancelhas precisamente aparadas um macacão cinza parecendo um

trabalhador do ferro-velho e um par de botas velhas pretas dobradas no topo. Ele saiu da van e admirou seu reflexo em uma das largas janelas do andar térreo…

Estava ótimo e seria muito efetivo, não havia qualquer razão para ter medo de ser reconhecido. Até mesmo um membro da família teria dificuldade em o

reconhecer. The Ceff, como o bar era carinhosamente conhecido, era um típico buraco galês para encher a cara após o trabalho. Ele empurrou a porta com o pé para abri-la e esperou no hall por alguns segundos, dando a seus olhos o tempo necessário para se ajustarem ao interior sombrio. Mesmo com aquela atmosfera melancólica, ele conseguiu ver através de nuvens de fumaça de tabaco, que havia somente três clientes velhos e desgrenhados segurando seus cigarros com seus dedos amarelos e um bêbado mais novo, mas de idade indeterminada, com dificuldade em manter-se de pé enquanto conversava com um taberneiro acima do peso que não parecia nem um pouco interessado em nada, mesmo que fosse pago para isso. Uma canção do Rollings Stones que o doutor não conhecia ou gostava estava tocando na jukebox acoplada à parede.

Dr. Galbraith disse, 'Boa noite' ao proprietário ao se aproximar do bar e pedir uma dose de whisky, com um sotaque de Glasgow suficientemente convincente.

' Nós só temos uma marca de whisky, está tudo bem para você?'

O doutor estava acostumado a coisas mais requintadas, mas respondeu, ' Sem problema' com um entusiasmo falso e engoliu com um movimento rápido de seu pulso. ' Eu vou querer mais uma, e uma para você também.'

' Muito gentil, isso é algo bem raro por aqui, pode acreditar.'

' De nada.'

O proprietário sorriu jovialmente e gesticulou em direção aos frequentadores embriagados. ' Não consigo me lembrar quando foi a última vez que qualquer um desses palermas me pagaram uma bebida.' Ele serviu as bebidas e sorriu,

deixando seus dentes podres aparecerem. ' Nunca te vi antes por aqui. O que o traz a essas bandas?'

O doutor inclinou-se sobre o bar, demonstrando seu rosto desarmado. ' Eu estou procurando por um velho amigo meu: Mike, Mike Mailer. Você tem ideia

onde posso encontrá-lo?'

O dono coçou sua cabeça calva e franziu a testa. ' Eu deveria saber, trabalho

aqui por quase trinta anos, mas não, não consigo te dizer."

"Tenho quase certeza que ele mora aqui em algum lugar.'

O proprietário do bar pensou por alguns segundos antes do olhar pensativo repentinamente se evaporar de seu rosto. ' Ah, você quer dizer o Mikey? O filho

da June?' Ele riu alto, sacudindo sua protuberante barriga de cerveja grotescamente, como uma porção de gelatina. ' Ele voltou a morar com a mãe dele, aquele palerma. Chutado pela mulher depois de ter comido uma ou outra vagabunda por aí.'

Dr. Galbraith riu junto com seu anfitrião. ' O quê? Ele não está mais com a

Tina, por quem ele deixou a mulher e os filhos?'

' Parece que sim, falei com a June ontem mesmo. Está tudo terminado, sua mulher não o quer de volta.' Ele riu e disse: ' Paspalho' antes de se virar e encher o copo com outra forte cerveja alemã.

' Então ele está definitivamente de volta à casa de June?'

' Sim, definitivamente, é o que ela mesma diz.'

O doutor se despediu e começou a pensar… Era uma minúscula vitória, mas

sem dúvidas uma vitória. As coisas pareciam finalmente melhores.

Naquela noite, Dr. Galbraith se sentou em seu santuário, revisando seu progresso ou a falta dele… No geral, tirando a mudança de Mike Mailer, era tudo muito frustrante. Ele tinha que reconhecer a realidade. Não é de se surpreender que sua

cabeça estivesse doendo tanto. Era admirável que ele conseguisse se manter ativo. Ele havia direcionado coisas. mas nada certo, e aquilo simplesmente não era bom o suficiente. Ele tinha que fazer alguma coisa

para progredir. Invadir a casa dos Mailer era uma opção, ele já havia aceitado isso, mas era bem arriscado. Será que era tão arriscado com o idiota do pai fora de cena? Claro, tal estratégia deveria ser um último recurso somente no caso de

tudo mais falhar.

O doutor examinou o arquivo de Anthony um milhão de vezes, procurando

desesperadamente por inspiração… Treino de Rúgbi. Que tal o treino de Rúgbi?

A vagabunda da mãe não havia dito que o pirralho tinha treino de rúgbi às sextas-feiras?

Dr. Galbraith checou suas anotações: às seis e trinta nas sextas-feiras, mas ele não estava indo ultimamente. Valia a pena considerar essa possibilidade? A

vagabunda estava o encorajando a ir. Ela deixou isso perfeitamente claro.

A palpitação em sua cabeça foi diminuindo devagar e ele se sentou com seus

olhos fechados, tentando relaxar… A possibilidade tinha que ser explorada.

O Doutor se levantou e andou pela sala… Ele tinha feito tudo certo. Claro que ele tinha. E merecia uma recompensa. Ele pegou o vídeo da gaveta da escrivaninha, baixou o zíper da calça e ligou o vídeo cassete.

Capítulo 26

Dr. Galbraith observava anonimamente de dentro da van três meninos da idade

de Anthony vestindo roupas esportivas coloridas se aproximando da porta da frente da casa dos Mailers, às seis e dezesseis na sexta-feira, dia sete de fevereiro. Molly atendeu a porta e imediatamente desapareceu, enquanto os meninos, que haviam recusado o convite dela para esperarem no quente, ficaram

tremendo esperando próximo à porta.

O doutor olhou atentamente a cada um dos meninos por vez, olhando para eles de cima abaixo e considerando o potencial deles como possíveis futuros projetos. Mas ele rapidamente mudou de pensamento devido à pressão em sua cabeça que começava a crescer… Que diabos estava errado com ele? Ele tinha

que focar em um projeto por vez, assim erros imprevistos seriam evitados.

Ele se forçou a olhar para a porta e nada mais… Saia, seu bastardo. Venha para cá. Venha para cá.

Molly colocou suas mãos em cada um dos ombros de Anthony e tentou não

deixar a frustração crescente se estampar em seu rosto. ' Vem, Tony, seus amigos estão esperando. Você já está de uniforme e eu já limpei suas chuteiras. Vá agora e divirta-se.'

' Na próxima semana eu vou, Mãe.'

' Quanto mais você demora para fazer isso, mais difícil vai ficando, Cariad. O

Papai vai ficar muito orgulhoso de você, se você for.'

' Vai?'

' Sim, claro que vai. Saia e vá agora. Vou deixar seu jantar quentinho te esperando voltar para casa.' Anthony se dirigiu até a porta da frente como se fosse um condenado, mas sua vontade mudou imediatamente e ele sorriu ao se juntar aos seus amigos do lado de fora na meia-escuridão. Molly suspirou com alívio enquanto assistia os quatro meninos andarem em direção da calçada e finalmente fechou a porta uma vez que eles saíram de seu campo de visão.

Dr. Galbraith deixou a van e seguiu os meninos a uma distância discreta com

sua cabeça abaixada para evitar que seu rosto fosse visto por qualquer transeunte possível, até que eles finalmente alcançassem o campo esportivo cerca de quinze

minutos depois. Vários outros garotos já estavam jogando rúgbi sob o clarão dos

holofotes brilhantes e quatro novos meninos se juntaram ao jogo

apressadamente, sem esperar serem convidados. Dois homens com roupas casuais, que o doutor presumiu serem pais super protetores, e um terceiro homem de moletom vermelho, que acabou se revelando ser o treinador, estavam conversando animadamente na linha de fundo próximo à linha vinte e dois. Dr. Galbraith andou ao redor do campo e ficou de pé do lado oposto do campo, com seu gorro puxado para baixo e cobrindo seu rosto tanto quanto possível.

O homem de moletom terminou a conversa, correu para o campo e assoprou o apito alto três vezes. Os anos de experiência o ensinaram que meninos reagiam rapidamente quando convocados por um apito, e eles imediatamente se juntaram ao redor do treinador em semicírculo esperando ansiosamente pelas instruções.

O treinador pegou a bola oval e começou a gritar, enquanto repetidamente a arremessava para o alto e a pegava casualmente com uma das mãos. 'Onde você estava na semana passada, Mailer, seu cabeção?'

Anthony fez uma careta enquanto os outros meninos explodiram em risadas. Eles estavam todos bem acostumados aos métodos não convencionais do treinador e se sentiram aliviados por não estarem na linha de fogo. Os dois pais que estavam de pé no campo pareceram achar o treinador hilário enquanto os meninos gargalhavam alto. O treinador era um famoso e bem-respeitado jogador de rúgbi de primeira-classe aposentado, que havia certa vez jogado pelo País de Gales contra a velha inimiga Inglaterra no campeonato anual das cinco nações, dando a ele o status somente um pouco abaixo de Deus aos olhos dos que ali viviam.

Dr. Galbraith assistiu ao treino atentamente até que o treinador o encerrou uma hora depois. Os meninos deixaram o campo batendo papo e rindo em massa,

começando seus respectivos caminhos de volta a suas casas, com Dr.

Galbraith espreitando Anthony a cada passo. Anthony e seus companheiros estavam cientes de que havia um homem andando a certa distância deles, mas não deram qualquer atenção. Anthony olhou para trás e achou que conhecia aquele homem de algum lugar, mas não conseguia saber de onde.

O doutor o olhou fixamente e esperou por uma oportunidade que não surgiu.

Anthony não foi deixado sozinho nem por um momento sequer em seu caminho

de volta e quando chegou em casa, foi entregue à sua mãe, que abriu a porta antes que ele tivesse a oportunidade de bater nela.

Dr. Galbraith voltou à anonimidade da van e deu partida no motor cansado.

Enquanto ele manobrava em direção à Even Road, ele amaldiçoou os amigos de

Anthony, Molly Mailer e a pulsação repetitiva do motor a diesel, que mais parecia fazer piada com a palpitação em sua cabeça.

Capítulo 27

Dr. Galbraith gritou 'Café' bem alto e esmurrou a porta do estúdio com tanta força que o som reverberou através da larga casa. Cynthia preparou um café tão

rápido quanto humanamente era possível, mas enquanto ela atravessava a casa, a

sua mão trêmula derrubou um pouco do líquido da xícara de porcelana para o pires… o que fazer? Seria melhor voltar à cozinha e lavar o pires ou colocar o

café do pires de volta na xícara? Ela tinha que se decidir. Deixá-lo esperando não era uma boa ideia.

Cynthia jogou o café do pires de volta na xícara e limpou o pires com a manga de seu cardigã de cashmere azul claro enquanto caminhava. Ela bateu várias vezes na porta do estúdio e esperou pela próxima ordem de seu marido com a respiração suspensa. Quando ele gritou, ' Não entre, deixe aí do lado de fora,' ela colocou a xícara e o pires cuidadosamente sob o hall de azulejos, moveu-os um ou dois milímetros e voltou, recuando rapidamente para o andar de

cima para se trocar… era importante estar bem arrumada.

Dr. Galbraith sentou-se em sua mesa, bebeu seu café colombiano e cuidadosamente considerou seu próximo movimento… Era hora de uma ação decisiva, de alto risco ou não. O doutor inspirou fundo e focou sua mente… ele sequestraria Anthony de sua casa, isso já estava certo, mas quando e como? Ele tinha que conseguir isso logo da primeira vez e tinha que se preparar de acordo.

Tinham coisas para serem organizadas. E ele tinha que ter ajuda, claro. Isso era certo. Mas tais coisas poderiam ser arranjadas rapidamente, não poderiam? Sim, sim, claro que elas poderiam. Por que esperar? Ele precisaria de somente um dia para preparar. As primeiras horas do domingo de manhã seriam bem convenientes.

Ele pegou seu caderno da gaveta e posicionou a ponta de ouro de sua caneta tinteiro sobre o papel artesanal por alguns segundos, elucidando seus pensamentos em sua mente antes de ponderar a melhor abordagem a ser tomada… Ele precisaria achar um ponto de acesso adequado longe de olhares de intrometidos e invadir a casa silenciosamente. O doutor sentiu como se uma furadeira estivesse perfurando sua cabeça, fundo, fundo, mais fundo, mais fundo, tentando atravessar seu crânio… a vagabunda da mãe iria pedir ajuda se tivesse qualquer oportunidade. O sucesso só seria atingido com extremo silêncio.

Ele precisaria achar o quarto do pirralho rapidamente e o deixá-lo inconsciente antes de conseguir fazer qualquer barulho. Mas qual a melhor forma de se fazer isso? Possivelmente uma injeção de cetamina. Agia rápido e podia ser aplicada por cima do pijama. Sim, essa era boa. A van seria o meio de

transporte mais apropriado, era óbvio, mas ele deveria carregar o pirralho da casa até o veículo sem ajuda? Mas que inferno ele estava pensando? Ele era o cérebro e não os músculos.

Ele sacudiu a sua cabeça repetidamente… Por que não entrar em contato com Gary Davies de manhã? Seria melhor Davies do que nada, com certeza. Ele

não era o velho Sherwood, o que de alguma forma era uma pena, devido às circunstâncias. Mas ele teria que fazer. Gostando ou não, ele teria que fazer.

O doutor colocou sua caneta tinteiro sobre o caderno e franziu a testa… O

que eles precisariam para executar o plano? Fazia sentido escrever uma lista, não fazia? Sim, sim, uma lista era essencial para atingir o sucesso. Havia coisas práticas sem as quais eles não conseguiriam.

Ele balançou sua cabeça confirmando sua conclusão e começou a escrever:

Dois macacões descartáveis com capuz.;

dois pares de luvas cirúrgicas;

uma ferramenta para cortar vidro;

uma lanterna emborrachada;

uma seringa e agulha;

e três ampolas de cetamina.

Ele repousou sua caneta sobre a mesa e examinou os resultados de suas ruminações… Mais alguma coisa? Tinha que haver alguma coisa. Ah, sim, ele tinha que ter certeza que havia diesel suficiente na van. Sem problemas; essa era fácil. Ele tinha coberto todos os ângulos, não tinha? Como o plano poderia falhar?

Dr. Galbraith fechou seus olhos, visualizou o processo do começo ao final e

sorriu… Com certeza ele havia pensado em tudo! Sim, sim, claro que sim. O

plano era inspirador.

Ele empurrou suas notas para o lado e relaxou…Em breve suas fantasias se

tornariam realidade.

Capítulo 28

Gary Davies deixou o telefone tocar por vários minutos no sábado, dia oito de fevereiro, antes de finalmente aceitar que seja lá quem estivesse ligando tão cedo não iria desistir tão facilmente. Ele arremessou o edredom para o lado e praguejou antes de descer as escadas e atender o telefone da casa velha de seu parceiro doente mental. ' Que merda você quer de mim à essa hora da manhã?'

' Davies? É você?'

' Quem está falando?'

' É o Dr. Galbraith.'

' Oh, Doutor, me desculpe. Não tinha ideia…'

' Que infernos você está falando, cara?'

' Eu não tive oportunidade de conversar com você desde o dia do julgamento.

Eu queria agradecer por tudo o que fez. Nem consigo explicar o quanto sua ajuda foi importante.''

' Não é exatamente o seu agradecimento que eu quero. Você me deve sua liberdade. Você está me ouvindo, Gary? Você me deve. Você deveria ser esperto

e se lembrar disso.'

' Não há necessidade disso, Doutor. Se houver alguma coisa que eu possa fazer para retribuir, tudo o que tem que fazer é dizer.'

' Tomara que essas não sejam somente palavras, Gary. Eu preciso de sua ajuda numa pequena tarefa que planejei.'

' É só me dizer o que fazer, e farei se eu puder.'

' Se puder? Espero que você não esteja tentando achar uma maneira de não me

ajudar, Davies. Isso não seria uma boa ideia.'

' Não mesmo, Doutor! É só dizer.'

' Você está tentando escapar, Gary?'

' Por favor, Doutor, só me diga o que tenho que fazer!'

' Controle-se, cara! Você tem papel e caneta?'

' Só um minuto.'

' Davies? Você está pronto?'

' Sim, Doutor, por favor continue.'

' Certo, compre uma lanterna emborrachada; uma ferramenta para cortar

vidro e dois pares de macacões descartáveis com capuzes, ainda hoje mais tarde.

Certifique-se de que eles são todos de boa qualidade e pague em dinheiro. Você

está me ouvindo, Gary? Dinheiro! Esteja em casa às duas da manhã. Às duas pontualmente. Não cinco minutos antes, nem cinco minutos depois, duas em

ponto! Certifique-se que você tem tudo. Você ainda tem o meu endereço, eu presumo…'

' Sim, Doutor, mas para quê?'

' Você parece um pouco ansioso, cara. Não há necessidade disso. Se você fizer como eu disse, não vai precisar se preocupar com mais nada. Nos vemos as

duas em ponto! Venha de sapatos de sola macia! Nada que faça o mínimo barulho ao caminhar.'

Gary Davies bateu na imponente porta preta lustrada dos Galbraiths à uma e

cinquenta e sete da manhã do domingo, nove de fevereiro. Uma grande parte dele tinha esperança de que ele não atendesse, mas o doutor abriu a porta na quarta batida e o direcionou ao hall com um gesto exuberante de sua mão depois

de checar possíveis testemunhas.

' Você viu alguém no caminho até aqui?'

' Acho que não.'

' Pelo amor de Deus, Davies, viu ou não viu?'

Davies olhou para trás. ' Não, não vi ninguém.'

' Isso é um bom presságio, Gary, presumo que você trouxe tudo o que te pedi.'

Davies mostrou a bolsa esportiva preta e branca da Adidas que estava segurando fortemente em uma mão e respondeu, ' Sim, Doutor, como suas instruções. Posso perguntar para que tudo isso?'

' Tudo a seu tempo, meu velho. Tudo a seu tempo.'

Dr. Galbraith conferiu os conteúdos da bolsa, indicou sua aprovação e dirigiu seu mais novo cúmplice à cozinha.

O doutor se sentou na mesa da cozinha e gesticulou para que Davies fizesse o mesmo. Davies se sentou imediatamente como um cachorrinho obediente e deu um sorrisinho enquanto esperava o doutor preencher o silêncio angustiante.

Ele assistiu apreensivamente o Dr. Galbraith abrir o arquivo de papelão que estava sobre a mesa na sua frente, mas repentinamente sua curiosidade substituiu sua hesitação. ‘‘O que significa isso tudo, Doutor? Por que estou aqui?’’

Dr. Galbraith olhou para ele com raiva e gritou, ' Tenha paciência, homem!' , antes de virar as páginas e explicar cada aspecto do esquema em uma linguagem simples que ele achou que qualquer homem de intelecto inferior como Davies poderia compreender.

Davies ouviu atentamente, ficando ansioso a cada novo detalhe que o doutor

escolhia compartilhar… Ele não era contra violentar crianças, quanto a isso não

havia problema algum. Mas o plano parecia arriscado. O que aconteceria se fossem pegos no ato? As chances de captura e prisão pareciam bem altas, e

raptar uma criança trazia uma sentença bem longa. Davies queria desesperadamente dizer não. Ele queria gritar não. Mas não conseguiu

transformar isso em palavras. Ele olhou para baixo em direção à mesa, evitando

o olhar do médico e resmungou ' Parece bem arriscado, para ser honesto, Doutor.'

Dr. Galbraith fechou seus olhos por um momento de reflexão… O que era aquela crítica infame? Esse ser inferior estava sendo crítico? Que ousadia era aquela?

O doutor ficou de pé e começou a gritar maniacamente, espirrando

minúsculos glóbulos de saliva sobre a face petrificada de Davies. ‘‘Você vai fazer exatamente o que eu disser, seu ingrato miserável. Você está me ouvindo,

cara? Tudo o que eu disser. Você me deve isso, Davies. Estou te dando esse conselho, se lembre disso.'

Davies viu uma frieza petrificante no olhar do doutor que o deixara

tremendo.

Ele se afastou da mesa, quase perdendo seu equilíbrio no processo e cuspiu

as palavras que Dr. Galbraith queria ouvir. ‘‘Ok, sem problema. É uma ideia doida, mas eu farei.'

O doutor relaxou visivelmente, se sentou de volta na cadeira e sorriu cordialmente. “É bom ouvir isso, Gary. Você fez uma sábia decisão, meu velho.'

O alívio de Davies era quase palpável. ' Quando estiver feito, estamos quites, certo?'

O doutor olhou para ele nos olhos e concordou com a cabeça. Na realidade

ele não tinha a mínima intenção de cumprir esse acordo.

Dr. Galbraith se reuniu ao seu comparsa relutante ao descer os degraus de concreto do porão alguns minutos depois. Davies quase não conseguia acreditar

no que ele estava vendo…a entrada secreta, a porta de segurança de ferro, a sala branca brilhante com seu equipamento de tortura e vídeo — como numa cena de

filme de terror sanguinário. Havia inúmeras questões que Gary Davies adoraria

perguntar, mas ele sabia que nenhuma delas seriam bem-vindas e extremamente

prejudiciais à sua segurança.

Dr. Galbraith viu a insegurança nos olhos de Davies e riu. ‘‘Agradeço sua assistência, Gary. Tudo ficará claro, meu garoto. Tudo ficará claro. Mas não há

tempo suficiente para isso agora.’’ Ele checou seu Cartier e fechou o semblante.

' Estamos nos atrasando, meu velho. Precisamos ir.’’

Dr. Galbraith instruiu Davies a vestir o seu macacão e um par de luvas de borracha antes de fazer o mesmo e checou de novo os vários itens de sua lista.

Tudo estava pronto.

Davies seguiu o doutor subindo os degraus cinzas de concreto, através da

cozinha da família, seguindo o longo corredor e para fora através da porta da frente adentrando a escura e úmida noite de inverno galesa. Dr. Galbraith destrancou a van e pulou para dentro do banco do motorista, contente em barrar

a garoa gelada que parecia emanar de todas as direções de uma única vez. Eles

estavam se atrasando e ele dirigiu rapidamente, mesmo com todas as condições

precárias. O trajeto foi feito em quase total silêncio, mas quanto mais próximo eles se encontravam da casa dos Mailers, mais o doutor ficava animado. Ele não

disse nada, mas seus olhos pareciam arregalar, múltiplas gotas de suor se formaram sobre sua testa apesar do gélido inverno e seu corpo inteiro começou a

se contorcer violentamente a cada dois segundos, como se ele estivesse em abstinência de uma droga pesada. Davies começou a achar que o psiquiatra talvez fosse louco… Ele era louco ou perverso? Era difícil de dizer. Talvez um

pouco dos dois.

Demorou cerca de quinze minutos para os dois homens dirigirem os

dezessete quilômetros através das ruas escuras do escuro fevereiro em direção aos Mailers. Eles chegaram ao seu destino exatamente quando a garoa de inverno começou a congelar e formar uma camada de gelo sob as várias poças.

Dr. Galbraith desligou o motor a duzentos metros ou mais de seu destino e deslizou com o carro em ponto morto o restante do caminho, evitando qualquer

barulho desnecessário que pudesse acordar a família Mailer ou chamar a atenção

de qualquer testemunha das casas vizinhas. Ele achou que seria bom se a van viesse a uma parada natural quase que diretamente paralela ao caminho da casa.

Ele puxou o freio de mão e se virou para olhar nos olhos de Davies… Se ao menos Sherwood ainda estivesse vivo e lhe dando assistência ao invés desse camarada: um homem que mal conhecia e não confiava! Mas tais pensamentos

não faziam sentido agora. Richard Sherwood estava morto. Era a hora de continuar com o trabalho da noite.

Dr. Galbraith falou com Davies em tom baixo. ‘‘Faça somente o que eu disser. Fique atrás de mim ao menos que eu peça para fazer diferente e espere por minhas instruções. Não fale até que o pirralho esteja conosco no veículo e tivermos ido embora. Você entendeu o que eu disse?’’

Enquanto Davies concordava com a cabeça, Dr. Galbraith agarrou seu rosto

fortemente entre seu polegar e os dedos de uma das mãos. ‘‘Certo, Davies. Hora

de ir, meu velho. Faça tudo bem quieto. Você está me ouvindo?’’

' Sim, Doutor.’’ Dr. Galbraith olhou bem dentro de seus olhos hesitantes e baixou ainda mais o tom de sua voz a um sussurro. ‘‘Isso é importante para mim,

Gary. Não poderia ser mais importante. Esteja certo de que se você fizer tudo errado e destruir essa merda, eu te mato.’’

O doutor deixou a van primeiramente, com Davies em seu encalço e seguiu o

caminho de concreto fragmentado em direção à porta da frente dos Mailers. Ao alcançar a casa, ele andou rapidamente para o lado direito da construção, que tinha uma óbvia vantagem por ser menos visível da rua, mas não tinha um ponto

de acesso viável. Ele se moveu rapidamente, com Davies por perto, e descobriu

um caminho estreito em direção a uma parede dos fundos. A casa tinha sido construída contra uma barragem alta feita de terra e pedra, coberta por diversos arbustos e árvores de diversos tamanhos, com somente dois ou três metros entre

a barragem e a parede de pedra dos fundos da casa. O doutor reclamou silenciosamente enquanto eles caminhavam ao longo do caminho, com a luz da

meia-lua surgindo dentre as nuvens de chuva dispersivas, até que ele alcançou uma janela opaca localizada no meio da parede do piso térreo. Ele fez uma breve

pausa, estudando cuidadosamente a cena antes de olhar para trás em direção ao

Davies e apontar repetidamente para a janela com o dedo espetado. Ele inclinou

sua cabeça próximo à orelha direita de seu cúmplice e sussurrou, ‘‘Abra’’ com óbvia urgência. Davies era de uma forma física razoavelmente boa para um homem dos seus quase cinquenta, mas estava perto de entrar em pânico. Ele se

arrastou o melhor que conseguiu e começou o trabalho. A janela era de vidro duplo, malfeita, em que o vidro era sustentado por uma estrutura branca de PVC

e por uma canaleta externa de borracha. Davies imediatamente percebeu que ele

não ia precisar do cortador de vidros. Ele largou a mala esportiva sob a terra semicongelada e abriu um buraco em seu macacão descartável grande o

suficiente para pegar um canivete vermelho Swiss Army do bolso da frente de seu jeans desgastado. Ele desdobrou a longa lâmina e ergueu a borracha preta de

um canto da moldura, antes de segurar o vidro duplo e o remover

completamente, deixando bastante espaço para os dois homens escalarem através

do vão para dentro do pequeno banheiro da casa.

Dr. Galbraith bateu no ombro do Davies e apontou para os vários cosméticos

e produtos sob o parapeito estreito de azulejo branco, depois para o caminho ao

lado da abertura do vão. Davies entendeu imediatamente e pegou um item de cada vez com muito frio nos dedos dormentes, enquanto simultaneamente

alcançava o espelho cromado no canto do parapeito. Contudo, seu triunfo foi brevemente vivido. Davies se enganou e derrubou o espelho para dentro da pia

diretamente abaixo da janela com um som estrondoso. Dr. Galbraith conseguiu de alguma forma manter seu silêncio, mas ele agarrou o ombro de Davies agressivamente, e olhou para ele com uma expressão que o deixou

absolutamente sem dúvidas de que ele tinha falhado. Davies murmurou uma palavra, ‘'Desculpe' numa tentativa de apaziguar seu antagonista e esperou ansiosamente pela sua próxima instrução.

Dr. Galbraith correu e empurrou Davies para o lado antes de colocar sua

cabeça através da janela. Ele ouviu atentamente por um minuto antes de seu alarme inicial diminuir… Nenhum som, nada. Somente silêncio, um silêncio glorioso. Era hora de continuar com o trabalho da noite.

O doutor pegou o estojo de couro marrom contendo a droga sedativa, seringa

e agulha e abriu o zíper de seu macacão para enfiar o estojo no bolso traseiro de sua calça. Ele escalou primeiramente sobre o parapeito e empurrou o seu corpo

através do vão aberto: centímetro por centímetro, cautelosamente. Ele colocou suas mãos firmemente ao redor da pia, alavancando a si mesmo para frente até

seu peso repentinamente agir como um ponto de apoio, pulando pesadamente sobre o chão duro de azulejo do banheiro minúsculo. Ele rapidamente se

levantou com a ajuda do toalheiro de aço inoxidável e ouviu ansiosamente por um segundo. Para seu alívio, ninguém se mexeu.

Dr. Galbraith apontou para a bolsa do lado de fora no chão congelante e silenciosamente gesticulou com a boca a palavra ‘‘Lanterna’’. Quando Davies a

pegou, o doutor fez um sinal para entrar na casa. Davies escalou com aparente facilidade e logo estava de pé atrás do doutor na sala estreita.

Enquanto os olhos do Dr. Galbraith gradualmente se ajustavam à

semiescuridão, ele pegou uma toalha de rosto branca que havia deixado cair no

chão junto à pia, e a usou para mascarar a lanterna, antes de acendê-la sorrindo… Ela oferecia luz o suficiente para andarem sem risco de chamar a atenção dos vizinhos ou transeuntes indesejáveis.

Dr. Galbraith abriu a porta do banheiro cuidadosamente, e vagarosamente andou no curto corredor que o levava até a antiquada cozinha da família. Davies

o seguiu hesitante, com medo de vomitar a qualquer momento enquanto

relutantemente seguia em frente.

O doutor apontou a lanterna em um ângulo de aproximadamente quarenta e

cinco graus e liderou o caminho através da cozinha e sala de jantar, para dentro do hall de azulejos vermelhos, de onde a antiga escada de madeira levava aos três quartos e ao segundo banheiro maior, da família. Ele colocou seu pé no primeiro degrau causando um rangido estrondoso e puxou sua perna de volta, aliviado de não ouvir nenhum som de movimento vindo de nenhum dos quartos.

Ele moveu seu pé direito sobre o primeiro degrau novamente, mas dessa vez ele

o colocou precisamente do lado mais distante, quase tocando o corrimão branco.

Devagar e com segurança, ele continuou subindo os degraus silenciosamente, utilizando o método improvisado, mas efetivo, durante todo o caminho até o topo.

Davies esperou apreensivamente na parte de baixo da escada até que Dr. Galbraith finalmente alcançou a parte de cima. Ele ficou em um dilema, olhando os degraus… Ele deveria subir? Ele deveria seguir o doutor? Ou deveria ficar onde ele estava e esperar? O doutor fez alguns gestos frenéticos com a mão direcionando Davies a se juntar a ele na parte de cima. Enquanto Davies subia a escada com cuidado exagerado, ele atingiu altíssimos níveis de ansiedade, inteiramente novos para ele. O doutor viu os sinais de pânico em seus olhos e ficou com medo de que seu comparsa pudesse comprometer a operação, apontando para o canto de cada degrau com braços esticados, como uma comissária de bordo indicando o local das rotas de escape antes do voo. Para seu alívio, isso teve um efeito ótimo. Davies levantava suas pernas que pareciam de chumbo, lentamente, um passo de cada vez, até que ele finalmente alcançou a parte de cima com um alívio igual a de um escalador que alcança o topo do Everest. Ele ficou de pé no topo da escada, olhando para o chão e incapaz de mover um centímetro sequer. Quando o doutor deu um sinal com a mão, dessa vez indicando que era o momento para procurar o menino no primeiro quarto, Davies permaneceu estático com lágrimas rolando de seu rosto moroso. Ele tinha perdido o controle de seu intestino como muitos criminosos antes dele, e sentiu as fezes quentes escorrendo por suas pernas e indo para um dos sapatos. Ele caiu de joelhos enquanto o cheiro rançoso de excremento humano permeava o ar.

Dr. Galbraith mordeu seu lábio inferior com força, com força suficiente a ponto de cortar a pele. Ele se inclinou, lutando contra a tentação de golpear seu cúmplice, somente pelo interesse da missão ser bem-sucedida, e colocou sua boca próxima ao ouvido do Davies. ‘‘Toma vergonha nessa cara, Gary. Toma vergonha nessa sua cara de merda. Só mais dez minutos e isso tudo estará acabado. Agora, vamos continuar.’’

Davies, que temporariamente não conseguia pensar, ficou extremamente

aliviado de ser avisado do que deveria fazer…E tudo o que deveria fazer era seguir ordens. Somente seguir ordens.

Ele se levantou e seguiu, assim que o doutor se aproximou da porta do quarto

e a abriu gentilmente, dando aos dois uma visão panorâmica do quarto inteiro.

Molly estava deitada embaixo de seu pesado edredom de inverno, sonhando com

tempos melhores e totalmente alheia aos homens estranhos que tinham invadido

a sua casa. Dr. Galbraith resistiu à tentação de a atacar, ele lutou contra o impulso de infligir um terrível sofrimento… Ele tinha que manter o foco primordial da noite. Fique no controle, cara. Foco. No devido tempo, ela teria o que merecia.

O doutor saiu e cruzou o andar em direção ao segundo dos três quartos. A porta já estava levemente entreaberta, permitindo uma visão desobstruída do quarto. Assim que ele direcionou sua lanterna ao redor do quarto em um arco gradual, seu peito repentinamente se apertou e sua cabeça começou a pulsar… A

cama estava vazia. A maldita cama estava vazia.

Ele olhou de novo, mais cuidadosamente dessa vez, seus olhos como flechas de um lado para o outro… Foco, cara, foco. Não havia brinquedos de meninos!

O edredom era rosa. Havia um vestido jeans sobre a cadeira. Não estava tudo perdido. Obviamente aquele não era o quarto do pirralho. Tudo estava bem, tudo

bem.

Dr. Galbraith se levantou perfeitamente por um instante, controlando a

crescente respiração pesada e então se virou para se aproximar do terceiro e último quarto… Ele estaria lá? Ele tinha que estar lá.

A porta despontou para a escuridão com Davies de pé próximo a ele,

pegando novamente a lanterna emborrachada mascarada com o lenço… Um

abajur da Swansea City, pôsteres de estrelas do esporte nas paredes. Tinha que

ser o quarto do pirralho. Todos os garotos de sete anos não amavam esporte?

Sim, lá estava ele. Lá estava ele!

A pulsação em sua cabeça atenuou-se imediatamente e sua respiração se

tornou mais fácil… quase lá. Mas ele tinha que ter cuidado. Sem espaço para erros. Não quando ele estava tão perto de atingir seu objetivo.

Davies assistia da escuridão do local Dr. Galbraith atravessar o quarto de solteiro em dois passos longos, mover para o lado com a ponta de seu pé uma caixa de plástico que continha vários brinquedos pequeninos e um boneco vestido com um equipamento de mergulho, e permanecer triunfantemente ao lado de Anthony. O doutor sorriu e resistiu ao impulso de rir alto… agora ele estava no controle. Onde estava a vagabunda da mãe quando seu filhinho mais precisava dela? O pirralho estava finalmente à sua mercê.

Dr. Galbraith baixou o zíper da frente de seu macacão e pegou o estojo contendo o sedativo de trás de sua cintura. Ele repousou a seringa sobre o topo

do edredom da cama, rasgou a embalagem plástica cobrindo a agulha e pegou a

seringa novamente para ajustar a agulha cuidadosamente ao seu devido lugar.

Enquanto segurava a injeção, ele pegou uma ampola contendo a forte droga do

estojo e quebrou o topo com um estalo quase audível que o fez hesitar. Ele inseriu a agulha precisamente através da boca do frasco e vagarosamente deixou

o líquido claro entrar na seringa. Finalmente, ele pressionou o êmbolo gentilmente com seu polegar, forçando o ar, até que uma minúscula gota do líquido esguichou da ponta da agulha… Ele estava pronto.

O doutor respirou fundo e cautelosamente levantou um canto do edredom

preto e branco de Anthony, de maneira que o lado esquerdo de seu corpo ficou

descoberto. Enquanto Davies olhava de boca aberta, Dr. Galbraith inseriu a agulha através da calça do pijama de Anthony e profundamente em sua coxa, administrando uma dose de adulto da droga para assegurar um resultado rápido.

A repentina dor aguda da injeção acordou Anthony por um instante, mas quase

que imediatamente ele ficou inconsciente.

Dr. Galbraith empurrou o edredom de Anthony de seu corpo letárgico e o jogou no chão no topo de uma caixa de Lego vermelha e branca no canto da cama de solteiro. Ele se virou para seu comparsa e fez uma mímica urgente, instruindo para pegar sua vítima como se fosse um bombeiro. Por um segundo Davies hesitou, pois estava congelado de medo, mas o doutor não estava nem um pouco interessado em comprometer todo o rapto estando tão próximo do sucesso. Ele deu um passo e cutucou Davies fortemente em seu peito antes de apontar nervosamente várias vezes para o garoto de sete anos de idade com seu

dedo indicador. Davies repentinamente ficou tenso, respirou fundo e fez um sinal positivo com seu polegar… O mais rápido que estivesse fora da casa, mais feliz

ele estaria.

Como Dr. Galbraith ficou de pé ao lado para dar a ele espaço suficiente, Davies levantou sem esforço o corpo insensível de Anthony da cama, apesar de

seu peso morto, e o segurou facilmente sobre um ombro. O doutor apontou para

a porta do quarto e seguiu Davies pelo andar. Ele bateu em seu ombro livre, apontou para os degraus e cuidadosamente continuou em silêncio colocando o dedo sob seus lábios, e o manteve lá até que teve certeza que Davies entendera a instrução.

Davies não teve problemas para descer as escadas, apesar de adotar a mesma

técnica cuidadosa utilizada na subida. O doutor sentiu o sucesso iminente, e estava prestes a consegui-lo, quando ele viu Molly passar pela porta de seu quarto. Ele sentiu seu corpo inteiro tenso; seu coração começou a bater rapidamente, sua pressão sanguínea repentinamente subiu como uma flecha e seu rosto ficou com uma raiva animalesca que contorceu os traços uma vez bonitos… Ele deveria socar aquela vagabunda? Lógico que ele deveria agredi-la.

Ela tinha colocado todos os obstáculos em seu caminho várias e várias vezes.

Molly acordou assustada e estava prestes a gritar ao sinal de um estranho intruso

à espreita sobre ela, quando o doutor abandonou todos seus pensamentos

de cautela e levantou a lanterna pesada acima de sua cabeça. Ele bateu com ele

sobre a testa de Molly, usando toda sua força e peso para maximizar o impacto.

O primeiro golpe a deixou tonta e à beira da inconsciência. O segundo destruiu

os ossos nasais, espirrando sangue da pele cortada e escorrendo pelas narinas deformadas. O doutor bateu nela repetidamente: de novo e de novo e de novo.

Ele continuou golpeando e golpeando até o rosto da Molly ficar irreconhecível dentro de um mar de sangue.

Davies ficou parado no pé da escada, ouvindo os sons emanados do andar de

cima… Assassinato nunca fez parte do plano. Apesar do medo gigantesco, Davies encontrou de alguma maneira coragem suficiente para gritar “Que merda

está acontecendo aí em cima? Precisamos dar o fora daqui’’

Dr. Galbraith congelou, como se repentinamente acordasse de um transe, e deixou a cena sangrenta como se nada tivesse acontecido. Ele estava sem fôlego,

ofegante e suando absurdamente, mas tinha um sorriso largo em seu rosto.

Barulho não era mais um problema e com a adrenalina correndo através de suas

veias, ele desceu as escadas pulando dois ou três degraus de cada vez, antes de

tropeçar no último e cair duramente sobre os azulejos vermelhos. A mistura de endorfina e dopamina em seu sistema agiram como um extremo e efetivo

analgésico, e ele se levantou do chão com uma facilidade aparente, antes de destrancar a porta da frente com a chave deixada na fechadura. Dr. Galbraith se

moveu para o lado, de modo a permitir Davies sair primeiro. Ele empurrou seu

comparsa repetidamente para apressá-lo no caminho de volta à van. Davies captou a mensagem imediatamente e se moveu tão rápido quanto pôde, com o médico seguindo-o bem de perto, olhando para sua presa inconsciente enquanto

babava como um cachorro com raiva.

Davies chutou a porta de metal enferrujada para abrir, seguiu pelo caminho até chegar a calçada e correu para trás da van, onde ficou de pé esperando por um breve momento até o doutor abrir as portas. Davies estava gentilmente colocando Anthony sobre o chão do veículo quando o doutor rosnou, “Jogue o pirralho aí, Gary. Jogue o pirralho! Não temos tempo para essa merda. É hora de ir, cara.’’

Dr. Galbraith já estava no assento do motorista quando Davies abriu a porta do passageiro e entrou. Ele girou a chave da ignição; o motor não ligava. Ele batia no painel com o lado direito de seu pulso… funcione seu bastardo, vamos, funcione!

Ele tentou pela segunda vez e então relutantemente o motor começou a dar o ar da graça. Ele rapidamente deixou a van rolar em uma estrada quieta antes de acelerar fundo e dirigir de volta em direção da Eden Road.

Dr. Galbraith sorriu, mas manteve seus olhos firmemente focados na estrada mais do que no rosto de seu comparsa. ‘‘Eu esperei muito por esse momento, Gary. Muito tempo. O trabalho está quase pronto, mas agora não é hora de tirar seus olhos da bola. Você precisa manter o foco. Está me ouvindo?’’ Ele bateu no painel com a palma da mão para enfatizar seu ponto de vista. ‘‘Tem mais trabalho a ser feito. Uma vez que levarmos o pirralho para dentro da segurança de seu novo lar, então poderemos relaxar. Mas não antes!’’

Davies começou a choramingar como um cachorrinho separado de sua mãe, mas não disse nada em resposta.

O doutor rangeu seus dentes e resistiu à tentação de o socar… O homem era um maldito patético. ‘‘Vamos, Gary. Você fez bem, cara. Tente não se preocupar. Você poderá ir para casa assim que levarmos o pirralho seguro de volta para casa.’’

Davies se sentiu um pouco melhor por um momento. Mas meras palavras nunca iriam ser suficiente.

Havia pouco tráfego nas ruas naquela hora da manhã e eles fizeram um bom progresso apesar de algumas perigosas poças congeladas que o doutor escolheu ignorar. Davies não havia falado nada desde que saiu da casa, mas ele agora perguntara se podia ligar o rádio. Ele se sentiu ridiculamente e desproporcionalmente feliz quando Dr. Galbraith aceitou.

Davies quebrou seu silêncio por uma segunda vez quando Dr. Galbraith virou na Eden Road, desta vez por causa de uma urgente necessidade. Sua voz quebrou a trepidação enquanto ele murmurou, ‘‘Há um maldito carro de polícia atrás de nós.’’

Ondas de punhaladas de dor incendiaram a cabeça do doutor como raios de eletricidade e chimbais soaram em sua mente como que tentando afundar seus pensamentos. Ele coçou o topo de sua cabeça com uma mão… vamos, cara. Foco. Foco. Davies estava incapacitado de continuar a pensar. Isso era evidente. O homem era uma lesma, um roedor de intelecto sub-humano. Ele tinha que resolver a situação sozinho. Mais ninguém iria fazer isso.

O carro de polícia estava sendo dirigido por um jovem policial, novato, com somente dezoitos meses no trabalho após deixar o curso politécnico

prematuramente para se juntar à força policial local. Havia sido uma noite quieta e o oficial cento e quarenta e três Kieran Harris estava procurando alguma coisa para fazer para quebrar a monotonia do entorpecimento mental das primeiras horas de patrulhamento rural. Ele contatou sua sala de comando pelo rádio bidirecional do carro, requisitou uma checagem do número da van no

computador nacional da polícia e considerou parar ou não o veículo para examinar os documentos do motorista antes de obter uma resposta.

Ele pensou na possibilidade de permitir o motorista a continuar sua jornada

livremente, mas ele ainda estava naquele estágio de sua carreira em que exercitar sua autoridade legal, trazia algo de novo. Ele ativou as luzes azuis e sinalizou para ultrapassar, sem pensar mais a respeito da situação.

Enquanto o carro de polícia encostava na van, ambos Dr. Galbraith e Davies

estavam freneticamente tirando as luvas cirúrgicas e rasgando seus macacões descartáveis. Dr. Galbraith havia acabado de jogar o seu no banco de trás, quando o oficial Harris estacionou seu carro de polícia diretamente em frente da van.

Dr. Galbraith brecou com força, encostou próximo ao meio-fio, recolheu a seringa, acoplou a agulha e rapidamente preparou a injeção. ‘‘Se o bosta for a

qualquer lugar próximo da traseira da van, saia e continue falando com ele.

Distraia-o e deixe o resto comigo. Não ferre com essa merda, Gary. Qualquer escorregão e a morte será a menor de suas preocupações.’’

Davies concordou com a cabeça, mas seus olhos estavam gritando não… foi

o que ele quis dizer. O maníaco estava falando sério. Talvez ser preso não fosse assim uma opção tão ruim diante das circunstâncias. Ao menos isso tudo terminaria. Ele iria viver. Talvez ele conseguisse avisar o porco de alguma maneira? Aquilo iria cair bem no julgamento. Mas espere, e se Galbraith ainda

armasse para picá-lo com a agulha?

O oficial Harris desligou o motor, colocou seu quepe e se aproximou do lado

da porta do motorista da van, o mesmo tempo que o doutor abria a janela para conversar.

‘‘Boa noite, oficial, o que posso fazer pelo senhor?’’

‘‘Nome, por favor?’’

O doutor respondeu, ‘‘Wayne Fisher’’ sem virar a cabeça para encarar o policial.

‘‘Qual o propósito do seu trajeto, senhor Fisher?’’

‘‘Não é realmente da sua conta, é, oficial?’’

‘‘Carteira de motorista, seguro e certificado de auditoria do veículo, por favor.’’

Dr. Galbraith apertou com força o volante. ‘‘Eu deixei meus documentos em casa.’’

‘‘Sala de comando para oficial cento e quarenta e três, responda por favor.’’

O jovem oficial deu um passo para frente, inclinou-se contra a porta da van, colocou sua cabeça parcialmente através da janela aberta. ‘‘Preciso falar com minha sala de comando, por favor permaneçam dentro da van.’’

‘‘Oficial cento e quarenta e três, vá em frente, por favor.’'

‘‘O proprietário registrado é Wayne Fisher. Ele é conhecido, mas não procurado. A van não foi dada como roubada. Eu repito, não reportada como roubada.'

O policial Harris colocou o rádio de volta ao topo de seu bolso azul marinho e pegou uma caneta e um pequeno bloco de formulário bege. “Vou te punir com uma intimação para apresentação de documentos, senhor Fisher. Isso requer que o senhor leve seus documentos até a delegacia de polícia de sua escolha dentro

de cinco dias. O não comparecimento dentro deste prazo resultará em uma multa por infração do Código de Trânsito Rodoviário.'

O doutor pegou o formulário preenchido da mão estendida do policial. ‘‘Há mais alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor, oficial?’’

‘‘Pode seguir seu caminho, senhor Fisher. Mas não se esqueça dos documentos.’’

Dr. Galbraith e seu colaborador trêmulo sentaram em silêncio atônito enquanto assistiam o jovem policial ir embora. O doutor concluiu que o destino interveio para permiti-lo continuar com seu importante trabalho. Davies, ao contrário, estava em conflito. E parte dele estava aliviado… mas pelo outro lado, uma cela teria sido melhor do que continuar se relacionando com o doutor.

Dr. Galbraith estacionou diretamente do lado de fora de sua casa estonteante de três andares… A conveniência parecia pesar mais que qualquer risco, dado o horário tão cedo e a partida do carro de polícia.

Davies empurrou o corpo inconsciente de dentro da van com o pé, o ergueu sobre seu ombro, andou pelo caminho de granito e esperou na porta da frente enquanto o doutor mexia na traseira da van pegando as luvas, pedaços do macacão e tudo mais que eles tinham levado com eles. Dr. Galbraith desceu para a estrada com a bolsa em uma mão e a chave da porta da frente em outra.

Cynthia Galbraith havia sido abruptamente acordada pela agitação e ficou esperando atrás das cortinas do quarto enquanto Dr. Galbraith destrancava a porta da frente, permitindo Davies carregar Anthony para dentro da casa… Era um menino o que aquele homem estava carregando? Por que eles iriam trazer uma criança para dentro de casa? Talvez fosse um acidente? Ela devia descer para ajudar, não devia? Não, se o menino estivesse machucado ele estava em

boas mãos. E o seu marido certamente não iria gostar da interferência. Cynthia voltou para a cama e deitou perfeitamente imóvel, ouvindo atentamente, à procura de qualquer pista que pudesse explicar porque um menino com cabelo cortado e vestindo pijamas havia sido carregado para dentro da casa dela por um homem que ela não conhecia nas primeiras horas da manhã. A confusão dela se intensificou ainda mais quando ouviu um som inconfundível da cômoda galesa sendo empurrada para o lado na cozinha… O menino tinha alguma coisa a ver com o trabalho do marido dela? Só podia ser. Que outra explicação haveria?

Ela estava deitada, não conseguia dormir e começou a soluçar em seu travesseiro, abafando o som e tentando ignorar seus pensamentos insidiosos e crescentes invadindo sua mente perturbada.

O humor de Dr. Galbraith estava ótimo, cheio de alegria enquanto descia os degraus cinzas de concreto para dentro do porão branco. Davies o seguiu, muito menos entusiasmado, com o encorajamento constante do doutor buzinando no seu ouvido: ' Vamos lá, vamos lá, cara. Traga o pirralhinho. Jogue-o no chão.’’

Davies seguiu as instruções e ficou do lado da porta, esperando ansiosamente pela próxima instrução. Dr. Galbraith arrancou sua vestimenta manchada de sangue e a descartou pela pia, esfregando antes suas mãos sujas e limpando as unhas da melhor maneira que conseguiu. Quando se deu por satisfeito com seus esforços, focou novamente em Anthony, que estava respirando superficialmente, mas não havia se movido nem um centímetro. O doutor administrou uma segunda dose de droga sedativa para assegurar que a vítima não acordaria antes da hora e o chutou forte entre as costelas para confirmar se continuava inconsciente. O corpo inteiro de Anthony visivelmente se sacudiu com a força do chute, mas ele não respondeu.

Dr. Galbraith jogou a seringa no chão e instruiu Davies a colocá-la dentro da bolsa esportiva, junto com seu macacão, para serem destruídos mais tarde.

Enquanto limpava, Davies buscou segurança com um respeito bajulador vindo do medo e desejou que o doutor não decidisse que ele também fizesse parte da evidência que precisava ser destruída.

Davies estava desnecessariamente preocupado, ao menos no momento.

Doutor Galbraith havia concluído que mesmo com as limitações indubitáveis, Davies tinha lá sua utilidade… O processo todo seguido da morte do pirralhinho ao final, requeria um bom pacto por conta de todo o esforço físico que isso exigiria. Por que não fazer uso contínuo do retardado?

Em vinte minutos, o corpo desacordado de Anthony estava pendurado pelas mesmas algemas de ferro que aprisionaram a vítima anterior. Enquanto Dr. Galbraith aplicava o tubo de alimentação, ele se conscientizou de que estava totalmente exausto por causa dos trabalhos da noite… Ele precisava muito dormir.

Dr. Galbraith virou-se para Davies com um olhar de sincero arrependimento.

‘‘Me desculpe por dizer que o pirralho terá que esperar até amanhã. Ele vai precisa de tempo para se recobrar da anestesia. Qual a utilidade de uma criança inconsciente, né? O que você me diz, meu velho? Não servem para nada! O pirralho deverá estar completamente acordado pela manhã. Você pode vir às onze, quando eu já tiver tido algum tempo para entreter nosso convidado sozinho. Tenho certeza que você não irá me negar aquele prazer em particular. Você terá sua oportunidade, não se preocupe com relação a isso. Estamos juntos nisso, Gary.’’ Ele pausou, olhando para Anthony, admirando seu trabalho e então de repente olhando para outra direção. ‘‘Nós ainda temos tarefas essenciais para

completar antes de você ir para casa, meu velho. Traga a bolsa.’’

Enquanto Davies seguia o doutor para fora do porão e para dentro da

normalidade da cozinha da família, ele sentia um grande conflito interno por conta da gravidade dos crimes de seu novo mestre, assim como Sherwood fez antes dele… Se divertir era uma coisa, mas tudo aquilo já tinha ido longe demais! Ele deveria dizer alguma coisa? Não era muito tarde, era? O menino

ainda estava vivo, apesar de tudo. Ele não tinha visto nada. E como ele poderia?

Com certeza eles poderiam deixá-lo ir e acabar com isso.

Ele pausou, ponderando se era melhor agir ou não de acordo com suas

apreensões…Mas espere um minuto, ele tinha que ser cauteloso. Como o doutor

iria reagir se ele sugerisse libertar o menino depois de todo esse esforço? Ele iria muito provavelmente ficar furioso. Davies balançou sua cabeça pensativo…

Realmente não valia a pena arriscar.

Ele colocou a situação do Anthony fora da sua mente e focou em beber o café instantâneo quente e doce e comer as torradas amanteigadas que o doutor providenciou.

Dr. Galbraith repentinamente colocou sua caneca vazia sobre a mesa com um

‘bang’ que quebrou o silêncio insidioso. ‘‘É hora de voltar ao trabalho, Davies.’’

' Sim, Doutor.'

O doutor caminhou através da porta de vidro duplo que direcionava a

cozinha para a estufa e o jardim. ‘‘Certo, Gary, meu garoto, traga a bolsa. Eu vou trazer parafina e fósforo.’’

Davies seguiu Dr. Galbraith para dentro do sombrio jardim cercado na parte

de trás da propriedade, feliz porque a noite estava finalmente perto de acabar. O

doutor checou seu relógio e concluiu que ainda era cedo o suficiente para queimar as evidências de seus crimes sem levantar suspeita dos olhos indevidos

de curiosos que investigavam a vida alheia através das cortinas. Ele disse para Davies esvaziar a bolsa em uma lata grande de metal localizada no canto da relva imaculada, fora da vista das outras casas adjacentes, e depositou metade da garrafa de combustível sobre os objetos. Ele acendeu um fósforo e o jogou dentro da lata, iniciando as chamas instantâneas que queimavam ardorosamente.

Ele pegou a bolsa esportiva, alimentou o fogo e assistiu hipnotizado por vários

minutos as flamas saltando e dançando antes de finalmente reduzir-se a um brilho laranja intenso que enchia o ar da manhã com uma fumaça preta. Dr.

Galbraith se virou do espetáculo e de repente lembrou que Davies ainda estava

de pé atrás dele. ‘‘Você sem dúvidas ficará feliz de ouvir que terminamos por hoje, Gary. Você pode ir para casa. Eu entrarei em contato de novo se e quando

eu precisar de você. Espere pela minha ligação. Oh, e uma última coisa: coloque

todas as suas roupas na máquina de lavar assim que você chegar em casa. Você

está fedendo, cara! Queime seus sapatos. Agora vá. Você está me ouvindo, Gary? Tchau.’’

‘‘Achei que você tinha dito que eu tinha que vir pela manhã.’’

‘‘Você está com problemas auditivos, Davies? Eu acabei de dizer que eu entrarei em contato se e quando eu precisar de você. Eu não gosto de ter de repetir coisas. “Gary Davies balançou sua cabeça confuso. Ele pousou seu olhar

interrogativo sobre o médico. ’'Mas e o cortador de vidros?”

“Deixe-o comigo, Gary. Quero que você se vá. E certifique-se de não ser visto quando sair.’’

Enquanto Davies ia embora, o doutor o sacudiu pelo ombro direito. ‘‘Fique

de boca fechada sobre tudo o que aconteceu nessa noite. Você está me ouvindo,

homem? Boca fechada! Lembre-se de que você é tão culpado quanto eu.'' Ele bateu em seu peito agressivamente. ''Se você trouxer a polícia até a minha porta, você pagará um preço extremamente alto por isso. Posso te garantir.''

Davies correu para fora da casa que agora lhe era familiar e obedientemente

checou a rua com nervosismo nos olhos como uma criança seguindo o código de

alerta pela primeira vez… tudo estava quieto. Nenhum movimento. O mundo do

lado de fora parecia inconsciente de sua existência.

Uma vez sozinho, Dr. Galbraith correu diretamente ao seu quarto e colocou

seu relógio para despertar às dez horas antes de ir para a cama… dormir era uma

inconveniente, mas necessária interrupção em seu trabalho, essencial se ele quisesse ter uma melhor performance. Enquanto ele adormecia, imaginou a si mesmo enterrando os cortadores de vidro debaixo de um arbusto de flores favorito e acordando Anthony do marasmo de sua indução química.

Dr. Galbraith foi acordado pelo som do alarme de seu relógio como

planejado no domingo, dia nove de fevereiro, e se levantou da cama com a energia e vigor de um homem muito mais novo. Ele salivou ao pensar no que o

dia iria trazer… seria um dia muito importante. Um dia memorável! Em breve ele iria apresentar ao pirralho sua nova casa.

Ele foi ao banheiro, abdicou de sua rotina de exercícios físicos, vestiu roupas

casuais e correu para o porão, feliz com o que iria inevitavelmente acontecer.

O doutor entrou no porão transbordando entusiasmo e se aproximou de

Anthony, esperando saborear o terror em seus olhos. Mas ao invés disso, ele parou e olhou para sua presa… Ele deveria estar acordado. Mas por que ele não

estava? Por que inferno o pirralho não estava acordado?

Dr. Galbraith bateu forte no rosto de Anthony, mas nada, nem um sopro de

vida. Ele foi até a pia, encheu uma caneca de água fria e atirou-a no rosto do menino ‘‘Acorde, seu bastardo. Acorde, seu maldito!’’

O doutor agarrou sua cabeça assim que o chimbal de sua mente começou a

bater, explodindo pelos ouvidos ao som do que ele momentaneamente temeu destroçar seu crânio… Por que ele não estava acordado? O maldito pirralho não

deveria estar acordado?

Dr. Galbraith começou a chorar e um grosso fluxo de lágrimas salgadas desceram de sua face angular… Era o sofrimento que mais o excitava. Qual a

utilidade de uma criança inconsciente?

Ele balançou sua cabeça violentamente, desesperadamente tentando silenciar

a pressão reverberando em cada centímetro de seu cérebro… Foco, homem, foco! Não precisa entrar em pânico. Não precisa entrar em pânico. Era muito cedo para isso. Ele se apercebeu de seus pensamentos e se aproximou do gabinete médico com porta de vidro que estava do outro lado da sala. Ele se voltou para sua vítima e injetou rapidamente um antagonista opiláceo… Isso faria o serviço. Com certeza funcionaria.

Ele caiu de joelhos… Não estava funcionando. Nunca falhou antes. Por que

infernos não estava funcionando?

Dr. Galbraith se deixou cair ao chão, soluçando incontrolavelmente e se enrolou como uma bola com as mãos contra as orelhas. Ele começou a gritar: alto e mais alto e mais alto, até sua garganta doer… Era o ponto mais baixo de

sua vida inteira.

Capítulo 29

Nunca mais! Ela havia dito isso antes, mas dessa vez era de verdade. Doía muito

se mexer, doía respirar. Havia um gosto ácido do vômito da noite passada que insistia em permanecer em sua boca, e em sua garganta parecia que ela havia

tomado um coquetel de arame farpado. Era como ter uma gripe, mas auto infligida. Uma coisa era certa: ela não teria nenhum apoio de sua mãe se e quando ela percebesse os sinais reveladores da noitada.

Siân Mailer tentou a porta do lado, esperando entrar em casa

desapercebidamente e se trancar no banheiro de baixo para um banho rápido antes de bater em retirada em direção a seu quarto para dormir em meio da ressaca… estava trancado. Mas por quê? A primeira coisa que sua mãe

geralmente fazia era abri-la para deixar o gato sair.

Ela fez o caminho de volta à porta da frente, protegendo seus olhos do brilho

dos raios de sol através das nuvens cinzas, e bateu na porta várias vezes… Sem

resposta. Que falta de sorte; a mãe dela devia ter saído.

Siân se abaixou para procurar a chave da casa embaixo do tapete preto na frente da porta… Não estava lá. Isso era estranho. A Mãe sempre deixava a chave ali.

Ela empurrou a porta com força com a palma de uma das mãos em

frustração, já esperando que ela permaneceria fechada, mas contrariando as expectativas, ela se abriu.

Siân fez uma pausa momentânea antes de entrar no hall e pensou se sua mãe

apareceria de repente de alguma direção, com sua bronca já prevista e uma expressão desaprovadora em sua face. Siân gritou, ‘‘Mãe’’ alto, mas não teve resposta… Parecia que a casa estava vazia. Por que não aproveitar então? Talvez

um banho a fizesse se sentir melhor. Não poderia se sentir pior — isso era certo.

Ela se dirigiu para o banheiro do andar de baixo, parando brevemente na cozinha

para ligar o rádio e engolir duas aspirinas no caminho. Siân estava cantando um

hit do Culture Club enquanto abria a porta do banheiro, mas ficou atônita quando viu a janela sem vidro. Sua surpresa rapidamente transformou-se em

preocupação, e por fim, medo.

Siân correu através dos outros cômodos do andar de baixo, chamando

repetidamente pela mãe e pelo irmão… Onde eles estavam? Onde eles estavam?

Por que ela passou a noite fora? Ela não deveria ter passado a noite fora.

Ela ficou de pé no hall olhando para as escadas, depois para a porta da frente

e de novo para os degraus… Ela devia subir? O que ela encontraria? E se

houvesse alguém lá? Ela tinha que encontrar sua família.

Siân hesitou várias vezes antes de chegar até o topo. Ela vagarosamente cruzou o andar, ignorando o fedor de excremento e empurrou a porta do banheiro

com a mão tremendo… Vazio. Não corra, Siân. Não corra.

Ela se acalmou e devagar se aproximou do quarto de sua mãe. Quando ela olhou através da porta não conseguiu acreditar no que estava vendo. Os joelhos

de Siân se entortaram e ela se afundou no chão com a cabeça entre as mãos, enquanto ela se dava conta que aquela poça de sangue que ela estava

presenciando era o rosto de sua mãe. Ela se levantou, vomitou sua bile e limpou

seu nariz sobre o carpete antes de se forçar a andar no quarto, um pequeno passo de cada vez, até o lado de sua mãe. ' Não morra, Mãe. Por favor não morra.’’

Siân olhou com atenção a todo aquele estrago e temeu pelo pior. Seu rosto inteiro estava inchado, contundido e endurecido em sangue coagulado e escuro.

O seu nariz estava fraturado, com o osso rompido sob a pele, a área diretamente

abaixo de seu olho esquerdo estava fraturada, como uma cratera, devido ao osso

do queixo despedaçado, o seu lábio inferior estava rasgado e pendurado sobre seu queixo e três dos seus dentes da frente estavam sob o carpete colorido próximo à cama de casal. Molly estava irreconhecível… Por favor não esteja morta, Mãe. Por favor Deus, não a deixe morrer. Eu nunca mais sairei se você a

deixar viver. Por favor, deixe-a viver.

Siân se encurvou junto ao rosto de sua mãe com as lágrimas escorrendo por sua linda face. Ela colocou sua mão direita nunca tão carinhosa sobre o ombro esquerdo de sua mãe e gentilmente a sacudiu. ‘Mãe? Mãe? Acorde, Mãe. Por favor, acorde.’’

Siân limpou suas lágrimas… O peito dela estava se movendo. Não estava?

Sim, estava definitivamente se movendo. Ela estava respirando. A mamãe estava respirando. Obrigada Deus. Ela estava respirando.

Molly gemeu levemente, causando bolhas de sangue e saliva rosa emanar de sua boca terrivelmente deformada, fisicamente incapaz de falar. Ela estava quase inconsciente, mas lutou para se comunicar. A boca de Molly se moveu, mas as palavras não saíram. Dentro de sua cabeça ela estava gritando: Anthony!

Siân olhou para a boca ensanguentada de sua mãe… Ela estava tentando dizer alguma coisa. Sim, ela estava definitivamente tentando dizer alguma coisa.

O que será?

Ela ficou de pé por um segundo ou dois, na tentativa de ler a mente de sua mãe e então pulou como se nascesse para a vida, e correu em direção do quarto de seu irmão… Ele não estava lá. Por que ele não estava lá? Não havia sangue. Isso devia ser uma boa coisa. Mas onde ele estava?

Siân começou a chorar… Ele estaria escondido? Sim, era isso. Ele estava provavelmente escondido.

Ela se atirou para abrir a porta do guarda-roupas e então caiu no chão, olhando

embaixo da cama… Onde ele estava? Por favor, esteja bem Tony. Em segurança, por favor. Deus, por favor, guarde-o.

Seu peito se apertou e ela se esforçou para respirar…ela precisava de ajuda.

Era hora de procurar ajuda.

Siân gritou, ‘‘Não vou demorar, Mãe.’’ Conforme ela corria escada abaixo e

em direção do hall para usar o telefone…nove-nove-nove, era isso, nove-nove-

nove. Atenda. Por favor, rápido. Por favor, rápido.

‘‘Emergência, qual serviço você precisa?’’

“Oh, Graças à Deus. Preciso de uma ambulância e da polícia. É muito

urgente. Minha mãe foi atacada e não consigo achar meu irmão em lugar nenhum. Ele desapareceu.’’

‘‘Qual seu nome e endereço, por favor?”

Siân providenciou a informação requisitada e outros detalhes pertinentes de

como o operador da sala de emergência deveria se preparar.

‘‘E você está no endereço agora?’’

‘‘Sim, sim, por favor, rápido.’’

“A ajuda já está a caminho, Siân. Sei que é mais fácil falar do que fazer, mas

por favor tente manter a calma. Você quer que eu fique na linha com você até a

polícia ou ambulância chegarem?’’

Siân permaneceu em silêncio por alguns segundos, considerando as

opções… Era uma oferta tentadora. E se o agressor voltar? Mas não, sua mãe precisava dela.

‘‘Você ainda está aí, Siân? Posso ficar na linha se você quiser…’’

‘‘Não obrigada, tenho que subir. Minha mãe está sozinha. Por favor, não demore muito.’’

‘‘A ajuda já está a caminho; sua mãe ficará orgulhosa de você.’’

Siân se sentou no carpete sujo de sangue ao lado da cama da sua mãe e tentou ao máximo sorrir. ‘‘O socorro já está a caminho, Mãe; eles não irão demorar. Tudo vai ficar bem. Prometo que vai. Aguente firme, Mãe. Por favor,

aguente.’’

Uma ambulância chegou com sua sirene estridente e luzes azuis piscando dez minutos depois da ligação de Siân. Ela olhou aliviada da janela do quarto quando um paramédico de meia-idade e seu assistente muito mais novo correram

pelo caminho de pedras. Siân já estava na metade do caminho das escadas para

recebê-los quando o primeiro dos dois homens bateu na porta da frente e gritou,

‘‘Olá, ambulância, tão alto quanto ele pode através da caixa do correio. Siân

abriu a porta quase que imediatamente e gritou, ‘‘Aqui em cima,’’ enquanto ela se virava e corria pelas escadas.

Ambos se esforçaram para esconder o choque à primeira vista das graves lesões do rosto da Molly, mesmo com toda a extensa experiência que tinham em

lidar com todos os tipos de emergências médicas. Enquanto o paramédico dizia à

Siân que as coisas iriam ficar bem, mesmo com dúvidas, seu assistente seguiu as

instruções do colega sênior e correu de volta à ambulância, indo buscar um colar protetor para ser colocado em volta do pescoço, uma maca, cilindro de oxigênio

e máscara.

O paramédico descansou sua mão muito brevemente sob o ombro de Siân’’.

‘Sou o Dai. Está tudo bem se eu a chamar de Siân?’’

‘Sim, claro.’’

‘‘Eu vou precisar de sua ajuda, Siân. Você acha que consegue?’’

‘‘Diga o que quer.’’

Ele sorriu animadamente. ‘‘Sente-se na cama, Siân e tão delicadamente quanto conseguir, segure a cabeça da sua mãe bem firme.’’

‘‘Mas isso não vai machucá-la?’’

‘’Não vou mentir para você, Siân, pode doer um pouco, mas é importante. Temos que ser extremamente cuidadosos caso sua mãe tenha sofrido uma lesão vertebral. Você acha que consegue fazer isso por mim?’’

Siân se sentou na cama do lado de sua mãe e seguiu as instruções.

‘‘Ótimo, Siân, você está indo bem. Só irei checar a respiração da sua mãe, o pulso e a pressão sanguínea.’’

‘‘Ela vai ficar bem, não vai?’’

‘‘Nós precisamos levar sua mãe para o hospital o mais rápido possível, meu amor. Mas ela vai ficar bem…’’ Ele soou mais seguro do que realmente sentia. O segundo homem de repente reapareceu carregando uma maca. ‘‘Quem fez isso?’’

‘‘Eu não sei. Não havia mais ninguém aqui quando eu a encontrei. Tem certeza que a minha mãe vai ficar bem?’’

Dai Rees considerou bem suas próximas palavras e então disse, ‘‘Nós iremos fazer tudo o que for mais possível pela sua mãe e então tirá-la do hospital assim que pudermos.’’ Com um sotaque gentil do Oeste de Wailian… Ele não podia fazer promessas que não pudesse cumprir. Ele sabia disso. Mas às vezes a tentação era muito grande para resistir. ‘‘Sua mãe vai ficar bem. Qual o nome

dela, Siân?’’

‘‘Molly, o nome dela é Molly.’’

O paramédico sorriu para Molly, mascarando seu horror àquilo que havia sido feito com ela da melhor maneira que conseguisse. Ele não estava

completamente certo de que ela pudesse ouvi-lo, mas ele falou levando em consideração essa possibilidade. ‘‘Só vou colocar o colar cervical em você agora, Molly. É puramente por precaução. Nada com que se preocupar. Nada com que

se preocupar. Você está em boas mãos. Levaremos você ao hospital antes que perceba.’’

Molly tinha uma consciência limitada do que estava acontecendo, como em

um sonho. Tentou sorrir em resposta à sua gentileza, mas seu rosto quase não se

movia. Ela começou a chorar lágrimas silenciosas.

Siân começou a tremer violentamente enquanto assistia os dois homens

virarem sua mãe para o lado num ângulo de aproximadamente quarenta e cinco

graus e cuidadosamente escorregaram a maca debaixo de seu corpo

traumatizado. Enquanto eles suspendiam a Molly da cama, Siân finalmente perdeu o controle e gritou, ‘‘Meu irmão está desaparecido.’’

Dai Rees que tinha duas filhas adolescentes, quis ajudar… mas o que ele poderia dizer? Se o menino estava desaparecido, estava desaparecido. Nada que

ele dissesse iria mudar a realidade.

Ele forçou outro sorriso e disse, ‘‘Há alguém para quem possa ligar, Siân?

Seu pai, talvez?’’

Antes que ela conseguisse responder, os pensamentos obscuros de Siân

foram repentinamente interrompidos por uma voz feminina gritando, ‘‘Olá,

polícia,’’ do hall. A oficial Bethan Williams alcançou o topo da escada exatamente quando os dois homens estavam carregando Molly para fora do quarto atada pela maca. Ela deu uma olhada no rosto da Molly e se colocou de

lado para dar passagem a eles… havia questões importantes a serem

perguntadas, mas qualquer entrevista agora teria que esperar.

Enquanto o homem da ambulância carregava sua paciente escada abaixo, a policial gritou, ‘‘Onde vocês a estão levando, meninos?’’

O paramédico respondeu, ‘‘Hospital Geral de South Wales sem olhar para trás’’.

‘‘Obrigada, meninos, vou segui-los até lá assim que eu conseguir.’’

Siân olhou para a policial com olhos suplicantes. ‘‘Quero ir com minha mãe,

mas meu irmão…’’

‘‘Você deve ser Siân Mailer, você ligou para o nove-nove-nove?’’

‘'Sim.'‘

‘‘Sua mãe está em boas mãos. Vou precisar fazer algumas perguntas, se estiver tudo bem para você?’’

Siân concordou com a cabeça. ‘‘A janela do banheiro de baixo estava

quebrada e ele está desaparecido.’’

‘‘Desaparecido? Quem está desaparecido?'

Siân começou a soluçar. ‘‘Meu i-irmão, Anthony, ele só tem sete anos! Por favor, vocês têm que e-encontrá-lo.’’

Merda, más notícias. Por que infernos ninguém havia dito aquilo antes para

ela? ‘‘Todo esforço será feito para encontrar seu irmão tão rápido quanto for humanamente possível, Siân. Vamos descer as escadas e esperar pelos policiais

do Departamento de Investigação Criminal. Eles não vão demorar muito. Eu te

levarei para o hospital para ver sua mãe assim que eles chegarem. Vamos, vou fazer um chá e então poderemos conversar. Será mais confortável.’’

' OK.'

A oficial ligou o fogo da chaleira e esperou que água fervesse. Como você gosta do seu chá, Siân?’’

‘‘De qualquer jeito’’

‘'Leite e açúcar?’’

‘‘Só leite.’’

Ele entregou a caneca à Siân. ‘‘Vamos, vamos nos sentar. É importante eu ter

conhecimento dos fatos o mais rápido possível. Isso irá nos ajudar a achar seu irmão. Você entende o que estou dizendo?’’

Siân se sentou e bebeu um pouco de seu chá quente. ‘‘Espero que sim.’’

‘‘Quando foi a última vez que você viu sua mãe e irmão antes de encontrá-la

daquele jeito hoje de manhã?’’

Siân respirou fundo antes de responder… Isso era bem importante, ela tinha

que dizer tudo. ‘‘Eu tomei ch-chá com minha mãe e Tony às quatro horas o-ontem de tarde. Eles estavam assistindo alguma coisa na televisão quando eu saí

para encontrar alguns amigos às quatro e meia’’

A policial sorriu. ‘‘Você realmente os viu antes de sair?’’

Siân olhou para o seu chá. ‘‘Não, eu estava com pressa para ir à casa da minha amiga. Minha mãe me chamou da sala quando eu estava para sair, perguntando quando eu voltaria, mas eu não respondi. Eu queria ter feito diferente.’’

‘‘Percepção tardia é uma ciência exata.’’

Siân levantou seus olhos com uma expressão confusa em seu rosto, mas não

respondeu. A policial deu conta de seu erro… Como ela podia ser tão insensível?

‘‘Você não conseguiria ter sabido o que iria acontecer antes de acontecer, Siân.

Tenho certeza que sua mãe entenderá. Agora, só para confirmar, você deixou a

casa por volta das quatro e meia de ontem à tarde e sua mãe e irmão estavam absolutamente bem. Certo?’’

Siân balançou a cabeça e disse, ‘‘Sim.’’

‘‘E você não viu nenhum dos dois até encontrar sua mãe hoje de manhã aproximadamente às onze e meia.’’

‘‘S-sim, eu falei com a mulher no telefone. A porta da frente estava aberta quando cheguei, e a janela do banheiro quebrada. Eu procurei pela minha mãe e

o Tony, e achei minha mãe no andar de cima. Quando vocês vão começar a procurar pelo Tony? Com certeza vocês vão procurar pelo Tony, não é?’’

‘‘Os detetives já estão a caminho daqui, Siân. Eles chegarão a qualquer minuto. Essa informação é muito, muito importante. Quanto mais eu conseguir

contar a eles, é melhor. Ajuda muito a encontrarmos o seu irmão. Entendeu?’’

“Sim, claro.’’

‘‘Vou dar uma olhada rápida no banheiro depois. Agora então, me diga qual

o nome completo do seu irmão e data de nascimento?’’

‘‘Anthony Mailer, ele fez sete em dezembro.”

‘‘Que dia de dezembro?’’

‘‘Dia dois, nós tivemos uma festa com chá e bolo e alguns amigos vieram.’’

‘‘Deve ter sido legal. Mais alguém vive na casa?’’

“O meu pai costumava m-morar conosco, mas ele conheceu outra mulher há

alguns meses atrás e nos deixou.’’

‘‘Você e seu irmão ainda o veem?’’

‘‘Sim, o papai nos acompanhou ao psiquiatra. Eu acho que talvez o papai e a

mamãe voltem a ficar juntos. A mamãe acha que sim.’’

‘‘Sua mãe deve ter ficado extremamente nervosa quando descobriu o caso do

seu pai pela primeira vez.’’ Era mais uma afirmação do que realmente uma questão e ela continuou sem esperar por uma resposta. ‘‘Seus pais discutiam muito?’’

‘‘A-acho que sim.’’

‘‘Seu pai alguma vez já bateu em você, Anthony ou sua mãe?’’

‘‘Não, nunca! Ele não é assim.”

‘‘Ok, me desculpe, Siân. Eu tinha que perguntar. Você acha que Anthony pode estar com ele?’’

‘‘Acho que é possível, m-mas eu duvido. Eu acho que o papai ia vir nos ver

hoje à noite.’’

A Policial Williams fez uma nota do endereço temporário de Mike Mailer e

disse, ‘‘Você consegue pensar em qualquer outro lugar que Anthony talvez esteja, na casa de um amigo, por exemplo?’’

‘‘Eu a-acho que não. Tony não tem visto muito seus amigos desde que o papai foi embora.’’ Ela franziu a testa. P-Podemos ir logo para o hospital por favor?’’

‘‘Nós iremos, Siân, eu prometo, mas isto é importante. Me dê uma lista com

todos os nomes

dos amigos do Anthony. Isso talvez nos ajude a encontrá-lo.’’

Siân deu toda informação que conseguiu.

‘‘Ótimo, obrigada, Siân. Você tem alguma fotografia recente de seu irmão?’’

Siân foi buscar um retrato sem moldura tirado na escola poucas semanas antes e entregou-o. Anthony estava sorrindo na foto, mas havia uma tristeza inconfundível em seu semblante.

‘‘Obrigada, Siân. Isso ajuda muito! Agora me mostre o banheiro.’’

A policial Williams ouviu que um Vauxhall Cavalier que servia como um dos

carros à paisana do Departamento encostando do lado de fora da casa alguns minutos depois e reconhecendo seus dois colegas da janela da sala enquanto eles

andavam pelo caminho. Ela instruiu Siân a esperar na sala e encontrou os dois detetives na sala da frente. ‘‘Detetive inspetor Gravel, Detetive Rankin, estou muito feliz de ver os dois.’’

Ela os mostrou o ponto de acesso óbvio, sucintamente traçou a informação previamente coletada, e os apresentou à Siân, que ainda estava sentada na sala esperando ansiosamente por algum desenvolvimento positivo.

O inspetor detetive Gravel cumprimentou Siân com um aceno com a cabeça

e nada mais… Não havia tempo para cordialidades enquanto a vida de uma criança estava em apuros.

‘‘Vamos conversar lá fora, Bethan. Rankin, você pode ficar com a garota.

Veja se ela ainda tem mais alguma coisa útil para nós.’’

A policial Williams fechou a porta da frente e olhou para o detetive confusa.

‘‘O que foi, senhor?’’

‘‘Quero que você leve a menina para ver sua mãe. Entre em contato assim que a senhora Mailer puder ser entrevistada. Rapidez é essencial. As chances de

achar esse menino vivo diminui a cada hora que passa. Assim que ela estiver consciente, fale com quem quer seja o responsável no hospital e não aceite um

não como resposta. Não entre em contato com o senhor Mailer sob qualquer circunstância. O que vale para a menina também, a propósito. Deixe comigo.

Tenho que ter certeza do que estávamos lidando aqui antes de nos aproximarmos

dele.''

''Será difícil para Siân, senhor.''

''Tenho plena consciência disso, obrigado, oficial. O pai poderia estar envolvido. Não há espaço para hipóteses nesse trabalho. Assim que eu riscar ele

da lista, você será a primeira a saber. Está tudo bem para você? Tudo bem assim

para você?'

A Policial engoliu seco, ''Sim, senhor!''

''Você está tempo o suficiente nesse trabalho para saber disso, Bethan. Você

é uma policial e não uma assistente social, pelo amor de Deus.''

Bethan Williams voltou à sala, olhou para Rankin com um olhar que dizia mil palavras, colocou um braço amigo ao redor dos ombros de Siân e a guiou em

direção do carro de polícia. ''Venha, Siân, vamos ver como sua mãe está.''

O Inspetor e seu sargento experiente fizeram uma busca pela propriedade assim que a policial e a adolescente deixaram a casa. Talvez não resultasse em nada, mas o inspetor uma vez encontrou o corpo de um bebê na gaveta da cozinha e essa foi uma lição dolorosa que ele nunca mais se esqueceu. Eles olharam todos os cômodos: dentro dos armários, guarda-roupas, debaixo das camas e no sótão, mas não acharam nada de extraordinário, exceto pelo pequeno

pedaço de vidro no chão do quarto de Anthony. Isso quebrou a cabeça deles por

muito tempo… Mas podia ser realmente de alguma significância?

Eles discutiram sobre isso brevemente e concluíram que a resposta era quase

que certamente 'não'.

Capítulo 30

Molly ainda estava no pronto socorro do hospital esperando para ser admitida na ala de traumas para uma avaliação feita por um cirurgião especializado em reconstrução da face, quando a policial Williams e suas companhias chegaram ao Hospital Geral de South Wales. Havia, no entanto, um atraso inevitável já que o cirurgião teve que ser contatado em casa, onde ele estava desfrutando do almoço de domingo com sua família.

Tanto a policial quanto Siân estavam motivadas a falar com Molly por causa de motivos diferentes. Elas tentaram repetidamente começar uma conversa, mas a combinação de suas fraturas e a morfina inserida em seu sistema corporal limitavam suas respostas a meros barulhos incompreensíveis. Elas finalmente desistiram de tentar se comunicar e esperaram em silêncio contemplativo.

Dentro de quinze minutos um carregador jovem e magro, coberto por múltiplas tatuagens malfeitas que pareciam feitas por ele mesmo, chegou para transferir a Molly para a outra ala, com a policial Williams e Siân seguindo-a bem de perto. Siân estava desesperada para entrar em contato com seu pai, e estava achando as explicações da policial do porquê aquilo não seria possível difíceis de compreender… Ela mesma não estava convencida de seus próprios argumentos.

Ao chegar à ala, Molly foi transferida da cama móvel para a cama por duas enfermeiras do hospital em seus uniformes azuis, enquanto o carregador permanecia de pé e assistia. A enfermeira da ala fez um pedido urgente para uma avaliação feita pelo cirurgião responsável e assegurou que Molly estivesse confortável diante das circunstâncias. O cirurgião chegou surpreendentemente rápido e concluiu, como já era esperado, que uma cirurgia urgente era realmente necessária. A complexa operação foi agendada para aquela tarde. Tudo o que a

policial e Siân poderiam fazer era esperar, olhar os minutos passarem no relógio da parede oposta à cama de Molly e esperar pelo melhor.

Capítulo 31

O investigador Gravel chutou seu armário com frustração e caiu sentado em sua

cadeira do escritório com seus dedos cruzados fortemente atrás de sua cabeça…

Ele fez o que era necessário, seguiu o protocolo, do qual ele mesmo era autor…

mas, pelo amor de Deus! O que tinha conseguido? Merda nenhuma!

O inspetor fechou seus olhos, descruzou suas mãos, curvou sua cabeça e bateu levemente em sua testa com os dois primeiros dedos da sua mão direita.

Ele deixou passar alguma coisa? Alguma coisa que não tinha pensado? Qualquer

coisa que não tinha incluído? Ele abriu seus olhos inchados, os esfregou com as

costas de sua mão, tomou um gole generoso de café morno, e revisou o progresso, ou melhor, a falta dele, em sua mente analítica. Ele havia agendado um horário com um especialista em cenas de crimes, experiente em casos complexos, para checar a casa à procura de alguma evidência, mas nada havia sido encontrado, exceto algumas leves, mas discerníveis pegadas na terra semicongelada na parte posterior da casa.

Ele sorriu com pouca convicção… Não era muita coisa, mas melhor do que

nada. Ele entrou em contato com o alto escalão e negociou quais recursos adicionais ele conseguiria, mas eles eram sempre insuficientes. Rankin estava ligando para os hospitais locais, os amigos de Anthony e parentes. Ele iria fazer isso rapidamente e eficientemente, como sempre. O detetive Hawkins estava coletando informações relacionadas a todos os criminosos conhecidos na área que ofereciam ameaça ou tinham algum histórico de violência. Aquilo ia requerer algum tempo. Todos os policiais disponíveis estavam perguntando de porta em porta e fazendo buscas na área. Ele havia dito a eles onde olhar: nas dependências adjacentes à casa, como garagens e galpões, qualquer container como latas e caixas d'águas e qualquer outro lugar que Anthony poderia potencialmente se esconder, ou, que Deus não permita, um agressor poderia

encobrir o corpo de uma criança. Eles iam reportar às sete da noite. A descrição de Anthony havia circulado por todos os escritórios operacionais dentro da força área. Ele já tinha coberto todas as bases, o que ele precisava agora era de um tempo.

O Inspetor Gravel desamarrou sua gravata estampada e desabotoou o topo da sua camisa encardida… Ele tinha que deixar a equipe fazer o trabalho e esperar que alguém trouxesse alguma novidade. Eles tinham que fazer o trabalho deles e ele precisava se concentrar no dele. Afinal de contas, era o inspetor e não uma babá! Ele iria entrevistar o pai do menino mais tarde. As checagens de antecedentes criminais não trouxeram nada realmente significante. A única condenação prévia era pelo uso de maconha aos dezenove anos, quando foi aluno da Universidade de Cardiff. Era isso: nenhuma história de violência, quer seja doméstica ou não, nada.

O inspetor suspirou… Era provavelmente uma perda de tempo. O pai era um suspeito improvável, mas rapto de crianças por estranhos era raro. Ele não poderia descartar nada prematuramente. Tais coisas tinham o hábito de voltar e ferrar com tudo. A entrevista precisava ser feita. Por que não terminar logo com isso?

O Inspetor Gravel pegou seu distintivo de identificação de dentro do bolso de seu antigo, mas muito amado paletó cinza da Harris Tweed, antes de bater forte na porta da frente da casa de June Mailer. Ambos June e seu filho estavam no andar de cima: June organizando seu guarda-roupa, tudo em seu devido lugar, tudo coordenado, um processo invariavelmente longo e Mike trocando de roupa em seu quarto de infância em preparação para a refeição com sua família naquela noite. Mike vestiu um jeans Levis 501 e correu pelas escadas abaixo para atender a porta. Ele ficou olhando para a cara do estranho… Ele exalava um indubitável

ar de autoridade, parecia alguém importante, apesar de sua aparência levemente

desgrenhada e seu inconfundível odor corporal. Parecia preocupado. Acima de tudo, ele parecia preocupado. O Inspetor Gravel segurou seu distintivo bem claramente. ' Inspetor Gravel, polícia local. Senhor Mailer? Senhor Mike Mailer?'

Mike sentiu de repente uma dor no intestino e se contorceu… Que inferno estava acontecendo? Alguma coisa deve estar errada! Os detetives não aparecem

na porta de uma casa se não for alguma coisa séria, não é? ' O que foi, Inspetor?

Aconteceu alguma coisa?'

' Melhor conversarmos lá dentro, senhor Mailer. Eu preciso lhe fazer mais perguntas.'

Mike lutou para controlar suas emoções. ' Aconteceu alguma coisa com

alguém da minha família?'

O rosto do Inspetor Gravel abriu-se numa expressão pesada. ' Vamos para dentro, senhor Mailer. Nós podemos falar aqui ou na delegacia. É sua escolha.'

Mike queria protestar, mas a determinação autoconfiante do inspetor negou seus instintos naturais. Ele se acalmou. Discutir não parecia uma boa ideia.

' Vamos inspetor, podemos conversar na sala. Posso preparar um chá ou café para

o senhor…?' Por que infernos ele perguntou aquilo?

' Não, obrigado, senhor Mailer. Sente-se somente e então podemos

conversar.' Mike se sentou como instruído.

' Senhor Mailer, onde o senhor estava entre quatro e trinta da tarde de ontem

e as onze e trinta desta manhã? Seja preciso, por favor.'

' Estou começando a ficar seriamente preocupado aqui, inspetor. Há alguma

coisa que eu devia saber?'

' Só me responda, senhor Mailer. O mais rápido que fizermos isso, mais rápido eu poderei dizer porque estou aqui.'

' Ok, entendi. Eu estava em casa a tarde toda, reformando a cozinha para a minha mãe e depois eu tomei cerveja com um amigo às sete.'

June Mailer começou a descer as escadas devagar no exato momento que o

inspetor iria fazer outra pergunta. ' Essa é sua mãe, Senhor Mailer?' Mike concordou com a cabeça.

' Ela pode confirmar seu álibi?'

Mike olhou incrédulo. ‘‘Álibi? Por que eu precisaria de um álibi?'

' Só responda à pergunta, senhor Mailer.'

Mike respirou fundo e disse, ' Sim' assim que June Mailer abriu a porta da sala, e olhou para ele com uma expressão confusa sobre seu rosto enrugado.

' Esse é o detetive inspetor Gravel, mãe. Ele quer fazer algumas perguntas.'

' A mim?'

' Sim, mãe.'

Ela permaneceu estática no vão da porta, sua boca estupefata, mas dizendo nada mais até Gravel quebrar o breve silêncio. ' Senhora Mailer, onde a senhora

estava ontem às quatro e trinta da tarde?'

' Eu fiquei aqui o dia todo.'

' A senhora estava sozinha, senhora Mailer?'

' Não, Mikey ficou o dia todo trocando os azulejos para mim. Ele fez um lindo trabalho. O senhor pode dar uma olhada, se quiser.'

‘'Ele saiu em algum momento?' June Mailer olhou para o filho dela,

encontrando seus olhos em busca de um guia.

' Pode ser honesta, Mãe. Não tenho nada para esconder.' Ela sorriu. Claro que ele não tinha. ' Ele saiu para tomar uma cerveja às sete. Não foi, Mikey?'

Mike concordou com a cabeça. ' Obrigada, senhora Mailer, isso foi de muita ajuda. A que horas ele voltou?'

June Mailer pensou por um ou dois segundos. ' Eu fui para a cama depois do noticiário das dez. Mikey ainda não tinha voltado e eu não o ouvi chegar, para ser honesta.'

' Obrigada novamente, senhora Mailer. Se a senhora puder nos deixar à sós, eu gostaria de conversar com seu filho em particular. Feche a porta da sala quando sair, por favor.'

Ela recuou relutante para sua cozinha reformada, preocupada com seu filho e foi beber sua milionésima xícara de chá do dia. ' Senhor Mailer, o senhor saiu aproximadamente às sete?'

' Sim, as sete e dez para ser exato. Eu encontrei um amigo no clube de rúgbi às sete e meia.'

' Seu amigo pode confirmar isso?'

Mike concordou com a cabeça. ' Sim, sem problema!'

' Seu nome, endereço e detalhes de contato, por favor?'

' Phillip Beringer, apartamento três, Glan Yr Ystrad número 8. Eu posso dar o telefone dele, se isso ajudar…'

' Phillip Beringer, o gerente de trabalho social?' Mike concordou com a cabeça.

' Mundo pequeno, eu tenho o número dele. Que horas exatamente o senhor saiu do clube? Eu não estou interessado nas horas que passou bebendo. Você precisa ser honesto comigo.'

' Nós rachamos um táxi por volta das vinte para as duas. O motorista me deixou aqui por volta das duas antes de deixar o Phil em casa.'

' O táxi o trouxe primeiro?'

' Sim, foi o que eu disse.'

' E o que fez depois?'

' Eu estava um lixo, para ser honesto. Eu caí na cama e acordei de manhã, por

volta das dez para beber água e comer um sanduíche de bacon.’’

' Sua mãe pode confirmar isso?'

' Como ela disse, ela já estava dormindo quando eu cheguei. Mas ela estava

acordada quando eu finalmente desci as escadas essa manhã.'

' Onde está seu carro?'

' Ainda no clube. Estou planejando apanhá-lo mais tarde, no caminho para ver minha esposa e filhos.' O detetive já tinha ouvido o suficiente… Mike Mailer não era o homem que eles estavam procurando. ' Senhor Mailer, eu lamento informar, mas tenho notícias extremamente desagradáveis para dar ao senhor. Não há uma maneira fácil de se dizer isso: sua esposa foi atacada em sua casa. Ela foi levada ao Hospital Geral de South Wales. Sua filha já está lá com

uma de nossas policiais.' O rosto de Mike se desmoronou. ' O quê? Atacada?

Quando? Ela vai ficar bem?'

' Ela sofreu algumas lesões graves na cabeça, senhor Mailer. O senhor terá uma noção quando conversar com os médicos. Seu carro está no clube de rúgbi,

correto?' Mike concordou com a cabeça com uma expressão angustiante em sua

face.

O inspetor Gravel ficou de pé e se aproximou da porta. ‘'Eu levo o senhor até

o hospital. Não acredito ser uma boa ideia dirigir no momento. Melhor deixar seu carro onde ele está por enquanto.

' Obrigado.'

' O senhor sabe onde seu filho está, senhor Mailer?'

Mike estava tentando ser durão diante de tudo aquilo, mas estava a ponto de

se desmoronar. Anthony? Não, o que o senhor está dizendo? Onde ele está?'

O inspetor destrancou as portas do carro. Não tem como suavizar isso, Mike.

Não sabemos do paradeiro de seu filho desde ontem à tarde. Ele poderia estar com amigos ou parentes?'

As pernas de Mike se torceram e ele atingiu o asfalto. O inspetor Gravel pegou seu braço e o ajudou a se sentar no banco do passageiro da frente. ' Todos os oficiais da força estão à procura de seu filho, Mike. Vamos levá-lo para o hospital. Podemos conversar no caminho.'

' Eu falei com ele ao telefone ontem à noite por volta das seis. Conversamos

sobre os resultados do futebol. Ele estava contente com a vitória do Swansea.

Ele estava absolutamente bem. O senhor tem certeza?'

' Me desculpe, Mike. No momento, seu filho está desaparecido. Amigos e família?'

' Meu pai morreu há alguns anos atrás e os pais de Molly moram na Espanha.

Eu p-preciso entrar em contato com os amigos dele…'

' Um de meus melhores policiais já está fazendo isso, Mike. Eu te prometo,

estamos fazendo tudo o que podemos.'

' Não consigo vê-lo estando com os amigos, para ser bem honesto. Ele não estava muito animado para sair ultimamente e ele sabia que eu iria aparecer essa noite. Estamos próximos, entende? Ele estava ansioso para me ver. Ele queria que eu brincasse de Banco Imobiliário com ele.' Seu rosto pareceu pálido de repente. ' Eu deveria estar lá. Eu deveria estar lá para protegê-lo'

' Vamos focar em encontrá-lo agora, Mike. Haverá muito tempo para exame

de consciência quando ele estiver a salvo. Alguma pergunta?'

' Não há nenhuma notícia mesmo sobre ele?' Ele sabia que poderia ser uma

perda de tempo. ' Estamos fazendo tudo o que podemos. Agora é só uma questão

de tempo até encontrá-lo.'

' Alguma ideia de quem possa ter feito isso? Se esse bastardo machucar o Tony, eu vou matá-lo.'

' Isso ainda não, mas eu irei até o fim com isso, dou a minha palavra. Vamos

lá, Mike, vamos ver como sua esposa está.'

Conforme os dois homens se arrastavam pelo estacionamento cheio em uma

tentativa sem esperança de evitar andar na chuva, Mike tinha pouco se é que tinha algum controle sob seus pensamentos rápidos e ele não os diminuiu até alcançar a ala Cilgeran no segundo andar do edifício modernista de concreto.

Siân pulou no instante que viu seu pai entrando no quarto e correu para seus

braços abertos, abraçando-o fortemente e quase o derrubando no processo. Eles se seguraram um ao outro como se suas vidas dependessem disso. Depois de quase trinta segundos, Mike soltou-se do abraço desesperado e disse, ' Olá, amor.

Estou aqui, agora. As coisas vão ficar bem. Você já se encontrou com o inspetor?'

Siân concordou com a cabeça. ' Ele esteve em casa mais cedo.'

' Os médicos já te disseram alguma coisa, amor?'

' Na verdade não, pai. A mamãe está sendo operada, isso é tudo o que sei.

Quem poderia ter feito isso com ela?' Seus olhos se encheram de lágrimas.

‘'Achei que ela estava morta. Quando eu a encontrei. Ela vai ficar bem, não vai?'

Mike encarou sua filha, colocou as mãos sob os ombros dela, olhou-a dentro

dos olhos… Ele não tinha ideia se Molly iria ficar bem, ou ainda, se ela sobreviveria, mas sua filha não precisava ouvir suas dúvidas e preocupações. Ele tinha que ser forte pelo menos uma vez naquela sua vida infeliz. Como a Mo diria? Ele tinha que crescer! Virar homem. Era isso! ' Claro que ela vai, amor.

Sua mãe é uma batalhadora! Você sabe bem disso.' Siân o abraçou novamente,

ainda mais forte desta vez e de repente se soltou. ' Pai!'

' Sim, amor?' ’

' E o Tony?'

Mike tentou permanecer imperturbável, mas não conseguiu impedir sua

ansiedade de vir à tona. ' Sinto muito, amor. A polícia ainda não o encontrou, mas eles irão. Não é, inspetor?' O inspetor Gravel balançou a cabeça não convincente. ' Estamos fazendo tudo o que conseguimos para achar seu irmão, Siân. Cada um de nossos policiais disponíveis estão nesse caso.' Não era exatamente o que Mike estava esperando… Mas talvez isso fosse o melhor que o

inspetor podia oferecer naquelas circunstâncias.

' Você fica com um dos policiais um pouco, amor. Preciso saber como está sua mãe. Eu voltarei para ficar com você assim que eu conseguir.'

Mike achou a enfermeira responsável pela ala trabalhando em listas de

equipes em um escritório pequeno que dividia com uma colega. Ele ficou de pé

no vão da porta e esperou impaciente até que ela levantasse seus olhos de seus

papéis e reconhecesse sua presença. ' Posso falar com você, por favor, Irmã? Sou

o esposo de Molly Mailer. Ela chegou aqui hoje à tarde.'

' Eu estava aqui quando ela chegou, senhor Mailer. O que o senhor gostaria

de saber?'

Mike respirou fundo e achou que iria conseguir se aguentar o tempo

suficiente para fazer todas as perguntas. ' Qual a gravidade, Irmã? Minha esposa vai conseguir passar por tudo isso?'

A irmã Thomas franziu a testa. ' Ela foi gravemente contundida e teve

extremas lesões faciais, senhor Mailer. Ela já está sendo operada por quase uma hora, e eu acho que será ainda mais. o Senhor Faulks é um excelente cirurgião,

mas é um trabalho difícil e a operação ainda deve demorar. Teremos uma ideia

melhor de como as coisas estão quando a senhora Mailer voltar para a ala.'

' Obrigada pela sua honestidade, Irmã. Fico agradecido. Pode me dar alguma

ideia de quanto tempo será necessário esperar antes de eu poder vê-la?'

' Sua esposa será levada direto para a recuperação após a cirurgia, senhor Mailer. Não acredito que ela estará de volta antes de duas horas. Há uma cantina no andar térreo, se isso ajudar. Me desculpe, mas não há nada mais que eu possa

dizer nesse estágio.' Mike ficou parado lá, olhando para o espaço e esperando que de repente ela dissesse alguma coisa mais positiva

Irmã Thomas olhou para baixo em direção de seus papéis sob sua mesa…

Por que ele não estava indo embora? Parentes sempre parecem querer mais informação do que ela, em sua posição, poderia dar. Ela levantou a cabeça e olhou para ele com uma expressão vazia em seu rosto. ' Há mais alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor?'

' Eu estarei na sala de espera com a minha filha. Pode nos avisar assim que

pudermos ver a Molly, por favor?'

' Sim, senhor Mailer. Agora, eu preciso continuar. Esses registros não irão se completar sozinhos.'

Mike fez uma pausa antes de adentrar a sala… Coragem, homem, coragem!

Ele já tinha decepcionado sua filha demais nessa vida.

Siân correu em direção a ele assim que ele abriu a porta. ' Alguma novidade, Pai?'

Mike pegou sua mão antes de responder. ' Ela voltará para a ala em duas horas, amor. Tudo o que podemos fazer, é esperar.’'

O Inspetor se levantou. ' Eu vou embora. Tenho muitas coisas para continuar a fazer. Espero muito que a senhora Mailer se recupere bem. Eu o manterei informado de qualquer acontecimento importante assim que e se eles acontecerem. Assim que soubermos o paradeiro do Anthony, vocês serão os primeiros a saber.' Mike concordou com a cabeça e disse, ' Obrigado.'

O inspetor apertou a mão de Mike firmemente, deu um rápido aceno de cabeça para Siân e se virou para a policial Williams. ' Entre em contato no momento em que a senhora Mailer voltar, Bethan. É essencial que conversemos com ela assim que possível. O que ela tem para nos contar pode ser crucial.'

Capítulo 32

O oficial novato Kieran Harris levantou o colarinho do sobretudo azul escuro de gabardine para se proteger do tempo adverso, e bateu na porta da frente da casa de tijolos vermelhos dos anos sessenta, localizada quase que diretamente oposta à casa dos Mailers. Até então sua investigação não havia resultado em nada útil. Felizmente sua sorte estava prestes a mudar.

O policial Harris bateu de novo e esperou… Havia uma luz acesa. Ele conseguiu ouvir algo que soava como a Radio 4 em algum lugar da casa. Por que a demora? Ele estava com frio, molhado e tremendo. Deveria ir embora e tentar outra porta? Não, tinha que fazer seu trabalho. Era importante. Ele tinha que fazer isso corretamente.

Ele bateu seus pés, bateu suas luvas de couro preto juntas vigorosamente na tentativa de as esquentar e bateu com força pela terceira vez. A octogenária Rachel Evans não se movia tão rapidamente quanto antes. Ela dependia do andador e tinha muita esperança que seu visitante ainda estivesse parado no local quando ela finalmente conseguiu chegar até a porta e abri-la… Felizmente ele estava. ' Oh, olá, querido. Eu não estava esperando a polícia.' Ela sorriu revelando seus dentes partidos e machados, mas que ao menos eram realmente os dela. ' Você não irá me prender, irá?' O oficial Harris ouviu mais uma vez a piada como milhões de outras vezes e sorriu do mesmo jeito. ' Nós estamos realizando uma averiguação na área e estamos falando com possíveis testemunhas. Gostaria de fazer umas perguntas se a senhora estiver de acordo. A senhora gostaria de ver meu distintivo?'

A senhora Evans recusou com um sorriso astucioso. ' Está tudo bem, meu querido, eu estou vendo que você é um policial, mesmo que pareça jovem o suficiente para ser meu neto. Por que você não entra para uma xícara de chá bem quentinha? Você parece precisar de uma.' Ele retribuiu o sorriso amigável dela, achando que a velha senhora lembrava muito sua avó materna. Não tenho tempo agora, me desculpe, mas talvez uma outra vez. Quero que me diga se viu algo suspeito ou estranho entre aproximadamente as quatro e meia da tarde de ontem e as onze e trinta da manhã de hoje. Pense cuidadosamente; qualquer coisa que possa me dizer pode ser importante.'

' Oh, eu acho que não, meu querido. Tem certeza que não quer entrar para uma

xícara de chá e um pedaço de pão de ló? É caseiro.'

O oficial Harris fez um compromisso mental de ligar novamente quando ele

tivesse mais tempo. ' Me desculpe; eu gostaria, mas honestamente eu devo seguir

com meu trabalho. Tenho mais casas para visitar.' A senhora Evans parecia cabisbaixa. ' Tudo bem, querido, você tem que me visitar de novo, sabe?'

' Eu virei. Tchau.'

' Tchau, querido! Não se esqueça de ligar.'

Enquanto ele se retirava, puxando seu casaco ao seu redor contra a chuva intensa, a velha senhora o chamou com uma voz titubeante: ' Oh, havia uma coisa, querido. Havia uma van velha do lado de fora da casa dos Mailers. Foi no

meio da noite. Eu achei que aquilo era um pouco inusitado.' O oficial Harris sentiu como se um raio de eletricidade estivesse passando por todo seu corpo.

' Acho que vou aceitar aquela xícara de chá, afinal de contas.'

Kieran Harris seguiu a velha senhora enquanto ela fazia uma manobra lenta

através da sala, cada item da mobília antiga parecendo um obstáculo. Quando eles finalmente alcançaram seu destino, a senhora Evans deu-lhe um sorriso radiante. ' Sente-se no sofá e eu levarei uma xícara de chá e um pedaço de pão-de-ló fresco. Eu fiz ontem de manhã com bastante geleia de morango.' Ele podia

escapar dizendo não? Provavelmente não. Uma bebida quente e comer um pouco

não fariam mal algum. ' Seria ótimo.'

' Leite e açúcar, querido?'

' Só uma gota de leite, por favor.'

Enquanto ela andava devagar por sua cozinha, ele ficava ansioso… Seria ele,

um policial inexperiente, aquele a desvendar esse caso misterioso? Imagine quão

bom isso seria? Talvez ele não tenha se enquadrado muito bem na delegacia, mas

aquilo ali poderia ser um acontecimento decisivo. A salvação para o herói em um

rumo dramático.

Enquanto ele se sentava, rodeado por papel de parede, móveis antigos de madeira e memórias evanescentes, impacientemente aguardando o retorno da velha senhora, ele se imaginou dando a informação vital ao inspetor Gravel, que

levaria à prisão do violento agressor e à dramática salvação da vida de Anthony

Mailer… Era um pensamento agradável. Talvez, quem sabe, isso se tornaria mais do que uma fantasia egocêntrica.

Para o alívio do novato policial, a senhora Evans reapareceu de sua cozinha

equilibrando perigosamente uma bengala de alumínio em uma mão e uma xícara

e pires na outra. Ela sorria ansiosamente. ' Quase lá, querido.'

O policial Harris se levantou de seu assento. Ela iria cair? Talvez sim. Ele correu na direção dela. ' Deixe-me pegar isso para a senhora!'

' Sim, querido. Não estou ficando mais nova, sabe? Farei oitenta e oito em julho. Imagine só! A vida passa muito rápido. Coloque o seu chá sobre a mesa de

centro, querido, e você pode apanhar o pão-de-ló da cozinha. Você encontrará alguns pratos no armário sobre a geladeira.' O policial Harris retornou

carregando uma bandeja pesada depois de um ou dois minutos. ' Oh, isso é adorável, querido! Agora, coloque a bandeja aqui e poderemos nos servir. Oh, olhe, querido, você esqueceu a faca para cortar o pão-de-ló.' Ele retornou para a cozinha… Conte até dez, Kieran. Conte até dez.

' Obrigada, meu querido. Por que você não me deixa cortar um pedaço

grande para você e dizer o que eu vi?'

Ele pegou seu caderninho e uma caneta de plástico amarela do bolso do

uniforme. ' Diga-me exatamente o que viu, senhora Evans, não tenha pressa, por

favor. Qualquer coisa que puder me dizer pode ser de grande valia.'

A senhora Evans colocou sua xícara sob o pires e olhou para o jovem oficial

com um óbvio orgulho. ' Eu direi, querido. De onde posso começar? Agora, deixe me pensar. Eu fui para a cama lá pelas nove da noite. Não tem nada que

preste na televisão ultimamente. Não conseguia dormir, querido, então eu tomei

uma pílula para dormir, só uma. Eu faço isso às vezes. No meio da noite, não sei exatamente que horas, eu acordei precisando ir ao banheiro. Estava muito frio, meu querido. Eu olhei para fora pela janela do meu quarto para ver se estava nevando. Aquele homem do tempo com barba disse que talvez acontecesse.'

Continue. Por favor, vá direto ao ponto. ' O que a senhora realmente viu, senhora Evans?'

' Bom, foi muito estranho, querido. Como eu disse, eu olhei para fora pela janela - meu quarto fica em frente da casa deles, sabe? - e havia uma grande van branca do lado de fora da casa bonita do senhor e senhora Mailer. Eu achei aquilo muito estranho. Bom, você também acharia, não? No meio da noite?'

' Por que a senhora pensou ser estranho?'

' Eu nunca tinha visto aquela van na rua antes e então as coisas ficaram ainda

mais estranhas. Dois homens saíram da casa, vestidos todos de branco. Eles andaram pelo caminho bastante destemidos. Coma seu bolo, querido, tem mais

caso queira…' O policial Harris pegou outro pedaço grande e o enfiou goela abaixo com um gole de chá.

' E como está, querido?'

' Muito bom, obrigado, senhora Evans.'

A velha senhora irradiou-se. ' Você gostaria de outro pedaço, querido?'

' Agora não, obrigado, senhora Evans. Eu realmente gostaria, mas eu devo ir

ou vou arrumar confusão com o meu chefe.'

' Oh, eu não quero isso, querido. Agora então, o que era que você queria me

perguntar?'

Até que enfim! ' Pode me descrever a van, senhora Evans? Isso é muito importante.' A velha senhora olhou confusa inicialmente, mas depois de pensar

alguns segundos, ela sorriu. ' Eu vou tentar, querido.'

O oficial Harris suspeitou que ele não iria gostar daquela resposta, mas ele perguntou do mesmo jeito. ' Você sabe a marca da van, senhora Evans?'

' Oh não, não, não, querido! Não sei muito sobre vans. Isso é importante, querido?'

' Tudo certo, senhora Evans, a senhora tem ajudado bastante.'

' Oh, obrigada, meu querido.'

Ele já sabia a resposta, mas não custava perguntar: ' A senhora viu a número

da placa?'

' Não, me desculpe, não estou sendo útil, estou? Gostaria de outra xícara de

chá, querido?'

' Não vou querer nada agora, obrigado. Consegue me dizer mais alguma

coisa sobre a van? Qualquer coisa?'

' Oh, agora, me deixe pensar. ' Eu não sei, querido. Estava muito enferrujada.

Acho que isso não é importante, né?'

O oficial Harris sentiu a adrenalina subir por todo o seu corpo. Ele tinha parado uma van com essa descrição. Ele tinha pedido por uma checagem. Só podia ser o mesmo veículo! Era esperar demais?

Ele se recompôs e continuou. ' E sobre os dois homens, senhora Evans? Pode

me descrevê-los?'

' Oh, eu tentarei o melhor que conseguir, querido. Mas, estava muito escuro,

sabe? E como eu disse antes, havia dois homens, um era bastante grande e robusto e o outro era um pouco baixo. Eu não quis ser indelicada, querido. E a

coisa mais estranha: eles estavam vestidos de branco da cabeça aos pés.'

' Branco? Tem certeza?'

' Sim, querido.'

' Isso foi muito útil, senhora Evans. A senhora viu os rostos deles, por acaso?'

A velha senhora olhou cabisbaixa. ' Oh não, eles estavam muito longe para isso. E eu não estava de óculos. Me desculpe. Eu ajudei de alguma forma, querido?'

O policial Harris sorriu gentilmente. ' A senhora ajudou muito, senhora Evans. Agora, pense um pouco. Há mais alguma coisa que consiga me dizer?

Qualquer coisa?'

' Bom, me deixe pensar. Havia uma coisa, querido. O homem mais baixo

estava carregando alguma coisa em seu ombro. Um tapete talvez. Ou alguma coisa parecida com isso. Ele o arremessou na parte de trás da van antes de ir embora. Eles estavam roubando, querido?'

Teria que valer a pena perguntar. ' Ele poderia estar carregando uma criança,

senhora Evans?'

' Uma criança, querido? Certamente não!' Ela fez uma pausa, ' Bom, podia ser uma criança sim…' O policial Harris balançou a cabeça. ' Muitíssimo obrigado, senhora Evans. A senhora ajudou muito. Alguém do Departamento de

Investigação Criminal vai querer conversar com a senhora e fazer um relatório completo. Tudo bem para a senhora?'

Fazia muito, muito tempo que ela não se sentia tão útil e isso a fez se sentir

bem. ' Isso será adorável, querido. Estou feliz por poder ajudar. Agora, você irá tomar outra xícara de chá ou comer mais alguma coisa antes de voltar para fora

no frio? Você poderia ser alimentar mais, meu jovem.' O policial Harris se levantou e saiu. ' Eu adoraria, senhora Evans, mas eu realmente tenho que ir agora. Obrigado novamente pela sua ajuda.'

Que pena! Além disso, ela ainda receberia outra visita em breve. Era algo para ela esperar. ' Você vai me ligar de novo, não vai querido?'

Ele olhou para trás e disse que iria. Ele estava mesmo disposto a cumprir sua

promessa.

Enquanto ele andava a curta distância pela casa, o policial animou-se…

Talvez ele tivesse ganho na loteria investigativa. A informação dele era importante, isso era certeza! Mas, seria melhor contatar o inspetor pelo rádio?

Talvez sim, talvez não. A informação dele teria um impacto maior se fosse dada

durante a reunião, não teria?

Ele se imaginou recebendo aplausos vibrantes de seus colegas previamente arrogantes… Isso podia esperar até às sete da noite, não podia? Claro que podia!

Qual mal isso poderia causar?

Capítulo 33

A Irmã Thomas apareceu na porta da sala de espera com um sorriso que se endureceu quando ela entrou no quarto. Mike espremeu a mão de Siân,

esperando o pior, mas desejando o melhor. Um olhar às vezes podia fazer isso.

Com uma voz titubeante ressonando uma emoção inquietante ele perguntou,

' Como ela está?'

' Se o senhor vier até a minha sala, senhor Mailer, posso dizer o que eu puder.' Mike a seguiu, mas parou abruptamente quando Siân disse, ' Quero ouvir

o que ela tem a dizer, papai. Ela é minha mãe. Sou velha o suficiente.'

' Certo, amor, é justo.' Ele encontrou os olhos da enfermeira e balançou sua

cabeça concordando… Siân tinha o direito de saber a verdade, mesmo que dolorosa. E ao menos mais alguém estaria lá naquele momento.

A irmã retornou seu aceno e escolheu as palavras cuidadosamente. ' A

senhora Mailer está em cuidado intensivo. A operação para reparar suas lesões faciais foi relativamente bem, mas eu receio que houve complicações. O senhor

Faulks continuará a falar com vocês assim que ele puder.'

Mike e Siân responderam em uníssono enquanto a policial Williams assistia,

intensivamente consciente de que ela estava invadindo a dor da família.

' Complicações? Que tipo de complicações?'

A Irmã Thomas apareceu repentinamente tensa. ' Eu realmente não posso

dizer mais no momento. Eu tentarei organizar o mais rápido possível um horário

para o senhor Faulks falar com vocês. ' Mike colocou um braço solidário ao redor do ombro de Siân… Por que a enfermeira estava sendo tão evasiva? Tão

cautelosa? Ela estava escondendo alguma coisa. O que ela não estava dizendo?

Ele tentou de novo. ' A senhora tem certeza que não pode nos dizer mais nada, Irmã?'

Ela balbuciou desculpas incompreensíveis e se apressou em sair da sala sem

dizer nada mais. O tempo passava frustrantemente devagar enquanto eles

esperavam pelo cirurgião aparecer. Quando ele finalmente apareceu, ele ficou de

pé próximo à porta a alguns metros de Mike, Siân e a policial, e olhou para eles mantendo distância, melhor do que encontrar o olhar ansioso de ambos. Quando

ele começou a falar, Mike notou um sotaque do sul da Inglaterra, de pessoas que

ele considerava privilegiadas e educadas em escolas particulares. ' Senhor Mailer, tenho certeza que o senhor ficará satisfeito em ouvir que a operação foi relativamente bem considerando a severidade de suas lesões. Conforme as semanas passarem as cicatrizes físicas se curarão e seus traços irão aparecer mais

como eram antes do ataque. Houve, no entanto, algumas dificuldades durante a operação e nós teremos que esperar para ver como ela está quando acordar da anestesia.' E tendo dito aquilo, ele se virou para sair. Mike respirou fundo…

Como assim? Dificuldades? O que isso quer dizer? Aquele moleque mimado realmente achava que só aquela informação era suficiente? Ele se levantou, gritou, ' Espere um minuto,' e andou em direção do cirurgião, que pareceu genuinamente surpreso com aquilo que ele interpretou como sendo uma audácia

do Mike.

' Que infernos o senhor que dizer com dificuldades?' O senhor Faulks ficou

paralisado. ' Como eu disse, senhor Mailer, lesões faciais se curarão em seu devido tempo. Mas ela recebeu muitos golpes na cabeça durante a agressão, que

muito certamente irão causar alguma lesão a seu cérebro. Os pacientes

geralmente se recuperam de tais lesões quando o inchaço termina. Mas receio que no caso da senhora Mailer a situação é mais complexa.'

Mike retornou ao seu assento para confortar sua filha… E lá vamos nós de novo. ' Complexo? O que isso quer dizer?'

O cirurgião olhou para o teto, jogou seu peso de um pé para o outro e limpou

sua garganta antes de responder. ' A senhora Mailer sofreu um evento cardíaco durante a cirurgia. É lamentável, mas às vezes acontece.' Mike balançou sua cabeça incrédulo. ' Evento cardíaco? Você quer dizer um ataque do coração?'

' Sim, infelizmente sim, senhor Mailer. A senhora Mailer foi ressuscitada com sucesso, mas parou de respirar por algum tempo. O cérebro dela ficou desprovido de oxigênio e talvez há estragos irremediáveis como consequência.

Ninguém pode dizer com absoluta certeza o que pode acontecer em casos assim.

Como eu disse, nós teremos que esperar para ver. Eu irei avaliá-la novamente com meus colegas neurocirurgiões.'

' Você está dizendo que ela morreu?'

' O coração dela parou por quase três minutos, senhor Mailer. Vamos esperar

e ver como as coisas irão progredir.'

Por favor, melhore, Mo. Por favor, Deus, ajude-a a melhorar. ' P-podemos vê-

la, Doutor?'

' Eu não vejo razão para não o fazer, senhor Mailer. O senhor a encontrará na

UTI. Mas por favor não espere muito. É muito cedo para esperar que ela fale.

Agora, eu realmente tenho que ir, tenho outros pacientes para cuidar. Alguma pergunta final?'

Mike balançou sua cabeça lentamente e nada mais foi dito. A policial

Williams tinha ouvido o suficiente para saber que nem fazia sentido perguntar quando seria viável entrevistar a Molly… Seria uma longa espera, se é que isso

realmente acontecesse. Conforme Mike assistia o cirurgião se retirar, milhões de

questões invadiram sua mente. Ele queria bater o pé e gritar como uma criança mimada…. Mas de que adiantaria? Uma coisa de cada vez. Era assim que se devia lidar com aquela situação. Vá ver a Mo e então, pense sobre o Tony.

Cresça, Mike. Pelo bem de Siân, cresça! ' Vamos, amor. Vamos ver sua mãe.'

Capítulo 34

O investigador Gravel esvaziou sua caneca preta e branca favorita do clube de rúgbi Neath, arregaçou a manga de seu paletó e checou o seu Casio… Somente

dez minutos até a reunião com os policiais para obter o retorno das investigações e ele não tinha porcaria nenhuma para dizer à tropa. Ele avaliou os fatos relevantes em sua mente pela milionésima vez, procurando por algo positivo…

Estava faltando alguma coisa? Havia alguma coisa que ele não havia feito? Se fosse somente tão simples assim! Raptos feitos por estranhos eram raros, mas parecia ser um desses casos. Não havia muito com o que continuar, a menos que

eles trouxessem alguma coisa rápido. Merda! As coisas não estavam nada boas.

As chances de achar Anthony Mailer vivo diminuíam a cada minuto que se passava.

Ele pegou um lápis e o quebrou no meio antes de arremessar os pedaços na

parede. Levantar a moral da equipe não iria ser fácil.

Quando o investigador Gravel entrou na sala alguns minutos atrasado, ele estava tentando exalar um ar de confiança que ele não estava sentindo. Ele olhou ao redor da sala, agradecido por todos os oficiais mais relevantes estarem prontos e esperando, com exceção de Bethan Williams, que não estava sendo esperada para a reunião.

O bate-papo parou abruptamente quando o inspetor se levantou na frente da

sala e levantou a mão acima de sua cabeça. Ele discretamente avaliou os recursos limitados sob seu comando e amaldiçoou silenciosamente… Eles eram

inadequados, mas teria que fazer. A maldita força policial rural. Você conseguiria ouvir um alfinete cair assim que ele começou a falar. ' Certo, pessoal, ouçam cuidadosamente.' E então uma piada para reduzir a tensão: ' Eu vou fazer uma prova oral depois.' Todos riram. Eles sentiram que tinham que fazê-lo.

Ele ergueu sua mão aberta no ar novamente, silenciando a sala. ' Ouçam todos. Hora de ficarmos sérios. Siân Mailer achou sua mãe agredida e descobriu

que seu irmão estava desaparecido aproximadamente sete horas e meia atrás. O

tempo está correndo, pessoal. Nesse tipo de investigação, resultados rápidos são essenciais para um desfecho bem-sucedido. Molly Mailer está no hospital de South Wales. Ela passou por uma cirurgia e Bethan me avisará se e quando ela

poderá ser entrevistada. Mas não estou esperando por isso. Não acontecerá tão cedo. Então eu espero que vocês tenham alguma coisa para mim. Anthony Mailer ainda está desaparecido. O ataque da senhora Mailer foi contínuo e

extremamente violento. É muito provável que o mesmo agressor, ou agressores, tenham sequestrado Anthony. Não preciso dizer o que isso pode significar.

Temos que encontrá-lo e rápido.' Ele fez uma pausa para respirar e então continuou. ' Vamos ouvir o que vocês têm. Clive, você começa. Nada dos hospitais ou dos contatos conhecidos do menino?'

Detetive Rankin balançou a cabeça. ' Nada, me desculpe, chefe.'

' O quê? Nada?'

' Nada, chefe.'

' Detetive Hawkins, e com os pedófilos?'

' Eu comecei bem, mas estamos falando de trezentos pedófilos conhecidos somente nesse município.' Estou verificando o modus operandi, selecionando e

montando uma lista, mas como sabe, isso leva tempo. Até este momento não havia nenhum suspeito em destaque. E há assaltantes também, claro. Alguns arrombadores atacaram as redondezas nos últimos anos. Eles terão que ser procurados.'

' Obrigado, George, concentre-se no momento e complete a lista até as nove,

amanhã de manhã. Vamos conversar e ver o que temos então até lá.' O detetive

Hawkins balançou a cabeça… Ia ser uma longa noite.

O inspetor Gravel voltou sua atenção ao perito que examinou a cena do crime. '

Alguma coisa útil?'

' Nada novo para reportar, senhor. Acho que podemos afirmar com segurança

que seja lá quem cometeu esse crime tem conhecimento forense e sabe como evitar deixar pistas.'

' Ok, sabemos o que vocês não encontraram; agora digam as boas notícias.'

' Eu direi, senhor. Como vocês sabem, nós encontramos várias pegadas

tênues atrás do prédio. Estamos falando sobre o que parecem ser pegadas frescas

direcionadas ao ponto de acesso óbvio. Eles saíram do local por algum outro lugar, provavelmente pela porta da frente. Há duas pegadas de tamanhos diferentes: um par do tamanho quarenta e um e o outro de tamanho quarenta e

dois. As pegadas fortemente sugerem que o agressor com o tamanho quarenta e

um é significativamente mais pesado do que o outro. Isso é tudo o que temos, eu

receio.'

O inspetor Gravel balançou a cabeça. ' Isso não nos dá um suspeito, mas é um começo. Se vocês se depararem com qualquer pegada interessante depois que as óbvias forem excluídas, me avisem imediatamente.

' Obrigado, Ben.'

' De nada, senhor.'

' Certo, vamos lá! Equipe de busca, o que vocês têm para mim?' Os policiais

de busca se entreolharam furtivamente na direção um do outro, mas ninguém

respondeu. ' Vamos, queremos ouvir.' Uma policial de longa data sentada ao fundo finalmente falou. ' Nada, senhor.'

' O quê? Nada?'

' Não, senhor, o cachorro pegou alguma coisa no fundo do terreno da casa, mas

ele perdeu seu rastro na estrada na frente da casa.'

' Certo, nós iremos ampliar a procura à primeira luz. Eu quero vocês todos aqui de volta às cinco em ponto. Eu falarei com o chefe e assegurarei de recebermos oficiais adicionais para ajudar. Vamos nos mexer. Porta-a-porta, algo a reportar?' O oficial Harris se moveu para a ponta de seu assento… Era agora.

Esse era o momento de brilhar.

Ele limpou sua garganta teatralmente, e ergueu sua mão como uma criança entusiasmada na sala de aula; mas ele a abaixou rapidamente quando a sala irrompeu em gargalhada… Não era para ser assim. O inspetor Gravel gargalhou

com os outros… mas já chega! O jovem policial teve alguma dificuldade em se

enturmar, mas ele mostrou ser promissor e digno de encorajamento. Ele bateu suas mãos. ' De volta ao trabalho, pessoal. Precisamos continuar. Certo, filho, o que você tem a dizer?'

O policial Harris engoliu seco.

' Vamos, filho, não seja tímido. Estamos todos do mesmo lado.'

É isso, Kieran. Esse é o seu momento. ' Senhor, eu tenho algo a reportar…' A

glória era eminente. Eles não iriam rir depois disso.

Ele pegou de seu bloco de notas do bolso com a mão direita e virou dramaticamente as páginas até chegar àquela que era relevante, que ele havia anteriormente marcado com um clip grande. Ele fez um show desnecessário ao

referir-se a suas notas, limpou sua garganta alto e começou. ' Senhor, às dezessete e trinta eu entrevistei a senhora Rachel Evans, de oitenta e sete anos em sua casa, uma rosa, localizada quase que exatamente ao lado oposto da casa

dos Mailers.'

' Vamos, filho, você não está no tribunal agora. Vamos logo com isso, pelo amor de Deus. O que a velha senhora disse?'

O policial Harris respirou fundo, soltou o ar e continuou. ' A senhora Evans

me informou que durante as primeiras horas da manhã ela viu uma van branca estava coberta de ferrugem, estacionada do lado de fora da casa dos Mailers. Ela não conseguiu me dar a hora exata e ela não sabia a marca do veículo.' O

inspetor Gravel sabia que a resposta ia ser ' não' antes de perguntar. ' Ela viu a placa, filho?'

‘‘Não, senhor, eu perguntei, mas não.'

' Suponho que seria muito querer isso também. Certo, filho, e o que mais?'

' A senhora Evans viu dois homens deixarem a casa e saírem com a van. Um

dos homens estava carregando alguma coisa no ombro. Ela disse que poderia ser uma criança.'

' Descrição, filho, você conseguiu uma descrição?'

Como ele poderia esquecer a descrição? Ele engoliu seco. ' Aquilo foi uma coisa estranha, senhor, ela disse que eles estavam vestidos da cabeça aos pés de branco.'

O inspetor olhou perplexo. ' Certo, filho, é isso?'

' Ela disse que um homem era alto e musculoso e o outro mais baixo e levemente acima do peso. O mais baixo estava carregando o que poderia ser um

menino.' O policial Harris sentou em sua cadeira e esperou os aplausos.

' Isso é ótimo, filho, mas por que você não me disse isso antes? Cada minuto

é importante, filho. Você tem um maldito rádio, não tem? Use a maldita coisa!'

O Inspetor pausou brevemente para organizar seus pensamentos. ' Certo,

Clive, você ouviu o que o menino tinha para dizer por si mesmo. Vá

pessoalmente até a casa da senhora e faça um relatório completo. Hawkins, cheque o sistema, e encontre se houver qualquer pedófilo local que possua ou

tenha acesso a todas as vans brancas que tenham essa descrição. Isso pode ser o impulso que precisamos. Eu estarei na delegacia por uma hora ou duas e então você pode me encontrar em casa se você precisar.’’

Ele focou no policial Harris que fugia de seu olhar acusador. ' Não quero mais ninguém cometendo o mesmo erro que esse garoto aqui. Peguem o maldito telefone e usem o rádio imediatamente se acharem alguma coisa útil.' Houve um coral de ' Sim, senhor!' vindo de todos os cantos da sala.

O inspetor Gravel estava prestes a terminar a reunião quando o policial Harris ergueu sua mão pela segunda vez. Dessa vez ninguém riu. ' Senhor, há mais uma coisa. Não sei se é significativo.'

É bom que valha a pena. ' Vamos filho, diga.'

O policial Harris reabriu seu bloco de notas e freneticamente procurou pela página certa. ' Senhor, às dez para as quatro dessa manhã eu parei uma van que se encaixa com a descrição dada pela senhora Evans na Eden Road.'

' Pelo amor de Deus, filho, você tem que me dizer tudo! Certo, merda! Você por um acaso tem o número da placa?'

' Eu pedi a checagem, senhor. O dono registrado tem uma história de ocorrências, mas ele não está sendo procurado.'

' Qual o nome dele, filho?'

' Fisher, Wayne Fisher! Eu o multei.'

' Você checou a van, filho?'

O policial Harris repentinamente ficou pálido. ' Eu não dei muita importância

para isso na hora, para ser honesto, senhor.'

' Sem problemas, filho, você fez bem.'

O sorriso pálido que apareceu no rosto do jovem policial rapidamente se tornou uma ruga. Isso não ia soar bem. ' Senhor, eu preciso informar o senhor que havia um segundo homem na van com Fisher.'

' Um segundo homem?'

' Sim, senhor!'

O inspetor Gravel balançou sua cabeça descontente. ' Eu presumo que eles não estavam vestidos de branco?'

' O rosto do jovem policial enrubesceu. ' Não, senhor.'

' Você pegou os detalhes do segundo homem?'

' Não, senhor.'

' Você deu uma olhada nele, filho?'

' Me desculpe, senhor, estava escuro e o passageiro não olhou para mim. Eu estava focado em checar os documentos do motorista. Naquela hora, não achei que fosse importante.'

' Não se martirize, filho. Não tinha como você saber que poderia ser importante. As coisas parecem muito mais claras depois de terem acontecido. Você fez bem, continue com o bom trabalho.'

Capítulo 35

O inspetor Gravel deu uma caneca lascada a Rankin contendo uma dose generosa do whisky barato da loja da esquina. ' Bem, Clive, meu garoto, somos

amigos há muito tempo; diga-me o que acha.' O detetive bebeu um gole de whisky e fez uma careta quando o malte queimou sua garganta. ' É pouco provável, chefe, mas nunca se sabe se daremos sorte. É coincidência demais: mesma descrição, mesma noite, mesma cidade, não muito trânsito? É possível, eu acho.'

O inspetor encheu ambas as canecas novamente e balançou sua cabeça. ' Que

inferno Wayne Fisher estaria fazendo na Eden Road naquela hora da manhã?

Você teve que lidar com ele recentemente, Clive. O que você acha disso?'

' Não tenho certeza, chefe, ele tem antecedentes de roubo, arrombamento, recebimento de mercadorias roubadas, esse tipo de coisa, mas nenhuma história

de violência ou envolvimento com crianças, até onde eu tenho conhecimento.

Vale a pena averiguar, eu acho, mas não consigo ver nada, para ser honesto.'

O inspetor Gravel se inclinou em sua cadeira e descansou seus pés sob a mesa. ' Certo, Clive, tenho uma ou duas coisas para remoer, mas sem dúvidas visitaremos nosso amigo senhor Fisher pela manhã. Na minha opinião, não temos nada a perder. Vou arrumar um pedido de busca e te verei às cinco. Agora,

vá para casa e durma um pouco.'

O detetive Rankin se levantou para sair, feliz com a oportunidade de

finalmente ver sua família. O trabalho na polícia poderia ser extremamente difícil com relacionamentos.

Ele se virou para o inspetor enquanto saia e casualmente tocou sua cabeça com um lado de uma mão, batendo continência por força do hábito. ' Farei isso,

chefe, até amanhã.'

No segundo que Rankin deixou seu escritório, Gravel despejou o resto de seu

whisky no vaso da planta, chutou a porta de sua sala e pegou o telefone. Qual era mesmo a merda do telefone do Trevor Simpson? Ele folheou sua agenda…

Trevor Simpson? Trevor Simpson? Sim, ali estava ele.

Ele digitou o número… Vamos, Trevor, atenda esse maldito telefone.

' Inspetor Simpson.'

' Olá, Trevor, é o Grav. Até que enfim você atendeu! Me desculpe de

incomodá-lo em casa, colega, mas você sabe como é.'

' Eu sei, com certeza, Grav, aflito né? Em que posso ser útil?'

' Posso estar errado, mas acredito que Wayne Fisher foi mencionado como

parte do seu círculo de investigação de pedófilos, certo?'

' Estava tudo muito vago, para ser sincero, Grav. Ele foi mencionado somente

por uma criança e ela não conseguiu afirmar sua identidade. A descrição que ela

deu não bate com a sua aparência. Ele pode ou não estar envolvido. Tenho minhas dúvidas. Precisamos de mais tempo antes de incluí-lo nisso.'

' Mas é uma possibilidade?'

' Bom, eu acho que é sim. Eu não o risquei por completo. Por que você está

perguntando?'

' É uma tentativa improvável para ser honesto, Trevor. Você sabe desse caso

Mailer que estou trabalhando, agressão à mãe e um garoto de sete anos desaparecido?'

' Sim, claro, Grav. Mas onde o Fisher sem encaixa nisso?'

' Eu duvido que se encaixe para ser honesto, Trevor. Mas vale a pena considerar. Estou ferrado de qualquer forma no momento. Uma idosa que vive ao lado oposto da cena do crime está dizendo que viu uma van branca que bate

com a descrição do veículo de Fisher estacionado do lado de fora da casa na

noite do rapto.'

O Inspetor Simpson riu alto. ' Há várias vans brancas por aí, Grav. Você não está ficando desesperado, está?'

' Um de nossos novatos fez a checagem da van de Fisher na Eden Road nas primeiras horas do dia. E bate com a descrição: van branca e larga, exatamente na hora do rapto e havia mais alguém no veículo.

' Alguma ideia de quem?'

' Não.''

' Tem uma descrição?

' Nada que possamos usar.'

' Eden Road? É bem fora da área que Fisher geralmente está. Eden Road? Eden Road? Isso me faz lembrar de algo.'

' Vamos, Trevor, vamos logo com isso, pelo amor de Deus. Desembucha, tenho uma cama para ir.' Houve alguns segundos de silêncio antes de Simpson responder. ' Não é provavelmente nada, Grav, mas Galbraith mora lá, o psiquiatra.'

' Não gosto de coincidências, Trevor.'

' Ah, vamos lá, Grav, você não acha mesmo que Fisher e Galbraith são amigos, acha?'

Grav riu. ' Não, aí você tem razão, Trevor. Não consigo os ver tendo muita coisa em comum.'

' Olhe Grav, o círculo de investigação fazendo um progresso surpreendente.

As coisas se moveram muito mais rápidas do que eu poderia ter esperado. Eu

falei com os policiais nessa tarde como sempre acontece. Temos o suficiente para prender cinco dos suspeitos agora: quatro homens e uma mulher. Fisher não

estava na lista até o momento e ele provavelmente não estará na lista, a menos

que evidências novas apareçam, mas Galbraith está. Há ainda algumas poucas entrevistas de vídeo com testemunhas infantis agendadas para amanhã, com um

pouco de sorte elas talvez nos deem o suficiente para mais prisões. É um jogo em progresso, Grav. Só vou conhecer a situação com certeza quando eu revisar o

conjunto de fitas da investigação e ver o que já temos em mãos. Há uma reunião

marcada no centro de recursos dos Serviços Sociais às duas na terça para chegarmos a um consenso sobre a hora das prisões e etecetera. Você consegue segurar qualquer ação contra o Fisher até lá? Caso ele esteja envolvido, eu não

quero nenhum dos suspeitos tendo a ideia que nós estamos muito próximos de capturá-los.

' Oh, pelo amor de Deus! Eu não gosto disso para ser bem honesto, Trevor.

Sei que é não é muito provável, mas se Fisher sequestrou o menino e eu não fizer nada em dois dias, não vai ser legal, vai? Essa é uma questão retórica a propósito; a mãe do garoto está destruída.'

' Certo, Grav, entendo seu ponto de vista, mas não iremos concordar nesse assunto. Olhe, que tal conversarmos com o nosso chefe de manhã? Ele está sempre lá pelas oito e meia. Ele pode decidir, privilégio de patente e tudo mais.

É para isso que ele é pago, afinal de contas.'

' Eu tenho uma merda de um compromisso às cinco da manhã, Trevor. Eu estava planejando dar ao nosso senhor Fisher um bom dia pessoalmente depois

disso.'

' Receio que teremos que esperar, por mais que seja tentador. Vamos ver o que o

chefe acha e agiremos de acordo. Tudo bem assim?'

O investigador Gravel sacudiu sua cabeça. ' Eu suponho que terá que ser, Trevor. Você me deve uma cerveja.'

Simpson riu. ' Bem justo, Grav.' Ele pausou momentaneamente, ' Seu

linguajar não melhorou nem um pouco com o passar dos anos, não é? Sua mãe

não lavava a sua boca com água e sabão?'

' Vai se lascar, Trevor. Te vejo amanhã.'

O inspetor Gravel bateu o telefone e chutou sua lixeira com força suficiente

para arremessá-la e a quebrá-la do outro lado da sala. Ele se sentou em sua cadeira giratória, suspirou desanimadamente e pegou uma pilha de papéis de sua

mesa, cheio de boas intenções. Mas ele os colocou quase que imediatamente de

volta à sua pasta laranja de plástico. Ele precisava de uma ducha. Ele precisava dormir. Os papéis podiam esperar. Ele se levantou pensando em ir para casa, mas

então decidiu fazer uma última ligação antes de sair. A central telefônica atendeu

após uma espera surpreendentemente curta e uma voz feminina alegre disse,

' Alô, Hospital Geral de South Wales.'

' Boa noite, UTI por favor.' Dessa vez o telefone tocou e tocou antes de finalmente ser atendido. ' Equipe falando.'

' Boa noite, sou o detetive inspetor Gravel, polícia local. Uma de minhas oficiais se encontra aí em algum lugar. Posso falar com ela, por favor?'

' A última que eu a vi, ela estava na sala de espera. Posso pedir para ela ligar para o senhor?'

' Eu espero na linha.'

Depois de aproximadamente cinco minutos ele ouviu a voz familiar da

policial Williams dizendo, ' Alô, senhor.'

' Oi, Bethan, alguma novidade para mim?'

' Tenho boas notícias, eu suponho, senhor. Estava prestes a ligar para o senhor. A senhora Mailer acordou muito brevemente em torno de quinze minutos

atrás. Os médicos parecem mais otimistas do que estavam mais cedo, mas por conta da medicação e lesões, a consciência dela ia e voltava.'

' Você teve oportunidade de falar com ela?'

' Muito brevemente, senhor, antes da irmã me interromper. Não estava fácil de entendê-la, mas acho que talvez ela tenha perguntado sobre o Anthony. Para

ser honesta não consegui dizer a verdade. Ela já tem o suficiente para lidar no momento.'

' Ela vai ter que saber em algum ponto, policial, mas acho que isso pode esperar um momento. Ela disse alguma coisa útil?'

Ele a tinha chamado de policial ao invés do seu nome. Ele não estava feliz.

Era uma situação sem nenhum lado positivo. ' Há mais uma coisa, senhor, mas isso não faz nenhum sentido.'

' Diga, Bethan. Meu dia foi cheio.'

' A senhora Mailer não estava dizendo nada que fizesse sentido, senhor. Não

sei se vale a pena dizer isso ao senhor, mas enfim, aí vai, suas palavras estavam distorcidas e incoerentes, mas ela parecia estar tentando me dizer que ela acordou por uma fração de segundo antes do ataque. Ela acha que viu

diretamente dentro dos olhos do agressor antes de desmaiar.' O coração do inspetor estava acelerado. ' Ela conseguiu descrevê-lo?'

' Aí é onde as coisas ficam estranhas, senhor.’’

Ela pareceu repetir o mesmo nome várias vezes antes de voltar à

inconsciência. Eu acho que ela devia estar confusa ou sonhando.'

' Pelo amor de Deus, Bethan! Qual foi o nome?'

' Dr. David Galbraith! Você sabe, senhor, é um nome escocês.'

' Sim, eu sei disso, Bethan. Não sou um completo ignorante, apesar dos

rumores.'

' Me desculpe, senhor, eu não quis insinuar…'

' Eu pararia de me desculpar se fosse você, oficial. Certo, fique onde você está essa noite. Eu enviarei alguém para te aliviar de manhã, então você terá um tempo para comer alguma coisa e trocar de roupas antes de voltar. Se a senhora

Mailer disser mais alguma coisa, qualquer coisa, me ligue em casa, e não importa a hora. Você tem o meu número?'

' 'Sim, senhor!''

' Mantenha em segredo o que ouviu da senhora Mailer, Bethan. Pode não ser

tão louco quanto parece.'

Capítulo 36

' Bom dia! É ótimo ver todos no horário, mesmo que muitos de vocês pareçam um lixo ambulante…' O inspetor Gravel esperou por uma resposta, mas ela se limitou a poucos gemidos sem convicção. Era muito cedo para brincadeiras, mesmo elas sendo somente para descontração. Mesmo assim, o inspetor sorriu e

continuou. ' Vocês ficarão sem dúvidas felizes em ouvir que há um crescimento

positivo no desenvolvimento desse caso. Mas fora isso, Anthony Mailer ainda está desaparecido. Encontrá-lo, por sorte, vivo continua sendo nossa prioridade.

É um trabalho muito importante, pessoal. A vida de uma criança está em perigo.

Nós não temos tempo a perder agora, então ouçam cuidadosamente. Vocês todos

precisam saber exatamente quais as tarefas que lhes são incumbidas.' O inspetor apontou para o mapa da área que ele havia preparado antes da reunião. Ele bateu

seu dedo indicador repetidamente sobre um grande X marcado próximo ao

centro do mapa escrito com canetão. ' Essa é a exata localização da casa dos Mailers. A cena do crime.' Ele bateu no mapa de novo. ' Esse primeiro círculo, o vermelho, indica a área que procuramos ontem. Tenho certeza que vocês todos estão bem conscientes que nada de significativo foi encontrado. Por isso tudo se torna mais importante em nossa nova busca do dia de hoje. Vamos continuar procurando até encontrarmos alguma coisa. Esse trabalho não é glamoroso ou excitante, mas é essencial. Estamos usando um processo metódico bem

estabelecido que sempre traz resultados. Lembrem-se disso!'

Ele voltou sua atenção de volta ao mapa na parede atrás dele. ' Esse círculo

maior, o azul, marca os limites da área adicional onde vocês irão se alocar para a busca de hoje. Para ser claro, vamos procurar a área que pesquisamos ontem de

novo e então estendermos a busca até a área dentro da linha azul. Familiarizem-

se com o mapa antes de sair. O sargento Thomas aqui será o responsável pela supervisão dos oficiais em campo. Se não encontrarmos nada hoje, faremos a mesma coisa de novo amanhã e depois de amanhã e depois de depois de amanhã

até acharmos. Vocês ficarão felizes em saber que agendei transporte para vocês,

seus sortudos.' Ele sorriu em resposta à sua sarcástica animação e esperou impacientemente que os oficiais da busca dessem uma olhada ao mapa e

saíssem. O processo estava demorando muito, no entanto, e ele gesticulou ao sargento de uniforme. ' Sim, senhor?'

' Pegue aquele maldito mapa, Sargento, e mande todos caírem fora. Preciso continuar com os outros.'

' Sim, senhor!'

' Certo, já vocês estarão batendo de casa em casa. A detetive Rankin aqui lhes

dará as ordens específicas após eu concluir a reunião. O novato oficial Harris obteve alguma evidência útil ontem. Vamos esperar que possamos fazer o mesmo hoje. Se um iniciante pode fazer isso, qualquer um pode.' Ele pausou para as risadas inevitáveis. ' Clive, se você fizer o que precisa ser feito aqui, eu falarei com você mais tarde. Lembrem-se todos, se descobrirem qualquer coisa

significativa, qualquer coisa mesmo, reportem-se a Rankin que irá passar para mim. Certo, terminei. Perguntas? Não? então sumam daqui e achem Anthony Mailer.' Rankin olhou para ele com uma expressão perplexa em sua face. ' Posso

falar com você à sós, chefe?' O inspetor Gravel balançou a cabeça. ' Vamos até a minha sala, Clive. O resto de vocês podem tomar um café rápido na cantina.

Será um longo dia.'

' Não se incomode em sentar-se, Clive. Temos que sair logo.'

' E sobre o Fisher, chefe? Eu consegui o mandato.'

Enquanto o inspetor detalhava os eventos prévios, Rankin balançou sua

cabeça incredulamente… Ele já estava no emprego tempo suficiente para saber

que as investigações poderiam mudar de direção rapidamente, mas esse parecia

ser um caso de uma investigação atrapalhando outra com possíveis sérias consequências. ' Eu sei que não é muito provável, Grav, mas e se Fisher estiver

com o menino? Se nós demorarmos e der tudo errado, o que será de nós?'

' Para ser honesto também não estou feliz com a situação, Clive. Mas isso é

tudo o que posso fazer no momento. Eu saberei mais quando eu tiver visto o meu

superior. Agora vá e continue com aquelas pesquisas de porta em porta.'

' Ok, chefe, eu grito se achar qualquer coisa útil.'

Gravel prosseguiu com alguma papelada e manteve seus olhos no relógio. Às

oito e quinze precisamente ele pegou o telefone. ' Trevor, é o Grav. Você pensou

melhor sobre nossa discussão de ontem à noite?'

' Eu não mudei de posicionamento, Grav.'

' Eu o verei do lado de fora do escritório do superintendente em dez minutos.'

Os dois inspetores experientes estavam de pé junto à porta do chefe do departamento como dois alunos esperando pelo professor. Gravel bateu

repetidamente e esperou respeitosamente pela resposta do chefe. O

Superintendente Chefe Graham Chapman tinha chegado ao trabalho

excepcionalmente mais cedo. Seus sogros vieram de Devon e ficariam de férias

em sua casa por uma semana, e ele tinha usado o trabalho como uma desculpa

para escapar de sua casa. Ele sabia que sua esposa iria fazê-lo pagar depois, mas

ele disse a si mesmo que valeria a pena. Ele sorriu quando ouviu as batidas na porta… Era um bom dia para estar no trabalho. ' Entrem e sentem-se, meninos.

Presumo que isso deva ser importante para vocês ou teriam marcado um horário.

Mas então, o que posso fazer por vocês?' Os dois homens olharam na direção um do outro, esperando que o outro revelasse suas cartas. ' Vamos, meninos, pelo amor de Deus. Por que a demora? Trevor, você começa'

Simpson começou resumindo os fatos mais importantes e o conflito de

prioridades das duas investigações. Mas antes de ele ter a chance de dizer muito, o chefe interveio, como sempre fazia. Era fantástico. Sua eficiência e total dedicação a esse papel significava que quase nada que acontecesse na divisão pudesse realmente surpreendê-lo. ' Trevor, deixe-me interrompê-lo. Já estou plenamente ciente dos fatos. Eu li a papelada relevante e vi as gravações dos computadores. Deixe-me resumir. Me interrompam se eu disser alguma coisa errada.' Todos os três sabiam que aquilo não iria acontecer. ' Primeiramente, o círculo de pedofilia é uma investigação de prioridade máxima que será de grande

repercussão na mídia: jornais, TV, esse tipo de coisa. Vai chamar muita atenção,

principalmente dos jornais sensacionalistas. Vocês sabem como aqueles parasitas

são. Se há alguma crítica a ser feita, eles a farão. Nós temos que fazer isso direito e sermos vistos fazendo tudo certo. Temos evidências sólidas o suficiente para prender e enquadrar cinco suspeitos até agora. Eu acredito que seja assim que a procuradoria colocou, Trevor?'

' Está certo, senhor.'

' A situação talvez melhore conforme as coisas progredirem. Ou ao menos, vamos torcer para que sim. Você parece estar bem no comando desse caso. Não

podemos colocar a investigação em perigo; há muita coisa a perder. O

Comandante não ficaria nenhum um pouco feliz. Todas as prisões precisam ser

cuidadosamente coordenadas para assim não dar nenhuma vasão à destruição de

evidências ou interferência com testemunhas. Eu nem preciso dizer isso. É

ridiculamente óbvio.'

' Sim, senhor!'

' Mas, nós temos o garoto de sete anos desaparecido e a tentativa de assassinato de sua mãe. Nem precisa dizer: outro caso de alta prioridade. A vida de uma criança está em perigo. Entendo seu dilema, Grav. Mas, esse negócio com o Fisher, é especulativo. A testemunha é velha e com olhos cansados, estava

escuro e ela havia tomado remédio para dormir. Não é exatamente a mais confiável das testemunhas, tenho certeza que vocês concordarão com isso.

Qualquer advogado meia-boca conseguiria estragar tudo. Você sabe disso. Já por

outro lado, sabemos que a van do Fisher foi vista na Edern Road na mesma noite. Fisher foi citado por uma criança como parte da investigação do círculo,

mesmo que a descrição dela fosse menos exata do que o esperado e não houvesse nada que confirmasse suas alegações. É muito improvável. E por enquanto não há o suficiente para prendê-lo como parte da primeira leva. Essa

situação pode mudar, claro, com o progresso da investigação. Mas não podemos nos basear apenas em possibilidades.'

Gravel balançou sua cabeça descontente, mas o chefe não havia terminado.

' Não perca a vontade de viver justo agora, Grav. Deve haver um outro jeito se usarmos um pouco de imaginação. Eu acredito que Galbraith mora na Eden Road e os dois homens estão envolvidos com o círculo em graus diferentes. Pode ser significante. Até agora, não há nada que sugira que nenhum dos dois esteja ou esteve com Anthony Mailer. Nós ainda não sabemos a identidade do segundo homem na van do Fisher, mas estou certo que vocês dois concordam que parece pouco provável que Fisher e Galbraith sejam companheiros. Dito isso, é ainda uma possibilidade remota que não podemos nos permitir ignorar. O que eu sugiro é isso: Dr. Galbraith será preso junto com os outros principais suspeitos numa hora que será discutida amanhã numa reunião. Eu proponho que a hora seja bem cedo na quinta.' Ele checou sua agenda. ' Será no dia treze. Cada prisão será acompanhada por policiais treinados com cães, se disponíveis. Nós iremos vasculhar cada casa com um pente fino. Isso cuidará do Galbraith. Agora, o Fisher! Como eu já esclareci, não há o suficiente sobre o Fisher para justificar uma prisão como sendo parte dessa primeira leva. Não quero o bastardo preso e depois libertá-lo sem acusação. Isso não ajuda ninguém. Concordam?'

Os dois inspetores concordaram com suas cabeças enquanto o Superintendente Chefe continuou seu monólogo. ' Fisher tem sim, contudo, uma longa história de delitos que são bem conhecidos de todos. Tenho certeza que há algumas questões que dariam motivos razoáveis para visitá-lo. Fazer uma busca em sua propriedade e em qualquer veículo que ele possui seria inteiramente justificável. Faça isso hoje, Grav. Mesmo que você não ache nada que o incrimine, pode ao menos dar uma boa olhada e tentar entender o que estava

acontecendo na Eden Road naquela hora da manhã. Não mencione nenhuma das

alegações relacionadas a crianças nesse estágio. Você entende onde eu quero chegar?'

' Sim, senhor.'

' Antes de terminarmos, meninos, essa conversa nunca aconteceu.

Entenderam?'

Ambos concordaram com a cabeça.

' Para fora, garotos! Melhor se vocês dois forem à reunião de amanhã. Me mantenham informado de todos os desenvolvimentos. Gostando ou não, os

próximos dias decidirão nossos futuros profissionais. Fechem a porta ao sair.'

' O que você achou, Grav?'

' Poderia ter sido muito pior, Trevor. Como ele faz isso? Ele sabe o que eu estou pensando às vezes antes de eu pensar!'

' Não faço idéia, Grav. Até amanhã!'

' Até, Trevor.'

' Clive, voltei. Fisher está de volta. Estamos procurando por mercadorias roubadas.'

' Receptação? Como assim?'

' Eu sei, Clive. Não me faça perguntas e eu não terei que te contar mentira.

Esteja de volta aqui às dez e então visitaremos o senhor Fisher.'

' Bom dia chefe, temos tempo para um café antes de irmos? Está congelando

lá fora.'

' E por que não, Clive? Vou ligar a chaleira. Você tem o mandato de busca, eu

presumo.'

Rankin bateu sob o bolso da jaqueta e balançou a cabeça. Gravel despejou a

água fervendo e adicionou leite e açúcar. ' Vamos, Clive, meu garoto, engula isso. Precisamos sair em cinco minutos. Alguma novidade que eu não saiba?'

' Nada até agora, chefe. Talvez tenhamos mais sorte nessa manhã. O inspetor

terminou seu café, colocou a caneca de volta sob sua mesa e se levantou para sair. ' Espero que sim, Clive. Vamos esperar que sim.'

O inspetor pegou um molho de chaves da gaveta da mesa e as jogou na direção de Rankin. ' Estou exausto, Clive. Você pode dirigir.'

Clive Rankin manobrou o carro de polícia à paisana através do portão cinza

de madeira que levava para o ferro velho abarrotado cerca de vinte minutos depois. Havia veículos mutilados de todo tipo empilhados em cada lado do anexo e uma grande construção de ferro, preta e enferrujada, que servia como um escritório e local de trabalho no final do terreno, onde o metal era pesado e o pagamento era feito. A van Ford Transit branca de Fisher estava estacionada diretamente em frente da estrutura. Fisher identificou o carro como sendo da polícia muito antes de reconhecer os dois oficiais nos bancos da frente. Ele xingou alto, mas já estava conformado com o que ele considerava como ossos do

ofício… Visitas regulares da polícia eram inconvenientes, mas uma parte inevitável de seu trabalho. Ele olhou ao redor em seu terreno e sorriu. Por acaso, nessa ocasião incomum, ele não tinha mercadoria roubadas, fora pedaços de metal que seriam impossíveis de identificar a origem. Havia muito pouco, ou nada, para se preocupar. Fisher estava confiante e se aproximou do carro de

polícia assim que Gravel e Rankin estavam saindo e fechando as portas. ' Senhor Gravel, senhor Rankin, ótimo vê-los novamente. O que posso fazer por vocês, cavalheiros?' O inspetor deu um olhar acusador. ' Pode parar com essa merda, Fisher. Não estou de bom humor.'

' Oh, não fique assim, senhor Gravel. Estou sempre feliz em ajudar a polícia.'

O investigador se virou para Rankin. ' Se ele estiver tentando me provocar, ele

está fazendo um ótimo trabalho com isso.' Ele caminhou em direção a Fisher e o cutucou forte em seu peito, desequilibrando o irlandês e fazendo com que tropeçasse para trás. ' Nós recebemos uma informação que você possui itens roubados no local, Wayne. Alguma coisa que você queira nos dizer antes de darmos uma olhada? Me fará um favor se me evitar de perder meu tempo com isso.' Fisher levantou e se limpou. ' Mercadorias roubadas? Não, nada disso, senhor Gravel. Sou um bom menino ultimamente.'

' Nós adoraríamos ficar aqui o dia todo e ouvir todas as suas piadas idiotas, Wayne, mas temos trabalho para fazer.' Ele andou, colocou seu rosto há um ou dois centímetros do de Fisher e olhou dentro de seus olhos. ' Várias igrejas na área tiveram o chumbo removido de seus telhados ultimamente, Wayne. Isso me irrita profundamente. Quero jogar na cadeia qualquer um dos bastardos que estejam fazendo parte disso. Vamos olhar o terreno; quando terminarmos iremos olhar o seu escritório e quando terminarmos, vamos dar uma boa olhada na sua van. Se houver qualquer coisa para se achar, nós acharemos. Alguma coisa que queira nos dizer, Wayne? Agora seria uma boa hora para isso.'

De repente Wayne Fisher não estava mais se sentindo tão confiante…

Policiais faziam essas buscas, às vezes sargentos, mas detetives não costumavam botar a mão na massa. Eles tinham gente para fazer isso por eles. Que infernos estava acontecendo? Ele sentiu seu coração pulando do peito… Por que realmente eles estavam aqui? Não tinha nada a ver com sucata. Que infernos Galbraith tinha que usar justo a sua van?

Gravel e Rankin gastaram quase duas horas procurando sem achar nada que pudesse insinuar que Anthony Mailer, ou qualquer outra criança, jamais

estivesse próxima do ferro velho. Ambos os homens notaram, no entanto, que Fisher ficou irritado, até nervoso, quando eles examinaram a Ford Transit. Eles

olharam cada centímetro do veículo, mas não acharam nada que tivesse qualquer

importância. O lado de fora parecia um balde enferrujado, como de costume, mas dentro estava absolutamente impecável. Alguém tinha claramente feito uma

grande e cuidadosa limpeza.

Fisher não tinha ideia por que Dr. Galbraith havia insistido que ele limpasse

o interior da van várias vezes, sob sua supervisão… Era melhor não saber a resposta para algumas questões.

' Certo, Wayne, nós vamos confiscar a van, assim o pessoal da perícia pode dar uma boa olhada.' O estômago de Fisher estava revirando… Ele realmente não precisava desse nível de atenção da polícia… ' Oh, vamos lá, senhor Gravel.

Você não achou nada, achou? Eu não tenho nada a ver com os roubos das igrejas.

Preciso da van para pagar minhas contas, pelo amor.'

' O que você estava fazendo na Edern Road nas primeiras horas do domingo

de manhã, Wayne? Eu pensaria bem antes de responder, se fosse você. Não estou

com vontade de ouvir mais nenhuma de suas merdas.'

Fisher estava quase chorando… O que diabos ele poderia dizer sobre aquilo?

Ele tinha que dizer alguma coisa. ' Deve haver algum erro, senhor Gravel. Eu tomei uns drinks, assisti televisão e caí na cama. Eu não saí de casa.' O inspetor riu arrogantemente. ' Oh, fala sério, até mesmo você pode fazer melhor do que isso, com certeza! Você foi parado por um policial, Wayne. Ele fez um registro

do número do seu veículo. Mandaram você providenciar seus malditos

documentos. Agora, vamos lá, de novo!'

O rosto de Fisher ficou branco… Como ele iria responder aquela? Ele

poderia confirmar que estava dirigindo. Poderia inventar alguma bosta

explicando onde ele tinha estado. Poderia tentar enrolar. Era uma possibilidade.

Mas que infernos Galbraith estava fazendo? O homem era um louco. Ele podia

se complicar com alguma coisa da qual ele não queria fazer parte. Era uma situação perdida. ' Olhe, senhor Gravel, eu não preciso desse tipo de tratamento abusivo. Tenho os documentos no escritório. Será bem-vindo se quiser vê-los.

Posso pegá-los agora se isso ajudar.'

' O que você estava fazendo na Eden Road, Wayne?'

' Eu preciso da van para o meu trabalho, senhor Gravel. Me dê um tempo, por

favor.'

' Vou te perguntar de novo, Fisher. O que você estava fazendo na Eden Road?

Você pode nos dizer aqui ou na delegacia. É sua a escolha.'

Fisher começou a tremer como se toda a sua braveza derretesse como um cubo de gelo sob o calor do verão… Compra e venda de mercadorias roubadas,

roubo ou um pouco de arrombamento eram uma coisa, mas isso devia ser uma

coisa mais séria. Muito mais séria! Seja lá o que fosse, ele não queria se envolver. Não diga nada. Aquela era a única opção deixada aberta para ele. Não

diga nada. ' Estou esperando, Wayne. Pare de me irritar. Estou perdendo minha paciência rápido, seu ladrão de bosta.' Silêncio.

' Havia outro homem na van com você, Wayne. Quem era?'

' Não sei de que diabos você está falando.'

' Havia um homem no banco do passageiro quando você foi parado, Wayne.

Ele foi visto pelo policial. Quem era?'

Silêncio.

Gravel se virou e saiu de perto com medo de perder o controle e bater em seu

suspeito. ' Já chega! Algeme-o, Clive. Vamos levar o bastardo preso. Nós daremos uma olhada geral nesse buraco de merda e vasculharemos a casa no caminho da delegacia. Entre em contato pelo rádio com o pessoal da perícia e apreenda a maldita van.' Rankin dirigiu enquanto Gravel sentou no banco de trás perguntando repetidamente a Wayne Fisher as duas perguntas sem respostas: ' O

que você estava fazendo na Edern Road?' e ' Quem mais estava na van?'

Fisher manteve o bico fechado e não falou em nenhum ponto do percurso…

Parecia uma decisão sensata. O inspetor tinha consciência de que estava pescando com pouca isca… A menos que eles dessem sorte, o trabalho da manhã

não contribuiria em nada para achar Anthony Mailer ou levar o agressor de sua

mãe à justiça. Era possível, até provável, que eles estivessem perdendo o tempo

deles. Era um tempo que eles não tinham para perder.

Capítulo 37

' O Fisher ainda está pedindo pela sua ligação, chefe'

Gravel balançou sua cabeça e bufou desdenhosamente. ' O bastardo parece entender o sistema legal tão bem quanto eu.'

' Parece que sim, chefe.'

' Deixe-o fazer sua ligação, Clive. E então encarcere-o e deixe-o suar enquanto isso.'

' Alguma novidade do Simpson?'

' Porra nenhuma, Clive. Eu vou ligar para ele e ver como as coisas estão indo.

Olhe, por que você não toma uma rápida xícara de chá na cantina e eu te chamo

quando eu estiver pronto para o interrogatório de Fisher?'

Wayne Fisher olhou atrás dele e então para cada um dos lados da sala, antes

de finalmente discar o número… A menos que os porcos tivessem algum

aparelho bisbilhoteiro de alta tecnologia escondido em algum lugar, seria seguro fazer a ligação. Sua mão oscilou sobre o disco… Qual era o número do maldito

Galbraith? Era cinco-nove-seis ou nove-cinco-seis? Nove-cinco-seis! Era isso!

Ele discou desesperadamente e ouviu o telefone tocar.

Cynthia Galbraith atendeu o telefone quase que imediatamente e estava

levemente ofegante quando disse, ' Alô, quem está falando, por favor?'

' Meu nome é Fisher, Wayne Fisher, sou um amigo de seu marido. Preciso falar com ele.'

' Nunca o ouvi mencionar seu nome, senhor Fisher.'

' Ele está aí?'

' Sim, mas ele não gosta de ser perturbado, senhor Fisher.' O que havia de errado com essa idiota? ' Isso é urgente, senhora. Ele iria querer ouvir o que tenho a dizer. Só diga a ele quem está no telefone, por favor.'

Cynthia de repente se deu conta que o seu cabelo estava grudado em sua testa… E se fosse urgente? O homem parecia nervoso por alguma razão. Talvez

fosse uma coisa de homem. Talvez deixar uma mensagem fosse a melhor opção.

' Eu realmente não gosto de perturbá-lo quando ele está trabalhando, senhor Fisher. Se o senhor conhece meu marido como o senhor afirma, entenderá que ele não apreciaria isso de maneira alguma. Quer deixar um recado?'

' Isto não pode esperar, senhora Galbraith. Não sei como me fazer mais claro.

Essa ligação é extremamente urgente. Preciso falar com ele agora, por favor.'

' Acho que posso perguntar a ele se ele quer falar com você.'

' Isso seria ótimo. Por favor, faça isso.'

Cynthia ficou de pé na frente da entrada do mundo secreto de seu marido, olhando para os degraus proibidos de concreto cinza e pela primeira vez na vida

ela se atreveu a descê-los, passo a passo, devagar e determinadamente em direção à porta de aço. Ela hesitou em alcançar a porta, ficou tentada a voltar para trás, para a segurança de sua cozinha. Mas ao invés disso, depois de alguns segundos discutindo consigo mesma como agir, ela bateu na porta de metal frio,

levemente a princípio, como que esperando que ele não fosse ouvi-la, e então mais forte, de novo e de novo até ele vir.

Quando Dr. Galbraith abriu a porta, os dois ficaram de pé como estátuas, intensivamente focados um no outro por dez segundos antes de Cynthia

finalmente desviar seu olhar da direção do dele. Conforme o doutor levantou seu

punho direito para esmurrá-la, ela deu um passo para trás e levantou seus braços defensivamente, antes de dizer, ' Wayne Fisher está no telefone. Ele disse que é urgente. Me desculpe, ele disse que eu tinha que interromper você.'

O doutor parou de repente… Por que inferno Wayne estava ligando para ele?

Tinha que ser algo bom.

Ele baixou seu braço sem bater e empurrou Cynthia para fora de seu

caminho.

Cynthia não se mexeu a princípio, mas então ela deu um passo para frente…

Ela deveria colocar sua cabeça através do batente da porta e dar uma olhada na

sala proibida? Isso seria revelador. Mas e se ele voltasse e a pegasse olhando?

Era um risco gigantesco.

Ela deu meia-volta, subiu os degraus um pouco mais rápido do que ela tinha

descido um ou dois minutos mais cedo, e tentou ao máximo convencer a si mesma de que havia feito a escolha correta. Gostando ou não, não tinha como fugir dos fatos. Alguma coisa estava errada. Alguma coisa estava muito errada.

' Fisher? É o Dr. Galbraith; eu estava trabalhando. Que diabos você quer de

mim, cara?' Wayne Fisher estava começando a se perguntar se entrar em contato

com o Dr. Galbraith fora realmente uma boa ideia. ' Estou na delegacia, Doutor.

Fui detido por suspeita de receptação de mercadorias roubadas.'

' Que inferno isso tem a ver comigo, cara?'

' Eles pegaram a van, Doutor. Eles nunca fizeram isso antes. Alguma coisa está rolando. Eles estão fazendo perguntas que não consigo responder.'

Pressão e sons explodiram dentro de seu crânio… Seu mundo estava se

desmoronando. O pirralho ainda estava inconsciente e agora isso. Ele deveria ter insistido em triturar a maldita van. Por que ele não havia pensado nisso antes?

' Mantenha meu nome fora disso, Fisher, ou eu te mato, Você está me ouvindo, cara?' Ele bateu o telefone, rachando o receptor vermelho de plástico.

As pernas de Wayne Fisher balançaram, sua cabeça começou a rodar… Não

era uma ameaça vazia. O homem era perigoso. Ele não diria nada aos porcos, de

jeito nenhum.

Dr. Galbraith retornou ao porão e se sentou no chão de azulejos com as pernas cruzadas e sua cabeça encurvada para baixo. Por que ele não socou aquela vagabunda? Isso teria aliviado um pouco a pressão, não teria? Sim, claro

que teria. E ele precisava de toda a ajuda que pudesse ter. Ele ia retificar sua omissão em algum ponto mais tarde; mas aquele prazer em particular teria que

esperar. Haviam decisões importantes a serem feitas. Decisões que não poderiam

ser mais adiadas. O doutor notou que seus olhos umedeceram conforme ele

repassava os recentes eventos em sua mente… Ele tinha dedicado uma grande parte de seu tempo e esforço ao rapto do pirralho e sua prisão. Ele tinha preparado planos completos detalhando suas exatas intenções. Agora, ele tinha que aceitar a terrível realidade que os seus planos tão esperados talvez nunca fossem se tornar realidade. Era muita coisa para encarar.

Dr. Galbraith se levantou e começou a andar olhando para o chão, mãos ensopadas e arrancando intermitentemente seu cabelo curto escuro… Se a

polícia estava bisbilhotando como Fisher contou, inércia era a pior opção. Ele tinha que agir. Ele tinha que estar no controle. Ele poderia esperar ainda bastante até que o pirralho voltasse à consciência; essa era uma possibilidade com vantagens óbvias. Mas isso seria sensato com a polícia chegando perto? O tempo

poderia se esgotar. Ele balançou a cabeça agressivamente… Talvez valesse a pena esperar dois ou no máximo três dias mais. Talvez sim ou talvez não? Tudo

o que ele poderia fazer era esperar. Ou ele poderia reduzir suas perdas, matar o pirralho agora e destruir as evidências. Essa era a opção mais sensata, não era?

Dr. Galbraith agarrou a sua cabeça conforme a pressão crescia e distorcia seus traços bonitos… Fazia sentido manter o pirralho vivo por outras quarenta e

oito horas, mas nenhum segundo a mais. Sim, sim, isso era lógico. Fazia sentido.

Quarenta e oito horas consciente ou inconsciente, então ele teria que morrer.

Capítulo 38

' Trevor, é o Grav. Como você está?'

' Nada mal, Grav, obrigado. Em que posso ser útil, colega?'

' Alguma novidade?'

' Sim, as entrevistas estão indo bem. Há novos indícios corroborando

alegações prévias e estabelecendo agressões adicionais. Talvez seja o suficiente para mais acusações e, por consequência, prováveis prisões adicionais. Eu terei

que revisar as fitas e avisara delegacia central antes de chegar a quaisquer conclusões finais, mas está parecendo muito bom, Grav. Galbraith está realmente

bem envolvido com toda a armação. Se tudo der certo, ele vai ficar bastante tempo na prisão.'

' Se tudo der certo?'

Nós teremos mais do que suficiente para acusá-lo, mas conseguir uma

condenação é outra coisa. Ele tem uma boa reputação, ele é um bastardo esperto

e as testemunhas são crianças muito jovens. Nós não temos nenhuma ideia de como eles agir durante o depoimento, isso se eles depuserem, para começo de conversa.'

' Sim, eu entendo o que está dizendo, Trevor. Eu pregaria as bolas dele em uma árvore se eu pudesse. Alguma coisa nova do Fisher?'

' Nada até agora, Grav. Fisher terá que esperar por enquanto. Nós ainda não

temos o suficiente dele, do jeito que as coisas estão. Alguma novidade boa por

aí?'

' Porcaria nenhuma, Trevor. Nós não achamos nada de interessante no terreno

ou na casa e ele ficou de bico fechado apesar de toda a pressão, você entende o

que quero dizer. Eu culpo aqueles programas de detetives da televisão. Parece que todo criminoso é advogado hoje em dia. Ele não disse nada.'

' Eu tive muitos problemas com Fisher com o passar dos anos, Grav. Ele foi

encarcerado por três anos por arrombamento em uma ocasião. Ele geralmente escolhe a opção mais fácil. Tudo por uma vida fácil; não faz seu estilo não querer falar.'

' Ele está morrendo de medo de alguma coisa ou alguém. Ele passou uns maus bocados conosco, mas ele ficou lá sentado em total silêncio por quase duas

horas. Não disse nenhuma das merdas de sempre. Nenhuma única palavra.'

' E a van?'

' Os garotos da perícia a vasculharam nessa tarde. A parte de dentro estava imaculada. Como nova, pode-se dizer. Nenhum sinal de vida. Nem ao menos

uma pegada em algum lugar escondido, somente a minha e de Rankin. Merda!

Nosso senhor Fisher está metido em alguma coisa, mas não consigo tirar nada dele.'

' Você ganha aqui e perde ali, Grav.'

' A hora do Fisher vai chegar.'

' Vamos esperar que sim. Como está indo a investigação? Você está pelo menos próximo de encontrar o menino?'

' No momento, não, Trevor. Acho que o fato do Fisher estar na rua aquela noite foi puramente uma coincidência. Como você disse, há muitas vans brancas

por aí.'

' A possibilidade era pequena, Grav. Você já sabia disso.'

' Você tem razão, Trevor. Se nós encontrarmos aquele menino vivo, será um

milagre.'

Capítulo 39

Após várias horas de torpor por causa da indução de drogas com apenas alguns

períodos breves de sonhos e consciência confusa, o efeito da anestesia finalmente estava diminuindo. Molly estava repentinamente consciente de seus arredores, mas incerta se as figuras terríveis em sua cabeça eram lembranças de

acontecimentos reais ou pesadelos construídos pela sua mente. Molly abriu seus

olhos machucados e inchados e viu os rostos de Mike e Siân sorrindo para ela.

Ela tentou retribuir, mas o esforço era simplesmente muito doloroso. Ela conseguiu ver que Mike estava chorando e sentiu suas lágrimas caírem sobre o

seu rosto enquanto ele gentilmente se inclinava sobre ela para beijar sua cabeça.

' Oi, Mo, é bom ter você de volta conosco, amor. Foi muito difícil por todo esse tempo.' Os olhos de Molly examinaram nervosamente a ala… Tony! Onde

estava o Tony? Se ao menos ela conseguisse perguntar. Se ao menos ela conseguisse gritar seu nome.

Ela tentou repetidamente falar, mas não saiu nenhuma palavra. Mike

instintivamente adivinhou o que ela estava tentando dizer, mas teve medo de que

a dura realidade pudesse bloquear sua recuperação. Ele colocou sua orelha próxima a sua boca esperando que ele estivesse errado, mas seu sussurro fraco era inconfundível, ' A-n-t-h-o-n-y?' Mike ficou ereto e olhou para Siân com um

olhar de desespero em seu rosto… O que ele deveria dizer agora? Como ele diria

algo que partiria seu coração? Seria melhor ignorar as perguntas diante dessas circunstâncias, não?

Após um momento de silêncio angustiante, o melhor que ele poderia fazer era dizer, ' Se concentre em ficar bem agora, amor. Nós podemos conversar depois, quando você estiver se sentindo melhor.'

Os olhos da Molly arderam com uma fúria angustiante… O que aquela besta

estava tentando esconder? Havia com certeza alguma coisa. Mas e se os sonhos

dela fossem na verdade lembranças? Anthony! Onde estava o Anthony?

Ela começou a gemer penosamente e então inclinou-se, mesmo com toda

dor, mesmo com todos os machucados, mesmo com toda má intuição

comprimindo o seu peito e agarrou firmemente a camisa de Mike com ambas as

mãos. Ela puxou-o para perto e sussurrou uma palavra mal reconhecível, ‘‘V-e-r-

d-a-d-e!' A Molly relaxou seu punho e encostou na cama, exausta por causa do

esforço todo, ao mesmo tempo que Mike se equilibrava, impressionado pela intensidade da reação… Ela queria respostas. Ela precisava de respostas. Mas não seria ele quem as daria. ' Diga alguma coisa, pai.' Mike olhou para sua filha

sem responder, e de repente correu em direção à porta, exatamente quando a irmã Thomas estava entrando na ala na direção oposta. ' Devagar, senhor Mailer.

Essa é uma ala hospitalar, não uma pista de corrida.'

Mike a empurrou, cabeça baixa, olhos focados no piso do chão e continuou a

correr. A policial Williams correu atrás dele e logo veio Siân, que estava decepcionada, mas não completamente surpresa pelas ações de seu pai. ' Pare, senhor Mailer, onde está indo? Sua família precisa de você aqui.' Mas Mike não

parou de correr até alcançar o estacionamento, onde ele se sentou no meio-fio molhado e frio e acendeu um cigarro, inalando profundamente a fumaça tóxica

para dentro de seus pulmões… Ele amava tanto a Molly, por que a desapontá-la

de novo? E justo quando ela mais precisava dele. Que inferno! Ele iria dar uns

vinte minutos de break e iria voltar à ala. Com um pouco de sorte Bethan e Siân

já teriam contado a ela a penosa realidade em que estavam vivendo. Siân segurou a mão de sua mãe e olhou suplicantemente para a policial que estava se

aproximando da cama. Molly olhou de um lado para o outro, encontrando os olhos delas… A polícia estava lá. Não foi um sonho. Ela tinha sido atacada no

quarto dela. Um homem a atacou. Um homem com olhos azuis. Mas e o Tony?

Oh, Deus, e o Tony? Ela tinha que saber a verdade. Por que eles não estavam dizendo a verdade para ela? Com certeza, nenhuma realidade poderia ser tão ruim quanto sua imaginação. A policial Wiliams puxou a cadeira para próximo

de Molly e um meio-sorriso rapidamente desapareceu de seu rosto… Aqui vai.

' Senhora Mailer, nós já conversamos antes, mas a senhora não estava

completamente consciente. A senhora se lembra de alguma coisa sobre nossa conversa?' Molly balançou sua cabeça devagar e fez uma careta de dor. Isso seria realmente terrível para a pobre mulher ouvir. Mas e se fosse um de seus filhos? Não suportaria em pensar a respeito. Ela forçou outro sorriso e começou.

' É bom tê-la novamente conosco, senhora Mailer. Sou a policial Williams, Bethan Williams, por favor me chame de Bethan. Tenho certeza que quer saber

exatamente o que está acontecendo.'

Molly balançou sua cabeça uma vez e contorceu seu rosto de dor novamente.

' Senhora Mailer, não há um jeito fácil de contar isso. A senhora foi atacada

em sua casa. A senhora estava em seu quarto na hora. Siân a encontrou e ligou

para a emergência. Consegue se lembrar de qualquer coisa que poderia nos ajudar a capturar o homem que fez isso? Qualquer coisa? Até mesmo se parecer

insignificante, os detalhes talvez provem o que é crucial.' Molly sentiu o pânico a afetando… As imagens em sua mente eram reais. Elas eram definitivamente reais. Onde estava o Anthony? Por que ninguém estava falando do Anthony?

Molly tentou desesperadamente falar, mas a oficial somente ouvia sons

distorcidos e incompreensíveis: mais barulho do que linguagem. A policial

Williams olhou confusa para Siân esperando que ela tivesse entendido, mas ela balançou a cabeça penosamente. A boca de Molly começou a sangrar e inchar conforme ela fazia o esforço para se comunicar e Siân também não conseguia entendê-la.

A Policial Williams balançou a cabeça… Era hora de usar a imaginação.

' Tudo bem, senhora Mailer, eu prometo que eu direi tudo o que puder, por favor

me dê um minuto.' Ela correu pela ala e retornou carregando um caderno grande

e um marcador preto da loja do hospital. Ela olhou fixamente nos olhos de Molly. ' Não consigo entender o que você está tentando me dizer, Molly. Você

acha que poderia escrever isso?' Molly concordou com a cabeça, descansou o bloco em uma mão e segurou o canetão fortemente na outra. Sua mão sacudia muito enquanto ela escrevia as palavras que tentou freneticamente vocalizar minutos antes: ONDE ESTÁ O ANTHONY? Bethan Williams falou

vagarosamente, tentando desesperadamente prevenir sua voz de se tornar

emotiva. ' Molly, não há uma maneira fácil de te contar que não sabemos onde seu filho está. Eu sinto muito. Eu tenho filhos e posso somente tentar imaginar o quão terrível isso deve ser de se ouvir. Mas temos policiais procurando por ele e estamos confiantes que o encontraremos logo…' Ela realmente não deveria ter dito aquilo. Pode ou não ser verdade. Talvez ele já esteja morto. Molly começou

a escrever novamente uma segunda página: ALGUÉM O RAPTOU? A policial

olhou diretamente nos olhos de Molly, sob a forte tentação de desviar o olhar…

Era hora de total honestidade. A pobre mulher merecia saber a verdade, mesmo

que fossem fatos angustiantes. ' Eu sei que isso não será fácil de ouvir, Molly.

Mas você terá a verdade.' Ela fez uma pausa… Como ela deveria colocar isso?

O que importava? Não adiantava tentar suavizar a verdade. ' É possível, mas não

certo, que a pessoa ou pessoas que atacaram você também raptaram seu filho.'

Molly engoliu seco como se ela lutasse contra o impulso de vomitar. A policial colocou sua mão reconfortante sobre seu ombro esquerdo e tentou forçar

um sorriso simpático que falhou em se materializar. ' Você viu ou ouviu qualquer coisa que possa nos ajudar, Molly? Você consegue se lembrar de qualquer coisa

referente ao homem que a atacou? Como ele era, como era o cheiro, como ele soava, as palavras que ele usou, alguma marca que o distinguisse? Qualquer coisa?' Molly hesitou… As memórias pareciam reais. Mas com certeza sua mente devia estar pregando uma peça nela. Depois de um momento de quieta contemplação ela rabiscou: ' Eu me lembro de seus olhos, somente seus olhos.'

O que lembra dos olhos dele?' Molly balançou sua cabeça e escreveu: ' Azul

penetrante. Tenho certeza que já vi aqueles olhos antes.'

' Quem era, Molly? Quem atacou você?' Ela pensou por um breve momento,

com medo de potencialmente desorientar a investigação; mas então decidiu

confiar em seus instintos. Ela virou uma terceira página do bloco e escreveu rapidamente: DR. GALBRAITH em letras maiúsculas. Ela entregou para a

oficial com a mão estendida e assistiu a reação dela cuidadosamente… Ela não

estava rindo. Ela não estava negando com a cabeça. Talvez não fosse ridículo, afinal de contas. Ou ela era uma ótima atriz e estava fingindo? Sim, era provavelmente isso.

' Você disse o mesmo nome mais cedo, mas eu precisava ter certeza do que

você estava realmente falando. Você estava bem dopada naquela hora. Sei que vai ser difícil, mas por favor tente descansar. Vou entrar em contato com o policial responsável pela investigação imediatamente, e avisá-lo exatamente do que você me disse. Sem dúvidas ele vai quer tomar seu depoimento assim que possível.'

Molly virou a quarta página do bloco e escreveu rapidamente em grandes letras maiúsculas preenchendo a página por completo: ACHE MEU FILHO!

Capítulo 40

O Inspetor Trevor Simpson estava mergulhado em pilhas de papel aparentemente

intermináveis, em uma admirável, mas desastrosa tentativa de manter sua mente

ocupada até a reunião de planejamento com a Departamento de Proteção Infantil.

Ele empurrou os papéis para o lado e checou o relógio… Ao menos a espera terminaria em breve. O caso estava dominando cada aspecto de sua vida. Como

aqueles bastardos conseguiam fazer o que fazem com as crianças? Como os policiais da proteção infantil conseguem trabalhar com isso todo dia? Não é de

se espantar que alguns deles gostem de beber. Não é à toa que o senso de humor

deles fosse sombrio demais, às vezes. Não é de se espantar que Pam vomitasse

após entrevistar as vítimas. E ela tinha se recusado em ser tirada do caso. Aquilo era dedicação. Talvez ele devesse ser mais incisivo.

Trevor Simpson discou o número direto de Mel Nicholson e esperou

impacientemente por uma resposta. Nicholson estava revisando alguns longos arquivos de cuidados infantis e agradeceu por ser distraído. Os resultados das entrevistas da manhã e a intensa atividade que iria inevitavelmente seguir a reunião da tarde estavam pesando fortemente em sua mente e ele ficou feliz em

ouvir a voz conhecida do inspetor do outro lado da linha quando atendeu o telefone. ' Mel, é o Trevor, como está indo no mundo dos serviços sociais?

Pronto para tarde?'

' Tão pronto como nunca.'

' Eu posso te buscar no caminho, se isso ajudar, camarada. Talvez seja uma oportunidade para nós batermos um papo sobre o caso no caminho.'

' Sim, não vejo por que não, Trevor, mas eu preciso estar lá cerca de dez minutos mais cedo, se estiver ok para você.'

' Sem problema!'

' Como estão indo as entrevistas?'

' Na verdade, melhor do que o esperado, Mel. Nos falamos mais tarde. Eu te

pego lá pelas uma e vinte.'

' Obrigada, Trevor, até lá.'

Nicholson colocou o telefone de volta no gancho e se sentou de volta em sua

cadeira com os olhos bem fechados, tentando relaxar. Ele imaginou uma praia paradisíaca na ilha de Barbados com o sol quente e o mar azul, a água transparente com as ondas quebrando na areia. Mas não durou muito. Nicholson

suspirou, conformado com o inevitável, conforme sua fantasia desaparecia e a

realidade surgia mais uma vez… Talvez depois do caso terminar ele poderia levar sua família até lá por umas duas semanas. Ele sempre quis isso.

Ele sorriu… Por que não fazer a fantasia virar realidade? Mas o sorriso evaporou de sua face tão rápido quanto apareceu… Dinheiro, esse era o motivo.

Seu salário simplesmente não era suficiente. Seria acampar no norte da França de novo. Gostando ou não.

Nicholson riu de si mesmo e recolheu um arquivo do gabinete cinza de ferro

no canto de sua sala… De volta ao trabalho. A reunião da tarde seria quase certamente a mais importante de sua carreira. Muita coisa dependia de seus resultados. O futuro de muitas crianças seria moldado pelo sucesso ou fracasso

das ações que ali estabelecessem. Ele tinha que lidar com a pressão. Ele tinha que conseguir.

Nicholson coçou seu nariz e tentou focar novamente em sua papelada com entusiasmo vacilante… Por que apareciam pilhas de arquivos extras sob a sua mesa sempre que estava para sair?

Ele decidiu ficar outra meia hora antes de sair para presidir uma audiência de

proteção infantil em South Wales General… No mundo ideal, teria sido legal passar a manhã se preparando para a reunião da tarde, mas o volume de trabalho

não permitia tal luxúria. Ele baixou a cabeça e continuou com o que estava fazendo.

Capítulo 41

Simpson esfregou seu distintivo no rosto do atendente do estacionamento da Sede do Serviço Social e entrou com o carro sem esperar permissão. Ele estava

prestes a deixar o carro de polícia quando viu Nicholson estacionando seu antigo Golf verde em sua vaga reservada. O gerente da assistência social esperava conseguir cinco minutos para pegar uma rápida xícara de café e um sanduíche

antes de sua carona chegar, mas desistiu quando viu a cabeça de Trevor Simpson saindo pela janela do motorista e ouviu sua voz grossa chamando seu nome!

' Mel! Vamos logo, cara. Você vai ter que sentar no fundo. Você conhece o Grav, não conhece?' Nicholson abriu a porta e foi para o assento de atrás. ' Tudo certo, Grav, como está indo a vida?'

' Indo, Mel, me mantendo ocupado.' Simpson deu a partida, saiu da vaga apertada do estacionamento e moveu o carro para a estrada.

' Agradeço a carona, Trevor. Quais são as novidades sobre os depoimentos? Eu tentei entrar em contato com o Phil, mas ele estava enroscado com um outro caso.'

' Como eu disse ao Grav, no geral parece tudo muito bom. Há mais algumas entrevistas acontecendo no momento e eu precisarei revisar as fitas antes de chegar a uma conclusão, mas me parece que estamos progredindo. Nosso Dr. Galbraith talvez seja encarcerado por um bom tempo pelo que tudo indica.'

' Alguma coisa específica?'

' Nós já temos o suficiente para acusá-lo, mas parece que ele está ainda mais envolvido no círculo do que nós sequer imaginamos.' Ele fez uma pausa por um segundo. ' Esse homem é um doente! Algumas crianças ainda usavam fraldas, pelo amor de Deus! Duas crianças disseram que ele matava animais na frente delas: cachorrinhos, gatinhos e assim por diante. Aparentemente ele os pega pela nuca e os abre com algo como um bisturi cirúrgico. O bastardo disse às crianças que faria o mesmo com elas se elas dissessem alguma coisa a alguém. Não é nenhuma surpresa o fato de eles nunca terem dito nada a respeito. Eles chamam os encontros do círculo, de clube de animais de estimação. Você acredita?

Maldito clube de animais de estimação! Aparentemente foi o Galbraith quem deu o nome. Como eu disse, o homem é um doente.'

Nem Nicholson nem Grav responderam… O que poderia ser dito diante de

tal perversidade? Gravel quebrou o silêncio. ' As equipes de investigação têm feito um trabalho brilhante convencendo essas crianças de que estarão seguras contando isso. Considerando as circunstâncias, vocês entendem do que estou

falando. Agora é nossa vez. Temos que fazer tudo certo: tudo como manda a lei, colocar todos os pingos nos ' is' , tudo absolutamente correto, sem erros.' Ambos concordaram incondicionalmente e a conversa mudou de assunto para rúgbi- um

assunto confortável e próximo de cada um dos corações. Pelo restante do trajeto, eles conversaram sobre a seleção do time galês. Era uma maneira comprovada de permanecer são, uma lembrança de que a vida normal do dia-a-dia ainda continuava, mesmo tendo eles que lidar com as coisas que a sociedade preferia

simplesmente negar. Cada um deles sabia por experiência própria e dolorosa da

capacidade ilimitada para o mal que a humanidade tinha. Por um tempo, eles decidiram esquecer aquilo tudo.

O trajeto passou relativamente rápido e eles chegaram até o destino alguns minutos antes do que o antecipado. O estacionamento já estava cheio, cheio dos

outros madrugadores e demorou um pouco até Trevor Simpson achar um lugar

adequado para estacionar, em uma área de grama enlameada perto da entrada do

grande edifício vitoriano. Os três homens desceram do carro, andando com cuidado para não pisar nas poças. Assim que eles alcançaram a entrada, foram encontrados por Phillip Beringer, que Grav ruidosamente observou, ' Está parecendo um lixo.' Beringer passou toda a manhã monitorando dois

depoimentos traumáticos e essas coisas nunca eram fáceis. Outras entrevistas parecidas estavam acontecendo em outra unidade no município. Beringer

considerou adiar a reunião da tarde, mas achou melhor e decidiu que o pedido de

proteção às vítimas e testemunhas não podia esperar… Era sempre melhor ter o

maior número de evidências possíveis, mas cada dia que se passava, outras crianças corriam perigo. Era uma situação impossível de se justificar por um segundo a mais do que o necessário, e era hora de agir.

Nicholson começou a reunião dando boas-vindas aos participantes e os

apresentando, apesar da reunião ser uma imagem espelhada do encontro anterior

acontecido há dezenove dias antes… Era um ritual conhecido, confortável e breve, mas uma parte importante para aliviar as inevitáveis ansiedades.

' Trevor, eu acho que seria bom se você descrevesse exatamente com o que estamos lidando aqui. Não quero ninguém com dúvidas sobre a grandiosidade da

tarefa que temos em mãos.'

' Posso fazer isso por você, Mel.' Ele pegou um caderno de dentro de sua pasta de plástico preta e o consultou brevemente antes de continuar. ' Um grande grupo de predadores sexuais e um pequeno número de mulheres sob a influência

deles estão operando um círculo de pedofilia na área de South West. Crianças têm descrito que foram levadas à noite até uma locação rural remota, que nos é

até o momento desconhecida, na traseira de uma van Transit branca ou em algo

que soa como uma caminhonete. Entre vinte e trinta crianças aproximadamente fazem o trajeto de cada vez, amontoados na traseira de um veículo ou outro. Eles falaram de terem sido sexualmente e fisicamente agredidos por seus próprios pais, por membros de sua família, amigos da família e por estranhos. Alguns dos

adultos trouxeram outras crianças de carro, algumas que as testemunhas

conheciam e outras não. O que podemos dizer é que isso tem acontecido por anos. Pelo tempo, suspeitamos que centenas de crianças tem sido vitimadas. Por

enquanto estamos focando nas crianças que estão atualmente em risco, mas iremos ampliar a rede em seu devido momento. Tenho certeza que todos vocês

irão concordar que faz sentido. Nós temos feito extensas pesquisas baseadas nas informações dadas por várias vítimas que já estão sob cuidados das autoridades locais, ou que já estavam trabalhando com os assistentes sociais. Os adultos têm as mais diferentes histórias, variando de desempregados e trabalhadores assalariados com formação escolar precária, até grandes profissionais em posições de influência. O Serviço de Inteligência sugere que os agressores sexuais locais tenham entrado para a rede de pedofilia por indicação dos membros existentes. Outros entraram vindo de todo o Reino Unido por causa das alianças desenvolvidas enquanto estavam detidos ou, paradoxalmente, em programas de terapia para agressores sexuais ministrados pelo Serviço Social.

Alguns agressores se mudaram para a área e outros viajam para facilitar seus crimes. Os membros da cadeia abusam de seus próprios filhos, dos filhos dos outros e outras crianças vulneráveis na comunidade. Eles agridem individualmente e em grupos, compartilhando suas vítimas quando os convém.

As crianças variam de bebês a pré-adolescentes, meninos e meninas de dez ou onze anos de idade. Eles são manipulados a ficarem em silêncio por má informação, pressão emocional, ameaças de violência e violência em si. Alguns deles, violência extrema. Algumas dessas pessoas já tinham sido investigadas previamente. Algumas dessas crianças já estão sob os cuidados da proteção infantil. Mas, nenhuma daquelas investigações identificou aqueles casos como sendo a ponta de um iceberg muito grande. Muito poucos agressores foram condenados com sucesso por crimes relevantes até agora. Com a sua ajuda, isto está para mudar.'' Ele encontrou os olhos de Nicholson. ' A escala e natureza disso é nova para todos nós. Inevitavelmente haverá tensão. Mas, se mantermos os interesses das crianças em primeiro lugar em nossas mentes, não iremos errar. Muitos erros já foram cometidos em outras partes do país. Vamos nos assegurar de que aprendemos com os erros deles e fazer isso direito. Muitas crianças

dependem de nós. Alguma pergunta?'

Ninguém disse nada.

Pela próxima hora, Simpson e Beringer resumiram os detalhes específicos da

mesma investigação de perspectivas diferentes, mas complementares. Beringer focou nos aspectos civis da proteção infantil, enquanto Simpson concentrou-se primeiramente nas questões criminais. Nicholson estava inclinado a aplaudir quando eles finalmente concluíram suas apresentações bem estruturadas, mas resistiu à tentação. ' Agradeço aos dois. A menos que alguém queira acrescentar

alguma coisa ou fazer perguntas, acho que podemos continuar e discutir sobre o

caminho a ser tomado. Sei que Trevor e Phil já tiveram algumas discussões preliminares antes de nossa reunião e estabeleceram contato com a gerência superior apropriadamente. Qual de vocês quer começar?'

Os dois homens olharam um para o outro conforme Simpson colocava seu

caderno de volta em sua maleta. ' Você quer assumir o comando dessa aqui, Phil?' Beringer concordou com a cabeça… Por que não? ' A delegacia central de

polícia já sancionou cinco prisões: quatro homens e uma mulher. Parece que as

entrevistas subsequentes deram um peso maior aos casos e levantou novas provas que devem levar a mais duas prisões. Simpson interrompeu. ' Será confirmado até hoje à noite.'

' Obrigado, Trevor. Os suspeitos serão presos simultaneamente por equipes de dois detetives, que serão acompanhados por oficiais uniformizados com treino específico em procura de evidência física. As prisões acontecerão de manhã cedo, assegurando o elemento surpresa antes que aqueles que trabalham

deixem suas casas. Os filhos dos suspeitos serão entrevistados em vídeo por assistentes sociais e policiais da unidade de proteção infantil. Em seguida, eles serão examinados no Hospital Geral de South Wales por dois pediatras

experientes: Doutores Sue Chandra e Nick Dali. Todas as crianças serão examinadas para detecção de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo

HIV. Ao menos um dos adultos envolvidos - um homem com uma longa história de uso de drogas injetáveis - é conhecido como sendo portador de HIV. A equipe dos funcionários do centro de serviços sociais irá transportar as crianças de suas casas até as salas de entrevista e para centros médicos conforme necessário. Alguns centros de adoção apropriados já foram contatados.'

Nicholson sorriu. ' Obrigado, Phil, sucinto como sempre.' Ele olhou ao redor da sala. ' Alguma pergunta? Não? Então vamos encerrar. Obrigado a todos pelo seu tempo. Sei que são pessoas ocupadas. Estarei aqui o dia todo na quinta-feira se algum de vocês precisar de alguma coisa. Não hesitem em me ligar. É para isso que estou aqui. Seja como for que vocês encarem isso, quinta-feira será um dia crucial.'

Capítulo 42

O telefone do inspetor detetive Gravel tocou às doze e cinquenta e três da quarta-feira, dia doze de fevereiro, exatamente no momento em que ele estava para deixar sua sala para comer bacon com ovo frito, na famigerada e terrível cantina da sede da polícia. Ele considerou ignorar a campainha do telefone por um ou dois segundos, mas relutantemente voltou e atendeu o telefone após a quinta chamada. ' Alô, senhor, é a June da recepção.'

' Em que posso ser útil, policial?'

' Senhor, tenho um jovem que quer falar com um detetive sobre caso de abuso infantil.'

' Um jovem? Qual idade?'

' Quantos anos você tem, Rhodri?'

' Dezenove.'

' Ele tem dezenove, senhor.'

' Diga a ele para se sentar e fique de olho nele. Estarei com ele em dois minutos.'

Gravel sorriu e esticou a mão para cumprimentar enquanto se aproximava do adolescente magro e extremamente pálido que esperava nervoso por sua chegada. ' Inspetor Gravel, por favor me chame de Grav. Prazer te conhecer.'

O jovem se levantou, sorriu timidamente e aceitou o cumprimento com um aperto surpreendentemente firme. ' A sala de entrevista está livre, June?'

' Sim, senhor!'

' Se me seguir, podemos conversar a sós.'

' Ok, obrigado.'

Sente-se.'

Obrigado.'

' Certo, vamos fazer o básico primeiro. Qual seu nome completo, filho?'

' Rhodri Griffiths.'

' Sem nomes no meio?'

' Não.'

' E você tem dezenove?'

' Sim.'

' Você mora por aqui, Rhodri?'

' Estou morando na Flórida atualmente, mas cresci nessa parte do mundo.'

' Então o que te levou para a América?'

' Meu pai é um professor de economia da Universidade do Estado da Flórida; nos

mudamos para os Estados Unidos quando eu tinha dez.'

' Lugar legal?'

' Sim, é.'

Gravel empurrou um caderno e uma caneta sob a mesa. ' Se você escrever seu endereço e seus detalhes de contato, Rhodri, isso vai acelerar as coisas.'

Ele pegou a caneta e começou a escrever. ' Sim, sem problema.'

' Então o que te traz de volta ao País de Gales, filho?'

' Estamos visitando meus avós em Tenby.'

' Ok, Rhodri, por que precisa falar com um detetive?'

' Eu o ouvi no rádio.'

' De quem você está falando?'

' Galbraith!'

Gravel endireitou-se em sua cadeira. ' Quem é Galbraith?'

' Ele é um psiquiatra infantil.'

' Então você ouviu o Dr. Galbraith no rádio e decidiu falar com a polícia?'

' Sim, eu acho que não faz sentido quando colocado dessa forma.'

' Não mesmo.'’

' Minha avó estava ouvindo a Rádio Wales alguns dias atrás. Galbraith estava sendo entrevistado. Eu reconheci sua voz assim que eu a ouvi. Foi como se eu tivesse sete anos de novo. Eu estava prestes a desligar o rádio e tentei empurrar o que aconteceu para dentro da minha mente de novo como um sonho ruim, mas então eu me dei conta que ele ainda estava tratando de crianças. Isso vai

provavelmente soar ridículo aos seus ouvidos, mas eu não tinha considerado isso antes. O que ele talvez faça a outras crianças, eu quero dizer. Eu só foquei em mim mesmo e tentei seguir com minha vida. Isso soa egoísta?'

' Você está dizendo que Galbraith fez alguma coisa contra você quando tinha sete anos, filho?'

' Sim, eu acho que é o que podemos chamar de agressão sexual.'

' Como você pode ter certeza que foi o Galbraith?'

' Meu irmão mais velho ficou paralítico em um acidente de montanhismo em Snowdonia. Eu não conseguia lidar com a realidade. O médico da família indicou meu caso para Galbraith.'

' Sinto muito em ouvir sobre seu irmão, filho. Quantas vezes você viu Galbraith?'

' Só até a segunda vez, graças a Deus; eu disse para minha mãe e meu pai que eu não queria voltar e foi o fim daquilo.'

' Você está dizendo que ele te agrediu em sua clínica?'

' Sim, na segunda consulta, depois de persuadir minha mãe que ela não precisava estar lá comigo.'

' Você alguma vez o viu em algum outro lugar? Qualquer outro lugar?'

' Não.'

' Você contou para alguém naquela época?'

' Não.'

' Por que não?'

' Eu simplesmente achei que ninguém iria acreditar em mim,' Ele fez uma pausa

e olhou para o outro lado. ' Estou surpreso que você não tenha rido de mim até agora, para ser honesto.'

' Nós sempre levamos a sério esse tipo de alegação.'

' Então, você acredita em mim?'

O inspetor Gravel balançou a cabeça. ' Não diga a ninguém isso, mas sim, eu acredito em você.'

' Obrigado, nem consigo dizer o quanto isso significa para mim.'

' Você precisa pensar cuidadosamente antes de responder a próxima pergunta, Rhodri.'

' OK.'

' Você estaria preparado para fazer uma acusação formal?'

' Sim.'

' Sem hesitação?'

' Nenhuma.'

' E estaria preparado para depor no tribunal se Galbraith for julgado?'

' Eu tive pesadelos e flashbacks por anos. O bastardo roubou a minha infância. Quero que as pessoas saibam o que ele é.'

' Você entende que nós vamos precisar falar sobre detalhes específicos do que aconteceu com você, filho.'

' Sim, eu sei'

O inspetor se levantou. ' Eu vou pegar os formulários e volto em dois minutos.'

Capítulo 43

Gravel checou seu relógio digital às cinco horas, cinquenta e oito minutos e trinta e sete segundos da quinta-feira, treze de fevereiro… Hora de se mexer.

Ele abriu o zíper de seu casaco roxo acolchoado, sobre o qual seus subordinados secretamente faziam piada dizendo que o fazia parecer um boneco Michelin que tomou anabolizantes, e abriu a porta do passageiro do Vauxhall. O inspetor acenou com a cabeça para Rankin, que estava no assento de motorista e cumprimentou as duas oficiais uniformizadas sentadas no banco de trás com um meio-sorriso. ' Bom dia a todos; hora de ir, Clive, meu garoto. Quero bater na porta do Galbraith exatamente às seis e meia. Todas as outras equipes de busca deveriam estar fazendo igualmente. Não quero o bastardo tendo nem a mínima oportunidade de destruir evidência ou pegar o telefone e contatar os outros agressores. Quebraremos a maldita porta se precisarmos. Novidades sobre o cachorro?' Rankin esfregou seus olhos cansados e bocejou alto. ' O treinador do cachorro nos encontrará lá, chefe. Eu disse a ele que você iria comê-lo vivo caso chegasse um segundo que fosse atrasado.'

Durante o restante do percurso eles tiveram um bate-papo mundano e aliviador de stress até que Rankin virou o carro na Eden Road cerca de quinze minutos depois. O inspetor checou o relógio novamente. ' É isso, Clive. A casa de Galbraith está quase chegando. Pare perto de alguma casa antes; ainda temos quase cinco minutos. Algum sinal do cachorro?'

Rankin estacionou o Cavalier dentro de uma vaga apertada e olhou de cima a baixo a rua escura com árvores alinhadas… Onde infernos ele estava? ' Ainda não, senhor.'

' Ele vai chegar em cima da hora, Clive.'

Enquanto Rankin estava procurando por uma resposta adequada ele apontou

no espelho retrovisor para a van branca da polícia se aproximando… Graças a Deus! ' Ele está atrás de nós, chefe.'

Gravel saiu do carro, apontou para uma vaga para estacionar há três vagas atrás do Vauxhall e bateu várias vezes na janela da frente do motorista. Policial Rob Lawler abriu a janela. ' Me desculpe, senhor, fiquei a noite inteira acordado por causa do bebê.'

' Não se preocupe, Rob, você está aqui agora. Isso é o que importa.' Ele arregaçou a manga: seis horas, vinte e oito minutos e cinquenta e nove segundos.

' Vamos lá, temos que entrar lá.' Gravel apontou para o Cavalier e então em direção da casa, antes de se aproximar do número sessenta e quatro da Eden

Road com quatro policiais e um cachorro branco galês Springer Spaniel com manchas marrons, que estava abanando a cauda na calçada, emanando uma

energia sem limites e seguindo-os bem de perto.

Gravel olho para o seu Casio e esperou os últimos segundos passarem para

depois bater forte na porta preta e lustrosa, com sua ilusão de próspera respeitabilidade de classe média. Ele continuou batendo com cada vez mais força

com o lado do punho fechado até a porta ser aberta segundos depois por Cynthia

Galbraith, que olhou para ele com olhos inchados e a boca aberta. O inspetor segurou seu distintivo sob sua vista. ' Senhora Galbraith? Senhora Cynthia Galbraith?' Cynthia apertou seus olhos para ver melhor, fechou sua boca e disse,' O que posso fazer por vocês?'

' Meu nome é Detetive Inspetor Gravel. Estamos aqui para conversar com seu marido, senhor Galbraith. Onde eles está, por favor?'

Cynthia não moveu nenhum centímetro. Ela bloqueou seu terreno como um

porteiro de danceteria, fixou o olhar determinado em Gravel e disse, ' Não posso deixá-lo entrar. Meu marido não gostaria de ser perturbado. Não a essa hora da

manhã. Eu nem tive ainda a chance de terminar de preparar o café. Você terá que marcar uma hora.'

' Saia da minha frente, senhora Galbraith.'

Cynthia deu um passo para trás, mas ao invés de dar passagem aos policiais, ela tentou fechar a porta na cara deles, batendo violentamente no joelho direito do inspetor enquanto ele colocou seu pé no chão. Rankin se moveu para frente em um instante e empurrou a porta com força com ambas as mãos, fazendo com que Cynthia caísse para trás e batesse no piso com um som quase inaudível, que o cachorro achou particularmente interessante.

Gravel esfregou sua perna com uma mão enquanto passava por ela no hall…

Se Galbraith estava acordado, ele estava ganhando muito tempo. O inspetor se virou, agachou, ofereceu sua mão aberta à Cynthia e a levantou, enquanto os policiais o seguiam pelo hall. ' Você tem filhos, senhora Galbraith. Vou te dar uma última oportunidade de nos dizer onde ele está antes que nós o procuremos em cada cômodo da casa até encontrarmos. Agora, senhora Galbraith! Onde está o seu marido, senhora Galbraith?'

Sarah e Elizabeth de repente apareceram no topo da escada e chamaram pela mãe delas enquanto Cynthia ponderou seu próximo movimento… Por que esses estranhos indesejáveis estavam em sua casa? Poderia ter alguma coisa a ver com a criança que ela tinha visto sendo carregada para dentro da casa? Esse inspetor desgrenhado e quarentão não era o mesmo que estava no noticiário da noite, ao lado do pai desconsolado que implorava pelo retorno de seu filho de sete anos?

Ela olhou para suas filhas, então para Gravel e então para suas filhas de novo,

antes de finalmente se virar para os policiais e se aproximar das escadas.

Enquanto ela posicionou seu pé no primeiro degrau ela disse, ' Ele dormiu em seu escritório ontem à noite. É a segunda porta à direita, depois do hall,' sem olhar para trás.

' Fique com a mãe e as crianças até alguém da assistência social, Pam.

Mantenha-as bem fora do caminho. Rankin, comigo! O resto de vocês podem começar a procurar assim que Galbraith for preso.'

Gravel não bateu dessa vez. Ele abriu a porta do estúdio e invadiu o cômodo.

Ele olhou incrédulo para Dr. Galbraith, que estava curvado em sua cadeira, reclinado com os olhos fechados e uma fina gota de baba escorrendo pelo seu queixo de um canto de sua boca aberta.

O inspetor franziu a testa. A televisão estava ligada, não havia nada na tela.

Ele estava morto? Não, o homem estava dormindo. Inacreditável! Mesmo com todo o barulho, o homem estava dormindo. Ele pegou no ombro do doutor com

força, o sacudiu vigorosamente e berrou, ' Acorde Galbraith, é a polícia.' O

doutor acordou de repente e rapidamente olhou para a sala enquanto Gravel o suspendeu para que ficasse de pé… Foco, cara, foco. Ele tinha sido cuidadoso.

Tudo o que importava estava escondido no sótão. Não estava tudo perdido.

Talvez a plebe não achasse o pirralho.

Ele coçou sua cabeça com os dedos frenéticos… Tudo o que tinha que fazer

era ficar em controle e tirar vantagem de seu intelecto superior.

Dr. Galbraith se endireitou e ajustou suas calças antes de falar. ' Por favor, aceitem minhas sinceras desculpas, cavalheiros. Ocasionalmente, tenho

problemas para dormir. Eu tomo remédio, às vezes. Em que posso ser útil?'

Gravel apertou-o com mais força, fazendo com que o médico soltasse um

grunhido… Ele era culpado. O sacana era culpado. Homens inocentes

perguntavam o que estava acontecendo, eles protestavam em nome de sua

inocência. ' Você está preso, Galbraith.' Ele o advertiu, se virou para Rankin e disse, ' Coloque as algemas, sargento.' Dr. Galbraith virou sua cabeça e olhou para o inspetor diretamente em seus olhos. ' Isso tem que ser um erro.' Gravel encarou de volta… Seria ótimo dar um soco na boca desse bastardo nojento e quebrar todos os seus dentes. ' Você tem algo a dizer em sua defesa, Galbraith?'

' Você sabe quem sou eu?'

' Sei exatamente quem você é, seu doente arrogante.' Meus oficiais irão procurar em cada centímetro de sua maldita casa e você apodrecerá na cadeia, Galbraith. Ainda se sentindo bastante confiante?'

O doutor desviou o olhar e piscou repetidamente enquanto Rankin puxou

seus braços para trás e o algemou. ' Eu realmente não entendo a razão da sua hostilidade. Você pode procurar por quanto tempo desejar. Não há nada para se

encontrar.'

Gravel olhou vagarosamente ao redor do cômodo com olhos interessados…

A autoconfiança daquele bastardo tinha vacilado momentaneamente quando ele

mencionou a busca? Somente por uma fração de segundo? Talvez… talvez…,

' Posso levá-lo para o carro, chefe?'

' Deixe ele comigo, Clive.'

O inspetor segurou nas costas do Dr. Galbraith e o guiou para fora do estúdio

e através do hall com tanta pressa que o doutor se esforçou para se manter de pé.

Ele atravessou o hall com pressa, empurrando-o repetidamente pelas costas se ele diminuísse a velocidade. Gravel parou abruptamente ao alcançar a porta da frente e gritou para dentro da casa, ' Rankin, leve o computador para os garotos da tecnologia darem uma olhada. Pam, você fica com a senhora Galbraith e as

crianças por enquanto. O transporte da assistência social está a caminho. Eu quero esse maldito lugar vasculhado em cada centímetro. Cada milímetro dele.

Se acharem qualquer coisa de interesse, qualquer coisa que seja, eu quero saber

imediatamente. Está claro?'

Seguindo o coral de ' Sim, senhor!' Gravel levou o doutor através da porta,

desceu os degraus de granito para a rua quieta da manhã e atirou o médico para o banco traseiro do Vauxhall com tanta força que ele deslizou sobre o assento de

veludo como se fosse uma pedrinha atirada num lago, e bateu contra o lado de

dentro da porta oposta. Rankin colocou o computador no porta-malas e dirigiu,

enquanto o inspetor se sentou imediatamente ao lado de seu prisioneiro no banco

de trás. Rankin pegou o que o inspetor se referiu como ‘o caminho turístico’ e levou quase uma hora a mais da rota relativamente curta de volta à delegacia de

polícia Caerystwyth. Gravel se espremeu em cima do doutor, falando próximo a

seu ouvido. ' Você vai cair na merda, Galbraith. Você vai cair tão fundo e ficar lá por muito, mas muito tempo. Eles vão amar ter você na prisão, Galbraith. Os guardas não protegem seu tipo de gente. Eles vão olhar para o outro lado, Doutor. Os detentos vão cortar suas bolas fora. Confere, sargento?'

' Sim, senhor, eles vão arrancar seus dentes e usar sua boca como um buraco.'

' Eles vão, Sargento. É o que acontece com os pervertidos se eles não forem

protegidos. Mas nós poderíamos ajudar, não poderíamos Sargento?'

' Bem, suponho que sim, senhor, se isso valer a pena… O que você diz, Galbraith? Deveríamos ajudar você?'

O doutor se sacudiu, contorceu, piscou e suou, enquanto se esforçava em manter sua compostura. ' Não tenho absolutamente ideia nenhuma do que isso tudo se trata. Se você realmente acha que suas tentativas previsíveis de me intimidar a admitir que suas alegações absurdas são verdadeiras, você está

infelizmente bem enganado.' O inspetor girou em seu assento e colocou seu rosto tão próximo ao doutor que suas testas se tocaram. ' Tem alguma coisa que

você queira nos dizer, Galbraith? Nos ajude e te ajudaremos. Nós podemos ter uma palavrinha com o juiz. Nós podemos fazer as coisas mais fáceis para você

na prisão. Não é mesmo, Sargento?'

' Nós podemos sim, senhor, se ele cooperar.'

' Então, o que você diz, Doutor? Você vai facilitar as coisas para si mesmo?'

Dr. Galbraith fechou seus olhos por um momento e então os abriu

vagarosamente e deliberadamente. ' Vocês dois cavalheiros parecem estar sob uma impressão equivocada de algo que eu não sou. Eu tenho passado minha carreira inteira auxiliando crianças em crises. Acho que seria algo a ser aplaudido. Eu não tenho absoluta nenhuma intenção de dizer outra palavra até estivermos em uma situação formal, quando tudo que é dito é gravado

oficialmente.' Gravel se virou e sentou-se de volta em seu assento. ' Vamos levá-

lo para a delegacia, Clive. Parece que Dr. Galbraith não quer falar conosco.'

Rankin estacionou no estacionamento cheio da polícia e assistiu seu chefe arrastar o doutor para fora do banco e levá-lo em direção às celas. Ele trancou o carro, seguiu os dois homens para dentro das celas e segurou uma porta pesada

de ferro enquanto Gravel empurrou o doutor para dentro de uma cela ensopada

de urina, iluminada somente por uma lâmpada de quarenta watts, que deixava o

cômodo com um tom amarelo depressivo. O doutor perdeu seu equilíbrio e atingiu a parede diretamente oposta à porta com uma batida audível, antes de cair no chão. O inspetor seguiu seu prisioneiro para dentro da clausura de concreto e ajoelhou próximo a ele enquanto ele gemia. ' Jogue a chave, Clive.'

Rankin procurou em um e depois outro bolso da calça, antes de localizar a pequena chave no meio de tantas de moedas e a arremessar em direção a seu chefe, que a pegou facilmente com uma mão.

Gravel virou o doutor antes de destrancar as algemas e as jogar para trás em

direção ao inspetor, que ainda estava de pé na porta da cela. Gravel olhou dentro dos olhos do doutor, sem piscar. ' Eu vou deixá-lo sozinho para pensar agora, Doutor. Isso deve te dar uma ideia do que o futuro reserva. Eu usaria o tempo sabiamente se fosse você. Pense cuidadosamente sobre o que nós te dissemos.

Ajude-nos e as coisas serão aliviadas para você. Você pode evitar responder nossas perguntas pelo tempo que quiser, mas isso não te trará nenhum benefício.

Estou no controle agora, Doutor. Alguma coisa que queira dizer em sua defesa?'

' Estou inteiramente familiarizado com as regras, Inspetor, e já me fiz perfeitamente claro de que eu não tenho intenção alguma de dizer qualquer coisa

até eu ser formalmente entrevistado. Minha inocência se tornará clara, mesmo para um homem de intelecto limitado como o seu. Eu farei uma reclamação

formal com relação ao péssimo tratamento que estou tendo vindo de suas mãos e de seus subordinados. Pode ter certeza disso.'

' Você está suando, Doutor. Está começando a sentir a pressão?'

' Para sua informação eu tenho uma pequena febre. Dois analgésicos seriam

recomendáveis, se os tiver disponíveis.

' Faça como quiser, Galbraith. Você não é o único pervertido a ser preso essa

manhã. E alguém vai abrir a boca. Eles sempre abrem. Você vai para a prisão, Galbraith. É só uma questão de quanto tempo e o que acontecerá quando você chegar lá. Pense a respeito, Doutor. E pense direito.'

O doutor se esforçou para ficar de pé e sacudiu sua cabeça

desdenhosamente… Controle? Quem os idiotas estavam tentando enganar? Se

eles tivessem achado o pirralho, ele já teria ouvido alguma coisa a respeito.

Gravel bateu a porta da cela atrás dele enquanto saia. ' Vamos lá, Clive, eu já estou imaginando bacon cheio de molho. Eu o encontrarei na cantina em dez

minutos.'

Gravel discou com uma mão, enquanto apertava entre os olhos com o

polegar e o indicador da outra… Vamos lá, alguém atenda o telefone. ' Alô, residência dos Galbraith.'

' Residência dos Galbraith? É você, Pam?'

' Sim, senhor!'

' Pelo amor de Deus, Pam. Achei que você tinha arrumado um trabalho como

mordomo aí!'

' Me desculpe, senhor, no que posso ajudar?'

' Quero alguma atualização, Pam. Alguma alegria?'

' Os serviços sociais levaram mais tempo do que o esperado para chegarem aqui. Eles estão com a senhora Galbraith e com as crianças, senhor. Parece que

eles estão prestes a sair. A senhora Galbraith está colocando os casacos nas meninas enquanto estou aqui falando.'

' Ela disse alguma coisa a você? Alguma coisa útil?'

' Me dê um segundo, senhor. Elas estão passando pela porta da frente.' A policial acenou e sorriu enquanto Elizabeth olhou para trás quando saiu da casa.

' Ok, senhor, elas se foram.'

' E?'

' Não é muito o que ela disse, senhor. Está como estava. Ela está obviamente

aterrorizada pelo homem.'

' Galbraith?'

' Sim, senhor, Já vi isso antes: mulheres que foram um dia confiantes, reprimidas

por valentões manipulativos e dominantes. Não acho que ela tenha

saído de casa uma vez sequer por anos sem ser supervisionada. Eu ficarei surpresa se ela nos dizer alguma coisa, por menor que seja.'

' Nunca se sabe, Pam. E as meninas?'

' Nenhuma palavra, senhor, eu odeio pensar o que elas já passaram nessa casa.'

' Como está indo a busca?'

' Me dê um minuto, senhor, eu irei perguntar.'

' Alô, senhor, eles acabaram de terminar no escritório. Eles vasculharam tudo, até mesmo levantaram as placas do piso, mas nada foi encontrado. Eles estão indo para a sala de jantar. É uma casa grande, senhor, vai demorar ainda.'

' Tem razão, Pam. Agora que você já terminou sua tarefa de baby-sitter, pode

dar uma mão aos outros. Peça ao Rob para confirmar se o pai de Anthony conseguiu encontrar alguma coisa com o cheiro dele. ' Rob! Rob! O inspetor quer saber se o senhor Mailer conseguiu fornecer alguma coisa para que o cachorro consiga rastrear?'

' 'Sim, se o menino estiver aqui, nós vamos o encontrar.'

' Eu ouvi tudo, obrigado, Pam. Diga ao Rob que eu quero que deixe o cachorro solto e observe se ele indica alguma coisa. Cada minuto faz a diferença.'

' Eu o farei, senhor.'

' Agora, Pam. Eu estarei na cantina por uns vinte minutos. Ligue-me

imediatamente se encontrar qualquer coisa.'

Capítulo 44

A Spaniel ágil farejou cada centímetro do longo corredor. Explodindo de energia

e entusiasmo, cauda para cima, focinho supersensível, ela procurou pelo cheiro

do menino entre uma infinidade de outros cheiros fascinantes que a poderiam distrair. O adestrador ia seguindo de perto, encorajando constantemente, ' Vamos menina, encontre.' Ele segurou a bola de tênis amarela favorita dela nas mãos, relembrando-a de sua recompensa caso fosse bem-sucedida em sua tarefa.

' Vamos, menina, é isso! Encontre, encontre!'

A cadela repentinamente perdeu o interesse na bola e ficou alerta no corredor

como se quisesse chamar atenção para a cozinha. ' O que é, garota? Você está farejando alguma coisa?' Ele segurou a bola alto sob a cabeça dele em sua mão

esquerda e sorriu. ' É isso, menina, vamos, ache, ache!' A cadela de repente ficou mais interessada na bola do que no cheiro e pulou repetidamente nas pernas de

seu instrutor.

O policial xingou… Ele tinha distraído o animal no momento errado. Ele colocou a bola dentro do bolso da calça, tirou a camiseta de Anthony de dentro

de uma bolsa plástica, abaixou, segurou-a há uns dez centímetros do focinho da

spaniel e disse várias vezes, ' É isso, menina, encontre, encontre.' O cachorro se virou com um novo entusiasmo para o jogo e entrou na cozinha em alerta total.

Ela rapidamente passeou pelo cômodo, farejando a cada canto e fenda por qualquer sinal do cheiro. De repente ela perdeu o interesse nas periferias do cômodo e se focou com atenção total no piso próximo ao centro da cozinha, onde uma gota da saliva de Anthony caiu de sua boca aberta quando Gary Davies o carregava em direção aos degraus. O cachorro instantaneamente soube

que tinha alcançado seu objetivo inicial. Ela se sentou, levantou sua cabeça orgulhosamente no ar e latiu uma vez, como dito em seu treinamento. O instrutor

deu à ansiosa spaniel sua recompensa. ' Boa menina, boa menina!'

Ele se virou em direção da porta interna e gritou, ' A cadela farejou alguma

coisa na cozinha. Fiquem onde vocês estão por um momento, eu preciso ver se

ela consegue seguir o cheiro.' Ele colocou a guia na coleira de couro, fez um carinho no topo de sua cabeça e andou vagarosamente ao redor do cômodo, permitindo que o animal liderasse o caminho. ' É isso, garota, ache, ache.' A spaniel farejou cada armário, o fogão, a geladeira, a despensa, mas nada. Ela repetidamente tentou retornar em direção ao centro do chão, o cheiro de seu triunfo anterior, mas o instrutor a puxava para outras direções. Uma das duas policiais femininas apareceu no vão da porta, mas não entrou no cômodo. ' O que

está acontecendo, Rob? Alguma coisa boa?'

' Tenho certeza que o menino esteve aqui, mas não acho que está aqui agora.

Se vocês duas puderam dar uma boa olhada nos armários, eu levarei a cadela para fora no jardim. O menino talvez tenha sido carregado através da casa e depois tenha sido levado em direção à estufa.''

' Se você estiver certo, ele provavelmente estará morto.'

' Você pode estar certa, Pam. Tudo o que podemos fazer é continuar

procurando.'

Capítulo 45

' Vou querer outro bacon, por favor, meu amor.'

' Um bacon saindo. Outro café?'

' Sim, por que não viver um pouco?'

' Acho que você está sendo procurado, Grav.'

' Desculpe, interrompê-lo, senhor.'

' No que posso ajudar, policial?'

' Pam está no telefone, senhor. Ela quer que o senhor ligue para ela urgentemente.' O inspetor empurrou seu prato para o lado e pulou da cadeira.

' Obrigado, Oficial. Legal ver você fazendo alguma coisa útil, para variar.'

' Obrigado, senhor.'

Gravel virou-se para Rankin, que tinha recentemente se juntado a ele e estava terminando um sanduíche de queijo e tomate que estava longe de ser gostoso. ' Eu acho que está na hora de termos outra conversa com o doutor, Clive. Ele já deve estar mais nervoso. Tire-o da cela e o leve para a sala de entrevista dois assim que eu tiver uma palavra com a Pam.'

' Farei isso, chefe.'

Vamos, Pam. Atenda o maldito telefone, garota. ' Alô, Pam, é o Gravel. Já era hora! O que tem para mim?'

' É o cachorro, senhor, ela sentiu um cheiro na cozinha. Ela faz aquela coisa

de sentar e latir quando acha alguma coisa que estamos procurando. Realmente

muito esperta! Rob diz que ele nunca viu ela estar errada.'

' Algum outro lugar?'

' Me desculpe, senhor?'

' O cheiro estava em mais algum lugar…?' Ele já estava se desesperando.

' Não, senhor. Só na cozinha!'

' O Rob já tentou o jardim?'

' Ele está lá fora agora, senhor, mas nada ainda.'

' Algum sinal de escavação recente ou outro trabalho na terra?'

' Não exatamente.''

' Que infernos isso quer dizer?'

' Ele achou uma ferramenta debaixo da terra, no canteiro de flores, mas ele não acha que ela tenha qualquer relevância.'

' Que tipo de ferramenta?'

' Só uma coisa pequena com um cabo de plástico. Rob acha que é um cortador de vidros.'

' Soa como alguma coisa e nada ao mesmo tempo.'

' Sim, foi o que pensamos.'

' Mas, o Rob tem certeza que o Anthony esteve na casa?'

' Sim, senhor, muito certo disso.'

' Examine o local metodicamente, Pam: cada canto, cada fissura. Destrua o maldito lugar se for necessário. Se Anthony Mailer estiver em algum lugar nessa casa, eu quero que o encontrem.'

Capítulo 46

Dr. Galbraith olhou para Gravel e Rankin do outro lado da pequena mesa da sala de entrevistas, encontrando os olhos deles em retorno e esperando alguém quebrar o silêncio… Que infernos eles estavam esperando? Por que a demora?

Por que nenhuma outra pergunta?

De repente o barulho ensurdecedor na cabeça do doutor foi silenciado e seus músculos faciais relaxaram notadamente… Os idiotas ainda não tinham achado o porão. Essa era a única explicação lógica.

Ele sorriu com uma nova confiança. '‘Vocês não têm mais nenhuma pergunta, Inspetor ou nós finalmente alcançamos a conclusão dessa farsa charada ridícula?'

Gravel fez uma careta. ' Com certeza você ainda não está insistindo que é inocente, não é Doutor?'

Dr. Galbraith afirmou com sua cabeça vagarosamente. ' Acho inacreditável que vocês dois considerem que um homem como eu, dedicado a maior parte dos

anos de sua vida adulta a dar assistência a crianças perturbadas e suas famílias, poderia ser culpado de tais atos criminosos e hediondos. Sou inteiramente inocente a respeito dos crimes a que se referem. O processo inteiro é uma absoluta palhaçada. Por que eu iria admitir uma coisa que não fiz?' O inspetor olhou para ele incrédulo. ' Você ouviu o peso das provas contra você, Galbraith.

Quatro crianças deram detalhes de vídeos traçando numerosas agressões sexuais.

Uma quinta vítima, agora um adulto, fez uma acusação escrita. A investigação está em andamento e não tenho dúvidas que outras vítimas serão identificadas. E

outros suspeitos irão falar. É de seu interesse cooperar. Encare os fatos, Doutor.

É a única carta que te restou.'

' Sabe? Talvez eu consiga entender por que você acha que sou culpado. Mas,

com o devido respeito, você está olhando para uma situação extremamente complexa de uma forma muito simplificada.'

Gravel sorriu bem-humorado… O canalha convencido. ' Eu mal consigo

esperar para ouvir isso.'

' Há um número de hipóteses que poderiam potencialmente explicar essas

ridículas alegações. Mas qual evidência você tem, no final das contas? Quatro meninos alegando fatos que soam pouco críveis, em uma locação ou locações desconhecidas há algum tempo em um passado não identificado. Um jovem que

afirma ter sofrido um abuso sexual muitos anos atrás. Um jovem com uma história de problemas psiquiátricos. Não é bem uma testemunha confiável, vocês

não concordam?'

' A evidência parece bastante sólida para mim, Galbraith.'

' Quando vocês vão aprender? Eu já vi isso muitas e muitas vezes com o passar

dos anos: policiais excessivamente zelosos, chegando imprudentemente a conclusões erradas. Homens inocentes sendo acusados de crimes inenarráveis. Vocês não aprenderam nada com os eventos em Cleveland e Orkneys? Pseudos profissionais bem-intencionados, mas mal direcionados, que podem implantar falsas lembranças nas mentes vulneráveis das crianças. Qualquer expert diria o mesmo a vocês. Questões direcionadas podem resultar em informação errada e, como consequência, falhas da justiça. É comum que nesse tipo de caso envolvendo crianças, elas digam exatamente o que o assistente social e o policial querem que elas digam. Elas estão simplesmente recontando o que elas colheram das questões direcionadas, mais do que os eventos reais. Suas alegações são uma fantasia manufaturada e nada mais.'

' Todos as cinco testemunhas se referiram a você pelo nome, Galbraith.'

' Como eu já afirmei mais de uma vez, eu não sei de nenhuma sala branca e não tenho ideia de qual é a fazenda que vocês descreveram tão convincentemente. Vocês já consideraram a possibilidade de que alguém com algo contra mim possa ter roubado minha identidade?"

Por um momento fugaz uma sombra de dúvidas cruzou a mente de Gravel.

' Ótima tentativa, Galbraith, mas você não está enganando a ninguém. Todas as cinco testemunhas descreveram você perfeitamente.'

' Não é comum as vítimas acusarem uma figura de confiança ao invés da identidade verdadeira do agressor por medo de retaliação.'

' Você está soando incrivelmente desesperado, Galbraith.'

' Você está cometendo um grande erro, Inspetor.'

' Oh, eu acho que não, Doutor. Nós temos mais evidências do que o suficiente para incriminá-lo. Vou te dar uma última oportunidade de cooperar. Onde está o menino?'

' Menino? Não tenho nenhuma ideia do que você está falando. Talvez fosse útil se você pudesse ser mais específico.'

O investigador apertou seus pulsos fortemente por baixo da mesa. ' Anthony Mailer. Onde está Anthony Mailer?'

' Oh, Anthony Mailer? Anthony é meu paciente, mas vocês já sabem disso. Por que vocês pensariam que eu sei sobre o seu paradeiro? Eu soube que ele estava desaparecido quando eu vi a reportagem de seu rapto no noticiário da noite da BBC. Naturalmente, estou muito preocupado com seu bem-estar. É um negócio terrível. Já entrevistou o pai dele? O conheci durante a terapia, eu acho aconselhável.'

' Onde ele está, Galbraith?'

Dr. Galbraith deu um suspiro exagerado. ' Já não me fiz perfeitamente claro várias vezes? Parece que eu preciso reiterar, apesar dos comentários anteriores. Eu não faço ideia porque vocês acham que eu deveria saber a resposta para essa pergunta. Acho que é você que está ficando desesperado, Inspetor. Está com pressão alta, meu velho?'

' Para onde ele foi levado, Galbraith?'

' Era para eu saber a resposta dessa? Você acha que sou um clarividente?'

' Nós temos razão para acreditar que Anthony Mailer esteve em sua casa, Galbraith.' O doutor sorriu maliciosamente. ' Razão para acreditar? A pretensão da sua questão sugere um significante elemento de dúvida em sua proposição.

Eu considero que seria sensato parar de perder seu tempo entrevistando um homem inocente e tentar localizar Anthony antes que seja tarde demais.'

' Molly Mailer viu você na casa dela segundos antes de ela ter sido

cruelmente atacada. Ela viu você, Galbraith. Ela fez uma acusação. Suas pegadas

foram achadas atrás da casa.'

' Você é mesmo tão burro assim, seu ridículo? Eu já expliquei isso a você; mas eu tentarei de novo por conta de suas óbvias limitações. A senhora Mailer

sofreu uma séria lesão na cabeça. Lamentável! Eu nutri carinho por ela durante o tratamento de seu filho. O que você precisa aprender, Inspetor, é que nossos cérebros podem nos pregar peças quando sujeitos a níveis extremos de stress.

Anestésicos e podem produzir anormalidades complexas similares. Posso

assegurar que qualquer neurocirurgião ou psiquiatra diria a vocês que as alegações não são confiáveis, na melhor das hipóteses. Eles certamente não qualificariam como uma evidência crível em um tribunal criminal. Oh, as pegadas, eu quase me esqueci das pegadas por um segundo.' Ele sorriu e esperou

por um segundo ou dois antes de falar novamente. ' Eu acho que vocês irão achar

que um número grande de pessoas com o mesmo tamanho de pé como o meu existem por aí. Se eu fosse cometer tal crime, eu logicamente anteciparia esse problema e usaria sapatos de números diferentes do meu. Parece uma óbvia precaução. Sinto muito em desapontá-los, Inspetor, mas é assim. Você achou mais alguma evidência fora essa em minha casa? Alguma coisa que sugira que o

menino esteve alguma vez lá? Qualquer coisa? Acho que não ou já teria ouvido

há muito tempo atrás.' Gravel bateu de lado seu punho direito contra a mesa na

frente dele… O canalha tinha razão. Em se tratando dos Mailers, ele não tinha nada.

' Você deve tentar se acalmar, Inspetor. Ficar sobrecarregado dessa maneira realmente não é bom para um homem de idade avançada e sobrepeso, como o

senhor. Mas, eu direi mais uma coisa, como médico. Se o pobre jovenzinho está preso em algum lugar, sozinho no escuro, com fome e desidratado, horrorizado, algemado a um radiador ou a uma armação de cama, possivelmente? Em algum porão escuro em um edifício abandonado por exemplo? Bom, ele não vai durar muito tempo, não é? Pura conjectura, entende?'

' Isso é algum tipo de confissão complexa, Doutor?'

O doutor sentiu seu pênis se dilatar com sangue enquanto imaginava a cena e a ampliava em sua mente. ' Por que você pensaria isso, Inspetor? Estou simplesmente tentando chamar sua atenção para as consequências em potencial das falhas em encontrar Anthony com a devida urgência. Estou somente falando em nome do interesse do meu paciente. Quanto tempo vocês têm para salvá-lo, Inspetor? Uma hora? Duas horas? Três horas, possivelmente? Ou talvez ele já esteja morto. Que tragédia seria, se vocês perdessem seu tempo e recursos limitados entrevistando um homem inocente. O relógio está tiquetaqueando, Inspetor: tique, taque, tique, taque.' Ele segurou sua mão côncava em sua orelha.

' Você consegue ouvir, Inspetor?'

Rankin agarrou o braço de Gravel e segurou-o para trás enquanto ele pulava e desligava a fita. ' Não deixe o bastardo te provocar, Grav.'

Dr. Galbraith sorriu desdenhosamente. ' Calma, calma, Inspetor. Dadas suas atitudes irracionais eu acho aconselhável requerer um advogado.'

' Agora você quer um advogado?'

' Se não for muito incômodo.'

' Nós arranjaremos um.'

' Acho que seja uma hora oportuna para pedir uns refrescos. Tenho certeza que

vocês funcionários públicos podem arranjar isso para mim.'

Capítulo 47

' Phillip Beringer por favor, é urgente.'

' Grav?'

' Sim.'

' Aqui é o Phil, eu bem que achei que reconheci sua voz. No que posso ajudar, colega?'

' As duas meninas Galbraith, já foram entrevistadas?'

' Estão sendo agora, Grav. Nada de especial, para ser honesto.'

' Nada?'

''Elas têm medo do pai, o que é óbvio, mas nada específico, nada criminal.'

' Ok, Phil, você pode fazer uma coisa para mim?'

' Se eu puder, Grav, o que é?'

' Se bem me lembro, você pode falar com a equipe de entrevistas sem

realmente interromper a entrevista, correto?'

' Sim, sem problema, os policiais têm um pequeno fone nos ouvidos. O que

você precisa?'

' Preciso saber se uma das garotas viu o menino na casa nos últimos dias. Um

menino de sete anos de idade, ruivo e de cabelo curto. Isso é extremamente importante, Phil. Parece que Anthony Mailer esteve na casa de Galbraith.'

' Entendido, Grav. Volto a falar com você se descobrirmos alguma coisa útil.

Antes de você ir, preciso dizer que não acho que nós possamos justificar um

exame médico nas meninas Galbraith a menos que alguma coisa venha à tona.

Eu falarei com o Mel e vejo o que ele acha, mas eu duvido que ele vai dizer algo diferente.'

' Oh, não tenho certeza, Phillip. Há algumas alegações bem sérias contra o pai delas.'

' Eu falarei com o Mel e retornarei assim que eu conseguir.'

' Talvez eu mesmo ligue para ele. Uma última coisa antes de eu te deixar em

paz: estou enviando alguém aí para entrevistar a senhora Galbraith. Como uma

testemunha dessa vez, talvez isso possa mudar o curso das coisas.'

' Sem problemas, Grav, eu vou me certificar de que a sala esteja vazia.'

Capítulo 48

A detetive policial Myra Thomas se apresentou a Cynthia com um aperto de mão

frouxo e a guiou para seu minúsculo escritório no Centro de Recursos dos Serviços Sociais Infantis. ' Sente-se, senhora Galbraith, gostaria de algo para beber antes de começarmos? Chá ou café?'

Alguém ia realmente preparar um chá para ela? ' Chá, por favor, sem leite ou

açúcar.'

' Fique à vontade, senhora Galbraith. Estarei de volta em dois minutos.'

A policial Thomas empurrou a porta com seu pé para abri-la e deu uma xícara à Cynthia. ' Então, lá vamos nós, senhora Galbraith. Vamos começar.’'

Cynthia esfregou seus olhos, manchando uma bochecha com o rímel

meticulosamente aplicado.

' O que há de errado, senhora Galbraith?'

' Você tem sido tão amável.'

' Tem sido um dia difícil. Você deve estar no limite de suas forças. Qualquer

um estaria da mesma maneira em tais circunstâncias.'

' Eu vi meus pais. Eles levaram minhas filhas após a entrevista. Eu não os tinha visto mais desde o dia do meu casamento. As meninas não os conheciam.'

' 'Mesmo? Quanto tempo está casada?'

' Mais de sete anos!' ’

' Seus pais vivem longe de você?'

' Não, só descer a mesma estrada.'

A detetive olhou confusa. ' Então, por que você não os via?'

' Meu marido me proibiu.'

' De os ver?'

‘'Sim.'’

' Você tem medo de seu marido, Cynthia?'

Cynthia Galbraith balançou com a cabeça muito sutilmente, mas disse, ' Ele

não iria querer que eu falasse sobre isso com você.'

' Dr. Galbraith está sob custódia. Ele não pode mais machucá-la.'

Silêncio.

' Precisamos de sua ajuda, Cynthia.'

' Sério?'

' Uma criança está desaparecida. Um menino de sete anos de idade chamado

Anthony, ruivo de cabelo curto. A mãe dele foi atacada e ele foi sequestrado de

sua casa. Foi uma agressão violenta. Acreditamos que seu marido tenha alguma coisa a ver com o desaparecimento dele. Você viu o menino, Cynthia? Pode nos

ajudar a encontrá-lo?'

Cynthia fechou seus olhos cansados e começou a balançar para frente e para

trás repetidamente em sua cadeira… A policial estava perguntando sobre aquela

criança que o homem que ela não conhecia levou para dentro da casa no meio da

noite? Ele era ruivo? O cabelo era curto e podia ser um ruivo. Era difícil dizer sob a luz laranja das lâmpadas das ruas. Seu esposo estava no trabalho naquela

hora. Ele deve saber tudo sobre isso. Talvez ele pudesse dizer a polícia o que eles queriam saber. Talvez fosse algo que tinha a ver com seu trabalho. Ele tinha tido a ela milhões de vezes o quão importante isso era. Ele nunca deveria ser interrompido. Nunca! Era provavelmente melhor não dizer nada.

' Senhora Galbraith?''

Silêncio.

' Nós temos uma boa razão para acreditar que o Anthony está em extremo perigo. Estamos falando da vida de uma criança. Pode nos ajudar a encontrá-lo?'

Silêncio.

' Olhe para mim, senhora Galbraith. Abra seus olhos por favor, senhora Galbraith.'

Cynthia abriu seus olhos e olhou para o espaço.

' Vou perguntar novamente, senhora Galbraith. Anthony Mailer esteve em

sua casa?'

Silêncio.

' Do que é que a senhora está com medo? Se você souber de qualquer coisa,

qualquer coisa mesmo, você precisa me dizer.' Cynthia fechou seus olhos de novo, consciente da sombra acusatória de seu marido pairando sobre ela como um espírito onipresente e malevolente… Talvez ela devesse dizer àquela policial

simpática o que tinha visto. Ela queria, ela queria mesmo. Talvez ela devesse seguir seus instintos. Se sentiria tão bem em ajudar.

Ela abriu sua boca e estava prestes a falar, mas então reconsiderou… O que

seu marido diria se ela fizesse alguma coisa errada de novo? O que ele faria a ela? Certamente se ele tinha o menino em sua custódia devia ser por razões extremamente benéficas. Ele era um homem importante com um papel

profissional importante. Talvez fosse melhor não dizer nada, melhor do que dizer e fazer errado de novo.

' Você sabe de alguma coisa, senhora Galbraith? Pode nos ajudar a encontrar

Anthony?' Cynthia encontrou o olhar suplicante por um momento passageiro e

sacudiu sua cabeça. A policial Thomas perseverou por outros vinte minutos ou mais antes de relutantemente aceitar a derrota… Se Cynthia Galbraith sabia de

alguma coisa, o que parecia provável, ela não iria dizer nada a respeito. O que foi que Gravel disse? Se ela não quisesse ser guarda de trânsito pelo resto de sua carreira, tinha que conseguir fazer a Cynthia falar. Ele sempre era tão gentil com as palavras… Talvez valesse a pena levar a Cynthia para casa. Uma última tentativa. Testemunhas às vezes achavam mais fácil falar quando sentadas ao seu

lado, ao invés de na frente dos entrevistadores. Era menos formal, menos intimidador. Uma carona de carro seria ideal. Contato visual podia algumas vezes prejudicar uma conversa ao invés de facilitar a comunicação efetiva. Valia a pena tentar. Tinha que valer a tentativa. Tinha tudo a ganhar e nada a perder.

Thomas sorriu e colocou sua mão sobre o ombro de Cynthia. ' Vou fazer uma ligação para saber se meus colegas já terminaram de fazer a busca na sua casa.

Te levarei para casa assim que puder. Tudo bem para você, Cynthia?' Cynthia

concordou com a cabeça.

A policial Thomas pegou uma caneta Parker vermelha de sua bolsa de couro

preto. ' Qual é o seu número?'

Capítulo 49

Gravel olhou para cima e ergueu sua mão em silêncio, indicando a Rankin que

ele a tinha visto entrar, antes de retornar à ligação. ' Então você não achou absolutamente nada?'

' Como eu disse, senhor, o cachorro…'

' Eu sei tudo sobre o cachorro, policial. Mas um cachorro farejando um cheiro não é prova. Não posso colocar um maldito cachorro para testemunhar, posso?'

' Não, senhor.'

' E você olhou no sótão?'

' Sim, senhor!'

' Você tem certeza?'

' Sim, senhor, até levamos o cachorro esteve lá.'

O inspetor exalou ruidosamente. ' Você já disse o bastante, Pam. Se o menino

estava lá, ele foi levado a outro lugar. Preciso que você descubra se Galbraith tem alguma outra propriedade. Alguma coisa que poderia estar no nome de sua

esposa. Dê uma ligada na prefeitura. Se eu não ouvir nada de você na próxima

hora, eu vou assumir que você não encontrou nada útil.'

' Ok, senhor, eu vou continuar com isso.'

' Faça isso, Pam. Oh, Pam, mais uma coisa ante de você ir.'

' Senhor?'

' Eu vou mandar os meninos da perícia quando vocês tiverem terminado, para

ver se ele consegue achar qualquer traço de sangue em algum lugar. Quanto tempo temos antes de vocês terminarem a busca?''

' Não vai passar de mais de meia hora, senhor. Eles estão guardando as coisas

agora.'

' Obrigado, Pam.'

Ele colocou o fone de volta no receptor e imediatamente o pegou de novo, esperando dar linha. ' Me dê um minuto, Clive, tenho que fazer mais umas ligações.'

Rankin sorriu. O advogado chegou, chefe, um menino ranheto recém-saído

da faculdade.' ' Obrigado por me avisar. Me dê um segundo,'

Ele discou e esperou.

' Centro de Recursos infantil'

' É você, Mel? Eu estava esperando o Phil, mas você serve.'

' No que posso ajudar, Grav?'

' Eu estava conversando com Phil mais cedo sobre as meninas Galbraith.

Acho que elas precisam ser examinadas por um médico, Mel. Galbraith é um maldito pervertido, e ele tem tido acesso irrestrito àquelas garotas por toda a vida delas, pelo amor de Deus!'

' Não discordo de você, Grav. Não sei de onde Phil tirou essa, para ser honesto. Eu terei uma conversa com os avós maternos hoje e arranjo alguma coisa para amanhã de manhã, se estiver tudo bem para você. As garotas já passaram por muita coisa em um único dia.'

' Obrigado, Mel. A Myra Thomas ainda está com você?'

' Sim, ela ainda está com a senhora Galbraith, até onde eu sei. Você quer falar com ela?'

' 'Por favor.'

' Ela já atenderá, Clive. Quase terminado!'

' Alô, senhor?'

' Alguma novidade, Myra?'

' Eu ainda não desisti, senhor, mas realmente não acho que ela saiba de alguma coisa.'

' Continue tentando, detetive. Pergunte a ela se Galbraith tem acesso a outras propriedades: escritórios, casas, garagens, até mesmo trailers. Todo tipo de coisa. A Pam está perguntando à prefeitura sobre as mesmas coisas. Me ligue na delegacia imediatamente se descobrir algo. Vou estar entrevistando Galbraith pelas próximas duas horas. Se a resposta for sim, certifique-se que a mensagem chegue até mim com urgência.'

' Só para esclarecer, o senhor quer que eu o interrompa?'

' Foi o que eu disse, Myra. Agora continue.'

O inspetor colocou o fone de volta e suspirou. ‘'Nós estamos chegando bem rápido a lugar nenhum, Clive. Acho melhor tentarmos com o Galbraith mais uma vez antes de terminar o dia.'

' O que tem em mente, chefe?'

' Nós temos mais do que o suficiente para incriminar o canalha: atentado ao pudor, lesão corporal, corrupção de menor, assédio sexual e até mesmo alguns estupros, certo?'

' É o que parece.'

' Mas quando se trata do caso Mailer, não temos porra nenhuma, correto?'

' Parece que sim.'

' Vamos focar novamente no que podemos provar por agora: gradualmente revelando as evidências contra ele até que ele finalmente perceba que suas incoerências estão desmoronando. Ele talvez esteja pronto para oferecer alguma coisa assim que a pressão aumente e ele caia na real. Ter um advogado aqui pode acabar sendo favorável para nós.''

''Talvez sim, chefe. Vou avisar o advogado que já vamos começar.'

Dr. Galbraith deu respostas arrogantes às perguntas de sondagem feitas pelos policiais durante a primeira meia hora ou mais, conforme seu jovem advogado proferia palavras ocasionais de conselho e precaução. Conforme as evidências iam crescendo, no entanto, a pose e a elegância forçada do doutor se derreteram e ele começou a retorcer, a tremer, a piscar e a suar, enquanto o advogado angustiado olhava de boca aberta.

Após uma hora ou mais, Gravel achou que era o momento certo para dar um ultimato. Ele bateu a palma da mão sobre a mesa, se levantou e apontou para o doutor com um dedo acusador, ao mesmo tempo que o jovem advogado travava uma batalha interna para evitar demonstrar que estava emocionalmente abalado.

' Essa é a sua última chance de cooperar, Galbraith. Você irá para a prisão. É só uma questão de quanto tempo para o que acontecerá quando você chegar lá. Sugiro que você considere sua resposta para a próxima pergunta muito cautelosamente. Tenho certeza que seu advogado concordará.

Conforme o jovem advogado concordava com a cabeça, Gravel perguntou a última questão. ' Onde está Anthony Mailer, Galbraith?'

O doutor cruzou seus braços indiferentemente e olhou para a mesa. ' Quantas vezes eu tenho que dizer isso? Eu já me posicionei claramente. Não tenho intenção absolutamente de entrar em um acordo informal com você, ou qualquer outra pessoa nesse caso. Eu nego totalmente as ridículas alegações contra mim e continuarei assim. Eu já disse isso antes e afirmarei novamente: eu não tenho absolutamente nada a ver com o desaparecimento de Anthony Mailer.'

' Como queira, Doutor. A entrevista terminou. Você será indiciado formalmente.'

Capítulo 50

' Faltam quinze minutos, chefe. Melhor irmos. Galbraith será o primeiro.'

' Obrigado, Clive, minha gravata está torta?'

' Está perfeita lugar, chefe. Eu encontro você para tomar uma cerveja na hora do almoço. É a sua vez de pagar.'

' Deverei voltar bem antes, Clive. O caso do Galbraith será só uma formalidade. Ele será detido e levado à prisão de Swansea às onze no mais tardar.'

Gravel caminhou confiante para dentro do tribunal local bem na hora de ver o doutor entrar, sentar no banco dos réus e encarar três oficiais locais. Ele parecia meio desgrenhado, com a barba por fazer, bastante diferente da imagem de profissional respeitável que ele geralmente encenava para o mundo.

O inspetor sentou no banco das testemunhas, pegou a bíblia, fez o juramento

e apresentou fatos básicos do caso. Ele nunca tinha se sentido tão relaxado em toda sua vida… A sala de audiências era familiar, os fatos pareciam falar por si próprios: Galbraith era um perigo para a sociedade - isso parecia óbvio. Ele deveria ser mantido em custódia, na prisão de Swansea ou Cardiff, até o julgamento. Que outra conclusão sensata haveria? Gravel prestou atenção

quando o advogado de Galbraith apelou para liberdade condicional, citando o bom caráter do doutor, posição social e elevado status profissional… Certamente

os magistrados não iriam cair em uma merda daquelas, não dada a natureza monstruosa dos fatos.

O inspetor ficou ainda mais surpreso quando os três magistrados se retiraram

para considerar o pedido… Que merda precisava ainda ser considerada? O que

Gravel não sabia era que dois dos três magistrados conheciam o doutor. Ou para

ser mais preciso, um realmente o conhecia: sua verdadeira natureza, o que ele era e o que ele fazia, e a outra achava que o conhecia, mas não de verdade.

Reverendo Jones, o chefe da bancada, era um vigário aposentado em seus setenta

anos que compartilhava dos interesses criminais de Galbraith e era um membro

ativo da comunidade pedófila local. A senhora Mary Price, em contraste, era uma professora de história de uma das duas escolas da cidade. Ela era bem-intencionada, mas ingênua e teve contato com o doutor por consequência de seu

trabalho… Ela tinha ouvido atentamente as alegações, mas não conseguia aceitar

que um homem bom como Dr. Galbraith, tão charmoso, um homem importante

que sempre tinha tempo para conversar e perguntar como estava sua família, tenha feito alguma coisa errada, mesmo com todas as evidências apresentadas

pela polícia.

Quando os três magistrados retornaram ao tribunal, todos, com exceção do Dr. Galbraith que estava olhando intensamente para o reverendo com olhos

esperançosos, estavam totalmente certos de que ele iria ser aprisionado enquanto esperava pelo julgamento. A sala ficou em absoluto silêncio enquanto o Reverendo Jones começou a falar em uma voz baixa e monótona, fazendo com

que Gravel se esforçasse para ouvir apesar de sua excelente audição. ' Nós consideramos cuidadosamente as acusações. O caso será encaminhado para o Tribunal da Coroa. Lamentavelmente, não tenho escolha a respeito disso. Em tais casos, é normal a prisão preventiva do réu por conta dos interesses de segurança pública. ' Gravel se inclinou para frente, apurando seus ouvidos…

Onde esta merda ia parar? O Reverendo Jones continuou. ' No entanto, nesse caso há várias considerações excepcionais.' Gravel se moveu para a ponta da cadeira… Excepcionais? Que merda ele estava falando? ' Dr. Galbraith é um homem de excelente caráter. Um indivíduo altamente respeitável e status impecável, que cumpre seu papel essencial em nossa comunidade local. Ele nos

serviu altruisticamente por muitos anos. Incontáveis crianças perturbadas e suas famílias infelizes têm muito a agradecer a ele. A liberdade provisória a fim de responder processo em liberdade será concedida com a condição de que ele se reporte à polícia semanalmente.' O inspetor balançou sua cabeça devagar… O

homem era um completo idiota.

O Reverendo Jones olhou diretamente para o doutor. ' Dr. Galbraith, sou obrigado a dizer que você não deve se aproximar das testemunhas, embora em seu caso tenho certeza que tais condições são inteiramente desnecessárias.'

Gravel não conseguia acreditar no que ele tinha acabado de ouvir… Em todos esses anos, ele já tinha testemunhado decisões loucas, mas essa levou o troféu.

Ele pulou de sua cadeira e jogou seus braços no ar. ' Que merda vocês acabaram

de fazer?' O Reverendo Jones olhou para ele com olhos acusativos… Não era novidade os réus desafiarem as autoridades públicas, mas nunca a polícia. Ele fixou os olhos em Gravel e rosnou inflexivelmente, ' Cuidado, Inspetor. Lembre-se a quem está se endereçando. Mais uma palavra vinda do senhor e eu o prendo

por desacato.' Gravel mordeu o lábio inferior com força e recuou em direção à

saída enquanto resmungava obscenidades… A decisão estava feita e não havia

merda nenhuma que ele pudesse fazer para mudar isso. Ele escolheu ignorar o sorriso malicioso de Dr. Galbraith e seu pedido bem-humorado de uma carona para casa conforme ele saia. O inspetor se apressou em sair do edifício do Tribunal e entrou em uma rua comercial cheia de gente, movimentada com clientes animados em aproveitar as ofertas de inverno… Ele precisava beber. Ele

precisava muito beber.

Gravel entrou no bar mais próximo, pediu um conhaque e o engoliu de uma vez, seguido de outro, que ele consumiu de modo similar. Ele colocou seu copo

vazio sob a bancada e saiu apressado do bar em direção ao Correio de Caerystwyth… Ele precisava de uma cabine telefônica. Merda! Alguém estava usando. Mas ao menos, estava funcionando. Devia esperar? Não, ele não tinha tempo a perder. Ele bateu forte no vidro com os nós dos dedos de uma das mãos

até o usuário irritado se virar em direção dele e lhe mostrar o dedo do meio.

Gravel abriu a porta e olhou para o adolescente, cuja braveza evaporou imediatamente. ' Polícia. Fora!'

Qual era o maldito número? Ele entrou em contato com o serviço de

informações da lista telefônica, pegou rapidamente algumas moedas do bolso de

sua calça, discou e esperou… Atenda, vamos, atenda esse merda!

Cynthia se aproximou do telefone apreensivamente… Por favor, que não seja

ele. Por favor, que não seja ele. Ela pegou o receptor e timidamente suspirou,

' Alô?'

' Senhora Galbraith?'

Silêncio.

' Cynthia, é o inspetor Gravel, nós nos conhecemos em sua casa outro dia.'

' Me lembro.'

' Cynthia, não tenho o hábito de fazer isso, mas é um caso excepcional.'

Ela apertou o telefone. ' Meu marido sabe que o senhor está ligando?'

' Não, Cynthia, ele não sabe, e isso é bom. A audiência terminou. Ele está encarando algumas acusações sérias. Mas, foi dado a ele o habeas corpus.'

' Habeas corpus?'

' Isso significa que ele está livre para ir para casa, Cynthia. Por favor, me ouça cuidadosamente. Você não tem muito tempo. Você precisa entender que seu

marido é um homem muito perigoso. Ele está sendo acusado por crimes terríveis

contra crianças. Por favor, saia daí enquanto ainda tem uma chance. Por que você não vai para a casa de seus pais? Suas filhas já estão lá. Você precisa…'

Cynthia não ouviu o resto do pedido fervoroso de Gravel. Ela decidiu que já

tinha ouvido o suficiente e colocou o telefone de volta no gancho, exatamente ao mesmo tempo que Dr. Galbraith entrava em um táxi e dava ao motorista seu endereço. Cynthia sentou-se na mesa da cozinha com a cabeça em suas mãos e

olhou para o armário galês por quase cinco minutos antes de finalmente decidir

agir. Ela abriu a gaveta, pegou a chave da porta de segurança com os dedos tremendo e colocou seu ombro contra o lado do armário, usando todo seu peso e

força limitados para gradualmente o empurrar para o lado. Ela ficou de pé, encarando a porta parcialmente livre, ofegante, tomando coragem para se mover

e então, de repente, seguiu adiante, agarrou a maçaneta e a abriu. Ela olhou para

os degraus de concreto e hesitou por alguns segundos… Ela ainda podia correr.

Ainda era uma opção, não era? Não… era muito tarde. Mas e se o menino estivesse lá e precisasse de sua ajuda? Não, não dessa vez; não tinha retorno, não dessa vez. Cynthia desceu seu primeiro degrau, fez uma pausa breve nas escadas

considerando uma fuga apesar de sua nova determinação, e então desceu

rapidamente até o fim, sem se permitir tempo o suficiente para mudar de ideia.

Ela tentou colocar a chave na fechadura, a derrubou no chão, a pegou novamente

e tentou de novo… Suas mãos estavam tremendo muito. Não iria abrir. Elas estavam tremendo demais. Ela encaixou a chave na fechadura com sua mão direita enquanto a segurava com a mão esquerda… Estava funcionando. Estava

funcionando mesmo.

Houve um click metálico quando ela finalmente girou a chave na

fechadura… É isso, Cynthia. É isso! Ela tinha feito. Estava aberta. Realmente aberta.

Uma pequena parte dela desejava que a porta tivesse permanecido trancada,

mas não estava, e ela a empurrou devagar, centímetro por centímetro e investigou na escuridão com olhos nervosos… Estava escuro, muito escuro para

ver. Talvez aquilo não fosse algo tão ruim. Talvez ela devesse voltar e correr. Ela balançou sua cabeça com determinação… Não, não dessa vez; não haveria fuga

dessa vez. Cynthia colocou sua mão através do vão da porta e procurou por um

interruptor de luz… Sim, lá estava ele. Lá estava ele.

O botão funcionou na terceira tentativa, acendendo uma luz fluorescente brilhante. Cynthia fechou seus olhos com força, protegendo-os da repentina e intensa luz. Deu um passo para frente e aos poucos os abriu, apertando os olhos

dentro do lugar branco. A princípio, Cynthia não viu o menino pendurado na parede do lado esquerdo da porta, ou os instrumentos de tortura, ou o gancho de

metal suspenso do teto. Suas primeiras impressões foram de ser um espaço estranho, frio e clínico e apesar do cheiro pútrido de carne humana. Inicialmente, ela se sentiu estranhamente tranquilizada pela aparência de laboratório

científico… Talvez as pessoas estivessem erradas afinal de contas. Talvez o seu

marido estivesse simplesmente sendo mal interpretado e não fosse um

criminoso. Ela deu um outro passo para frente com uma nova confiança e vagarosamente escaneou o cômodo com os olhos piscando. Quando ela viu o menino emagrecido e definhando pela primeira vez ela simplesmente ficou de pé

e olhou, desesperadamente querendo acreditar que aquele horror diante dela era

um produto de sua imaginação ao invés da sombria realidade. Cynthia andou em

direção de Anthony e o tocou gentilmente em sua bochecha direita… Ele era real. Não era trabalho. Não era ciência. Seu marido era um monstro. Não havia

como negar o horror que ele tinha feito. Cynthia colocou sua mão ainda mais

levemente sobre o peito de Anthony e segurou-a ali… Ela estava imaginando coisas? Ela estava em negação? Não, havia um batimento cardíaco. Um fraco, mas definitivo batimento cardíaco! Graças a Deus, ele estava vivo. O menino estava definitivamente vivo.

Em uma loucura hormonal, ela rapidamente se esforçou para o libertá-lo de

suas algemas até suas unhas pintadas se quebrarem e sangrarem. Mas seus esforços eram sem esperança. Ela caiu em seus pés e chorou… Nenhum esforço

de sua parte seria suficiente, não importava o quanto ela tentasse. E mesmo que

ela finalmente o conseguisse soltar, o que parecia uma causa perdida, ela não poderia carregá-lo até a porta ou arrastá-lo sozinha pelos degraus. Ela simplesmente não tinha força física para isso.

Cynthia pulou… Ela precisava de ajuda. Ela precisava pedir ajuda. Ela se virou sem olhar para trás e correu pelos degraus… Por que ela não disse ao inspetor o que ela sabia quando teve a oportunidade? Ela deveria ter dito. Parecia tão óbvio. Por que ela não contou a ele?

Cynthia ouviu a voz de seu marido em sua cabeça… Menina burra. Menina

burra! Por que não consegue fazer nada direito?

Ela entrou na cozinha, mas parou repentinamente e ouviu algo, esperando que seus ouvidos a estivessem enganando. A chave na fechadura. A porta da frente

estava se abrindo! A porta se fechou. Passos no hall. Ele estava de volta.

Oh não, ele estava de volta! Ela podia correr. Ela poderia se esconder. Ela podia tentar acalmá-lo. Não entre em pânico, Cynthia, não entre em pânico.

Ela respirou profundamente repetidamente e imaginou o menino pendurado

em um gancho de metal ensanguentado naquele local terrível; o inferno que seu

marido tinha criado… Não haveria retorno. Não haveria correria; não dessa vez.

Não dessa vez! Cynthia ouviu os passos do doutor chegando perto, perto, cada vez mais perto. E então ele apareceu: tencionando e relaxando seus músculos, afrouxando seus ombros poderosos e transformando suas mãos em armas

formidáveis. Ele olhou para ela, para o armário movido e então para ela de novo… A vagabunda tinha aberto a porta. Inacreditável! Ela tinha mesmo aberto

a porta.

Ele deu um passo em direção a ela, gritando: alto e mais alto e mais alto até

ela acreditar que a sala realmente estivesse tremendo. ' Que porra você fez, sua vadia idiota?'

Cynthia apalpou o balcão, centímetro por centímetro, centímetro por

centímetro… Quase lá, quase lá. Vamos, Cynthia, quase lá. E então ela se moveu

rapidamente, como um corredor na largada e rapidamente agarrou uma faca de

trinta centímetros do bloco de facas de madeira na bancada de granito negro e brilhante. Ela se moveu gradualmente em direção à entrada do porão em

movimentos lentos, enquanto estendia a faca em sua frente agarrando fortemente ao redor de seu cabo com ambas as mãos.

Dr. Galbraith arregalou seus olhos, respirou fundo, grunhiu como uma besta

enfurecida e de repente correu em direção dela, atingindo sua cabeça com um golpe enquanto ela tentou o atingir com a lâmina, em vão. Cynthia tropeçou para

trás, perdeu seu equilíbrio e bateu no batente da porta antes de cair no chão. O

doutor se aproximou dela, levantou sua perna direita e a chutou fortemente em suas costelas, antes de pisar sobre seu corpo vulnerável e avançar em direção aos primeiros degraus do porão.

Cynthia lutava para respirar, e apesar das quatro costelas quebradas, de alguma forma levantou seu corpo atordoado e trêmulo, focou nas costas

musculosas do doutor com os olhos turvos, rastejou-se para frente rapidamente

até alcança-lo, suspendeu seu braço direito e enfiou a faca profundamente na sua coxa esquerda com tanta força quanto seu corpo ferido poderia reunir, atingindo

o osso com a ponta da lâmina afiada.

O doutor gritou como um macaco ensandecido, mais do choque de que

Cynthia se atrevera a fazer algo assim, do que da dor real. Ele usou sua perna direita para chutar sua cabeça como se estivesse dando um coice, enquanto ela agarrava suas pernas em uma tentativa de impedir que continuasse. Cynthia gritou. Ela estava atordoada, aturdida, sua cabeça zunindo, mas ela não desistia.

Enquanto ele a segurava e erguia seu pé para esmagar sua cabeça, ela agarrou o

tecido de suas calças, estendeu seu braço livre e enfiou a lâmina profundamente

dentro de sua coxa pela segunda vez. Ele se esquivou atleticamente, libertou-se

de seu punho frágil e deu uma joelhada em seu rosto, deixando-a à beira da inconsciência. Ele olhou para baixo, para seu corpo frágil e saboreou o momento. Dr. Galbraith foi mancando até a cozinha e pegou uma toalha branca

da gaveta, a amarrou em volta da coxa ferida e mancou em direção dos degraus

com o sangue escorrendo de sua perna e ensopando suas calças sob medida. Ele

bateu repetidamente em sua cabeça com dedos ansiosos… Era hora de matar o

pirralho. Hora de destruir as provas. Ele ia forçar a vadia intrometida a ajudá-lo com essa tarefa em particular, antes de a matar.

Assim que ele se aproximava do fim da escada, Cynthia se arrastou e

levantou-se sobre suas pernas aturdidas. Ela cambaleou em direção à escada e levou dois minutos para chegar até o fim, segurando a faca firmemente em sua

mão direita.

Quando ela finalmente alcançou o porão, ela viu o doutor de pé em frente do

armário de medicamentos, preparando uma seringa com um líquido claro, se virando e rapidamente se aproximando de Anthony com uma expressão

determinada em sua face.

Quando Cynthia cambaleou em direção a ele com sua faca atrás de suas costas, ele parou, repentinamente consciente de sua presença e surpreso por sua

determinação… Talvez ele devesse revisar sua tese em alguma data futura. A vagabunda tinha coragem apesar da sua situação desesperadora. Interessante, patético, mas interessante!

Dr. Galbraith focou novamente no presente, encontrou os olhos de Cynthia e

sorriu. ' Sua aparição não poderia ser hora melhor, minha querida. Você chegou

bem na hora de assistir o pirralho morrer. E então, uma vez que você tenha me

ajudado a desfazer do corpo, será a sua vez. Eu suspeito que isso talvez venha a ser uma libertação bem-vinda, minha querida. Mas não me entenda mal, você não morrerá tão facilmente. Eu vou demorar e você irá sofrer. Oh sim, você irá

sofrer. Mas não é de se preocupar, minha querida, isso é para depois.'

Cynthia arrastou um pé para frente, e outro, e outro até chegar ao lado de seu

marido exatamente quando ele estava prestes a inserir a agulha no abdômen inchado do menino. Ele parecia estranhamente inconsciente da presença dela quando ela pegou a faca com ambas as mãos, agarrou-a fortemente, a ergueu sobre sua cabeça e a trouxe abaixo sob a parte de cima de suas costas com toda

força que sua magreza permitiria.

Dr. Galbraith deixou a seringa cair, curvou-se para frente, perdeu seu equilíbrio sobre o chão manchado, colidiu com a parede imediatamente ao lado

das correntes de Anthony e bateu seu rosto contra o piso branco duro, com Cynthia de pé acima dele e lutando pela vida. Ele estava aturdido, devagar para

reagir e Cynthia aproveitou-se da oportunidade. Ela ergueu a faca acima de sua

cabeça pela segunda vez e cravou-a músculo de seu ombro direito com toda sua

força, deixando seu braço inútil. Cynthia tirou a lâmina, e levantou-se vagarosamente sobre o corpo incapacitado do homem que tinha trazido tanta dor

e infelicidade para o seu mundo… Ele estava morto? Ele estava, não estava?

Claro que ele estava morto.

Ela se ajoelhou ao seu lado, de alguma forma juntou forças para rolá-lo sobre

suas costas e olhou para seu rosto aparentemente sem vida por um minuto ou mais, antes de esticar sua mão nervosamente para sentir se havia uma batida de

coração… estava terminado? Estava mesmo terminado? Com certeza tinha

terminado. Mas ela tinha que ter certeza. Gostando ou não, ela tinha que ter certeza. Conforme Cynthia se curvou para frente e colocou seu rosto próximo ao

dele para ouvir qualquer sinal de respiração, ele de repente abriu um olho, e então o outro e mordeu sua orelha. Mas ela reagiu rapidamente, desviando para

trás e fazendo seu ataque falhar. Conforme ele se arrastava na tentativa de agarrar sua garganta, ela pulou de pé, ergueu a faca sobre sua cabeça com ambas

as mãos e o esfaqueou com força, antes de repetir o processo de novo e de novo

e de novo. Quando ele estava totalmente irreconhecível como sendo o homem que havia a atormentado, ela parou e desabou a seu lado, ensanguentada e exausta. Enquanto Cynthia descansava ali, naquele lugar horrível, aquele monumento ao mal, respirando com dificuldade, ela se deu conta… Estava acabado. Dessa vez tinha mesmo acabado. Todo o medo repentinamente a

deixou e naquele momento tudo era calmaria… Ela estava segura. A criança estava salva. O monstro não estava mais lá e seu mundo era um lugar melhor.

Cynthia estava alheia à sua dor e à arma agarrada fortemente em sua mão direita

enquanto subia os degraus, atravessava a cozinha e ia em direção do hall. A faca caiu sob o piso e a assustou enquanto pegava o telefone e discava nove-nove-nove.

Ela tropeçou na sala, caiu no chão do lado de um armário velho e escuro e

ousou destrancar o armário com os dedos ensanguentados, notando que não tremiam mais. Ela pegou seu LP favorito da coleção que não tinha visto, muito

menos tocado em anos e se levantou. Cynthia tirou o vinil de sua capa colorida,

levantou a tampa de plástico do toca-discos, colocou seu disco gentilmente para

tocar, esperou a agulha fazer contato com o vinil e aumentou o volume. Ela se

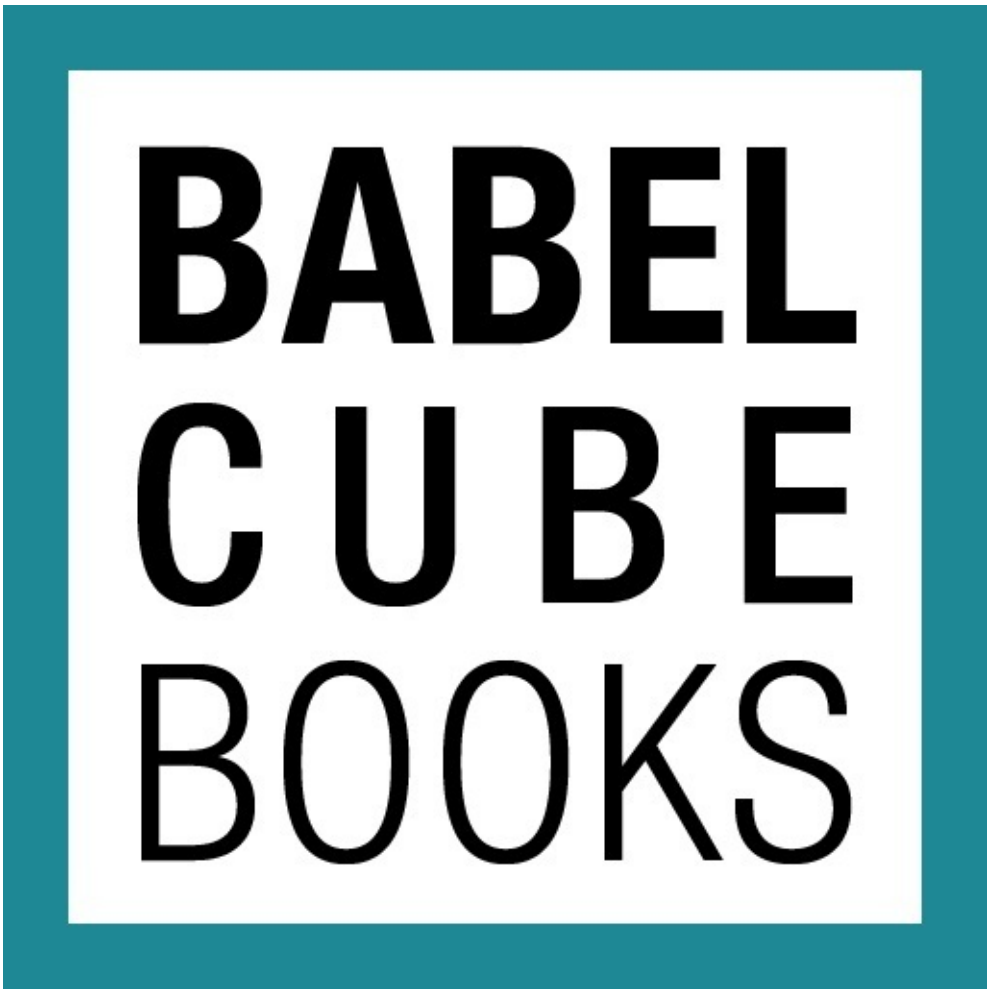
sentou no luxuoso carpete com uma nova vitalidade e ouviu alegremente ao glorioso medley das visionárias canções de Bowie, enquanto esperava pelos serviços de emergência chegarem.

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença
Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo

autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o

autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!



Procurando outras ótimas leituras?

Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram

traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite

nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com

Document Outline

- Title Page
- Copyright
- Uma nota ao leitor
- Índice
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30

- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41
- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Capítulo 44
- Capítulo 45
- Capítulo 46
- Capítulo 47
- Capítulo 48
- Capítulo 49
- Capítulo 50